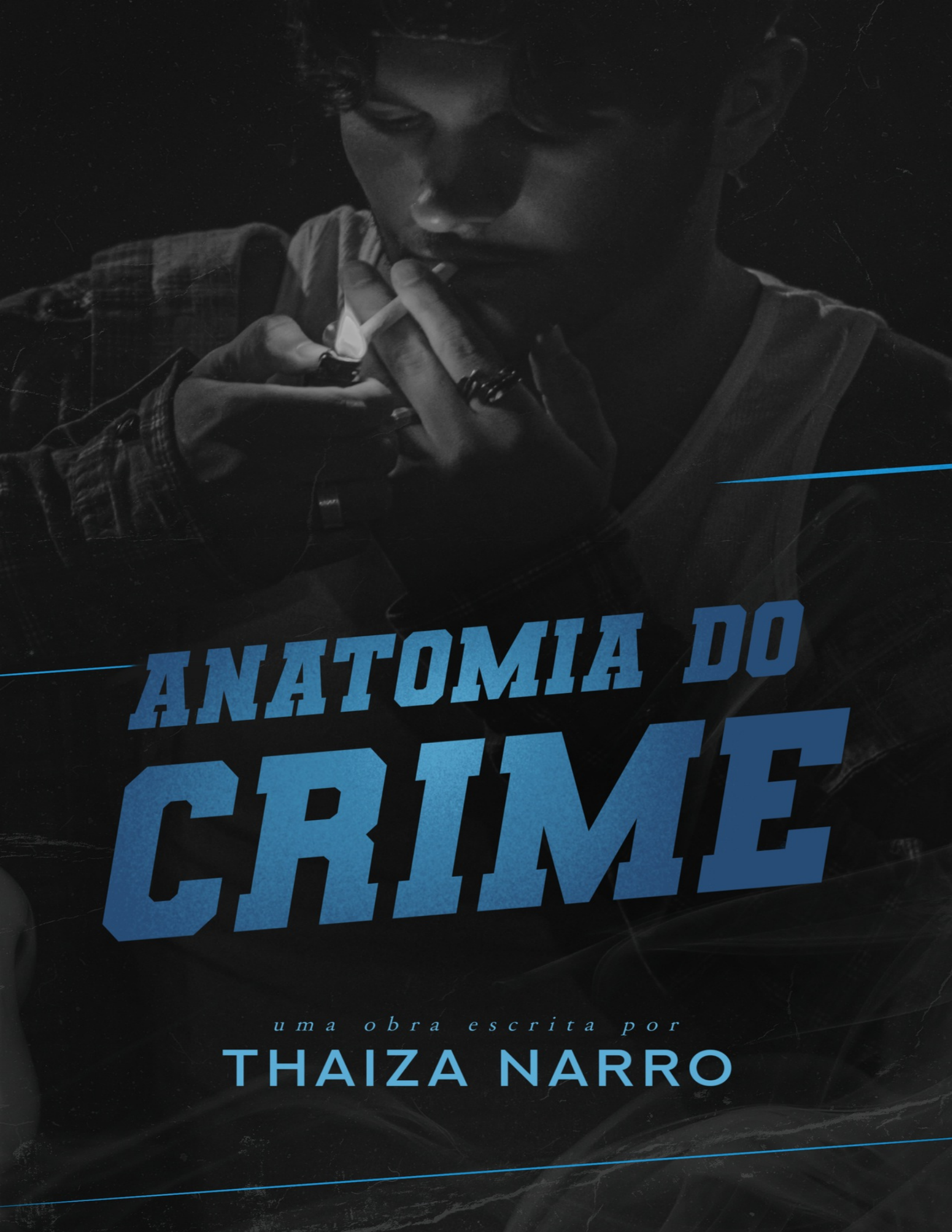




ANATOMIA DO CRIME

uma obra escrita por
THAIZA NARRO



ANATOMIA DO CRIME

uma obra escrita por
THAIZA NARRO

Copyright @2024

Thaiza Narro – Anatomia do Crime

Esta é uma obra de ficção. Os fatos e os personagens presentes nessa obra, assim como nomes e diálogos, são unicamente fruto da imaginação e da livre expressão artística da autora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização dos autores. A violação dos direitos autorais é crime.

Todos os direitos reservados.

Não compartilhe pdf's

Capa: Lane Guedes

Diagramação: Thaiza Narro



Avisos



- Está é uma obra de **ficção** e todos os nomes e acontecimentos foram criados com o intuito de entreter, e não tem qualquer compromisso com a realidade.
- Este livro não representa a realidade das favelas/comunidades; trata-se simplesmente de uma narrativa fictícia destinada a proporcionar entretenimento.
- Contém cenas de **violência explícita** e **sexo explícito**.
- Todo e qualquer informação utilizada pela personagem principal **não tem qualquer validade científica**.
- Por fim, *desejo uma boa leitura!*



Nota da Autora



Olá, Tudo bom?!

Fico feliz que você esteja aqui!

Escrever Anatomia do Crime foi diferente das outras obras, é o meu primeiro livro de Dono do Morro (se virão outros, ainda não sei). Foi divertido, intenso e apaixonante todo o processo até aqui e espero que você também se divirta lendo.

Eu não sei explicar o porquê, mas mesmo com todo o processo de escrita e preparação do livro sendo incríveis, senti um medo muito grande de encarar a publicação aqui, mas o fiz, porque acredito que a história da Gabriela e do Eduardo merece ser lida.

De todo o meu coração, espero que gostem dessa história.

Um beijo e até breve.

**Com carinho,
Thaiza Narro**



Dedicatória



*Para você que acha que amor irá te buscar onde você estiver.
Mas se for um sequestro, lembre-se que você não vive em um livro de Dark Romance.*³





Prólogo

Doze anos atrás.

Procuro por ele em todos os lugares, mas não o encontro. Sei que ele está aqui porque viemos juntos, então... será que ele encontrou alguém? Será que... Já estou pensando bobagens, mas por que ele sumiria assim?

— Gabi, o que aconteceu? Você parece aflita — Larissa aparece na minha frente, seu olhar demonstra a mesma preocupação que há em sua voz.

— Estou bem, é só que... — Não estou conseguindo nem formular uma frase direito, acho que vou chorar.

— Você está procurando por ele, né? — Ela pergunta com um sorrisinho e eu suspiro, é tão evidente assim?

— Estou — confesso, mas não adiantaria nada ficar tentando mentir, a Larissa me conhece.

Ela morde um pedaço da maçã do amor que está em sua mão, já que estamos na festa junina do colégio. Seu semblante é de quem está aprontando alguma coisa e eu deveria me preocupar, mas meus olhos insistem em continuar procurando por ele entre os alunos.

E se eu vir algo que não gostaria?

— Tudo bem, seu problema logo será resolvido — Ela diz um pouco divertida e indiferente, e isso atrai a minha atenção.

— Como assim? — Questiono confusa.

— Gabriela Baltazar, você deve nos acompanhar agora — Pedro diz surgindo do nada, o que me assusta.

— Quê? — Questiono confusa, me afastando dele.

— Isso mesmo, cadeia do amor — Manuela completa e eu arregalo os olhos.

— Se tentar fugir, a gente te carrega — A Larissa avisa e eu suspiro resignada.

— Vou cooperar — Concordo, mas fazendo biquinho.

Os três me guiaram entre as pessoas e eu suspiro audivelmente. Nem mesmo consegui encontrá-lo, e quem vai me tirar da cadeia do amor se a minha melhor amiga está me levando para lá? Não era o que planejei para essa noite. Se bem que eu nem sei o que eu tinha realmente planejado.

Só de ter conseguido vir para a festa de São João da escola foi uma grande vitória, meus pais queriam me levar para a festa que está acontecendo na empresa deles, mas seria horrível, aqui estão todos os meus amigos, e ele. Eu não planejei me apaixonar pelo meu melhor amigo, mas aconteceu, e a gente não escolhe o que o coração faz.

— Chegamos! — Larissa grita animada demais e eu olho para ela emburrada — Para dentro, presidiária.

— Lariiiii! — Exclamo e ela ri ainda mais.

— Conhece as regras, Gabi, ou alguém de fora paga para você sair ou você tem que beijar alguém dentro da cadeia — Pedro diz indicando a porta e eu semicerrei os olhos.

— Tá enrolando muito — Manuela reclama e me puxa para dentro da cadeia do amor e sai correndo, e eles fecham a porta.

— EU QUERO UM ADVOGADO!! — Eu grito, começando a rir. Não tem o que fazer.

— Não posso ser advogado, mas posso ser seu amor bandido — Eduardo diz e eu me viro abrindo ainda mais o meu sorriso ao vê-lo.

— Eu estava te procurando — confesso, colocando as mãos atrás do corpo, enquanto sinto meu coração bater mais rápido. Ele está bem mais alto que eu, e tão bonito.

— Achou, minha princesa — Ele me envolve em um abraço — O que acha de sairmos daqui juntos?

— Como? — Pergunto levemente atordoadada.

— Com um beijo — Ele esclarece, me olhando com seus olhos azuis reluzentes e eu não consigo responder, minha boca seca e por isso apenas assinto.

Eduardo se aproxima devagar, eu respiro fundo, me sentindo tão nervosa que nem consigo me mover. Eu não sei o que fazer, nunca beijei antes. É meu primeiro beijo. Pelo menos ele sabe disso. Acho que estou a um segundo de surtar.

Só que não tenho tempo, seus lábios encostam nos meus em um selar simples, delicado. Lentamente, eles se movem, iniciando um beijo lento, ele coloca as mãos na minha cintura me aproximando dele. Droga! Ele sabe o que fazer. *Droga! Eu estou beijando o meu melhor amigo.*



Capítulo 01

Gabriela Baltazar

Me tornar residente em medicina foi a realização de um sonho, mas mesmo sabendo que ficaria cansada, não imaginava que ficaria tanto.

Porém, de certa forma, é satisfatório. Estar dentro do hospital é o resultado da minha escolha, foram anos e anos de estudo até aqui.

Felizmente, meus pais sempre me apoiaram em tudo, e financiaram tudo. Nunca tive problemas financeiros, estudei nas melhores escolas, vesti e comi das melhores coisas, fiz a melhor faculdade.

O dinheiro proporciona coisas boas. E entre elas, o meu colchão caríssimo que é superconfortável e eu estou sentindo a falta dele.

Levanto os braços para cima me alongando e escuto meus ossos estalando. Eu estou realmente cansada depois de tantas horas de plantão, mas está tudo bem porque essa é a profissão que escolhi.

Durante todos os anos em sala de aula, estudei muito para ser médica e eu acabei de pegar o meu diploma, ainda tenho um longo caminho pela frente durante a residência, mas tudo bem, sei que esse é necessário para que eu possa construir uma carreira marcada principalmente por salvar sempre o máximo de vidas.

Caminho pelos corredores do hospital indo direto para o vestiário, cumprimento algumas pessoas pelo percurso, mesmo tendo escolhido o que menos me faria ter que interagir, não me considero uma pessoa antissocial, apenas cansada. Agora é só ir para casa, só volto no próximo plantão ou em alguma emergência, tenho certeza de que quando cair na cama, vou dormir por horas e horas seguidas. Já me sinto ansiosa por isso.

Me assusto ao escutar o barulho de algumas coisas caindo no chão, olho ao redor tentando entender de onde o som veio, e sei que tem alguma coisa errada porque consigo escutar algumas vozes alteradas.

Começo a procurar, talvez seja alguém passando mal ou ferido. Respiro fundo me mantendo calma, acho que os anos de estudo e a terapia para manter a estabilidade emocional foram muito eficazes.

Entro na sala onde é o estoque do hospital e travo no lugar, acho que eu nunca estive preparada para uma cena como essa. Não era isso que eu achei que encontraria, nem mesmo nos meus mais sombrios pensamentos.

— Por favor, não! — Isadora implora, mas o homem armado na sua frente continua sério.

— Você vem comigo ou eu estouro seus miolos bem aqui — Ele fala sério e irritado e segura o rosto dela apertando — Então qual vai ser, porra?

— Eu... eu... — Ela não consegue falar e ele destrava a arma. Porra! Eu deveria ter mais autocontrole porque já estou sentindo o nervosismo atacando minhas entranhas.

Mas nunca pensei que teria que me preparar para ver um homem colocando uma arma na cabeça de uma colega de trabalho, ameaçando-a. Não pensei que teria que ser rápida o suficiente para tentar impedir um homicídio na minha frente e dentro de um hospital.

— Espera! — Peço em um tom desesperado e ele vira a arma para mim de uma vez — Calma, calma! — Estou em pânico, mas preciso me controlar, e lembrar como se leva o ar até os pulmões — O que está acontecendo aqui? O que você quer?

— Me ajuda, por favor... — Isadora pede com a voz chorosa e o cara olha pra ela irritado.

— Eu te mato ‘*dutora* — Ele fala balançando a arma. Entre apontar para mim e para ela.

— Vamos resolver isso sem sangue, o que você quer? Dinheiro? Remédio? — questiono, puxando o ar repetidas vezes tentando manter a calma, pelo menos por fora.

— Não quero nada disso, preciso de um médico para subir o morro. Chamei a vagabunda aqui e ela se recusou a ir por bem, então ou vai ou ‘morre — Ele explica a situação, apontando a arma para a Isadora e eu torço para que não haja nenhum disparo acidental, e nem por querer.

— Eu também sou médica! Você só quer que faça um atendimento e depois fico livre né? — Questiono e ele acena devagar — Eu posso fazer isso.

— Gabi... não...

— Não o quê, porra? — Ele mira a arma dela — Acho que eu não preciso mais de você!

— Não, não, não! — Grito desesperada — Eu vou, mas você a deixa viva aqui, não machuca ela.

— Antes da gente chegar na porta, ela já vai ter chamado os cara’, melhor impedir — Ele fala irritado e minha mente se põe a pensar em algo — E eu já tô com pressa.

— Amarra! Isso, amarra ela! — Falo rápido e ela me olha assustada — Amarra que ela não vai chamar ninguém, aí você pode deixar ela viva.

— Você faz isso, e rápido que tão esperando a gente, o caso é grave hein! — Ele manda e eu aceno repetidamente.

Procuro algo pelo estoque rápido e acho fita adesiva e vou até a Isadora e peço para ela se sentar no chão perto da pilastra e começo a passar a fita em volta dela.

— Melhor amarrada do que morta — digo baixo e ela me olha com os olhos marejados.

— O que vai acontecer com você, amiga, e se ele te mantiver em cárcere privado? E se ele te matar ou abusar de você? — Ela pergunta sussurrado com voz de choro — Você não deveria...

— Alguém vai de qualquer forma, mas quando você se soltar daqui, avisa a polícia, por favor — Peço quase que só mexendo os lábios e ela acena, mas grita quando ele me puxa para trás.

— Bora sua vagaba, acha que eu não tô vendo vocês cochichando? — Ele pergunta em um tom alto, apertando meu braço — Vamos embora.

— Espera! Eu preciso levar algumas coisas — falo e ele me olha desconfiado — Quem é o paciente? Qual idade e sintomas?

— É uma criança que está reclamando de dor — Ele fala e eu respiro fundo, não acho que vou ter mais informações que isso.

— Me solta, eu preciso pegar algumas coisas e depois a gente pode ir — Falo, mas ele continua me puxando.

— Tem uma farmácia lá perto...

— Eu ainda preciso de algumas coisas, vai ser rápido — Peço mais uma vez, se ele estiver falando a verdade sobre o atendimento, preciso estar minimamente preparada para isso. — Eu realmente gostaria de levar um kit, já estamos no estoque.

— Tem dois minutos para isso — Ele fala me soltando.

Pego algumas coisas, não posso tirar muito ou vai acabar faltando aqui e isso não pode acontecer, e pego apenas o material que acredito que não tenha na farmácia. Eles vão ter que ir lá de qualquer forma, até sinto muito pelo dono do lugar, porque não sei se eles vão comprar ou roubar, mas não é como se minha situação fosse muito boa.

— Tá demorando muito — Ele reclama e eu respiro fundo.

— Pronto. — Falo segurando uma sacola.

— Você guia a gente para sair daqui sem problemas, ou eu meto bala em você ‘dotor — Ele ameaça e eu aceno, amedrontada. Sei que ele está falando sério.

Começo a guiar ele pelo hospital para sairmos por uma porta lateral, meu coração está acelerado e eu estou com muito medo do que vai acontecer comigo, a adrenalina tomou conta do meu corpo de uma forma tão intensa, que nem mesmo me lembro da exaustão que estava sentindo.

— Entra no carro! Vamo, vamo — Ele manda e eu noto o carro preto parado nos esperando no momento em que passamos a porta pra fora.

Sem responder, porque a minha voz está presa na garganta. Ele me empurra para me apressar e eu entro no carro resignada, fico imóvel no banco de trás, nem olho para o lado quando ele se senta ao meu lado mandando o motorista seguir em frente rápido.

Minha mente borbulha com diversos pensamentos, e todos são horríveis. Não consigo deixar de lembrar de nenhum dos tantos casos que foram para a mídia sobre sequestro de mulheres, ou mesmo pensar na quantidade ainda maior que sequer ficou conhecida.

Não quero morrer, não quero passar anos presa em algum lugar. Seria capaz de uma loucura nessa situação. Espero que eu volte para casa.



Capítulo 02

Gabriela Baltazar

Tentar controlar a minha respiração para manter a calma não está sendo suficiente. É a merda de um sequestro e eu sou a sequestrada!

Queria conseguir fingir que é somente um atendimento de emergência em outro lugar, mas é algo muito difícil de fazer já que o homem no banco de passageiro tem uma arma enorme nas mãos e o homem ao meu lado tem uma pistola.

Eu devo ter enlouquecido, mas se eu não tomasse uma atitude, a Isa poderia morrer. E sinceramente, espero que eu não morra.

Respiro fundo, puxando o ar devagar para o meu pulmão, conto até três e solto o ar, repetindo várias e várias vezes para me acalmar, não é exatamente eficaz, mas tenho que manter alguma racionalidade em meio ao desespero sinto dentro de mim.

Eu sou médica, preciso manter o sangue-frio em tantas situações, essa vai ser só mais uma, mesmo que eu seja recém-formada e esteja apenas na minha residência, dará tudo certo, depois voltarei para casa e ficará tudo bem.

Vai ficar tudo bem. Repito, como se fosse um mantra.

— Estamos chegando já, porra! Não grita no meu ouvido não — escuto o homem ao meu lado falando ao celular, e me encolho um pouco por causa da sua voz irritada — Tamo com uma médica aqui, é claro.

— Onde eles estão, Corvo? — O motorista pergunta dirigindo em alta velocidade.

— Na casa da dona Dulce, bora logo que o chefe já está querendo arrancar nossa cabeça — Quem eles chamam de Corvo responde, seu tom é áspero e irritadiço.

Respiro fundo mais uma vez, o atendimento em si não é a parte que me deixa mais angustiada, mesmo não sabendo do que se trata, mas sim pensar no que virá depois.

— Olha, doutorinha, é bom que você faça o seu melhor ou você vai morrer, tá entendendo? — O homem no banco do passageiro fala me olhando irritado e eu apenas aceno com a cabeça.

Eles esperam que eu consiga fazer o atendimento bem, também quero isso, ainda mais por ele ter dito que se tratava de uma criança. Coincidentemente, minha residência é na pediatria. Mas parte de mim está tão assustada que tenho a sensação de que posso simplesmente desligar a qualquer minuto.

Não, eu suporto um pouco mais de pressão. Pelo menos, espero que sim.

O carro para de repente e ele descem em um pulo, e no mesmo embalo, sou puxada para fora sem qualquer cuidado, tenho dificuldade em acompanhar, mas não é como se estivessem se

preocupando comigo. Sou arrastada, com certa violência, até uma casa, a qual me forçam a entrar.

— O que está acontecendo aqui? — Escuto a voz de uma mulher e vejo uma senhora de idade vindo em nossa direção — Quem é essa mulher?

— É a médica que vai atender o Luquinha — O tal do Corvo esclarece e a mulher arregala os olhos.

— Ele tá lá no quarto — Ela avisa e olha para mim, diretamente nos meus olhos, e eu percebo que estão vermelhos e inchados — Salva meu menininho, por favor!

— Eu vou fazer tudo que eu puder — respondo sincera vendo a preocupação dela. Estou sequestrada, mas ainda sou uma médica e farei o que estiver ao meu alcance.

Eles me puxam até chegar em um quarto tão pequeno quanto o resto da casa, eu vejo um menino em cima da cama, de olhos fechados, mas que está claramente com dor por causa das expressões faciais. Sinto um pequeno empurrão no meu corpo que me faz tropeçar e quase cair.

— Anda logo, porra! — O Corvo grita e eu respiro fundo.

Que inferno de homem, ele vai acabar me machucando gravemente.

— Sai do quarto, já me trouxeram, agora me deixem trabalhar — Falo irritada e viro para ele — Se você ficar gritando no meu ouvido e me agredindo eu não vou conseguir trabalhar, só quero as coisas que eu trouxe e...

— E o quê, *ditora*? — ele pergunta apontando a arma para mim — Tá achando que manda em alguma coisa, caralho? É melhor ir abaixando a bola.

— Se me matar, o garoto vai continuar com dor enquanto você tem que sequestrar outra pessoa — rebato nervosa, mas por dentro estou morrendo de medo que ele aperte o gatilho.

— O que você está fazendo Corvo? — A senhora aparece e eu quase respiro aliviada, ele parece ter algum respeito ao falar com ela. — O que vocês fizeram?

— Pede para ele abaixar a arma e sair, por favor — Apelo para a senhora que ao entrar no quarto, quase ficou na mira que está em mim.

— Eu vou falar para o Loki que você não está deixando ela trabalhar — A senhora ameaça e ele me olha com raiva — Tô falando sério.

— A gente vai ficar na sala, é melhor tu não fazer nenhuma gracinha — Ele avisa e olha para a senhora — E a senhora, dona Dulce, fica de olho nessa vagabunda.

Vagabunda? Que ódio desse desgraçado!

— Minhas coisas — Peço, ignorando que ele está me olhando com raiva e o vejo sair do quarto.

— Olha o menino, eu não sei como eles te trouxeram, mas já imagino, mas o Luquinha... — Ela suspira chorosa — O Luquinha é só uma criança.

— Me conta os sintomas, o que ele tem sentido até ficar de cama? — Pergunto indo em direção à cama novamente. O Luquinha está coberto, a testa suada, e agora que me aproximei consigo escutar seus murmúrios de dor, a situação não parece boa.

— Ele tem uma ferida no braço, foi depois dessa ferida que ele começou a ficar ruim — Ela explica e eu retiro a coberta de cima da criança enquanto ela explica, para poder ver o braço

— Eu achei que o curativo era o suficiente, mas não, ele foi só piorando e piorando.

— Por que não o levaram ao hospital? — Pergunto séria e ela fica em silêncio.

Luquinha parece ter cerca de três anos, e me parte o coração que ele esteja com tanta dor tão novinho. Com cuidado avalio o braço direito e não tem nada, mas o choque vem quando avalio o braço esquerdo, a ferida não é comum, isso parece... Respiro fundo, vendo toda a inflamação, o que explica a febre.

— Eu o levei, mas não tinha médico, a enfermeira fez um curativo, mas foi apenas isso — Dulce explica, e eu sinto um aperto dentro do peito, ainda temos que melhorar tanto como instituições de saúde. — Ele não tem melhorado, nada adianta. Por favor, você é a minha esperança.

Olho para a dona Dulce, e ela está me encarando com expectativa, e nada do Corvo com as minhas coisas, faço algo que não deveria, toco no braço dele sem uma luva para avaliar, e no momento que faço isso ele começa a chorar, me dói, mas preciso seguir com a avaliação.

Identifico o que aparenta ser um “caroço”, e a minha mente se enche de hipóteses, preciso de um raio-x para ter certeza, mas acho que ele levou um tiro e a bala alojou.

Como algo assim pode ter acontecido?

— Ele precisa de um raio-x com urgência — falo baixo, alarmada e chocada. — Espero estar errada, mas parece um ferimento de tiro, e acredito que a bala ainda esteja alojada.

— Caralho! Eu vou matar um hoje — Escuto a voz de um homem, não é o Corvo, mas quando me viro pronta para falar sobre o caso, minha garganta seca e eu entro em choque, mais uma vez.

— Eduardo?



Capítulo 03

Gabriela Baltazar

Meu corpo congela, minha mente trava como se estivesse passando por um curto-circuito.

É como se um portal para uma realidade paralela tivesse sido aberto e eu estivesse sendo completamente engolida por ele. O que está acontecendo? Por que o Eduardo está aqui? Faz anos que não nos vemos, mas tenho certeza que é ele. Mas todo esse cenário... Isso é demais para mim.

— Doutora! — Escuto a voz da Dulce e uma mão no meu braço me sacudindo, me trazendo de volta para o presente — Você precisa cuidar do Luquinha!

— Isso, a criança! — exclamo, voltando a mim. — Acredito mesmo na minha hipótese, mesmo que eu não tenha ideia de como isso pode ter acontecido. Precisamos agir rápido, pois o ferimento está inflamado.

— O que você pode fazer, Gabriela? — Ele pergunta, confirmando que é ele, porque ninguém aqui sabia o meu nome.

— Temos que levar ele para o hospital — respondo puxando o ar devagar. — Está muito inflamado e ele é muito pequeno.

— Você não consegue fazer isso aqui? — Ele questiona preocupado, eu nego com um aceno — Eu consigo o que você precisar para fazer a cirurgia.

— Você não vai conseguir tudo, Eduardo, preciso de anestesia, apoio, ambiente esterilizado, simplesmente não tem como — esclareço nervosa — Ele está com febre, não sei o quão grave está essa infecção.

Somos interrompidos por um choro alto, um grito sentido de dor. Me viro imediatamente, inclinando o corpo para ver o que aconteceu. Lucas está com a mão direita sobre o ferimento do braço, que começou a escorrer sangue e pus.

— Eu vou fazer um atendimento de emergência e a gente vai levar essa criança daqui — falo determinada, enquanto enrolo o Luquinha no lençol, prendendo as mãos dele, não me agrada agir assim, mas preciso garantir que ele não vai mais se machucar. — Cadê as coisas que eu trouxe? Eu já pedi para me entregarem!

— O que está acontecendo com ele? — Eduardo questiona ao meu lado.

Olho para ele rapidamente, seus olhos estão semicerrados em uma expressão séria, claramente preocupado.

— Ele coçou e feriu, vou fazer um curativo, mas preciso levá-lo para o hospital — aviso mais uma vez, e escuto a porta sendo aberta.

— Está tudo aqui! — Dulce me entrega o material — Vou te deixar trabalhar.

— A senhora fica, ele tem alergia a alguma coisa? — Pergunto preparando a anestesia que eu trouxe e espero que seja o suficiente, porque em um ambiente sem monitoração como esse, já é preocupante aplicar uma anestesia.

— Não, e ele não tem nenhuma doença e os exames dele estão em dia — O Eduardo responde enquanto mexe no cabelo do bebê que ainda está chorando.

— Certo — Respondo respirando fundo — Segura o braço dele, preciso aplicar a anestesia.

— Ok — Eduardo responde e segura com cuidado o braço do bebê e eu aplico a anestesia — E agora?

— Agora nós esperamos fazer efeito e depois eu vou fazer uma limpeza nessa ferida e levar essa criança para um hospital — repito, sendo bastante enfática.

— Ele não pode ir — Ele diz, mas a voz sai fraca.

— Ele pode morrer aqui, eu não estou te entendendo, Eduardo, me sequestraram para fazer um atendimento e eu estou falando que ele vai morrer se ficar aqui! — Falo exasperada, não é possível que ele não esteja entendendo a situação — Eu acabei de me formar, não posso fazer uma cirurgia desse tipo sem apoio.

Ele se levanta em silêncio e fica andando de um lado para o outro e eu continuo ao lado do Luquinha, a respiração já está mais leve, mas ainda está com febre, ao menos não está sentindo dor. Pego meu material e começo a limpar o edema, que está bastante vermelho, o que me deixa preocupada. Termino a limpeza e enfaixo o braço, e o Eduardo ainda não falou nada, mas não dá para continuar assim.

— E então? — Pergunto ficando de pé já que estava sentada na cama para conseguir ficar em uma altura apropriada para atendê-lo. — Eu entendo que a minha situação aqui não é de alguém pode exigir, mas realmente não é cabível que ele faça uma cirurgia aqui. Se você gosta dessa criança, Eduardo, me deixa levá-lo para o hospital.

— Caralho! — Ele exclama e soca a parede e quase no mesmo instante o Corvo entra no quarto.

— Tá tudo bem aqui? — Ele pergunta alternando o olhar entre o Eduardo e eu. Que porra esse homem acha que eu poderia ter feito?

— Tá tudo uma merda — O Eduardo responde e olha para mim — Ele levou esse tiro por minha causa, não dava para levar no hospital, e agora...

— Eu levo ele, me responsabilizo — Sugiro e sinto o olhar desconfiado do Corvo sobre mim.

— Não, se não pode fazer o trabalho, é descartável — Ele ameaça e eu fico ainda mais assustada.

— Não, ninguém toca nela — O Eduardo fala e o Corvo olha confuso — Você não pode falar nada sobre o sequestro, nada sobre o morro, não pode nem ter registro dele.

— Eu posso conseguir isso — afirmo convicta. — Eu só preciso fazer uma ligação.

— E você confia nela? — O Corvo questiona completamente desconfiado.

— Eu vou confiar nela — Ele afirma e eu sorrio pequeno — Gabriela, eu vou ter

consideração por você, mas não vou lidar bem com traição.

— Eu prometo cuidar dele o tempo todo, enquanto ele estiver no hospital, eu vou ficar com ele — Falo e ele me olha meio receoso, mas pelo menos ele já entendeu a situação — Eu não minto, você sabe disso, Eduardo.

— Isso aqui tá muito confuso pra mim — O Corvo fala e eu ignoro. Ele me estressa na mesma medida que me assusta, mas nessa situação tudo é estressante de qualquer forma.

— Tudo bem, mas você vai ficar responsável pela vida dele — O Eduardo avisa e eu aceno concordando — Chama a Dulce, Corvo, quero que ela arrume uma mochila para o Lucas.

— Sim, senhor — Ele responde contrariado e sai.

— Eu achei que nunca mais te veria — O Eduardo diz me olhando.

— Eu sempre quis te ver de novo, mas jamais pensei que fosse nessa situação ou qualquer coisa similar a isso — Digo sincera — Achei que você tivesse ido para outro país.

— Acho que eu menti para você — Ele responde dando de ombros e a Dulce entra.

— Mandaram te entregar isso — Ela fala esticando o aparelho celular para mim. — Vai levar ele?

— Vocês vão — O Eduardo corrige e me olha sério — Gabriela, sei que temos um passado, sei que não veio por vontade própria, mas o Lucas é meu filho e...

— Eu vou cuidar dele, prometo. — Garanto, com toda a sinceridade que tenho em mim.

Não apenas por ser filho dele, mas por ser uma criança, e eu jamais deixaria uma criança sem ajuda, sem tentar o máximo de mim.

Nos encaramos por alguns segundos, e eu desvio os olhos para o meu celular. Não é o momento de divagar, nem de pensar em qualquer coisa que não seja o agora.

Vejo que tem muitas mensagens e ligações, mas ignoro tudo procurando um contato, eu sei que não deveria fazer essa ligação, sei que estou arrumando um problema, mas já estou em um grande problema.

Confiro o contato que estava procurando e respiro fundo e peço um minuto de silêncio, e faço a chamada, e por mais que eu esteja no morro após ser sequestrada, sei que vou falar com o diabo em pessoa agora.

— Gabriela Baltazar, essa é uma ligação que eu não esperava receber — Escuto a voz asquerosa do meu antigo professor e respiro fundo, eu preciso desse favor.



Capítulo 04

Gabriela Baltazar

Um sentimento enorme de repulsa me engole só de ouvir a voz do Alonso.

Me causa náuseas estar falando com ele. Alonso é nojento, mas se tem alguém que tem poder suficiente para isso, esse alguém é ele. É horrível a quantidade de poder que um homem como ele tem.

— Não ache que estou muito feliz com essa ligação, professor — respondo com repulsa — Mas preciso de um favor, um grande favor.

— Interessante, mas sabia que o preço para grandes favores pode ser muito caro? Estaria disposta a pagar? — Ele questiona com uma soberba evidente e eu respiro fundo, ficando em silêncio.

Alonso sempre foi uma péssima pessoa, com inúmeras queixas de assédio, abuso de poder, abuso moral contra ele, um velho asqueroso que se acha maravilhoso, mas graças a sua influência sempre conseguiu se manter livre.

Jurei que nunca falaria com ele novamente, mas não vejo outra solução agora, preciso levar esse menino para um bom hospital e preciso que ele mantenha tudo em sigilo.

— Eu pago o quanto for preciso, em dinheiro — respondo enfática, recebendo o olhar inquisidor do Eduardo.

— Eu não preciso de dinheiro, você sabe muito bem o que eu quero. — Ele responde em um tom malicioso que me faz sentir nojo — Se não estiver disposta a pagar...

— Eu não vou fazer isso, estou oferecendo dinheiro por isso — Interrompo, é horrível negociar com esse homem. Se ao menos tivesse outra forma, mas não consigo pensar em nada.

— É você quem precisa de mim, Gabriela, não o contrário — ele debocha — você sabe o que quero, este é o meu preço final.

— Ele quer o que estou pensando? — Eduardo pergunta me encarando e eu aceno — Resolvo isso, do meu jeito.

Antes que eu possa dizer alguma coisa, o Eduardo toma o celular da minha mão e coloca no ouvido. Minha reação é apenas passar a mão no cabelo completamente nervosa e desesperada, eu só queria estar em casa dormindo.

Não que eu quisesse que o Lucas ficasse aqui, sem qualquer atendimento, só queria que nada dessa situação esdrúxula estivesse acontecendo.

— Escuta o que vou dizer, não sei quem é o senhor, mas posso descobrir e se continuar assediando a minha garota, vamos ter problemas — Ele fala em um tom ameaçador e eu olho

para ele surpresa, que história é essa de “minha garota”? — O senhor tem a opção aceitar dinheiro ou morrer, qual vai ser? — Eu não sei o que o Alonso está respondendo, mas também não sei se realmente gostaria de saber — Eu não estou perguntando a porra do valor, estou falando que quero que faça, e com respeito, tudo o que a Gabriela pedir... não me interrompe caralho, você não vai gostar de me ver mais irritado do que estou, não preciso mais do que uma ligação para acabar com você... Eu te conto meu nome, todos me conhecem por Loki.... Ótimo, vou passar o telefone para ela.

— O que você está fazendo da sua vida? — É a primeira coisa que escuto quando pego o celular.

É ridículo que logo esse homem ache que pode questionar qualquer coisa sobre a minha vida.

— Eu não acho que isso seja da sua conta — respondo seca — Posso falar o que eu preciso?

— Siga em frente — Ele diz com indiferença.

— Estou levando uma criança que precisa de uma cirurgia de emergência, ele tem uma inflamação no braço, e eu desconfio que seja por causa de uma bala — Explico e respiro fundo — Mas preciso que todas as informações sobre a causa sejam omitidas do prontuário.

— Por quê? — Ele pergunta e respira fundo — Esquece, não quero saber, e saiba que isso vai custar muito caro, muito caro.

— Posso levar ele? Eu sei que no hospital da sua família você consegue fazer esse tipo de coisa — Falo, respirando fundo.

— Você tem uma hora para estar aqui, depois vou para casa e não vai conseguir nada, além de ter que procurar uma boa explicação para uma criança baleada que não pode ser identificada — Ele fala em um tom rude e desliga a chamada.

— Não tinha nenhuma outra pessoa? — Eduardo pergunta quando bloqueio a tela do aparelho.

— Não, e não começa a brigar comigo — Falo na defensiva — Fui sequestrada na droga da minha saída do plantão, tive que ligar para o Alonso e continuo muito preocupada com essa criança. Você não pode me cobrar nada, o errado é você que não levou o menino até uma assistência médica no mesmo dia que isso aqui aconteceu!

— Gabriela...

— Estou pronta e a mochila do Lucas também, temos que ir rápido né? — a Dulce diz interrompendo o Eduardo e desviando o foco da discussão que estava para começar.

— Sim, vamos logo, temos uma hora para estar lá — Respondo, me virando para pegar o Lucas no colo, ainda embrulhado na coberta.

— Não saia de perto do meu filho, Gabriela — O Eduardo diz, e eu não sei se é uma ordem ou um pedido, mas de qualquer forma, eu já pretendia ficar de olho na criança — Vamos, vão levar vocês.

Dulce passa na frente, eu vou logo em seguida e o Eduardo nos acompanha. Eu não conseguiria colocar em palavras tudo que estou sentindo. É um misto de exaustão e preocupação com medo, mas no momento, focar toda a minha atenção no pequeno, e depois eu vejo o que farei.

Melhor não pensar demais agora.

Vejo o Eduardo dando algumas ordens, e o Corvo me olha com uma expressão fechada, me faz arrepiar de um jeito ruim, acho que ele não gosta de mim, mas eu também não gosto dele.

A diferença é que ele tem uma arma, e não tem medo de usá-la.

Eles nos guiam até um carro e eu entro no banco de trás, a Dulce ao meu lado e eles começam a dirigir, e eu digo o endereço e o tempo que temos para estar lá. Olho para o rosto do Luquinha notando os traços parecidos com o Eduardo, enquanto me pergunto o que aconteceu que ele virou um chefe no morro. Isso me soa tão estranho e confuso.

O que aconteceu com o meu Eduardo?

— Seu celular está tocando — Escuto a Dulce falando depois dela tocar gentilmente no meu braço.

— Eu... é... obrigada — Respondo, acho que me distraí demais. Pensei demais.

Pego o meu celular no meu bolso e vejo o nome da Isadora na tela e lembro que ela ficou amarrada no estoque, realmente espero que ela ainda não tenha ligado para a polícia.

— Oi, Isa, pode falar — falo ao atender a chamada.

— Ai meu deus! Você atendeu! — Ela exclama alto, em um tom de puro alívio.

— Eu estou bem, está tudo bem. — Afirmo, tentando acalmá-la, o que não será fácil dada a forma com a qual ela ficou — Você está bem?

— Eu acabei de conseguir sair daquele lugar, estava te ligando para depois ligar para a polícia, coisa que vou fazer agora — Ela avisa, completamente nervosa. Até seu tom de voz está trêmulo.

— Não, não precisa, está tudo bem mesmo! — exclamo imediatamente, envolver a polícia agora seria ruim — logo vou estar em casa, e passo no seu apartamento para você ver que estou bem, tudo bem?

— Mas Gabi...

— Está tudo bem mesmo, se não estivesse, nem com o meu celular eu estaria — Constato e ela fica em silêncio — Com o celular, eu mesma poderia ligar para a polícia, mas não é necessário.

— O que aconteceu? — Questiona, seu tom de voz ainda parece fragilizado, apesar de mais calmo.

— Te explico depois, eu juro — prometo, já querendo desligar. O Corvo está me olhando com uma expressão muito ruim.

— Tudo bem, então — Ela concorda contrariada — Nos falamos depois.

— Até depois — Respondo desligando o celular, com um problema a menos agora.

Fecho os olhos por um momento, segurando o Luquinha com cuidado. Minha mente ainda está tentando juntar os cenários, como o Eduardo está onde está? Por quê? Ele desistiu dos sonhos dele e foi para o crime? Mas quando ele foi embora, me disse que estava mudando de país.

Estou confusa, mas depois que o pequeno estiver bem, talvez eu tente entender. Ou apenas esquecer isso tudo que está acontecendo.



Capítulo 05

Gabriela Baltazar

Tento abrir a porta no instante em que o carro para na garagem do hospital, mas as portas estão travadas e viro o meu rosto em direção ao Corvo. Esse homem tem a intenção de me matar, se não com um tiro, de raiva.

— Calma aí! — Corvo diz sério quando tento abrir a porta mais uma vez — Escuta o que eu tenho para falar.

— Não vou escutar nada, não tenho tempo, grava um áudio e me manda, não tá vendo que é a porra de uma emergência? — Respondo impaciente e olho para a Dulce — A senhora vai ter que me acompanhar.

— É claro que ela vai acompanhar, e fica esperta porque é facinho para te achar e acabar contigo — Ele ameaça e eu respiro fundo, cansada de ser ameaçada, cansada de tudo.

— Abre a merda da porta! — Quase grito, mas lembro do Lucas no meu colo.

Corvo destrava a porta e eu me apresso em sair do carro, tenho que correr para achar o Alonso nesse hospital enorme. E eu realmente não quero ter problemas, quero dizer, mais problemas, e eu tenho certeza que arrumaria um bem grande entrando com um paciente pelos fundos do hospital sem o diabo, quero dizer, o professor para me acobertar.

Definitivamente, encarar o Alonso não é algo que eu gostaria, mas que preciso fazer porque eu sei que o caso do Lucas é grave, ele precisa de cuidado e eu vou me certificar que ele ficará bem.

Olho para trás de canto de olho e vejo que o carro do Corvo ainda está no lugar, esse homem ficará aqui o tempo todo? Problema dele. Atravesso a porta com a Dulce logo atrás, não temos tempo para perder.

— O que está acontecendo? — Uma enfermeira pergunta assustada quando entro de uma vez.

— Eu preciso de atendimento urgente para essa criança, e preciso falar com o Dr Alonso, ele já está informado sobre o caso — explico, sentindo minha respiração pesada, não sei se do cansaço físico ou emocional. — Ela é a acompanhante da criança, e eu sou médica também, fiz o primeiro atendimento, meu nome é Gabriela Baltazar.

— Se acalma primeiro, doutora, respira fundo — Ela diz com calma, com certeza já é uma enfermeira experiente — O doutor Alonso disse que estava esperando uma pessoa, então deve ser você.

— Sim, mas e o Lucas? — Pergunto ansiosa, indicando o pequeno no meu colo. — Ele

tem que ser atendido agora.

— Vamos colocar ele em uma maca, e a senhora... — Ela olha para a Dulce e sorri simpática — A senhora terá que ir para uma área própria para acompanhantes.

— Tudo bem, eu fico em qualquer lugar — Dulce responde rápido. — Só cuide do meu menino, por favor.

— Ele ficará bem — ela responde em uma suavidade que desconheço em mim no momento.

A enfermeira nos guia pelo hospital e eu finalmente coloco o Lucas em uma maca. Um médico chega para a avaliação, e eu respondo às perguntas conforme o que sei sobre ele e o caso dele, é pouco, mas espero que seja o suficiente.

Felizmente, o lixo do Alonso já tinha deixado tudo preparado para receber a criança, com enfermeiros, médico, sala de cirurgia, quarto próprio. E isso nem vai ser a parte cara do acordo.

Jamais deixarei que ele encoste em mim, mas sei o inferno que ele deve estar preparando para me queimar. Só espero que não seja o fim da minha carreira que mal começou.

— É um prazer te ver, está sempre linda, Gabriela — Escuto a voz do Alonso e isso me causa um calafrio, principalmente por já estar sozinha no quarto, só com o Luquinha que ainda está dormindo — Achei que não chegaria a tempo.

— Eu disse que estaria aqui — Respondo sem olhar para ele — Já fizeram as averiguações e estão esperando o resultado dos exames. O senhor vai fazer a cirurgia ou médico que o atendeu?

— Ele fará a cirurgia, ele é quase um discípulo, confio na capacidade dele — Ele diz e eu finalmente olho para ele, questionando internamente o caráter desse médico.

Alonso foi meu professor, e eu simplesmente o odiava nessa época, sendo sincera, o odeio até hoje. Mas desde aquela época, muitas pessoas o viam como uma pessoa incrível e um profissional formidável — muitas pessoas que não eram as alunas dele.

A verdade é que ele esconde por trás daquele sorriso nojento, só um velho asqueroso, assediador, e que fez a vida de diversas garotas um inferno, algumas até desistiram de seus sonhos pelo caminho.

E eu odeio que ele tenha tanto poder e influência, mas eu realmente espero que isso seja resolvido um dia, de um jeito ou de outro.

— Ótimo, depois o senhor me passa os dados de tudo que vai ter que ser pago e por onde — Falo em um tom seco, enquanto o encaro.

— Claro, mas me enche de curiosidade, o que você tem com um bandido? Não quis nada comigo, que poderia te tornar a médica mais reconhecida, para andar com um marginal? — Ele questiona cínico. — Mal começou sua carreira e já tem um crime nas costas, é uma excelente forma de fazer seu nome.

— Primeiro que qualquer pessoa que não seja você, vale a pena — Falo mentindo, eu não tenho nada com o Eduardo, mas estou cada vez mais curiosa para saber quem ele é agora. — Segundo, que não haverá mancha, porque temos um acordo e tem que cumprir sua parte.

— Cuidado com o que diz — Ele fala em tom de ameaça, mas tento não me abalar.

— Com licença — A voz da enfermeira interrompe, e eu fico grata — Os exames estão

prontos.

— E então? — Pergunto ansiosa.

— Ele realmente tem uma bala alojada no braço, e isso é a coisa mais louca que vi essa semana, porque ele é uma criança, mas enfim, o projétil tem que ser retirado agora — Ela informa entregando os exames para olharmos — Está tudo pronto na sala de cirurgia, e já avisamos o cirurgião e ele está se preparando neste momento.

— Eu quero poder acompanhar a cirurgia, só acompanhar — peço e ela acena, mas olha para o Alonso. Odeio esse demônio asqueroso.

— Terá que se preparar adequadamente para isso — Ele responde em um tom indiferente — Estou de saída, faça tudo como eu mandei.

— Sim, senhor — Ela responde acenando.

Fico em silêncio até que ele saia da sala, só sua presença me causa mal-estar. Preciso me esforçar para melhorar, nesse momento eu ainda acho que preciso de mais do que força de vontade para ficar bem.

Sinto a exaustão começando a me corroer de dentro para fora.

— Gabriela, eu vou levar ele para se preparar para a cirurgia e você vai se arrumar — Ela fala me tirando do meu pequeno devaneio.

— Mas eu não queria me afastar dele — Falo segurando na mãozinha dele.

— Pode confiar em mim, ele vai ficar bem e eu não vou deixar ele sozinho até que você volte, tudo bem? — Ela questiona e eu suspiro, sei que ele tem que ser cuidado e que nesse momento precisamos nos separar. Respiro fundo e aceno concordando — Pode ir, sabe o que fazer, certo?

— Sei, pode deixar — Respondo.

Ela ainda assim me explica um pouco, até porque esse não é o mesmo hospital em que faço a minha residência, seria impossível conseguir qualquer alteração onde estou fazendo a minha residência, já que é em um público e esse aqui é particular. E é melhor para mim que não me conheçam mesmo.

Logo entra mais um enfermeiro e eles levam o Lucas. Respiro fundo e saio do quarto, vou até uma máquina de bebidas e compro água e café enlatado, não é a melhor coisa do mundo, mas é definitivamente o que preciso agora.

Mas não sei se diria que me sinto mais acordada após beber. Acho que o que está me mantendo de pé é a adrenalina e o medo, não medo do Eduardo, apesar do sequestro, estou verdadeiramente preocupada com o Luquinha.

Não acho que sentiria medo do Eduardo, mesmo que eu já não saiba quem ele é.

Por isso volto correndo para o centro médico, e vou até o vestiário feminino e me troco. Ao menos poderei acompanhar tudo o que acontecer na cirurgia do bebê. Vou até a sala de cirurgia e o Luquinha já está ali.

— Estamos esperando o anestésico fazer efeito — Um enfermeiro me informa, enquanto me ajuda a colocar as luvas.

— Certo, espero que corra tudo bem — Respondo e sorrio por debaixo da máscara, tentando ter alguma calma.

Ele acena para mim e eu respiro fundo, entrando na sala logo em seguida. Nem sou que vou fazer a cirurgia, mas me sinto muito nervosa, mas pelo menos estarei aqui de olhos em cada detalhe e torcer para ocorrer tudo bem. Tanto pelo Lucas, como por mim, porque sei da ameaça que ainda ronda minha cabeça.

— Está tudo pronto — O médico anuncia — Vamos começar!



Capítulo 06

Gabriela Baltazar

Sento na cadeira perto da cama do Lucas, a cirurgia foi um sucesso, mas ainda precisamos ficar aqui devido ao pós-cirúrgico. Deito minha cabeça na cama dele, estou me sentindo tão exausta que poderia dormir aqui mesmo. Mas ainda estou tão tensa sobre tudo que não consigo realmente relaxar, então fico nesse estado nem dormindo e nem acordado.

Até escuto a porta sendo aberta, mas não tenho força e nem disposição para fazer alguma coisa, só continuo no mesmo lugar tentando recuperar alguma energia vital.

— Deu tudo certo? — Escuto a voz da Dulce, mas não acho que a pergunta seja para mim — Ele está bem? Ela está bem?

— Deu, sim, a senhora já pode ficar aqui com eles, o Lucas só precisa de observação e provavelmente amanhã ele já terá alta — Escuto a voz da enfermeira que está nos acompanhando desde que chegamos — E ela só me parecia muito cansada, deve estar dormindo.

— Obrigada — A Dulce responde com a voz emocionada.

— Apenas fizemos nosso trabalho, e qualquer coisa, é só chamar — a enfermeira avisa — Com licença.

O silêncio ocupa o ambiente e eu quase relaxo completamente, até que pulo da cadeira de sobressalto quando sinto uma mão encostando no meu ombro. Olho para a Dulce com o coração extremamente acelerado, me sentindo muito nervosa e assustada.

A encaro por alguns segundos e fecho os olhos em seguida, tentando me recuperar do susto para poder falar alguma coisa, ou entender o que é que ela queria.

— Desculpa, não era a minha intenção te assustar — Ela pede sincera e eu aceno concordando — Só queria sugerir que você se deitasse no sofá, pode dormir um pouco, eu não vou sair daqui.

— Está tudo bem — Respondo com um sorriso pequeno concordando, enquanto fico de pé — Eu acho que preciso mesmo dormir um pouco, mas qualquer coisa que acontecer, a senhora me chama?

— Claro, pode descansar — ela responde e suspira — E me desculpa por tudo isso, não achei que o Loki tomaria medidas tão drásticas.

— Eu não vou dizer que tô feliz em ter sido sequestrada, mas ainda bem que deu para cuidar do Lucas, ele é só uma criança — Respondo suavemente enquanto caminho para o sofá — e também por que não voltaram em um hospital? Outro hospital.

— Eu realmente não imaginei que poderia ser uma bala, como isso pode ter acontecido?

— Ela choraminga e suspira — Ele foi piorando aos poucos, e hoje acordou muito mal. Loki disse que não ia deixar o filho dele sofrer diante dos seus olhos, e que se ir até o hospital não resolvia, ele ia resolver do jeito dele.

— E o que a senhora pensou? — Indago, arqueando a sobrancelha.

— Achei que o Loki contrataria algum médico ou enfermeiros — Ela explica com sinceridade.

— Acho que é o que qualquer pessoa sensata pensaria — concordo e desvio o olhar enquanto me ajeito no sofá — Por que chamam o Eduardo de Loki?

— Porque é o vulgo dele — Ela responde simples — Ele é chefe de tudo por lá.

— O Eduardo? — Pergunto incrédula.

— Fiquei chocada que você conheça ele por nome — ela diz em tom de surpresa e eu me deito voltando a olhá-la — Acho que isso pegou todos de surpresa, nunca achei que ele encontraria alguém do passado dele no morro, ainda mais dessa forma.

— Não foi exatamente eu que o encontrei, ele que me achou — Brinco, mas bocejo em seguida — Eu queria entender o que aconteceu. Como ele mudou tanto.

— Depois você fala com ele, eu não sei como vão resolver essa situação — Ela diz enquanto se senta no lugar em que eu estava antes. — Só espero que você compreenda as ações dele.

Suspiro fechando os olhos. A verdade é que a minha mente está cheia de dúvidas. Como a Dulce sabe que eu faço parte do passado dele? Como o Eduardo virou chefe do crime? E agora pensando com um pouco mais de calma, cadê a mãe do Luquinha?

Eu realmente gostaria de entender tudo, mas nesse momento eu me sinto tão cansada, como se eu finalmente pudesse descansar um pouquinho depois do plantão, do sequestro, da cirurgia. Qualquer tanto que eu dormir agora vai me fazer bem.



Escuto meu nome repetidas vezes, mas levo algum tempo para compreender que estou sendo acordada. Eu realmente apaguei nesse sofá. Respiro fundo algumas vezes até abrir os olhos e acordar totalmente.

— Desculpa te acordar, mas tem um médico aqui querendo falar com você — A Dulce diz e eu me sento, bufando baixinho ao ver o Alonso aqui.

— Boa noite, princesa — Ele diz e eu reviro os olhos ficando de pé.

— O que você quer? — Pergunto sendo direta.

— Você vai precisar ir embora daqui a três horas, mas antes disso, eu quero meu pagamento ou você terá problemas — Ele avisa e eu fico séria.

— Vou resolver a questão do pagamento, mas por que ele tem que sair? A observação ainda não acabou — Falo olhando para ele com a expressão séria, e tendo a certeza de que o Alonso é um demônio asqueroso.

— Porque se não vou precisar alterar documentos e não queremos que ninguém saiba a verdade, certo? — Ele indaga com um tom maldoso.

— Logo o pagamento vai estar na sua conta e assim que for dado a alta, nós saímos — Respondo em um tom seco e ele sorri arrogante.

Nada seria o suficiente para que eu consiga expressar com exatidão o quanto eu o odeio.

— Os dados já estão no seu celular — Ele diz sorrindo e eu reviro os olhos — Até depois.

Ele sai rindo do quarto e eu sento no sofá novamente, estou exaurida. Olho para o relógio na parede e suspiro, meu dia foi uma loucura e eu não descansei nada. Já passa da meia-noite e amanhã tenho que ir trabalhar. Eu poderia chorar agora, mas sei que é melhor não.

Engole o choro, Gabriela, ainda não acabou.

— Você está bem? — Dulce pergunta me observando e eu olho para ela como se fosse óbvio, até um pouco impaciente — Entendi.

— Me desculpa, só estou cansada, muito cansada — suspiro, me encolhendo no sofá — eles me pegaram quando eu havia acabado de sair de um plantão de vinte e quatro horas, e já se passaram mais quase outras vinte quatro horas...

— Eu sinto muito por tudo isso — ela me interrompe e eu assinto, ela também não tem culpa.

— Tudo bem, o importante é que o Lucas está bem — afirmo com sinceridade. — De qualquer forma, preciso falar com o Eduardo agora, mas antes pode me tirar algumas dúvidas?

— Pode perguntar — Ela responde calma, me olhando como se me analisasse.

— O que a senhora é do Eduardo? O que acha que aconteceu com o Lucas? E cadê a mãe do Lucas? — Pergunto encarando-a.

— Eu sou tia dele e cuido do Lucas para ele... trabalhar, sobre o que aconteceu, pensei muito enquanto estavam em cirurgia e cheguei a uma conclusão. A poucos dias teve uma troca de tiros e eu e o Lucas estávamos escondidos no quarto, acredito que tenha sido uma bala perdida, talvez perdido força por causa da parede, algo assim. Eu vi o machucado, ele chorou, mas pelo que conheço de armas não fariam apenas uma ferida assim, entende? — Ela explica, e limpa uma lágrima enquanto assinto, até faz algum sentido essa teoria dela, há tanta coisa que surge na emergência que parece não haver nenhuma explicação. — O Eduardo é muito apegado ao filho, e quando nem mesmo ir a um hospital resolveu, ele ficou desesperado. — Dulce puxa o ar, e fica alguns segundo em silêncio, como se estivesse refletindo. — E a mãe do Lucas foi embora depois que teve ele, e o Eduardo assumiu e cuida do filho muito bem.

— Como você sabe que eu faço parte do passado dele? — Pergunto não me aguentando de curiosidade e ela sorri quase doce.

— Basta olhar para você para saber de onde o conhece — ela diz dando de ombros, com uma obviedade implícita na voz. — É evidente que você não é do mesmo lugar, da mesma origem que as pessoas na comunidade.

Pressiono os lábios em uma linha enquanto absorvo o que ela falou, mas ainda assim, na

minha mente e lembrança, eu e ele sempre fomos do mesmo lugar. Acho que só falando com ele para que eu entenda tudo.

— Você precisa falar com o Eduardo — ela pontua e eu suspiro acenando.

— Me passa o número dele, por favor — Peço pegando o meu celular.

— Não, liga do meu celular — Ela nega me entregando o aparelho dela.

— Ok! — Respondo e pego o celular.

Aperto no botão para a chamada começar e coloco o telefone no ouvido, respirando fundo e tentando me acalmar.

— Oi, como ele está? — Ele pergunta parecendo apreensivo.

— Oi, ele está bem, estável — respondo com a voz suave, quero acalmá-lo — A gente precisa conversar sobre algumas coisas.

— Pode falar — Ele responde em um tom mais frio.

— O pagamento tem que ser feito em duas partes, uma para o hospital e outra para o professor e isso dá um valor de seis dígitos — explico — Se você não puder fazer, eu ligo para o meu pai e...

— Eu sou homem de cumprir com as minhas responsabilidades — Ele me interrompe — Só me passe os dados.

— Certo, vou enviar para a Dulce e ela te envia — Informo — E tem mais, ele vai ter alta em breve, mas acredito que vai precisar de acompanhamento.

— Vou arrumar uma enfermeira para fazer isso — Ele fala e respira fundo.

— Eu posso fazer isso, mas preciso ir para casa hoje depois que deixar ele aí — Digo nervosa, parte de mim tem medo que ele me prenda lá — tudo bem?

— Melhor ainda — Ele responde em um tom mais animado — Vou mandar buscar vocês.

— Certo, obrigada — Respondo e suspiro ficando em silêncio um pouco — Era só isso.

— Gabriela, depois nós podemos conversar? — Ele pergunta e eu fico mais um minuto em silêncio, pensativa — Faz muito tempo que não nos vemos.

— A gente conversa sobre isso depois — respondo com falsa calma — Tchau, Eduardo.

— Tchau Gabriela, mas pensa sobre isso — Ele diz e desliga a chamada.

Eu fico alguns segundos em silêncio olhando para a tela do celular e suspiro, balançando a cabeça em seguida, não é hora de pensar no que se foi, preciso resolver os problemas do agora.

Preciso resolver o meu caos atual.



Capítulo 07

Gabriela Baltazar

Não desci do carro quando fomos deixar o Luquinha, mas deixei todas as recomendações para a Dulce, e quando meu plantão acabar, tenho que voltar.

Olho as ruas de São Paulo enquanto o mesmo homem que foi nos buscar no hospital dirige. Fiquei feliz por não ser o Corvo, tenho quase certeza que ele não gosta de mim, mas a recíproca é verdadeira, eu também não gosto dele, por mim, nunca mais ficaria sequer no mesmo ambiente que ele.

Eu me sinto exausta, e estaria pior se a Dulce não tivesse me convencido a dormir um pouco àquela hora, mas quero mesmo é chegar logo na minha casa, tomar um banho e dormir.

— Chegamos — Ele avisa e eu fico feliz de ver meu prédio.

— Obrigada, boa noite — Respondo enquanto saio do carro o mais rápido que consigo.

Mentiria se dissesse que não senti medo por estar sozinha com ele nesse caminho, mas não posso me culpar por isso, vivi o inferno em horas.

Caminho apressadamente para dentro do prédio e cumprimento o porteiro e vou direto ao elevador. Finalmente estou em casa, eu senti tanto medo de não voltar mais, e sendo bem sincera comigo mesma, uma parte de mim acredita que se o chefe ali não fosse o Eduardo, talvez eu não voltasse mesmo.

Coloco a senha da minha porta e entro em casa, minha mente está um caos depois do dia que tive, mas agora eu só preciso dormir para recuperar minhas energias.



Meu despertador toca e eu gemo frustrada, não queria ter que me levantar agora, queria dormir a manhã inteira, mas já preciso voltar para o hospital, tenho uma carga horária para cumprir.

Me levanto e faço tudo rápido, banho, como qualquer coisa pronta que acho na geladeira e saio do apartamento com uma bolsa pequena, a maioria das minhas coisas ficaram no hospital ontem, já que eu não tive como pregar nada no meu armário no vestiário.

Meu celular só foi comigo porque estava no bolso da calça. E me admira muito que não tenham quebrado ele quando o pegaram.

Pego um carro por aplicativo, já que não pude ir embora no meu próprio carro quando saí do hospital. Chego alguns minutos atrasada, e espero que a médica responsável não se importe. Prefiro ser pontual, não quero manchar meu nome com algo tão bobo, mas hoje realmente está difícil, até a minha atenção está baixa, talvez eu tenha que beber alguma coisa para melhorar.

Tenho que atender pessoas, preciso estar disposta a suas necessidades, ser uma boa profissional.

Vou apressada para o vestiário para poder falar com a Isadora logo, espero que ela já tenha chegado e ainda esteja ali. E meu sorriso se abre ao ver que sim, ela continua ali mesmo que não tem mais ninguém lá dentro.

— Voltei — Falo baixo e ela arregala os olhos e se levanta em um pulo.

— Finalmente você chegou! — Ela exclama vindo na minha direção, com seus olhos cheios de lágrimas — Tive tanto medo, mesmo que você tenha me falado que estava bem.

— Eu também tive muito medo — Confesso retribuindo o abraço da minha amiga.

Isadora tem um cabelo ondulado, preto, que vai até o meio das suas costas, mas que no momento está preso em um coque, seus olhos são tão escuros quanto os fios, sua pele é branca, e seu corpo esguio. E olhando para seu rosto agora, tenho a impressão de que ela está mais pálida que o normal.

— O que aconteceu? — Ela pergunta, se afastando um pouco, explicitamente preocupada.

— Em resumo, ele só queria atendimento médico mesmo, e quando acabou, eles me deixaram em casa, mas foi um processo bem longo, cheguei já era madrugada — Explico sem detalhes, acho melhor assim.

— Agora acabou? Não vai ter mais contato com eles? — Ela pergunta e eu começo a ir em direção ao meu armário para evitar olhar nos olhos dela.

— Sim, acabou — Minto — Eu só não posso dar parte deles na polícia.

— Mas eu acho que você deveria fazer isso — Ela diz um pouco incisiva.

— Pra quê? — Pergunto me virando para ela — Eles com certeza já têm passagem ou estão foragidos, uma denúncia só serviria para deixar eles irritados e além de saber onde trabalho, sabem onde moro, prefiro me preservar.

— Pensando desse jeito, você tem razão — Ela concorda depois de alguns segundos — Melhor fazer o que é mais seguro.

— Exatamente, gosto da minha cabeça onde está — Respondo, e volto a me trocar.

Melhor manter os detalhes em segredo, ainda é só um atendimento e será temporário. A Isa tende a ser um pouco radical às vezes, e eu não quero me indispor. E quanto menos pessoas souberem, melhor para mim.

— Eu preciso ir, mas vamos tentar almoçar juntas — A Isadora diz já parada próxima da porta — E Gabriela, muito obrigada.

— Pelo quê? — Olho confusa, sem entender sobre o que ela está falando.

— Por ter me salvado, tenho certeza que se fosse eu quem tivesse ido, sido levada, não

conseguiria fazer nada. Sei que a gente estuda para manter a calma em situações de estresse, mas aquilo estava sendo demais para mim — Ela explica e sorri — Então obrigada por ter salvo a minha vida.

— Isa... eu... — Tento formular alguma coisa, mas não sei o que responder, minha mente parece não ser capaz de formular nada, não estava esperando por isso.

— Tudo bem, não precisa responder — Ela diz com um sorriso gentil — Até mais tarde.

Ela sai e eu respiro fundo, não fiz o que fiz para ser uma heroína e nem nada disso, nem esperava agradecimentos, por isso não soube responder. Mas agora é só deixar esse assunto para trás e me dedicar ao trabalho, preciso ocupar a minha mente com outro assunto.

Termino de me arrumar, coloco o celular no bolso de trás e coloco o jaleco. Hora de ir trabalhar.

Saio no corredor e ando alguns passos. A quem quero enganar? Minha mente fica projetando a imagem do Eduardo para o meu consciente e eu só consigo pensar nele. E antes que eu chegue até a recepção, me lembro que no hospital tem mais uma pessoa que o conhece.

Ando pelos corredores procurando pelo Pedro, nós estudamos juntos no fundamental, no ensino médio e durante a faculdade. Não tenho certeza de que ele se lembra do Eduardo mesmo, mas espero que sim, talvez ele saiba de alguma coisa que eu não saiba.

Pergunto a algumas enfermeiras pelo caminho e descubro que ele já está de saída do hospital, nossos turnos são invertidos, por isso me apresso para alcançá-lo.

Quando entro no corredor que dá direto a saída pelos fundos do hospital, eu vejo o Pedro com uma mochila nas costas indo embora e, literalmente, corro para alcançá-lo.

— Pedro, espera! — Exclamo um pouquinho alto e ele para me olhando confuso — Eu preciso conversar com você um minuto.

Respiro fundo para recuperar o fôlego que gastei correndo até ele. Pedro ainda me olha confuso, nunca fui de procurá-lo para conversar, porque apesar de termos estudado por tanto tempo juntos, nunca fomos próximos, nunca nos tornamos amigos, somos apenas colegas de longa data.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele pergunta preocupado, seus olhos castanhos estão levemente arregalados.

— Não aconteceu nada, eu só preciso falar com você — Respondo juntando coragem para tocar no tema — Eu quero falar com você sobre um assunto pessoal.

— Pode dizer — Ele diz já com uma expressão ainda mais preocupada.

— Você se lembra do Eduardo? — Pergunto sendo direta e a expressão dele volta para confusa no mesmo instante — Ele estudou com a gente.

— De qual Eduardo você está falando? — ele pergunta arrumando a mochila em suas costas.

— Eduardo Vasconcelos, branco, olhos azuis, cabelo castanho, alto — Esclareço — Ele estudou com a gente até o meio do terceiro ano.

— Aquele que foi embora do país? — Ele pergunta confuso, e eu me sinto um pouco aliviada por não ser a única a ter essa lembrança dele.

— Esse mesmo, sabe o que aconteceu com ele? — Questiono, com um fio de esperança de

que talvez eu consiga informações sobre ele, alguma coisa que eu tenha deixado passar.

— Você que era a namoradinha dele, não sabe, como eu vou saber? — Ele pergunta arqueando a sobrancelha.

Eu poderia ter ficado sem essa, mas ignorarei porque fui eu que procurei.

— Eu não era namoradinha dele, nós éramos amigos, melhores amigos — Rebato, me sentindo estranhamente nervosa com a referência ao passado.

— Gabriela, isso foi há uns dez anos? Não precisa mais continuar negando, e todo mundo sabia, vocês se beijaram naquela festa e nunca mais pararam — Ele aponta e eu dou de ombros, esse assunto ainda me afeta — Por que está procurando por ele agora?

— Eu só estava curiosa — Minto, não vou dizer que encontrei com ele, isso está completamente fora de cogitação.

— Tudo bem, eu sei que não é só isso porque você nunca foi boa atriz, então vou te contar o que eu soube — Ele diz e eu aceno, esperando que ele continue — Eu não lembro de muita coisa, até porque eu não era muito próximo dele também, Eduardo sempre foi muito fechado, mas eu só soube que ele ia embora porque o pai dele tinha morrido e a mãe iria precisar assumir os negócios da família, mas depois que ele foi, desativou todas as redes sociais da época e não deu mais notícias.

— Eu não sabia que o pai dele tinha morrido — Falo surpresa, por que ele não me contou isso? Eu era a melhor amiga dele! Eu era mais do que isso.

Ou achava que era.

— Eu achava que você sabia sobre isso e que você seria a única pessoa que ele mantinha contato depois de ter ido embora, mas eu nem mesmo me lembro para que país ele disse que ia — Ele responde. E eu me sinto um pouco atordoada — Mais alguma coisa?

— Não, mas obrigada — Respondo com um sorriso educado.

— Se eu souber de mais alguma coisa, eu te falo — Ele diz com um sorriso gentil — A Alê também estudou com a gente, posso ver com ela se ela lembra de alguma coisa.

— Eu agradeço — Respondo um pouco mais animada, a Alê estudou com a gente a partir do ensino médio e o Pedro a namora desde então, e hoje eles são casados. — E manda um beijo para ela.

— Mando, sim, até mais — Ele responde se despedindo e indo embora do hospital.

Fico no corredor por alguns minutos, buscando um pouco de foco para a minha mente. Não adianta nada eu ficar queimando a cabeça pensando sobre essas coisas, não chegarei a nenhuma conclusão sozinha. Conversarei com o Eduardo depois e entenderei porque ele mentiu sobre ir embora do país.

Na verdade, eu não me importo que ele tenha mentido para os outros, ele mentiu para mim e tinha prometido que nunca faria isso. Tudo bem que éramos adolescentes, mas ele devia ter cumprido a palavra dele.

Eu já tinha seguido adiante, isso não deveria ser tão importante para mim.

Volto para o meu setor, preciso trabalhar e ficar pensando nisso o tempo todo, não vai me ajudar, tenho pacientes para cuidar, tenho uma rotina para cumprir, e eu preciso concluir bem a minha residência.



— Gabriela, você está bem? — Escuto a voz da minha supervisora no momento em que me sento no refeitório para almoçar, ela tem uma expressão preocupada no rosto.

— Estou bem sim — Respondo com um sorriso pequeno e a Isadora me olha arqueando a sobrancelha.

— Você pareceu abatida a manhã inteira e agora, observando bem, parece completamente exausta — Ela observa preocupada — Acho que vou ter que te deixar longe uns dias.

— O quê? Por quê? — questiono arregalando os olhos.

— Olhei sua escala, você tem pego mais plantões do que deveria, isso não é bom nem para você e nem para os pacientes — Ela diz séria e eu bufo baixinho — Não adianta fechar a expressão.

— Mas eu to cumprindo a residência...

— Conferi o seu banco de horas, queria entender o que estava acontecendo com você, e vi que você tem horas o suficiente para uma semana de folga, das horas práticas, ainda vai precisar ir assistir à aula teórica — Ela diz e eu suspiro frustrada, não era isso que eu queria.

— Concordo que ela precisa descansar — A Isadora diz e eu olho para ela como se ela fosse uma traidora.

— Não tem discussão, quando acabar seu almoço, pode ir para casa — Ela diz e eu respiro fundo — Boa tarde para as duas, com licença.

Espero que ela se afaste o suficiente para que não me escute reclamando e olho feio para a Isadora que dá de ombros, ignorando a minha expressão irritada no rosto.

— Ela está certa, você precisa de descanso — Ela diz séria — Você está dispersa, cansada, e não adianta negar, eu sei que o que aconteceu ontem te abalou, e mais você tinha feito plantão de vinte e quatro horas e não tendo o descanso suficiente. Vai adiantar o que você se matar estudando e depois não conseguir atuar porque está morta?

— Eu sei o que eu tô fazendo, não precisava se meter — Reclamo, sei que ela não tem culpa, mas me chateia que ela tenha ficado ao lado da supervisora.

— Pode ficar brava o quanto quiser, mas fica brava lá na sua casa deitadinha descansando — Ela responde e eu respiro fundo ficando de pé — Onde você vai?

— Para casa ficar deitadinha — Respondo irônica me afastando.

— Bom descanso — Ela deseja, mesmo sabendo que fui irônica.

Caminho irritada até o vestiário, já que tenho que ir embora, melhor eu fazer isso logo. Eu sei que eu realmente preciso descansar e eu sei que elas estão certas, mas ainda assim não deixo de ficar aborrecida, isso podia ter sido depois do meu plantão, não no meio.

Suspiro ao terminar de me trocar e arrumo a minha bolsa pegando tudo que havia ficado de ontem, acho que hoje, felizmente, vou poder ir embora no meu carro, acho que eu vou aproveitar para passar no mercado e comprar muita besteira para eu comer.

Saio do hospital mexendo no meu celular enquanto caminho para o estacionamento, mas no meio do caminho quando vejo uma pessoa sentada no capô do carro. Espero que seja apenas uma coincidência, e que não tenha nada a ver com o que aconteceu ontem, minha vontade é de virar as costas e pedir um táxi ou um uber, mas antes que eu consiga fazer isso, percebo que já fui vista.

Com certeza é alguém mandado pelo Eduardo, eu só não imaginei que ele fosse colocar alguém para ficar me vigiando.



Capítulo 08

Gabriela Baltazar

Cruzo os braços encarando o desconhecido que caminha na minha direção, pelo menos não é o Corvo. Minha vontade é de ignorá-lo e seguir meu caminho para ir embora, mas acho que a opção certa é esperar e ver se realmente é o que supus.

O rapaz que vem até mim parece bastante jovem, magro, a pele preta e o cabelo crespo, apesar da expressão fechada não parece realmente ameaçador. Apesar de achar que deve ser, sim, porque se trabalha com o Eduardo, significa que está envolvido no crime.

Mas de qualquer forma, será que não podem começar a abordar as pessoas com um sorriso no rosto? Isso seria muito mais gentil e muito menos assustador.

— Boa tarde — Ele cumprimenta — Está indo embora?

— Boa tarde, quem é você? — Pergunto me afastando um pouco, melhor ter espaço se eu precisar correr.

Como se eu tivesse toda essa energia e habilidade física, quase reviro os olhos para mim mesma.

— Opa, deixa eu me apresentar, eu sou o Dionísio, como o deus — Ele fala em um tom divertido e eu fico sem reação. — O Loki me mandou para te levar assim que você saísse do hospital, tá pronta? — Ele pergunta abrindo um sorriso gentil.

Essa definitivamente não é a abordagem que eu estava esperando, mas também não é uma reclamação.

— Por que ele mandou alguém? Achei que a gente já tivesse combinado como seriam as minhas idas lá — Pergunto, demonstrando toda a minha indignação, mas ele simplesmente dá de ombros.

— Eu não sei, sou o cara que segue as ordens — Ela fala tranquilo e eu tenho certeza que a expressão fechada do começo era quase que só uma fachada — E eu cumpro muito bem as ordens, você vai de boa ou não?

Ok, talvez não fosse tão fachada assim.

— Eu vou, eu vou — afirmo duas vezes para ficar bem claro — Posso ir no meu carro?

— Claro, vai ser da hora andar no seu carrão — Ele concorda animado e eu suspiro.

Me dou por vencida, não há como lutar contra essa situação, não vou sair daqui correndo e gritando, eu já tinha combinado de voltar mesmo. O Luquinha precisa de cuidados, preciso conferir se ele está bem e estável.

E sendo sincera, quero conversar com o Eduardo, apesar de uma pequena parte de mim sentir medo do que pode vir a ouvir.

Eu me sinto muito magoada por causa do passado, e é uma droga. Já se passaram anos, e eu continuo presa no tempo, continuo com esse sentimento dentro do peito.

Achei que já tinha deixado tudo isso para trás, até porque eu tinha certeza que ele não voltaria mais. Quase rio com o pensamento. Ele nunca voltou, se o acaso não tivesse nos colocado frente a frente novamente, realmente não nos veríamos.

Estou enlouquecendo com tanta coisa passando na minha cabeça, e duvido que ele esteja sentindo o mesmo.

— Médico ganha bem, né? — O Dionísio pergunta, me tirando do meu devaneio — Vou fazer minha irmã estudar medicina, ela ia gostar de pagar de carrão assim.

— Esse carro ganhei do meu pai — Respondo começando a dirigir — Eu ainda sou residente, só tenho trabalho e mais trabalho, a remuneração é uma vergonha.

— E seu pai faz o quê? — Ele pergunta curioso.

— Ele é empresário — Respondo sem explicar muito — Mas acredito que quando eu for médica de fato, eu vou poder comprar meu próprio carrão.

— Besteira, continua gastando o dinheiro do seu pai — ele aconselha e eu olho para ele de relance, achando divertido — se eu soubesse quem é meu pai, e ele tivesse dinheiro, eu gastaria todo o dinheiro do filho da puta, ou talvez daria um tiro nele, são muitas as possibilidades.

Eu rio da forma com a qual ele fala isso, mas parte de mim dúvida que ele esteja brincando sobre o assunto.

Então, só balanço a cabeça me concentrando no trânsito, até que chega um momento que ele começa a me guiar e eu faço a gente errar o caminho duas vezes. Preciso admitir que meu senso de direita e esquerda não é muito forte.

— Chega! — Exclamo encostando o carro — Você dirige de agora em diante.

— Agora! — Ele exclama animado enquanto a gente troca de lugar.

Eu desço para dar a volta no carro e ele simplesmente pula de um banco para outro. Ele é divertido, e muito mais tranquilo. Podia ter sido ele a ir me sequestrar, aposto que ele não teria me xingado tanto... Pelo amor de Deus, o que eu tô pensando?

— Ta de boa? — Ele pergunta e eu só aceno concordando.

Ele dirige animado, e pisa um pouquinho no acelerador e eu só torço para que nenhum acidente aconteça, minha cota de azar pela vida já foi gasta quando fui sequestrada, não preciso de um acidente de trânsito.

Não consigo segurar meu suspiro aliviado quando ele estaciona o carro, só torço para que ele não fique ofendido, mas ele estava em alta velocidade, e tudo ficou pior a medida que as ruas foram ficando mais estreitas, e só agora, descendo do carro, estou me pergunta se ele tem carteira de motorista.

Ele me guia até chegarmos em uma casa, e eu sei que é a mesma da última vez, à casa da Dulce. Eu deveria ter imaginado que era para cá que iríamos vir, já que é ela quem cuida do Luquinha, ou ajuda o Eduardo a cuidar, não entendi essa parte muito bem.

— DONA DULCE, CHEGAMO — Ele grita da porta e já vai entrando e me olha parada

na porta. — Não vai entrar doutorinha?

— Vou, vou sim — Respondo, entrando na casa.

— Gabriela, que bom te ver — A Dulce aparece com um sorriso educado — Conseguiu descansar?

— Sim, obrigada pela preocupação — Respondo educada, apesar de não ter descansado tanto — Como a senhora está? E o Luquinho?

— Eu estou bem, o bebê parece bem — Ela responde, mas não sinto firmeza em suas palavras, preciso conferir para ficar tranquila — Ele está no quarto.

— Ok, me leva até lá, por favor — Peço e vejo o Dionísio se jogar no sofá.

— Eu vou esperar aqui — Ele avisa — Qualquer coisa que precisar, pode me chamar.

— Você não resolve nem sua vida, garoto — A Dulce rebate e eu quase rio da cara que ele faz — Vamos Gabriela, não dá moral para esse pirralho.

Ela me guia até o quarto para que eu possa conferir o Luquinho. Pego o termômetro e afero a temperatura, constando que ele não está com febre, por fim, refaço o curativo. Ele parece bem, e apesar de estar dormindo, a carinha dele é muito boa.

— Ele ficou agitado em algum momento ou deu febre? — Pergunto olhando para Dulce.

— Não, ele comeu direitinho quando acordou e ficou quietinho o tempo todo, e dormiu muito — Ela responde, é bonito ver como ela é cuidadosa com ele.

— Ele tá se recuperando, você tem meu número, pode me ligar qualquer hora se algo acontecer, não esqueça de manter ele com tipoia, daqui uma semana a gente pode fazer um raio-x novo e ver como tá e fazemos alguns exames para ver o imunológico dele — explico e ela acena atenta — Então, eu já vou, está tudo bem por aqui.

— Certo, obrigada por ter vindo — Ela diz e eu sorrio complacente para ela — Eu sei que não é a melhor das situações, sei que você não vem de livre espontânea vontade, mas ainda assim, obrigada.

— Está tudo bem, quero dizer, não fico feliz em estar sendo vigiada, sequestrada, ou forçada a ir para qualquer lugar, mas de qualquer forma, não deixaria o Lucas sem atendimento — sou sincera e ela sorri — Ele é só uma criança e não tem nada a ver com tudo o que está acontecendo.

— Obrigada por pensar assim, você é uma boa garota — Ela elogia e eu sinto meu rosto esquentando — E eu vou conversar com o Eduardo sobre estarem te vigiando.

— Fico grata por isso — Respondo sincera.

— Eu fiz bolo, quer comer antes de ir? — Ela oferece enquanto abre a porta do quarto.

— Eu... hum... tudo bem — Respondo dando de ombros acompanhando ela — Já estou aqui mesmo e não tenho mais nada para fazer hoje.

— É ótimo ouvir isso — Escuto a voz do Eduardo e o vejo encostado na parede ao lado da porta — Vamos conversar, não dá para evitar esse momento.

Eu olho para ele em silêncio por um momento. Gostaria de ter evitado esse momento, não queria falar com ele exatamente agora, acho que eu precisava me preparar para esse momento, mesmo querendo muito saber o que houve.

É horrível ser tão indecisa, mas eu sei que a causa dessa dúvida é o medo que o que quer que ele tenha para me falar me magoe de alguma forma.

Me magoe mais.

Dulce se afasta, deixando Eduardo e eu a sós no corredor. Ele me olha com expectativa e eu respiro fundo. Meu pai diz que não é bom fugir dos fantasmas, eles nos perseguem, temos que enfrentá-los.

— Tudo bem, vamos conversar — declaro, mas meu tom de voz sai mais seco do que eu desejava.

Talvez seja por causa da angústia que queima no meu peito.

— Vem, vamos conversar no quarto da Dulce para termos um pouco mais de privacidade — Ele sugere indicando uma porta no mesmo corredor, quase de frente.

Acompanho em silêncio, e mesmo que sejam só alguns segundos, é o suficiente para eu respirar fundo algumas vezes, acalmando o meu nervosismo.

— O que você tem para me dizer? — Pergunto arqueando a sobrancelha e tentando me controlar para agir como a adulta que sou, e não como a adolescente que quer brigar.

— Quero me desculpar com você — Ele fala calmo, mas continuo na defensiva.

— Pelo que exatamente? Por ter me sequestrado? Colocado alguém para me vigiar? Ou por ter ido embora e mentido para mim, depois de dizer que me amava? — Questiono deixando a mágoa escoar para fora.

— Éramos adolescentes, você não pode ficar com raiva por causa de uma coisa que aconteceu há nove anos — Ele fala impaciente e eu rio.

— Então estou brava porque você me sequestrou, que tal assim? — indago cínica arqueando a sobrancelha — Não me admira que você tenha virado um criminoso, já era um mentiroso mesmo.

— Você não sabe de nada do que aconteceu, será que pode ficar um pouco menos na defensiva para a gente conversar de boa? — Ele pergunta se aproximando — Eu não quero discutir com você, não quero brigar, quero que a gente fique bem, eu senti sua falta.

— Não se aproxime de mim e não tente mudar o foco do assunto, caramba, Eduardo, você não vai me dizer nada? — pergunto e sei que meu tom de voz sai quebrado, mas eu não consigo evitar, porque é assim que me sinto — Fiquei tão preocupada e tão triste por nunca mais te ver, nunca mais falar com você — eu suspiro e rio triste — E todo esse tempo você ainda estava aqui? Sou uma idiota.

— Eu vou te contar tudo — Ele começa e eu já me sinto impaciente — Eu nunca fui embora de São Paulo...

— Ah, jura? — Interrompo sendo irônica, mas ele ignora e continua falando.

— Mas eu não queria que meus amigos ricos soubessem que eu ia morar na favela, não queria que ninguém soubesse o caos que a minha vida tinha virado — Ele dá outro passo na minha direção e eu dou outro para trás — vocês eram todos ricos, sequer sabiam como era a vida aqui, e eu tinha certeza que se eu contasse a verdade, seria uma vergonha — Ele respira fundo e sorri de lado — Eu fui um adolescente muito tolo, hoje eu não tenho vergonha da minha casa, mas naquela época era diferente e tinha você.

— Eu confiava em você, eu am... gostava de você e teria ficado ao seu lado mesmo se tivesse me contado a verdade, talvez, até mais feliz por você ainda estar por perto — Rebato chateada — você mentiu por você mesmo.

— Eu também gostava de você, acho que nunca deixei de pensar em você, Gabi, mas eu não queria ficar com você se eu não era o cara que poderia ter uma vida como a que seu pai te dava — Ele diz e seus dedos tocam meu rosto suavemente — Mas agora eu posso fazer isso.

— O que aconteceu que você teve que se mudar para cá? — Pergunto antes que ele consiga fazer o assunto mudar completamente.

— Eu tive problemas familiares e...

— Seu pai morreu — Eu interrompo, ainda mais chateada — nem mesmo agora você iria me contar?

— Eu só quero a gente fique bem agora, sei que começamos errado, não queria ter te reencontrado por causa de um sequestro, claro que eu preferia outra situação — Ele diz tentando se manter controlado — mas aconteceu, eu sinto sua falta e você claramente não me esqueceu, você sabe que sempre vai ser minha.

— Eduardo... — Ele segura na minha cintura com uma mão e seus olhos azuis estão me hipnotizando, mas eu não posso deixar que ele faça o que quer.

— Gabriela — Ele diz com a voz rouca e um sorriso malicioso, tão perto de mim que sinto seu hálito quente.

Sinto minha pele se arrepiando, e antes que eu consiga processar tudo, sinto seus lábios contra os meus, e meus olhos se fecham e meu corpo reage ao seu toque.

Mesmo depois de tanto tempo... talvez eu tenha sentido mais falta dele do que me lembrava, talvez o que achei que estivesse esquecido só tenha ficado guardado.

A boca dele ainda se encaixa na minha, o beijo tem gosto de saudade desfeita, e é doce como um reencontro. Meu coração está acelerado e batendo forte.

Mas eu não posso me entregar assim.

Eu o empurro para longe e ele me olha em silêncio. Inferno de bagunça que esse homem faz na minha cabeça e no meu coração.

— Gabriela...

— Não, eu estou ainda mais irritada com você! — Exclamo, me esquivando dele.

— Você queria isso tanto quanto eu — ele diz se aproximando novamente.

— Sabe o que eu quero? Que você vá para o inferno! — Brado me afastando indo em direção à saída, mas ele me segura — Me solta!

— Vamos conversar!

— Eu não quero conversar, me solta — Grito com ele, mas ele continua me segurando e eu piso com força no pé dele.

— Gabriela! porra, isso dói! — Ele reclama me soltando — Você não pode fugir de mim.

— Você é um idiota! — Exclamo alto e saio do quarto, deixando ele para trás.

Quero ir para a minha casa, quero esquecer o Eduardo e esse beijo, quero deitar na minha cama e não pensar em mais nada.

Passo pela sala como uma bala, ignoro a Dulce falando comigo e o Dionísio vindo atrás, só quero ir embora.



Capítulo 09

Gabriela Baltazar

Olho para os lados em busca do caminho que fiz até aqui, mas não prestei atenção no caminho que fiz, e agora estou perdida. Eu nem mesmo segui uma direção ao sair, só queria me afastar de lá o mais rápido possível.

E não sei dizer se eu estava realmente fingindo dele, ou fugindo do que senti.

Talvez... não, nada de talvez! Ele é um mentiroso, um bandido, um sequestrador. Não vou pensar em nada sobre esse idiota. Nós já conversamos, ele me contou o que aconteceu, não acho que seja uma justificativa justa, mas é isso.

Preciso me manter distante.

— Ei! Ei! — Sinto uma mão segurando o meu braço e me assusto, mas quando me viro, dou de cara com o Dionísio — Onde você tá indo? Seu carro está para o outro lado, vem, eu te levo.

Assinto, até um pouco agradecida, porque eu não saberia ir até o meu carro sem ajuda. Eu odeio tudo o que estou sentindo nesse momento, queria tanto conversar com o Eduardo, mas agora... droga! Agora me sinto quebrada. Definitivamente, quando eu chegar em casa, vou beber uma cerveja e fingir que eu não tenho problemas.

— Obrigada — Agradeço e ele apenas assente, começando a me guiar.

Queria conseguir algo para me distrair, qualquer coisa que fosse o suficiente para tirar da minha mente, e do meu coração, a confusão de sentimentos que ficou em mim depois daquele beijo. Eu não deveria estar assim, não deveria me sentir tão balançada, não mesmo.

Faz nove anos. Como eu não o esqueci de verdade em todo esse tempo?

Entro no carro no banco do passageiro quando chegamos no carro, Dionísio começa a dirigir e eu fico olhando para a rua em silêncio, queria que a minha mente fizesse silêncio também, mas estou começando a me encher de lembranças. Eu não sabia que ainda havia tanto do Eduardo guardado na minha memória.

Lembro do nosso primeiro beijo, foi no primeiro ano do ensino médio, na quadrilha. Quase rio lembrando que foi dentro da gaiola do amor. Minha amiga mandou prender a gente, e só poderíamos sair depois que nos beijássemos, e eu queria muito, mas tinha vergonha porque também era meu primeiro beijo, mas ainda assim, foi muito bom, quero dizer, foi horrível, mas foi bom porque eu tinha uma quedinha por ele.

Apesar de estudarmos na mesma sala, eu tinha quatorze anos e ele dezesseis. Eduardo era o meu melhor amigo antes disso, e depois se tornou mais, amizade não era o suficiente, por isso

dividíamos beijos, carinhos e paixão.

Eu passava a maior parte do meu tempo com ele, confiava nele. Que droga! Por que ele não podia ter um pouco mais de consideração por mim? Por que ele não me procurou como disse que faria? Por que ele só sumiu? Por quê? E como ele virou um traficante? Eu só queria que ele fosse realmente sincero.

Mas ele fica tentando me enrolar, e é ótimo nisso. Ele foi um adolescente bonito, ele sempre foi bonito, nunca teve uma época ruim, mas agora... respiro fundo recuperando um fôlego que não me dei conta de que estava perdendo. Eduardo agora é um monumento de homem, muito alto, forte, a barba baixa, os olhos azuis intensos e marcantes, o cabelo desgrenhado que dá vontade de colocar a mão, e todas aquelas tatuagens o deixam ainda mais gostoso. Eu pecaria... Nãããão.

Foco, eu não posso ficar pensando esse tipo de coisa, eu preciso esquecer-lo.

— Doutora? Doutorinha! — Escuto o Dionísio me chamando e percebo que estava presa em um transe. — Tá me escutando? Tá bem?

— Estou, sim, desculpa — peço, me virando para olhar para ele — O que você disse?

— Quer que eu te leve até em casa? — Ele pergunta e eu fico confusa — Eu sei onde você mora, e você não tá parecendo muito atenta, e admito que é legal dirigir esse carro.

— E como vai voltar para casa depois? — Pergunto e arqueio a sobrancelha — Como sabe onde eu moro?

— Sabe como é? Tenho que estar sempre informado — Ele dá de ombros e eu arqueio a sobrancelha — E depois dou meus pulos, pego um ônibus, fico pelo bairro mesmo e...

— Você não está me dizendo que vai ficar me vigiando da mesma forma que tava no hospital, né? — Pergunto incrédula. Não é possível que o Eduardo esteja se achando no direito de por um “guarda” na minha cola.

— Se você não quer que eu diga, eu que não vou dizer — ele responde e eu respiro fundo.

— Você não vai ficar por lá me vigiando, que ideia absurda é essa? Da onde ele tirou que pode ficar me vigiando? Ele só pode ter enlouquecido — Reclamo irritada e respiro fundo — Você volta para casa, por favor.

— Doutora, você é muito legal — Ele diz de um jeito amigável — Mas é que você não é meu chefe...

— Eu vou ligar para aquele... aquele idiota agora! — Exclamo pegando meu celular e olho para o Dionísio — Qual é o número dele?

— Não sei se posso te falar — Ele fala parecendo receoso.

— Se eu estivesse indo para a minha casa dirigindo, o que você faria? — Pergunto irritada — Porque supondo que você fosse depois, você não teria como saber se eu estaria em casa mesmo, não saberia se fui para outro lugar ou se sei lá, meu carro tivesse explodido no meio do caminho.

— Você tem um bom ponto, mas eu ainda sigo ordens — Ele fala dando de ombros.

Eu bufo baixo, mas como uma epifania, lembro que ele me ligou uma vez e começo a procurar na agenda as ligações que recebi na noite que levei o Lucas ao hospital e ligo no único número que não tenho salvo, e torço para que seja o dele mesmo, pois quero muito reclamar

dessa ideia de jerico dele.

Coloco para chamar e coloco o celular no ouvido, enquanto bato os dedos da minha mão na minha perna. Não acredito que já vou ter que falar com ele, não era isso que eu queria.

— Achei que você estivesse fugindo de mim — Escuto-o dizer no momento em que a chamada é atendida.

— É exatamente isso que eu estou fazendo — rebato, impaciente — Por que você acha que tem o direito de ficar colocando gente para me vigiar? Enlouqueceu de vez?

— Eu só estou cuidando de você — Ele diz tranquilo e eu reviro os olhos, mesmo que ele não veja.

— Eu quero que você pare com essa loucura, eu já disse que vou cumprir o que prometi — Reforço irritada — Para de ser louco, não quero ninguém me vigiando, que inferno!

— Você deve estar linda toda irritadinha assim — Ele diz calmo, me deixando ainda mais irritada.

— Eduardooooo! — Exclamo alto, irritada, e vejo o Dionísio me olhando de canto, espantado.

— Vamos falar sobre isso — Ele diz sério — Você realmente vem olhar o Luquinha?

— Claro que eu vou, não preciso de um vigia para me levar a força até aí, eu sei dos meus compromissos e você não pode me vigiar, é errado... quero dizer, é errado mesmo, mas porra!! Me respeita pelo menos um pouco, você não acha que se eu fosse fazer algo contrário, eu já não teria feito? — Falo inconformada e puxo ar com força — Você agiu como se eu não existisse, me fez passar por um momento traumatizante, eu só quero paz, Eduardo, só paz.

— Tudo bem — Ele responde, mas com um tom de voz um pouco seco — Eu vou te dar a paz que está pedindo, mas espero que você cumpra o que tem que fazer. Pelo Luquinha, eu te colocaria em outra situação como aquela — Ele avisa sério, e eu entendo, é o filho dele — Então vou mandar o Dionísio voltar, tenha uma boa tarde.

Ele desliga a chamada, seu tom de voz estava quase frio. Eu passo a mão no cabelo respirando fundo e sentindo um incômodo dentro do meu peito, mas ignoro, porque isso tudo é culpa dele.

Que se foda, ele não vai me tirar a paz.



Capítulo 10

Gabriela Baltazar

Eu deveria ter descansado, depois da minha aula teórica da residência, acho que a única coisa que tenho feito nos últimos dias é enlouquecido. E isso é tudo culpa do Eduardo. Ele tem ocupado a minha mente mais do que eu consigo mensurar, mesmo que eu não esteja o vendo.

E a pior parte é que eu não sei se gostaria de estar vendo ele ou não. Tudo sobre ele me deixa confusa.

Além do beijo, o que ele fez para me deixar tão fora do eixo dessa forma? Nada! Estou me enganando sozinha.

Balanço minha cabeça e respiro fundo, eu esqueci... eu o superei uma vez, posso fazer isso outras vezes, posso viver sem pensar nele. Eu já fiz isso, só preciso fazer de novo. Não vai ser tão difícil assim.

Dizem que o pior mentiroso é aquele que mente para si mesmo, talvez eu seja boa em ser a pior.

Pego a minha bolsa e saio do carro, já é o quarto dia que vejo o Luquinha. Eu já não espero encontrar com o Eduardo, não será no final de semana que o verei.

Eu nem mesmo deveria estar pensando nisso, acabei de falar para mim mesma que deixarei de pensar nele.

Talvez eu não seja tão boa em mentir assim.

— Doutorinha! — Escuto uma voz já conhecida me chamando e olho em volta até ver o Dionísio vindo na minha direção com um sorriso aberto. Devo admitir que eu já admiro o bom humor dele — Bom dia!

— Bom dia, Dionísio — Respondo com um sorriso pequeno — Como você está?

— Estou ótimo, principalmente porque hoje é dia de baile — Ele fala animado enquanto me acompanha.

— Juízo então — Aconselho e ele ri alto.

— De jeito nenhum, eu não sou Dionísio à toa — Ele fala rindo — Você sabe o que significa o meu nome?

— O quê? — Pergunto curiosa.

— Dionísio era o deus do vinho, das festas e da alegria, tenho que fazer por onde merecer o meu vulgo — Ele fala dando de ombros — Sabe, eu acho que você tinha que vir para o baile.

— Eu? No baile? — Pergunto surpresa e ele me olha acenando positivamente — Não

mesmo.

— Qual é, doutorinha? Acha que a gente não sabe fazer festa? — Ele pergunta arqueando a sobancelha.

— Eu não estou dizendo isso, só que eu sou mais caseira, não gosto muito de festa mesmo — Explico e ele me olha desconfiado — Estou falando sério.

— Vem pro baile e eu vou te ajudar a mudar de ideia — Ele diz e eu semicerro os olhos olhando para ele — Não estou dando em cima de você, eu juro! O chefe... É... Não é isso, é que...

— Para de enrolar e fala logo, Dionísio — Peço em um tom exigente. Eu realmente quero saber o que ele ia falar sobre o Eduardo.

— Olha só as horas — desconversa, olhando para o pulso, mas não tem relógio nenhum ali — Tenho que ir fazer umas coisas ali, sabe como é, né? Tenho que trabalhar — Ele diz, já se afastando — Mas vou te esperar pro baile, doutorinha, você vai gostar.

— Dionísio?! — Eu exclamo e ele se afasta acenando um tchau com a mão.

Eu bufo baixo, indignada que ele não me disse o que ele ia falar sobre o Eduardo, mas tenho certeza que se ele está falando isso, é porque o Eduardo falou alguma coisa, mas o que ele teria dito? É uma droga que eu já esteja pensando no Eduardo novamente, eu preciso esquecer esse homem.

— Bom dia — Dulce diz da porta de casa e eu me viro para ela com um sorriso pequeno.

— Bom dia, como a senhora está? E o Luquinha? — Pergunto enquanto entro na casa, que já me sinto estranhamente acostumada, mas já são tantos dias vindo aqui.

— Tia! — Escuto a voz animada do Lucas e o vejo sentadinho no sofá com a tipoia no braço. Ele é tão pequenininho, mas parece tanto com o Eduardo.

— Como meu paciente favorito está? — Pergunto me aproximando dele.

— Bem — Ele responde com um sorrisinho e aponta para a tipoia — Quelo tilar.

— Ainda não, lembra o que a gente combinou? — Pergunto e ele balança a cabeça fazendo um não — Só vamos tirar quando você estiver curado.

— To bem já — Ele insiste fazendo bico e eu sorrio achando fofo.

Luquinha tem a mesma cor de olhos do Eduardo, um azul-claro, cabelos castanhos e fez três anos no mês passado, julho. E eu sei que o Eduardo puxou isso da mãe dele, porque eu a conheci. Pensando nisso agora, será que ela também mora aqui? Não a vi ao longo dessa semana.

Respiro fundo, porque agora não é o momento de pensar sobre isso.

— Deixa eu cuidar de você? — Pergunto e ele faz biquinho.

— Desenho — Ele aponta para a televisão.

— Vamos combinar assim então, você assiste um pouco agora e depois a tia olha o seu braço, pode ser? — Eu pergunto e ele acena sem me dar atenção e eu me levanto do sofá e olho para Dulce — Pode conversar agora?

— Claro — Ela concorda e me guia até a cozinha — Está tudo bem?

— Está, sim, mas eu marquei alguns exames para ele daqui a dois dias, na segunda-feira, precisamos de mais cuidados do que eu posso dar aqui — explico — Ele precisa passar por

profissionais especialistas, não quero que ele corra o risco de crescer com algum trauma ou sequela.

— Obrigada por ser tão atenciosa — Ela agradece e eu sorrio para ela.

— Só estou fazendo o meu trabalho — Respondo com um sorriso pequeno.

— Você sabe que não é só isso — Ela diz me encarando — Você chegou aqui contra a sua vontade, e agora volta todos os dias para cuidar dele, e faz isso com tanto amor que o Luquinha gosta de você, pergunta por você. — Ela fala séria, mas, ao mesmo tempo, com suavidade — Você é completamente atenta aos detalhes, e eu realmente te agradeço por isso. Outra pessoa já teria dado um jeito de abandonar o barco.

— Outra pessoa já estaria morta — não sou eu que digo, e quando olho em direção à porta e vejo o Corvo ali — A senhora sabe que sim.

Sei que a minha afirmação não é leviana, eu lembro bem do Corvo querendo me matar. A Dulce segue o meu olhar e o nota ali.

— O que você veio fazer aqui? — Ela pergunta e eu fico no meu canto, só observando.

— Loki mandou trazer algumas coisas aqui — Ele explica erguendo a sacola e colocando-a sobre a mesa — E você — Ele aponta para mim — É melhor fazer seu trabalho bem.

— Não preciso que você me diga como trabalhar — respondo com a expressão fechada.

— To indo — Ele diz me ignorando e começa a sair.

Eu reviro os olhos e a Dulce me pede para esperar porque ela tem que falar com o Corvo, eu aceno, deixando a cozinha e seguindo para a sala.

Me sento com o Lucas e ele começa a me contar do desenho. A verdade é que eu só entendo cerca de cinquenta por cento de tudo o que ele está falando, mesmo assim continuo dando atenção. Definitivamente, a companhia do Luquinha é excelente e divertida.

Quando o desenho dele acaba, ele finalmente aceita que eu troque o curativo dele.

Ele é uma criança muito agitada e falante, falante do jeito dele, e em nada se parece com o Eduardo, porque ele sempre foi muito quieto e fechado. De repente, ele começa a me contar sobre como é o pai dele. É realmente diferente ouvir essa versão do Eduardo.

Um Eduardo que é pai, e um pai bastante presente.

— Ele é um super *helói* — Lucas fala convicto quando eu termino de arrumar o curativo.

— Que tipo de herói ele é? — Pergunto dando total atenção para ele.

— O melhor! — Ele exclama tão animado que até dá trabalho para colocar a tipoia de volta e antes que eu consiga responder ele, vejo seus olhinhos arregalaram e um sorriso enorme surgir — PAPAI!

Eu me viro e vejo o Eduardo parado na porta, não sei quanto tempo ele estava ali, mas sinto meu coração parando, mas respiro fundo e mantenho minha expressão neutra.

Estou com saudade dele? Sim. Vou demonstrar? Não!

Eduardo não terá nada de mim. Está decidido assim.

Me viro para o Lucas com um sorriso pequeno, mas preocupada com o fato dele estar tão agitado. Tenho medo que ele acabe abrindo a ferida, ele fez uma cirurgia na semana passada, tem que se manter mais calmo.

— Amanhã eu volto para ver você de novo, Luquinha — Falo ainda ignorando a presença do Eduardo. — E você cuidado com esse braço, mocinho.

— Tá, tia — Ele me responde colocando a outra mão sobre a tipoia, mas seus olhinhos estão brilhando.

— Como ele está? — Escuto o Eduardo falando bem perto de mim, mas ele se senta ao lado do filho.

— Ele está bem melhor, mas ainda precisa manter o braço mais quieto, eu agendei alguns exames para ele, ele precisa passar por profissionais especialistas como fisioterapeuta e um psicólogo — Explico mantendo o tom de voz o mais profissional que eu consigo.

— Um psicólogo? Ele não é muito pequeno? — Ele pergunta visivelmente preocupado.

— Ele é muito pequeno e levou um tiro, passou por uma cirurgia, e agora tem que ficar horas quieto para não piorar o braço — esclareço séria, tento ser profissional, mas eu estou me sentindo irritada com ele — Ele não pode internalizar o trauma e crescer com ele.

— Você está certa, obrigado Gabi — Ele responde com um sorriso pequeno.

— É o meu trabalho — respondo um pouco seca — Preciso ir agora, se tiver alguma emergência, pode me ligar.

— Te chamar para sair é uma emergência? — Ele pergunta com um sorriso de lado.

— Não, eu não quero falar com você nesse sentido, Eduardo — nego imediatamente, já pegando minhas coisas para ir embora.

— Gabriela...

— Não, não começa, olha a gente não vai discutir sobre isso nem agora e nem em momento nenhum, tenha um bom dia e... — Eu faço uma pausa e suspiro — O que a tinha chance de ser algum dia acabou lá trás, eu só... eu tenho que ir, cuida bem do Luquinha.

Eu começo a sair da casa e ele não diz nada e não se move, e era exatamente isso que eu queria, mas eu tenho que parar de sair dessa casa como se eu estivesse fugindo, porque tudo que eu queria esquecer está dentro de mim. Me sinto tão confusa e definitivamente eu não queria me sentir assim.

Puxo o ar devagar para dentro do meu pulmão e solto o ar também devagar, eu deveria saber lidar com as coisas que eu sinto.

— Eu vou te acompanhar até o seu carro — A voz do Corvo me assusta e eu dou um passo para trás no reflexo. — Pode ficar tranquila, eu não vou fazer nada com você.

— Obrigada? — Eu falo meio confusa.

Ele indica o caminho e eu começo a andar completamente desconfiada, ele não gosta de mim, por que está me acompanhando? E se ele estiver planejando me matar? Espero que o Eduardo tenha deixado bem claro que não podem me matar, ele ser o chefe deve servir para essas coisas, eu espero.

— Não precisa ter medo de mim — Ele fala e eu deixo escapar uma risada irônica — Estou falando sério.

— Olha, Corvo, não me leva a mal, mas você me ameaçou mais vezes dentro desse mês, do que eu fui ameaçada a minha vida inteira, você colocou uma arma na minha cara, me emburrou mais vezes do que eu posso contar e ainda quis me matar quando eu só queria levar a

criança para um hospital, você quer que eu não tenha medo de você é um pedido um tanto quanto ousado — Eu falo rápido e ele me olha de canto e ri baixo.

— Eu tenho um jeito meio truculento mesmo, mas eu preciso manter as coisas em ordem — Ele diz dando de ombros — E mortos não falam, não denunciam.

— Depois você quer que eu fique de boa perto de você — resmungo, revirando os olhos.

— Você tem a intenção de prejudicar alguém daqui? — Ele pergunta arqueando a sobrancelha.

— Óbvio que não! — exclamo, esse cara é inacreditável — Fala logo o que você está querendo, você não ia me acompanhar a troco de nada, ou sei lá, para fazermos as pazes.

— Eu tenho uma proposta para fazer para você — Ele diz sério e eu arqueio a sobrancelha intrigada.

— Qual proposta? — Pergunto um pouco desconfiada.

— Eu acho que você poderia montar uma clínica aqui na comunidade, eu já conversei com o Loki sobre isso, a gente vai investir no que for preciso, e claro que você também teria um salário e....

— Calma aí, eu sou só uma residente, ainda não posso assumir uma frente dessa e montar uma clínica... isso é uma responsabilidade muito grande, um investimento muito grande, ainda precisaria de uma equipe — Eu preciso fazer uma pausa para respirar, não acredito no que eu ouvi.

— Mas se tivéssemos um atendimento assim aqui, o Luquinha não teria passado tanto sufoco, o pessoal poderia ser atendido sem problemas, e ainda ajudaria a população — Ele diz e eu entendo o ponto.

— Eu não posso e não vou aceitar sua proposta, porque acho que ela está completamente fora de base, não vai acontecer — nego convicta, isso está definitivamente fora de cogitação.

— Só pensa bem sobre isso, dinheiro para montar e comprar o material não vai ser problema, estou garantindo que vou custear tudo — Ele fala sério — Vou aguardar seu retorno para que a gente possa começar a organizar o projeto, eu não sei exatamente como montar, mas sei o que quero e tenho dinheiro para isso.

— Eu não vou retornar sobre isso — Eu falo séria, agradecendo já estar quase em frente ao meu carro.

— Eu vou esperar, porque eu sei que você vai sim pensar sobre isso — ele fala com um sorriso pequeno — Pensa em todas as pessoas que você vai poder ajudar a se curar, e ainda vai receber por isso, é um projeto social também, não foca no que não precisa ser destacado agora.

— Tenha um bom dia, Corvo — Eu me despeço abrindo a porta do meu carro e ignorando tudo o que ele está dizendo, acho que eu preferia quando ele não falava comigo.

— Bom dia, doutora — Ele responde calmo — E hoje tem festa aqui, está convidada.

Eu olho para ele, séria e fecho a porta do carro, como se eu não tivesse muita coisa para fazer e pensar, e é uma droga que ele esteja certo, isso vai ficar na minha cabeça e eu não aguento mais guardar tudo isso que está acontecendo para mim mesma, acho que vou enlouquecer.

Ligo o carro e começo a dirigir, mas eu não vou para casa, preciso falar com a minha

melhor amiga.



Capítulo 11

Gabriela Baltazar

Passo a mão no rosto, me sentindo nervosa e irritada, mas não é como se eu tivesse motivos para isso, ou é? Sinceramente, não tenho ideia.

Que droga! O que eu deveria fazer agora?

— Ok, Gabriela, quanto tempo mais você vai ficar andando de um lado para o outro no meio da minha sala? Sua tentativa é de cair no andar de baixo? Porque já aviso logo que quem mora lá é um velho barrigudo estranho — Larissa fala me encarando do sofá — Você ainda nem disse o que está acontecendo, e vamos aos fatos, você tem estado estranha.

— Certo, vou ser bem direta — Eu aviso e ela arqueia a sobrancelha aguardando — Eu fui sequestrada pelo Eduardo.

— O quê? — Ela pergunta enquanto franze as sobrancelhas e seu corpo dá um pequeno solavanco, sei que a informação foi muito direta — Me explica isso direito, com detalhes, por favor.

— Vou contar tudo, mas é muita coisa, tenta não me interromper — peço, sentindo algo como desamparo com cansaço.

— Vou ficar quietinha — ela responde e bloqueia o celular que estava na mão — pode falar.

Eu respiro fundo organizando as coisas no meu pensamento. Não é como se eu tivesse algum problema em falar as coisas para a Larissa, ela é a minha melhor amiga desde sempre, mas não é tão fácil falar algumas coisas.

Principalmente porque elas não fazem sentido nem para mim, imagina falada em voz alta. Eu tenho uma teoria de que tudo dito em voz alta parece pior.

— Gabi, estou esperando...

— É que é tanta coisa — falo em meio a um suspiro — certo, vamos lá.

Conto tudo. Em todos os detalhes. Falo sobre o sequestro, a cirurgia do Luquinha e até o apelo que eu tive que fazer ligando para o Alonso, sinto um enorme desgosto e nojo, quando penso nele.

Também conto sobre as visitas para verificar o Luquinha, e por fim, falo sobre o beijo.

Me sinto aliviada de finalmente estar colocando isso para fora, apenas os meus pensamentos estavam me deixando completamente ensandecida.

— Muita informação! — Ela exclama visivelmente atordoada — Caralho!

— Imagina como eu que vivi tudo isso me sinto — comento, me jogando para trás na poltrona.

— Caralho! — Ela exclama novamente, me encarando com os olhos arregalados.

— É o que estou dizendo! — Eu exclamo um pouco alto e respiro fundo — O que eu estou fazendo da minha vida?

— Eu ainda não sei qual parte me impactou mais, o sequestro? O Eduardo ter virado traficante? Justamente ele te sequestrado? A parte do Alonso não me surpreende, velho nojento, mas principalmente — Ela faz uma pausa dramática — Vocês se beijaram. Muita informação.

— E você não está me ajudando a lidar com isso — Eu reclamo fazendo bico.

— Amiga, só uma psicóloga para te ajudar com isso — Ela brinca e eu reviro os olhos — Mas falando muito sério agora, como você está se sentindo?

— Bagunçada, completamente bagunçada — Eu respondo sincera e me ajeito na poltrona para olhar para ela enquanto falo — Vamos aos fatos, ele me abala de um jeito que ninguém nunca fez, mas ele não... eu não sei, não parece sincero, não fala as coisas, não gosto disso.

— Eu te conheço, Gabi, você só precisa de tempo para perdoar ele de verdade. Você nunca se envolveu com ninguém em todos esses anos...

— Me envolvi sim! — Me defendo, interrompendo a fala dela.

— ... nunca se envolveu por mais que algumas semanas porque uma parte de você sempre esperou por ele, mesmo quando todo mundo te dizia para seguir em frente, eu mesma perdi as contas de quantas vezes te avisei que ele não voltaria — Ela diz um pouco mais séria e eu suspiro engolindo o choro.

— E ele nunca voltou, e isso dói tanto, eu sinto... eu estou sentindo tanta coisa, principalmente que eu sou uma completa idiota, porque estar chorando agora, porque eu... eu gosto tanto dele, como se o que eu sentia continuasse aqui, agora acordado, porque eu o vi, e ele me beijou — Eu limpo algumas lágrimas que descem — mas dói que ele nunca voltou, e eu sequer estou pensando em toda a merda que está em volta, caralho! Fui sequestrada, poderia ter morrido. Ele é um bandido, um bandido! Sabia que ele tem passagem pela polícia? Pois é! — Preciso fazer uma nova pausa porque o nó na minha garganta não está me deixando falar como eu gostaria — Mas eu não estou pensando em nada disso, porque eu só queria ele.

— Vem aqui — Ela fala batendo no sofá ao lado dela.

— Eu não sou uma criança que precisa ser abraçada para ser consolada — Eu falo com a voz embargada.

— É, sim, anda logo que a poltrona que você está não cabe nós duas — Ela fala firme, mas com suavidade e eu suspiro e me sento ao lado dela.

No mesmo instante ela me abraça, me deixando chorar no seu ombro. Acho que até a primeira lágrima escorrer, eu não sabia que estava querendo tanto chorar, mas me sinto tão fraca por isso.

Me sinto culpada por ainda ter tantos sentimentos por ele.

— Eu sei o que você está pensando, e saiba que você não pode se culpar pelas coisas que sente. Eu estava lá quando você conheceu o Eduardo, estava lá quando vocês se apaixonaram e eu vi tudo, perto demais para o meu gosto, já que eu era sempre a vela — Ela fala brincando e eu

acabo rindo em meio às lágrimas — Mas, eu estava lá quando ele foi embora, e você esperou por ele até seu coração se partir ao perceber que ele realmente não daria nenhum sinal, nenhuma ligação, nenhuma mensagem. Nada. Pode chorar e sentir, e está tudo bem.

— Obrigada por me entender — Eu falo me afastando um pouco — Mas o que eu deveria fazer agora?

— O que você gostaria de fazer agora? — Ela devolve a pergunta.

Eu fico em silêncio, pensativa, tanta coisa que eu gostaria de fazer agora e, ao mesmo tempo, nada. Mas só consigo pensar em uma forma de aliviar essa dor que estou sentindo.

— Nós vamos sair para beber, e nós vamos beber muito — Eu falo decidida, limpando os olhos. — Quero beber até esquecer o meu nome.

— Tem certeza disso? — Ela pergunta um pouco receosa.

— Tenho certeza absoluta! — Afirmo completamente segura — E eu vou deixar meu celular desligado.

— Vamos encher a cara hoje — Ela responde sorrindo para mim.

— Não vai resolver nada, mas eu não quero mais pensar nisso — Eu falo ficando de pé — Vamos nos arrumar aqui na sua casa mesmo e vamos de Uber.

— Tem algum lugar em mente?

— O mesmo bar de sempre parece ótimo para mim — Dou de ombros.

— Tudo certo para dar errado — Ela fala rindo, mas eu não dou moral.

Sinceramente, falar tanto sobre os meus sentimentos faz com que eu me sinta exposta e encher a cara até perder o senso, e esquecer tudo, me parece uma boa opção, já que eu não vou atrás do Eduardo.



Eu sempre venho no mesmo bar, variar nunca foi o meu forte, declaradamente metódica. Acho que faz parte do meu charme já. Só que hoje está tudo parecendo tão sem graça.

As músicas estão irritantes, a bebida quente, tudo parece chato, sem graça e sem cor.

— Nós temos que ir para outro lugar — Declaro, virando o meu olhar para a Larissa.

— Sim, amiga, para casa — Ela responde e eu reviro os olhos. A noite está apenas começando.

— Não, eu tenho uma ideia melhor — Eu falo sorrindo e ela me olha desconfiada — Estou falando muito sério.

— Então me diz, qual sua ideia para essa noite — Ela pede e eu sorrio.

Eu sei que bebi muito, mas sei também que estou sóbria o suficiente para fazer o que eu

quero fazer, tenho certeza que não vou me arrepender amanhã e principalmente, eu fui convidada duas vezes, seria um completo descaso não ir.

— Nós vamos ao baile que vai ter, quero dizer, que está tendo na comunidade do Eduardo — Eu digo convicta e a Larissa ri incrédula.

— Acho que eu não entendi direito — Ela diz respirando fundo e bebê de uma vez a bebida no copo, para só então me encarar — Você está o tempo todo com o celular desligado para simplesmente aparecer lá do nada?

— Não é do nada, meu amigo Dionísio me convidou — Justifico dando de ombros — Você vem comigo ou não?

— Claro que sim — Ela responde no mesmo instante e isso me faz sorrir — Você já deve estar bem louca para achar que eu vou te deixar sozinha.

— Então vamos pagar e vamos — falo animada.

Larissa pede a conta e duas doses de tequila com a justificativa de que temos que fechar nosso momento aqui com estilo. Saímos do restaurante e pegamos um táxi, bebemos demais para dirigir e eu planejo beber ainda mais.

— Moças, eu acho que o endereço está errado — o motorista fala com certa estranheza na voz.

— O quê? Por quê? — Pergunto confusa, já que tenho certeza que coloquei o endereço correto.

— Vou falar o endereço e vocês confirmem, porque não acredito que moças que saíram daquele bar de alta classe estejam indo para a favela — Ele fala e eu fecho a expressão no mesmo instante.

— É esse endereço mesmo, está correto — Larissa fala antes de mim, certeza que ela sabia que eu estava pronta para brigar.

— Eu não vou até lá, vamos ter que cancelar — Ele diz já começando a ir para o acostamento.

— Eu pago o triplo da corrida — Eu ofereço, contrariada de ter que fazer isso, mas ofereço.

— Ainda não compensa se eu for assaltado e perder meu carro — Ele responde firme e eu reviro os olhos.

— Se o senhor for assaltado lá, por causa da minha corrida, eu te dou um carro novo — Eu ofereço mais uma vez — Vou te passar meu nome e telefone.

— Tá certo então — Ele fala voltando a dirigir em direção ao endereço que pedi.

— O senhor vai precisar apresentar boletim de ocorrência com horário e local, caso ocorra furto ou assalto — a Larissa avisa e eu sorrio, por isso que é bom ter uma amiga formada em direito e levá-la nos rolês.

— Beleza — Ele responde seco.

Olho pela janela do carro e acho incrível como essa cidade nunca dorme, mas são doze milhões de pessoas vivendo na mesma cidade, é claro que seria assim, agitada e intensa. Felizmente não me imagino vivendo em nenhum outro lugar do mundo.

Sinto meu corpo sendo jogado para frente e fico silenciosamente grata por estar de cinto, meu coração vai a mil e eu olho para a Larissa que também está assustada com a freada brusca que o motorista deu.

— O que aconteceu? — Pergunto atordoada e escuto algumas batidas no vidro da janela e vejo que é do lado do motorista.

— Quê que cê tá fazendo aqui, meu chegado? — Um cara armado pergunta e eu vejo o motorista engolir seco. Estar logo atrás do banco do passageiro me ajuda a ter uma boa visão de tudo.

— Eu sou motorista de aplicativo, só vim trazer uns passageiros — ele se explica com a voz vacilante e eu reviro os olhos.

— Abaixa o vidro — eu peço e a Larissa me olha confusa, mas faz o que eu pedi.

— Acho melhor você dar a volta agora, pra não ter problemas — Ele avisa, mas eu tenho certeza que já o vi por aqui, mas não lembro o nome. O álcool está atrapalhando um pouco os meus pensamentos.

— NÃO! — Exclamo tão alto que parece que gritei.

— Que porra de não o quê? — Escuto o homem que nos parou falando, com um tom irritadiço, e ele se abaixa perto da janela do lado da Larissa, que está atrás do motorista para olhar para nós. — Aaaaah, é você dotora.

— Pois é, sou eu e minha amiga, Larissa, e ele é só o motorista do *uber* mesmo — Eu explico, e agora que estou vendo o rosto dele melhor, sei que é o Igor, um amigo do Dionísio porque já os vi juntos algumas vezes quando estive aqui para ver o Luquinha.

— Você pode subir, sim, caralho, foi mal ter barrado — Ele fala tranquilo e sorrindo — veio pro baile ou...?

— Baile. Dionísio prometeu que seria bom — respondo em um tom divertido.

— Vai lá, aproveita bastante que os baile daqui são top, ele tá certo — Ele diz e eu agradeço.

— Eu vou deixar vocês aqui — O motorista avisa — Tá encerrada a corrida.

— Mas...

— Oxe, ainda faltam umas quadras — Igor fala e olha pro motorista — Não vai fazer isso com a dotora não, bora bora. Já vou avisar aqui no rádio que quem tá entrando é ela.

— Certo — o motorista responde um pouco contrariado e começa a dirigir.

Ele só para quando dá o local marcado, que já é bem perto do ponto do baile, sendo possível escutar o som alto. A Larissa paga a corrida e dá uma gorjeta a mais para o motorista. Acho que ele nunca mais pegaria uma corrida nossa.

— O que você fez para gostarem de você? — A Larissa pergunta depois que descemos do carro.

— o Luquinha, a criança que eu cuido, é filho do chefe deles — A lembro e ela faz uma expressão de compreensão — E eu sou muito legal.

Eu não tenho exata certeza de onde é a festa, mas tô seguindo a movimentação e a música e torcendo para encontrar o Dionísio pelo caminho, ele é o mais legal de todos que conheci aqui.

Até quero encontrar com o Eduardo, mas definitivamente o álcool no meu sangue ainda tá pouco para o que eu quero fazer. Preciso beber mais um pouco antes.



Capítulo 12

Gabriela Baltazar

Seguro na mão da Larissa e a guio até a festa mesmo, foi mais fácil achar do que pensei, e tem muito mais pessoas do que eu estava contando que fosse ter. Acho que é porque eu não tenho nenhum comparativo, nunca estive em uma festa assim.

— Para que lado nós vamos? — Larissa grita por cima da música e eu olho para os lados procurando o que fazer.

— Eu não sei — Respondo virando de frente para ela.

— Então vamos só seguir, dançar e fingir costume — Ela responde alto.

— Combinado — Eu concordo.

Vamos para um espaço menor apertado que encontramos que não parece o caminho de ninguém e começamos a dançar juntas, mas meus olhos estão no meio do povo, observando tudo. Sei que o que estou fazendo é procurar por ele, mas fingirei que não é isso porque quero me concentrar apenas em tentar me divertir.

— Gabi, estão vendendo bebida ali, eu acho que a gente precisa muito de álcool — Larissa fala atraindo a minha atenção.

— Eu realmente preciso disso — Falo com o alívio percorrendo meu corpo, porque estou sentindo minha leve embriaguez indo embora e eu preciso de mais.

Começamos a andar em direção ao local que está vendendo bebida, mas tenho a leve impressão de ouvir meu nome sendo gritado e começo a procurar ao redor, pode ser que tenha sido só alguém procurando por outra Gabriela. Até volto a andar, mas escuto novamente, porém dessa vez vejo o Dionísio vindo em minha direção.

— Você veio! — Dionísio exclama sorrindo.

— Fiquei curiosa já que nunca tinha vindo em um — Respondo sorrindo, é fácil conversar com o Dionísio.

— Vou te apresentar o melhor baile que você vai conhecer, porque aqui a gente sabe dar uma festa — Ele fala animado.

Eu olho para a Larissa para apresentar o Dionísio para ela, mas fico um pouco preocupada ao ver ela tensa, com os olhos levemente arregalados e só então me dou conta de que ela não está acostumada a ver pessoas armadas tão perto. E o Dionísio e o amigo dele estão visivelmente armados.

— Amiga, esse é o Dionísio que eu te falei, lembra? — Falo sacudindo o braço de leve dela.

— Oi, tudo bem? — Ela diz voltando a si.

— Opa, muito bem, e você, princesa? — Dionísio responde sorrindo para a Larissa.

— Estou bem — Ela responde e respira fundo — Mas eu preciso muito da bebida que eu estava indo buscar.

— Eu posso providenciar isso para vocês agora mesmo — Ele fala tranquilo e se vira para o amigo — Toug, pega lá...

— Não! — A Larissa exclama alto, atraindo a atenção — Eu agradeço de verdade a gentileza, mas a gente busca. Né, Gabi?

— É, a gente já volta — Eu confirmo e o Dionísio semicerra os olhos por um segundo e depois dá de ombros.

— Se precisar de nois, é só dar um grito — Ele fala tranquilo.

— Pode deixar — Respondo aliviada por ele ter levado na boa.

Eu entendo a escolha dela, não é aconselhável aceitar bebidas de pessoas que você nunca viu na vida, em um lugar que nunca esteve antes. Às vezes, não é aconselhável nem quando se conhece as pessoas e o lugar. Nós mulheres sabemos o quanto devemos nos cuidar.

Me afasto com a Larissa para comprar a bebida, mas antes de entrar mesmo no meio das pessoas, já que está lotado e isso vai ser inevitável, ela me puxa para o espaço mais aberto que encontramos.

— Está tudo bem? — Pergunto preocupada e a vejo respirar fundo algumas vezes.

— Eles tinham armas penduradas, você está bem com isso? — Ela pergunta e eu dou de ombros.

— Vamos só fingir costume, ok? — pergunto e ela acena.

Vamos até onde está vendendo bebidas e compramos duas, e voltamos para onde estávamos, não esperava encontrar o Dionísio no meio da bagunça novamente, mas ele ainda estava lá, mas sem o amigo.

Quando vejo o olhar dele sobre a Larissa, tenho certeza de que ele não ficou esperando por ser um bom amigo.

Começo a beber e vejo o Dionísio tentando cantar a Larissa e logo me distraio observando o baile, é muita gente e pouco espaço, mas todos parecem estar se divertindo bastante, inclusive eu.

Termino minha bebida e, definitivamente, preciso de outra para continuar me sentindo agitada assim, estou dançando como se a minha vida dependesse disso, é a bebida fosse o meu combustível.

— Vou pegar mais uma — Aviso balançando o copo vazio.

— Vocês deviam ir para mais perto de onde minha turma tá, lá tá mais fácil de pegar bebida — Ele diz tranquilo e eu noto que a mão dele está nas costas da Larissa.

— O que você acha amiga? — Pergunto olhando para a Larissa que dá de ombros.

— O que você decidir.

— Lá a nossa mesa tá forrada de bebida — O Dionísio argumenta.

— A gente pode pagar nossa bebida — A Larissa fala revirando os olhos.

— E daí? Melhor gastar dinheiro dos outros sempre — ele argumenta e eu rio.

— Tudo bem, a gente vai — Eu concordo.

Ele vai à frente abrindo espaço e nos guiando, me sinto um pouco ansiosa, como se eu estivesse ficando sufocada por tudo que está guardado em mim. Será que valeu mesmo a pena ter vindo aqui?

— Eu volto em um instante — o Dionísio avisa pegando o meu copo e o da Larissa.

— Ok — A Larissa responde, ele dá um selinho nela e se afasta para buscar as bebidas — Aqui é melhor mesmo, menos pessoas em volta, fica menos apertado.

— Achei que você ia dar um fora nele — Comento ainda surpresa e ela dá de ombros. — E não o deixaria pegar seu copo

— Ele é bonito, mais novo do que eu, mas ele é engraçado, foi me fazendo rir e agora quero dar para ele — Ela fala tranquila e eu rio — mas aquela arma ainda me assusta e ainda não acho certo deixar um desconhecido cuidar da minha bebida, mas pretendo ficar nua pra ele.

— Então estou sendo a vela agora? — pergunto divertida.

— Acontece com todo mundo — Ela responde rindo.

O Dionísio volta e entrega os copos, eu me afasto deles um pouco para ficar dançando e observando a festa, de repente meu olhar cruza com o de alguém que eu não gostaria mesmo de ter encontrado. O Corvo, ele acena para mim, mesmo que minha vontade seja de revirar os olhos, eu aceno de volta.

Mas eu noto que na frente dele, de costas para mim, tem quem eu estava procurando esse tempo todo. Respiro fundo e desvio o olhar, vou fingir que ver ele não era exatamente o que eu queria.

Olho para o lado e a Larissa está grudada no Dionísio, eles estão muito ocupados e eu não vou atrapalhar eles. Olho meu copo vazio e suspiro, vou ter que ir encher ele sozinha, só espero que eu não me perca aqui.

Caminho entre as pessoas procurando um lugar para comprar mais bebida, amanhã eu vou estar destruída de ressaca. Então melhor eu já aproveitar agora e beber tudo que eu tiver para beber.

Com o copo cheio começo a andar para procurar a Larissa, mesmo que eu não vá ficar tão perto, é melhor estar perto de alguém conhecido. Nunca se sabe quando a gente vai precisar de ajuda com alguma coisa.

Sinto alguém segurando o meu braço e me assusto ao ver que não é um rosto conhecido. Meu coração acelera entrando em pânico e eu tento puxar meu braço de volta.

— Para de charme, gatinha, vem aqui — O homem diz tentando me puxar para perto dele.

— Eu não quero, me solta! — Eu falo alto, mas quem tá perto não me ajuda, só se afasta um pouco.

— Para de fazer charme, tô te olhando há um tempão, sei que você tá querendo também — Ele fala com a voz enrolada e eu sinto nojo, não quero esse homem me tocando.

— Me larga! — Eu quase grito, mas o efeito é pior, porque ele segura no meu outro braço

fazendo a minha bebida cair e me puxa para mais perto dele.

Eu tento me debater para me soltar, mas ainda parece inútil, acho que bebi muito. Já estou sentindo uma enorme vontade de chorar.

— Quando você tiver...

— É melhor soltar ela agora ou eu quebro seu pescoço bem aqui e agora — Escuto alto, por cima do barulho alto da festa e noto o Eduardo apertando a nuca dele à medida que o cara me solta.

— Eu não sabia que ela era sua, chefe — O cara fala desesperado.

Eu me afasto dele, abraçando meu próprio corpo e noto que fizeram um círculo ao nosso redor. Olho para o rosto do Eduardo e ele tem uma expressão séria e repleta de raiva, posso até ver uma pequena veia marcada na testa.

— E também não sabe o que é a porra de um “não”? — Ele questiona e fica entre eu e o cara que me agarrou.

— Chefe... eu...

— Nunca mais toca na minha mulher, seu filho da puta. — Eduardo o interrompe falando com raiva e no segundo seguinte está socando ele.

Eu nunca tinha visto alguém bater em outra pessoa com tanta raiva e ódio, não que eu realmente me importe, aquele homem tentou me forçar, mas ainda assim, nunca tinha presenciado tanta violência.

Ninguém entra no meio, ninguém tenta separar, até que vejo o corpo do cara caindo no chão cheio de sangue. O Eduardo fala alguma coisa para o Corvo e depois vem em minha direção.

Queria ter entendido o que ele disse para o Corvo, mas a minha mente está girando e eu acho que bebi demais e agora bateu, acho que vou desmaiar.



Capítulo 13

Eduardo Vasconcelos

Seguro o corpo da Gabriela antes que ela caia no chão e a pego no colo, era o que faltava para completar essa confusão toda. Mas de qualquer forma, realmente espero que ela esteja bem.

— Corvo, resolve tudo — mando em um tom alto e firme, ele acena como resposta.

Começo a andar me afastando, as pessoas vão se afastando para que eu possa passar sem me preocupar. Acho que o melhor a fazer agora é levar a Gabriela para algum lugar mais calmo, por isso decido que o melhor que eu posso fazer agora é ir para casa.

Eu não poderia imaginar a Gabriela no baile, é quase destoante, ela não gostava de festas, nem de lugares com muitas pessoas, sempre gostou de tudo mais reservado. Se bem que faz anos que não nos vemos, as pessoas mudam e talvez isso tenha mudado nela.

Começo a me afastar da multidão, mas me viro quando escuto alguém gritando e vejo o Dionísio vindo em minha direção correndo. O que esse garoto quer uma hora dessas? E ele não está sozinho...

— Chefe! Espera! — Ele grita pedindo, mas definitivamente estou sem tempo.

Me viro ignorando eles, quem é aquela garota? Não importa, tenho mais com o que me preocupar. Até porque se ela está com o Dionísio, sei que ela não será um problema, ele sempre foi um bom garoto e nunca arrumou problemas, não irrita começar a fazer isso agora.

E no momento, tenho que cuidar da Gabriela que até agora não reagiu, já se passaram alguns minutos desde que ela desmaiou.

— Espera aí! — Escuto uma mulher falando, agora muito perto de mim e me sinto instantaneamente irritado de não conseguir pegar a minha arma, odeio aproximações repentinas — o que aconteceu com a Gabriela?

— O quê? — Pergunto me virando surpreso.

— A Gabriela — Ela fala indicando a Gabriela em meu colo, e eu acho o rosto dela muito familiar. Eu conheço essa mulher — O que aconteceu com a minha amiga?

— Quem é você, porra? — Pergunto irritado enquanto ajeito a Gabriela no meu colo para pegar a minha arma.

— Calma, chefe — Dionísio pede erguendo as mãos e ficando perto da mulher — Elas são amigas...

— Eu já perguntei e não quero ter que repetir — Falo rude, interrompendo o Dionísio.

— Que porra é essa? — Ela pergunta um pouco irritada — Caralho, eu sou a Larissa, e

— você está com a minha amiga desmaiada no colo, eu quem deveria estar com raiva aqui.

— Larissa? — Repito em forma de pergunta, mas é apenas a surpresa me escapando, eu sabia que a conhecia — Está tudo bem, eu sou o Eduardo — Falo e vejo ela arregalar os olhos um pouco, mas acredito que se ela estava aqui com a Gabriela, é porque ela já sabe de tudo o que aconteceu — Ela passou mal, precisei socorrer ela.

— E por acaso você sabe o que fazer? — Ela pergunta se aproximando, mas dessa vez eu deixo.

— Ia levar ela para a minha casa — Admito e ela semicerra os olhos para mim.

— Ela está fria! — Larissa exclama e isso me assusta.

— Porra! — Exclamo preocupado, e ignoro tudo ao meu redor, voltando a caminhar com a Gabriela em meu colo. Só quero chegar em algum lugar que eu possa cuidar dela.

Felizmente eu tenho uma casa perto daqui, e é para lá que eu vou levá-la. Larissa me acompanha e o Dionísio também, o que é bom, já que eu não mandei ninguém vir comigo, e eu sei que não é a coisa mais segura ficar vacilando em dia de baile. Apesar da segurança reforçada, sempre pode acontecer de alguém tentar derrubar em um momento de distração.

Esse mundo não é para pessoas descuidadas ou distraídas.



Entro na minha casa e coloco a Gabriela deitada no sofá. Como alguém pode desmaiar e ficar tanto tempo desacordado assim?

— Eu vou ligar para a Isadora, ela vai saber o que fazer — A Larissa diz pegando o celular.

— Você não é médica também? — Questiono. — Seria muito útil se sim.

— Não, eu sou advogada — Ela responde digitando no celular e me olha um segundo depois — Levanta as pernas dela.

— Pra quê?

— Só faz o que estou falando, vai ajudar — Ela diz e eu bufo, não gosto desse tom de autoridade comigo, mas faço, já que pode ajudar a Gabriela — Deveríamos levar ela no hospital.

— Busca a sua amiga — Respondo sério.

— Eduardo, você não pode ficar buscando médico quando acha que tem que fazer, eu vou levar a Gabriela embora — Ela fala séria e me encara.

A gente se encara por um momento. Ela não vai levar a Gabriela assim, eu cuidarei dela e ponto. A Larissa está completamente enganada se acredita por um segundo que seja que eu ainda sou o mesmo de alguns anos atrás. Porque definitivamente, hoje em dia, eu sou outra pessoa.

— Minha cabeça dói — Escuto a voz trêmula da Gabriela e desvio meu olhar para ela.

— Como você está se sentindo? — Pergunto preocupado enquanto solto suas pernas com cuidado — quer alguma coisa?

— Vomitar — Ela responde um pouco atordoadada.

— Eu vou te ajudar — Respondo e noto a Larissa se aproximando e fecho a expressão — Eu vou cuidar dela.

— Vou continuar bem aqui — A Larissa responde. — Acompanhando de perto.

Eu apenas a ignoro e me apresso com a Gabriela. Ela não vomita, apesar de tossir muito. A levo para o quarto e mesmo que ela esteja um pouco grogue, faço-a beber um pouco de água e um pouco de Coca-Cola. Seria bom se ela comesse algo, mas não acho que eu tenha algo adequado.

Ela mal se deita na cama e já está dormindo. Seria bom se ela tivesse colocado algo mais confortável, mas pelo menos ela já acordou do desmaio e dormiu de maneira, relativamente natural, logo vai estar bem. Exceto pela ressaca, o quanto essa garota bebeu?

Na sala, encontro a Larissa ainda sentada no sofá com os braços cruzados, ela me verificou de cinco em cinco minutos, me seguindo como se eu precisasse de alguma supervisão. Patético.

— Dionísio, espera lá fora — Eu mando e ele assente, saindo em silêncio.

— O que você está fazendo? — Ela pergunta em um tom sério.

— Eu cuidei dela, apenas isso — Respondo simples — pode ir tranquila...

— Está muito enganado se acha que eu vou a algum lugar sem ela, não bebi o suficiente para ser uma filha da puta que abandona os outros — Ela fala séria. — Não que todo mundo precise beber para isso.

— Eu não vou me estressar com você, quer ficar aqui? Eu não me importo — Falo dando de ombros.

— Você acha que ela vai te perdoar porque está bancando o herói? — Ela pergunta em um tom irônico e eu arqueio a sobancelha — Você vai precisar de muito mais do que isso.

— Eu não estou pedindo sua opinião, ou sua ajuda, é melhor que você se coloque no seu lugar — Eu digo sério e ríspido e ela ri, isso me deixa ainda mais irritado.

— Presta atenção, Eduardo, acha que eu tenho medo de você, por que você é bandido? Me poupe — Ela responde em um tom seco, nem parece que estava alcoolizada há minutos atrás — Não me faça perder o restinho de consideração que tenho de quando éramos amigos, porque depois do tanto que você fez mal para a Gabriela, não restou muita coisa.

— Do que você está falando? — Pergunto com os semicerrados.

— Não haja como idiota, sei muito bem que você não é — Ela fala e respira fundo — Ela acreditava que vocês ficariam juntos para sempre, mas você sumiu sem o mínimo de preocupação. Como acha que ela se sentiu? Acho que você não conhece a Gabriela o suficiente.

Eu nunca parei para pensar nisso, achei que ela me esqueceria facilmente, mas se bem que, eu nunca a esqueci. Talvez a Larissa esteja certa, eu deveria ter pensado sobre isso. A questão é que não se pode mudar o passado.

— Eu não vou discutir sobre isso — declaro — Você vai ficar aqui ou vai embora?

— Não vai discutir porque você sabe que eu estou certa, e é claro que eu vou ficar — Ela

responde como se fosse óbvio — E no mesmo quarto que a Gabriela.

— Você já sabe o caminho — digo dando de costas, estou farto dessa conversa.

— Pensa bem se você realmente gosta dela, se realmente a quer na sua vida, não quebra o coração dela duas vezes — Ela diz enquanto se afasta.

Me jogo no sofá enquanto passo a mão no meu rosto. De repente o passado aparenta estar todo aqui de novo. Eu estava satisfeito em só reencontrar a Gabriela, mesmo que eu tenha sido amigo de outras pessoas naquela época.

Até porque não importa mais, eu não sou o mesmo Eduardo de antes, mesmo que ainda queira a mesma mulher.



Capítulo 14

Eduardo Vasconcelos

Acordo cedo apesar do horário que fui dormir, realmente estou me sentindo incomodado com essa merda toda acontecendo. Eu não sei explicar de onde vem tanta irritação, mas eu estou a ponto de atirar em alguma coisa apenas para me sentir mais calmo.

Desço as escadas passando a mão no cabelo e me deparo com a Larissa e a Gabriela na sala, acredito que a intenção delas era ir embora antes que eu visse, mas definitivamente, não daria certo.

— Bom dia — Digo firme, mas sorrio pequeno quando vejo que elas se assustaram um pouco.

— Bom dia o caralho, tem que chegar igual gato? — Larissa responde colocando a mão sobre o peito.

— Bom dia, mas já estamos de saída, então...

— De saída sem nem mesmo falar com o dono da casa? Isso não é muito educado — Eu falo arqueando a sobrancelha.

A Gabriela suspira enquanto me encara, nunca pensei em ter superpoderes ou coisa, já que sempre fui muito realista, mas eu gostaria mesmo de saber o que está se passando na mente dela agora.

— Então agora estamos avisando, tchau Eduardo — Ela responde e respira fundo — nos falamos depois e obrigada por ontem.

— Estou à disposição sempre — Respondo e caminho até ela — Espera aqui, vou mandar alguém levar vocês.

— Não precisa, a gente dá um jeito — Ela responde — mais tarde ou no máximo amanhã de manhã eu volto para ver o Luquinha.

— Tem certeza?

— Absoluta — Ela responde sem desviar o olhar, eu sinto que poderia beijar ela agora.

— Ok, puta tensão aqui né? Mas agora a gente tem que ir — A Larissa fala e eu bufo irritado, já tinha esquecido que ela estava aqui — tchau Eduardo.

— É, nós temos que ir — Gabriela concorda e depois sorri sem graça — Tchau.

— Até logo — Respondo e abro a porta para elas.

Gabriela me olha mais uma vez antes de sair e eu respiro fundo. Nunca me passou pela

cabeça que reencontrar ela me bagunçaria desse jeito.

Pego meu celular e mando mensagem para um dos meus ir acompanhá-las, mesmo que de longe, melhor prevenir qualquer coisa, porque eu realmente ficaria muito irritado se algo acontecesse com a Gabriela.



Estou sentado na laje da casa em que organizo os corre, prefiro manter separado da minha casa, mesmo que vez e outra acabe tendo que resolver algo por lá. Mas realmente não gosto, não quero expor o Lucas a nada disso. Talvez até soe hipócrita da minha parte, mas não quero que ele se envolva em nada desse mundo.

Agradeço à Dulce por me ajudar a cuidar do Lucas, já que a puta da mãe dele não quis a responsabilidade, mesmo comigo disposto a cumprir a minha parte, já que ela não fez sozinha, mas pelo menos consegui convencer a vagabunda a não tirar a criança.

E a melhor coisa que fiz foi expulsá-la daqui, quero que ela se exploda e não se aproxime do meu filho, ou o bagulho vai ficar muito feio para o lado dela.

Lucas crescerá e terá de tudo, mas estudará e trabalhará fora do crime, chega dos Vasconcelos nessa vida. Meu pai até tentou, mas o velho morreu com um tiro na cabeça de um traidor, pessoa que eu fiz questão de matar com as minhas próprias mãos.

Eu sempre soube o que meu pai fazia, o porquê ele aparecia pouco na nossa casa e que era o dinheiro do crime que nos mantinha no luxo. Ele não me deixava vir para cá para que eu não me influenciasse, será que o velho está decepcionado comigo hoje em dia?

Espero que ele entenda meus motivos para estar aqui. Era o caminho mais certo para continuar dando a vida que a minha mãe gosta. Mesmo que agora eu entenda o desejo dele por uma vida diferente para o filho.

— Loki! Caralho, tá me ouvindo? — escuto o Corvo e me viro para olhar para ele — Tô falando com você tem cinco minutos, tá bem?

— O que você quer? — pergunto sério.

— A mãe do cara que você bateu ontem está fazendo um escândalo querendo falar com você — Ele me informa e eu reviro os olhos.

— Eu vou até lá — Respondo começando a caminhar para descer da laje.

— Eu posso resolver isso — Ele diz e eu arqueio a sobrancelha parando para olhar para ele.

— Se podia resolver isso, por que veio me chamar? — Rebato e ele fecha a expressão — Só vamos logo.

Ele revira os olhos e eu sigo meu caminho, mal chego na parte de baixo da casa e escuto os gritos espalhafatosos da mulher. Não sei como acham de bom-tom vir aqui, na minha porta,

fazer esse tipo de cena. Eles devem me achar muito bonzinho.

— Que zorra é essa aqui, caralho? — Pergunto em um tom quase agressivo e todos param para me encarar — morderam a língua? Melhor começar a falar logo!

— Essa veia que tá gritando aqui, tá mandando ela embora, mas não tá rolando não — O Igor explica e eu aceno.

— E não vou mesmo, vocês se acham os dono de tudo aqui? Mas não são mesmo! — Ela fala alto em um tom agudo e eu mantenho a expressão fechada — Você, Loki, mandou o meu filho para o hospital ontem, quero dinheiro para pagar os remédios e os gastos que tive com ele.

— A senhora teve sorte de eu não ter metido um tiro na testa dele, e deveria ter sido uma mãe melhor e ensinado o seu filho a respeitar mulher. Porque a próxima vez que eu pegar ele tentando agarrar alguém a força, ele vira peneira — Falo sério e firme e ela me encara com os olhos arregalados — principalmente se aquele desgraçado colocar as patas na minha mulher novamente, tá me entendendo?

— Si-sim — ela gagueja e engole seco.

— Então se retira daqui, antes que eu mande a senhora ser companheira de quarto dele — Eu mando e vejo a velha se afastando até atordoada.

— Cê tá doido, isso que é ter moral — O Igor fala rindo.

Eu me viro e volto a entrar dentro da casa, ainda preciso fazer algumas ligações e resolver alguns problemas. Cansativo, é assim que vai ser o meu dia.

— Loki, eu fiz a proposta para ela — o Corvo diz e eu abro um meio sorriso me virando para ele.

— Achei que não gostasse da Gabriela — Falo cruzando os braços e encarando ele.

— Eu não gosto, mas ela é uma boa médica e não odeia a comunidade, você sabe bem como rico pode odiar gente daqui — Ele fala e eu aceno positivamente, eles são uns filhos da puta — E, eu sei que você está completamente de quatro por ela, então só estou sendo prático.

— o que uma coisa tem a ver com a outra? — pergunto franzindo o cenho.

— Eu te conheço a tempo suficiente para saber que você quer ela por perto e que você vai fazer de tudo para conseguir isso — Ele fala tranquilo — E sim, eu sei que ela é a garota por quem você chorava quando a gente se conheceu quando você mudou para cá.

— Corvo...

— Ter ela trabalhando aqui no morro vai deixar ela pertinho de você e vai ter assistência para a comunidade — Ele diz e dá de ombros — você sabe que eu tô certo.

— Eu não acredito que você pensou nisso — falo rindo incrédulo.

— É que eu sou um bom amigo — Ele sorri — Quando for falar com ela, tenta convencer ela a aceitar.

— Vou pensar sobre isso, mas agora preciso trabalhar — respondo sabendo que esse assunto vai ficar martelando na minha cabeça. Eu realmente não tinha pensado por esse ângulo quando ele avisou que faria a sugestão da clínica aqui.

— Até depois — Ele responde saindo e me deixando sozinho aqui.

Passo a mão no cabelo e respiro fundo, eu realmente vou começar a fazer de tudo para a

Gabriela deixar de ser teimosa, eu sei que ela me quer tanto quanto eu a quero. Eu sinto falta de tudo nela, e preciso acabar com isso e ter ela de novo na minha vida e nos meus braços.



Capítulo 15

Gabriela Baltazar

Fecho os olhos me encostando no banco do carro do *uber*. Minha cabeça ainda está girando por causa de ontem. E eu nem estou falando apenas da bebida. Estou parcialmente arrependida de ter ido para aquela festa, não era o que eu tinha em mente, mas eu nem tinha nada em mente. Preciso começar a pensar melhor nas coisas que faço.

— Eu acho que você deveria parar de evitar o que sente — Escuto a Larissa falando e olho confusa para ela.

— Como assim?

— Está na cara que você ainda gosta dele, você foi naquela festa para ver ele e... — Ela olha para o motorista que parece concentrado no trânsito e me olha novamente — e vocês quase me sufocaram com a tensão sexual de vocês.

— Pelo amor de Deus, Larissa! — Exclamo sem graça, e desvio o olhar — Eu não vou falar sobre isso.

— Mas eu vou, e acho que vocês deveriam transar logo, daí descobrem se isso é amor ou tesão — Ela diz e eu sinto que vou morrer de vergonha, principalmente quando escuto a risada baixa do motorista.

— Ainda bem que o meu apartamento é a primeira parada — Falo sem olhar para a minha amiga.

— Pode tentar me evitar, mas você sabe que eu tô certa — Ela fala convencida e eu bufo baixo.

— Eu ainda estou magoada com ele e tudo o que aconteceu, ok? — me defendo — Ele sequer me deu explicações de alguma coisa.

— Não estou dizendo que você tem que voltar com ele, só transar, vai até te ajudar a pensar melhor sobre o assunto — Ela insiste, mas eu viro a cara, não vou mesmo falar sobre isso.

— Teimosa!

Eu dou de ombros ignorando, só quero chegar logo no meu apartamento, banhar e dormir. Depois eu penso sobre o Eduardo, sobre o que eu sinto, e o que eu quero. Tenho esperanças de que a minha mente vai me deixar em paz por um momento.

O *uber* para em frente ao meu prédio e eu me despeço rápido e corro para dentro. Respiro fundo quando já estou no elevador, mas ao contrário do que eu queria, minha mente já está me torturando com questões sem soluções. Como, por exemplo: eu realmente quero transar com o Eduardo apesar de estar chateada? A gente realmente exala toda essa tensão sexual?

Eu acho que vou enlouquecer.

Felizmente, essa semana eu volto para o trabalho, e quanto mais ocupada eu estiver, menos tempo para pensar em besteira, e por besteiras quero dizer os meus sentimentos, e isso vai ser bom para mim. Só quero esquecer tudo.



Acordo com o meu celular tocando, não tenho ideia de que horas são, mas não duvido que esteja no meio da tarde. Isso que dá chegar pela manhã em casa.

Pego o aparelho, sinto meus ombros ficando levemente rígidos e meu coração acelerando, por que a Dulce está me ligando? Será que aconteceu alguma coisa com o Lucas?

— Oi, Dulce, tudo bem? — Pergunto preocupada — Aconteceu algo com o Lucas?

— Oi, tá tudo bem com o Luquinha, é só que... desculpa, não sei como pedir isso — Ela diz com a voz baixa e eu posso escutá-la suspirar.

— Pode falar, estou escutando a senhora — respondo calma — o que quer pedir?

— Você pode vir aqui olhar uma pessoa? — Ela pergunta e eu respiro fundo, era óbvio que era isso.

— Ele caiu de uma altura considerável e não consegue mexer o braço — Ela explica.

— Ou quebrou, ou deslocou, seria bom ele ir ao hospital — Respondo e ela fica um tempo em silêncio — Ele não pode ir, né?

— Não — Ela nega.

— Vou fazer o possível para chegar aí o mais rápido — aviso.

O que estou fazendo da minha vida? Me disponibilizando a ir até a favela para fazer tratamento em um traficante? Por quê?

Sério, Gabriela, você está enlouquecendo e a culpa é toda daquele filho da puta do Eduardo.

— Obrigada — Ela responde e desliga logo depois de se despedir.

Guardo o aparelho e me apresso em me arrumar, vou pegar qualquer coisa pronta, uma fruta que seja e vou para lá. Vou aproveitar que vou estar lá e vou fazer uma visita para o Eduardo, não para transar como a Larissa sugeriu, mas acho que eu tenho algumas coisas para dizer.



Dulce me deixou uma mensagem avisando que estaria na casa dela, por isso vou direto para lá. Até bato na porta uma vez, mas ninguém abre, por isso a abro sozinha e dou de cara com o Dionísio sentado no chão com uma expressão de dor e uma adolescente de uns quatorze ou quinze anos chorando no sofá.

— Caralho, o que aconteceu com você, Dionísio? — Pergunto preocupada.

— Sabe como é, né? — Ele fala tentando sorrir — Ossos do ofício.

— Ele vai perder o braço? — A menina pergunta com voz de choro.

Ela é muito parecida com o Dionísio, a pele preta, cabelo cacheado e olhos bem escuros, mas são os traços do nariz e olhos e do formato do rosto que os fazem tão parecidos. Mas o rosto dela está inchado e eu acredito que seja de tanto chorar.

— Eu realmente espero que não — Falo tentando acalmá-la e me volto para o Dionísio — Eu vou precisar avaliar o seu braço e isso vai doer.

— Tudo bem, doutora, confio em você — Ele fala com a voz trêmula e eu imagino o quanto isso deve estar doendo.

Me aproximo dele e avalio o seu estado, ele tem várias escoriações pelo corpo, alguns cortes, mas o braço é o que me preocupa. Enquanto avalio, ele geme de dor algumas vezes, seria ótimo se eu pudesse aplicar alguma anestesia nele, mas não tenho nada aqui.

— Você deslocou, é melhor do que se estivesse quebrado — Falo sentindo uma gota de suor escorrer pela minha testa.

— Pode colocar no lugar?

— Posso, mas vai doer muito — Eu aviso preocupada e o vejo respirar fundo algumas vezes.

— Eu tô pronto, pode mandar brasa — Ele fala com dificuldade.

Eu engulo o meu pânico, ainda sou só residente e não tenho tanta experiência, mas porra é o Dionísio precisando de ajuda e eu tenho que fazer o melhor, além de ser uma pessoa que precisa de um tratamento, eu o considero meu amigo.

— Preciso que você deite em uma cama, o sofá é pequeno — Eu falo ajudando ele a levantar — Vamos fazer isso da maneira mais segura — Eu olho para a menina — faz uma bolsa de gelo.

— Como? — Ela pergunta assustada.

— Pega uma toalha, pano de prato, qualquer coisa e coloca gelo, entendeu? — Eu falo séria e ela assente.

— Vem por aqui — Escuto a voz da Dulce, que eu ainda nem tinha notado e a sigo.

Hora de arrumar esse braço dele, depois faço os curativos e espero que fique tudo bem.



Sento no sofá me sentindo exausta, é muita pressão trabalhar sem qualquer auxílio, seja de outro profissional ou de aparelhos, mas pelo menos sei que ele ficará bem.

— Você está bem? — Escuto a Dulce perguntar e olho para ela.

— Estou, sim, e sim, ele vai ficar bem se não movimentar os braços por uns dias e tomar os remédios que prescrevi — Respondo e ela sorri acenando.

— Obrigada por ter vindo — Ela agradece.

— Não se preocupe — Sorrio para ele e me lembro da outra coisa que eu tinha para fazer — Eu preciso falar com o Eduardo, como eu faço?

— Vou chamar a Emília para te levar até a casa dele, não é longe daqui — Ela diz e eu aceno — E eu ligo pra ele te encontrar lá, pode ser?

— Está ótimo por mim, obrigada — Agradeço já começando a me sentir parcialmente nervosa — Emília é a menina que está lá com o Dionísio?

— Sim, eles são irmãos — Ela responde, isso explica bem a semelhança.

— Entendi. — Assinto.

Ela se afasta dizendo que chamará Emília para me acompanhar e eu fico no mesmo lugar aguardando. Será que eu vou ter coragem de dizer tudo o que quero dizer, ou travarei e perderei toda a coragem que tenho



Parte de mim quer desistir agora mesmo e ir embora para casa, eu já fiz o que realmente vim fazer, não tenho que ficar procurando o que não perdi. Mas outra parte de mim quer resolver logo isso, porque eu sei que se eu não falar logo tudo o que estou sentindo, vou ficar remoendo esse assunto na minha cabeça incansavelmente.

— Gabriela.... Digo, doutora — Emília fala chamando a minha atenção, mas seu olhar está nas suas mãos que tem os dedos entrelaçados — Meu irmão vai ficar bem?

— Dionísio só deslocou o ombro, seria bom se ele usasse uma tipoia, mas vai ficar bem e quando eu voltar para ver o Lucas, dou uma olhada nele — Respondo tranquila e sorrio para ela

— E não precisa me chamar de doutora, pode ser Gabriela ou até Gabi.

— Quando falaram que a médica era a mulher do Loki, eu te imaginei diferente, sabe? — Ela fala e eu nego.

— Diferente como? E que história é essa de “mulher do Loki”? — Pergunto me sentindo confusa.

— É o que falam entre os “caras”, sabe? Até a Dulce já disse isso — Ela fala dando de ombros — Já faz vários dias que você tá sempre por aqui, lá na Dulce e ontem, depois da festa, foi para a casa dele. Ainda teve aquele cara que foi pro hospital. Por isso, te imaginava mais... arrogante, você é riquinha, de bairro nobre, destoa daqui. A gente olha para você e sabe que veio de outro lugar, mas ainda assim você é tão de boa, tranquila, educada.

— Ser educada é básico de um ser humano, fico feliz que você não tenha mais essa visão sobre mim, pode me procurar se precisar de algo. — Digo e olho para ela — Eu não sou a mulher do Loki, e sobre aquele homem, ele tentou me agarrar a força, não tenho empatia.

— Depois quer negar que é a mulher dele — ela ri e eu reviro os olhos — E tem mais, você tá só indo lá na casa dele, na maior tranquilidade, Loki já deixou claro que quem tiver alguma coisa para resolver com ele, que apareça na base.

Eu não tenho um problema para resolver com o Loki, e não aparecer em nenhuma base. Eu quero falar com o Eduardo, e problema dele se achar ruim que eu esteja indo em sua casa.

— É logo ali — Ela indica uma casa grande, comparada com as demais.

Hoje cedo, quando eu saí daqui, estava com tanta pressa que sequer reparei nisso. Noto que alguém chega de moto e espremo os olhos, vendo que é o Eduardo, que já fica do lado de fora com os braços cruzados esperando.

— Obrigada por ter vindo até aqui comigo, Emília — Agradeço em um tom gentil e ela sorri para mim.

— Tá de boa, e até depois — Ela responde e se afasta acenando.

Eu caminho em passos firmes até o Eduardo. Não vou perder a coragem, vou falar tudo o que tenho para dizer, não vou aguentar mais nada dentro do peito.

— Não achei que te veria hoje de novo — Ele fala com um sorriso pequeno, quase prepotente.

— Eu tenho que falar com você — Respondo séria e ele arqueia a sobrancelha.

— Vamos entrar — Ele diz tranquilo e essa calma dele está começando a me irritar.

Ele me guia para dentro da casa dele e eu vou repassando na mente todos os tópicos que tenho para falar com ele, não vou deixar nada passar. E ele terá que me ouvir calado ou a gente vai acabar brigando. Tudo que eu senti ao longo desse tempo sobre ele e que estava guardando parece não estar mais cabendo dentro de mim.

É como se eu estivesse perto de explodir.

— Pronto, sobre o que quer falar?

— Você é um idiota! — Exclamo e ele me olha com a sobrancelha arqueada. — não adianta fazer essa cara, porque eu tô falando apenas os fatos.

— Gabrie...

— Não me interrompe, Eduardo, não me interrompe! — Eu falo séria e ele levanta as mãos como quando alguém se rende — Você vem com esse papinho de “minha garota”, “minha mulher”, sua o caralho! Você sumiu por nove anos, não teve a decência de me procurar em momento nenhum, nenhum! Aí agora vem com essa? Me poupe.

— Mas a gente se reencontrou, independente do motivo, agora podemos recomeçar — Ele argumenta e eu rio.

— Você me sequestrou, tá achando que eu tenho síndrome de Estocolmo, porra? — Eu falo alto e respiro fundo — Você não me dá uma justificativa plausível para não ter me procurado de verdade. Ok, você tem um ponto sobre a diferença social, mas era eu e eu não te julgaria por nada. — Acabo deixando uma risada amarga escapar pelos meus lábios — Inclusive, estou dentro da sua casa gritando porque você não me procurou antes, mesmo você sendo um bandido. Eu devo estar louca.

— Gabi, não veja as coisas por esse ângulo. Eu realmente gosto de você, e sempre gostei, acho que nunca consegui te superar — Ele fala se aproximando, mas eu me afasto — Não importa o quanto eu fale ou me justifique, o passado não pode ser mudado.

— Você tem um ponto, mas você também não está fazendo droga nenhuma para mudar o agora — Eu falo chateada, acho que eu nem sei mais o que eu quero — mas acho que não importa de qualquer forma, quando o tratamento do Lucas acabar, é melhor que a gente saia de novo da vida um do outro.

— Você realmente quer que nossa história seja sempre reticente? — Ele pergunta e eu rio com raiva e mágoa.

— Não fui eu quem colocou o primeiro ponto — Eu rebato.

A gente se encara em silêncio por um tempo. Queria saber o que está passando na mente dele agora. Queria entender o que estou sentindo dentro do meu coração.

Respiro fundo para me manter sã, pelo menos por enquanto.

— E você, Eduardo, o que você quer de mim? Acho que eu ainda não entendi sua verdadeira intenção — Eu falo pausadamente.

— Eu quero você — Ele responde simples e eu semicerro os olhos.

— Vai se foder, cansei disso — Eu falo irritada e me viro começando a sair da casa.

Mas, pensando bem, eu ainda não fiz tudo o que eu tinha para fazer aqui. Me viro para ele que parece estar com uma expressão confusa no rosto.

— Nada vai mudar o fato de que você é um idiota e não merece nada da minha atenção — Eu aviso apontando o dedo para ele, mesma que estejamos separados por uma distância considerável.

— O que quer dizer com isso? — Ele pergunta arqueando a sobrancelha.

— Exatamente o que eu disse — respondo começando a andar na direção dele.

Eu tiro minha blusa pelo caminho e ele me olha intrigado, mas com um sorriso malicioso. Empurro o seu peito para que ele caia sentado no sofá e me sento em seu colo com uma perna de cada lado do seu corpo e imediatamente ele segura na minha cintura.

— Você é um idiota, mas eu quero transar até esquecer disso — Eu falo apertando seu rosto entre os dedos e olhando diretamente nos seus olhos.

— Estou à sua disposição — Ele concorda com malícia.

— Babaca! — Exclamo, mas no mesmo segundo colo a minha boca na sua.



Capítulo 16

Gabriela Baltazar

Talvez seja loucura, uma atitude completamente irresponsável, mas eu não consigo me importar com isso no momento, tudo que eu quero é sentir mais dos lábios quentes do Eduardo contra os meus, sentir as suas mãos pelo meu corpo. Eu definitivamente quero me perder nele.

— Você tem certeza que quer fazer isso? — Ele pergunta me olhando nos olhos ao me afastar dele.

— Tenho certeza — Respondo convicta — Isso não significa que eu queira fazer as pazes ou algo assim, eu só quero o sexo.

— Se é o que você quer, eu vou te satisfazer — Ele responde com um sorriso malicioso.

Ele me vira no sofá, ficando sobre o meu corpo, e me beija. Sua língua invade a minha boca de uma maneira quase selvagem, e intensa. Como se ele estivesse tentando me devorar. Um gemido baixo escapa entre o beijo, mas tudo bem, porque não tenho a intenção de me segurar em nada.

— Eu acho que aqui não é o lugar apropriado para tudo o que eu quero fazer com você — Ele diz ficando de pé em um pulo, e eu só tenho tempo de notar como seu pau está marcado na calça e ele me pega no colo — O quarto é o melhor lugar para a gente se divertir.

Ele começa a andar comigo pela casa e eu observo os detalhes do seu rosto enquanto sinto o meu coração batendo forte dentro do peito. Eduardo é um homem muito bonito. Todos os traços do seu rosto são bem-marcados, seus olhos claros iluminam sua face e sua boca me faz desejar beijar ele até ficar com os lábios dormentes.

A verdade é que tudo nele me instiga.

Sinto meu corpo sendo colocado sobre a cama e ele fica por cima de mim, sua boca se choca contra a minha quase que violentamente. Sinto que ele está friccionando com o seu membro coberto contra mim e suspiro entre o beijo, enquanto as minhas mãos vão até suas costas o puxando para mais perto.

Meu corpo implora para que eu sinta mais o calor dele, como se cada parte de mim tivesse sentido falta dele.

Sua boca se afasta da minha e seus olhos se encontram com os meus, eu consigo ver a luxúria brilhando ali, tão forte quanto um sol da manhã.

— Eu vou saborear cada parte de você — Ele fala com a voz rouca e baixa.

— Estou totalmente entregue nas suas mãos, pode fazer o que quiser comigo — Respondo sem conseguir desviar o olhar. Esse homem abala as minhas estruturas.

— Eu gosto disso — Ele responde com um sorriso de lado.

Ele me dá um selinho demorado e morde meu lábio inferior, o puxando lentamente entre os dentes. Então começa a beijar meu rosto, deslizando lentamente pelo meu queixo e seguindo até o meu pescoço, me fazendo arrepiar completamente.

Seus dentes arranham a minha pele me fazendo suspirar, sua boca percorre meu corpo até chegar aos meus seios, que cuidadosamente ele puxa para fora do sutiã, sua mão massageia um com cuidado, enquanto sua boca chupa o outro sem nenhum cuidado, me fazendo gemer.

Ele se afasta um pouco e começa a desabotoar a minha calça, tirando ela do meu corpo vagarosamente e levando junto a calcinha. Ele fica de pé, me olhando nua na cama e sorri de lado, seus olhos brilham de pura malícia e isso me faz queimar de dentro para fora.

— Você não imagina o quanto eu quis te foder desde o momento que coloquei os olhos em você — Ele fala em um tom malicioso.

— Então aproveita enquanto eu estou pelada e com as pernas abertas para você, porque eu continuo te achando um idiota — Respondo com um sorriso divertido.

— Eu vou te foder tão forte e fundo, que vai esquecer até seu nome — Ele diz enquanto abre a própria calça e eu reparo no quanto seu pau está marcando o tecido.

— É exatamente isso que eu quero.

Eduardo retira a camisa do corpo e volta para perto de mim, sua mão aperta minha coxa enquanto sua boca traça o caminho interno da outra até a minha intimidade. Ele começa a beijar a minha vagina e passa a língua lentamente pela minha vulva e eu ofego alto. Eduardo é um desgraçado e eu sei que ele vai fazer de tudo para tirar a minha sanidade, mas eu não me importo porque isso é justamente o que eu quero hoje, enlouquecer nas mãos dele.

Sua língua brinca com o meu corpo e eu me estremeço de prazer, ele me chupa, me fodendo com sua língua e eu gemo alto, apertando os lençóis entre os dedos enquanto me contorço inteira. Sinto como se meu corpo estivesse entrando em combustão prestes a explodir. E ele percebe isso, e por isso intensifica os movimentos e eu grito.

Quando toda a minha visão escurece e eu sinto que todo ar saiu dos meus pulmões, sei que estou gozando. Eduardo sempre soube como me dar prazer, agora, não seria diferente.

Sinto sua boca contra a minha barriga, me beijando e lambendo a minha pele, enquanto eu luto para recuperar o fôlego que foi me arrancado. Fecho os olhos por um segundo e sinto ele beijando a minha boca, sua língua ainda está com o gosto da minha buceta, mas eu não me importo.

Eu ainda precisaria de alguns minutos para respirar, mas eu quero mais dele.

— Edu-ardo — falo sendo interrompida pelos beijos, mas logo ele se afasta um pouco — Eu quero te provar, quero sentir seu pau fodendo a minha boca.

Ele abre um sorriso pequeno, malicioso, seus dedos apertam o meu rosto levemente enquanto ele me olha nos olhos.

— Olha só — ele aperta ainda mais, fazendo minha boca formar um bico — Você tem essa carinha de boa menina, mas é uma putinha insaciável, isso me agrada muito.

Ele me beija com muito mais intensidade, apertando o seu corpo contra o meu que ainda está um pouco sensível, mas ainda completamente excitada. Acho que ele tem razão em me

chamar de insaciável.

— Eu quero muito sentir essa boca quente no meu pau, mas mais do que isso, no momento, eu quero foder com você em todas as posições possíveis — Ele diz rente ao meu ouvido e eu perco o fôlego que me restava e vejo ele se levantar da cama.

Eu respiro fundo, observando ele tirar o restante da roupa e lambo os lábios, esse homem é uma delícia e eu vou aproveitar tudo dele.

— Nós temos muito tempo — Eu respondo maliciosa.

— Não sei se uma noite é o suficiente para tudo o que eu quero fazer com você, mas eu vou aproveitar bastante. — Ele responde se aproximando, depois de ter colocado a camisinha — Fica de quatro, com a bunda bem empinada para mim.

— Seu pedido é uma ordem, senhor — Eu falo em um tom divertido e malicioso e escuto ele rir enquanto me viro na cama.

Eu fico de quatro na cama e sinto as mãos dele na minha bunda, apertando ambas as bandas com força e então sinto seu pau deslizando pela minha buceta que já está encharcada e ele começa a me penetrar devagar e eu ofego.

Sua mão vai no meu cabelo e ele enrola a mão com facilidade por causa do tamanho e puxa, no mesmo momento que termina de colocar de uma vez, a outra mão aperta o meu quadril e ele começa a se mover em um vai e vem forte, seu corpo bate contra o meu e eu gemo alto, gritando de prazer.

Ele estava sendo sincero quando disse que não teria dó. E também estava sendo sincero quando disse que iria aproveitar bastante, o que me faz aproveitar muito também.

Ele sai de dentro de mim, e deita comigo em seu colo, sento no seu pau devagar, deixando toda sua extensão entrar lentamente em mim, me preenchendo. E começo a subir lentamente, ouvindo ele gemer baixo, me deixa ainda mais excitada que nossos gemidos se misturem dessa forma e por isso começo a cavalgar no seu pau mais rápido, me deliciando com o prazer que me invade.

Ele me vira de uma vez, me pegando de surpresa, o que faz um gritinho escapar pelos meus lábios e fica por cima de mim, e me penetra de uma vez, estocando com força enquanto sua boca invade a minha, sua língua controla a minha e todos os meus gemidos são sufocados.

Meu corpo está entrando em um maravilhoso e delicioso colapso de prazer, minhas unhas arranham as suas costas. Sei que estou perto do meu segundo orgasmo, mas quero chegar lá junto com ele.

Ele me olha nos olhos, e eu me sinto tão conectada a ele.

— Goza comigo — Ele fala em um quase autoritário.

Eu aceno concordando, já que não sei se tenho capacidade de formar alguma frase, ou dizer um simples “sim”.

Eu grito quando sinto o orgasmo me atingindo, e fico ainda mais satisfeita ao ver que ele está gozando também.

Isso foi uma loucura, mas eu não me arrependo de nada.



Eduardo Vasconcelos

Fico abraçado com a Gabriela enquanto estamos deitados. A pele dela é tão macia, o perfume dela é completamente inebriante. Ela está ainda mais incrível agora que é uma mulher adulta, nem se compara com as nossas noites quando éramos adolescentes.

Para ser sincero, acho que ninguém nunca será o suficiente para ser melhor que ela. Nenhuma mulher que eu já tenha tocado chega aos pés da Gabriela.

E nenhuma mais importa, agora que a tenho comigo outra vez.

Por isso não posso e não vou deixar essa mulher escapar dos meus braços, não importa se ela me acha um idiota, ela não vai ser de mais ninguém, se não minha.

— No que você está pensando? — Ela pergunta, atraindo a minha atenção.

— No quanto você está ainda mais gostosa — Respondo sincero e rio ao vê-la revirando os olhos.

— Você é um bacaca — Ela me xinga, mas não parece brava — Eu vou embora.

Ela começa a se levantar e eu me deito sobre ela, impedindo que ela se levante. Ainda está muito cedo, eu preciso de mais dela e vou aproveitar cada segundo.

— Não, fica mais, eu vou mandar comprar comida para a gente, o que você quer? — Pergunto mantendo ela embaixo de mim, olhando em seus olhos.

— Quero ir para a minha casa — Ela responde e eu nego em um aceno, nos encaramos por um segundo e ela abre um sorriso mínimo — pizza tá ótimo, mas me deixa ir banhar.

— Certo — Concorro saindo de cima dela — amanhã pela manhã você vai embora, mas saiba que nunca mais será como antes.

Ela fica em silêncio e se levanta, indo direto para o banheiro do meu quarto sem me responder. A Gabriela sabe que a gente não volta mais para o ponto em que estava, se antes era difícil resistir, imagina agora que a gente cedeu.

Mas não ficarei de braços cruzados esperando a água correr, vou fazer acontecer.

Peço duas pizzas, refrigerante e mando buscarem uma torta de morangos, que sei ser a favorita dela. Ou ao menos era antigamente. Alguma doceria deve estar aberta nesta cidade desse tamanho.

Escuto o chuveiro ligado e me levanto, acho que eu também preciso de um banho e daquele boquete que ela ficou me devendo.

Caminho até o banheiro e sorrio ao ver que ela não trancou a porta. Ela está embaixo do

chuveiro, vejo pelo box de vidro, Gabriela é simplesmente a mulher mais bonita que já pisou no planeta, e ela será minha. Ela já é, sempre foi. Desde quando estudávamos juntos e trocávamos beijos em festas juninas.

— Vai ficar me encarando, ou vai entrar aqui? — Ela pergunta e só então percebo que me distraí pensando demais enquanto admirava suas curvas perfeitas.

— Estava esperando sua autorização — Respondo e sorrio ao ouvir a risada dela.

— Já tinha invadido o banheiro e vem com essa, até parece — Ela responde sorrindo divertida

— Eu sou um homem que respeita limites — Falo entrando no box com ela.

— Isso é bom — Ela fala um pouco mais baixo e eu sorrio me aproximando, e gostando de estar afetando-a dessa forma.

— Acho que a gente precisa aproveitar mais um pouco — Falo baixo e minha voz sai rouca.

Eu a puxo e a beijo, as minhas mãos apertam a sua cintura com força, me sinto afundando em sua pele e isso me excita. A água morna do chuveiro cai sobre a gente, sempre preferi banhos frios, mas hoje, eu estou feliz com a água nessa temperatura, porque combina com a nossa.

Eu desligo o chuveiro me afastando dela um pouco e sorrio malicioso, deslizando sua mão debaixo da minha até o meu pau, que já está duro.

— Eu vou dar a atenção que você merece — Ela diz enquanto se abaixa com um sorriso malicioso.

E olhando nos meus olhos, ela coloca a cabeça do meu pau na boca devagar e vai engolindo aos poucos, sinto sua língua deslizando na minha rola e sua boca quente ao redor e gemo baixo. Ela sabe como chupar um pau.

Sinto a cabeça tocando sua garganta, mas ainda assim ela tenta colocar mais e se engasga e tira meu membro da boca em uma bagunça de saliva e o pré-goço, e eu acho que ela fica linda assim, me sinto ainda mais instigado, imaginando seu rosto cheio de porra.

Ela volta a me chupar, mas seu ritmo parece pouco para mim, começo a foder sua boca enquanto gemo um pouco mais alto, ela deliciosa por inteira. Sinto meu pau inchando e eu começo a gozar e ela engole um pouco da minha porra, mas ainda esporro um pouco no seu rosto e a imagem é completamente satisfatória.

— Eu não sou a única pessoa insaciável aqui — Ela comenta lambendo os lábios.

— É por isso que a gente combina tão bem — respondo, sorrindo malicioso.



Capítulo 18

Gabriela Baltazar

Sento no meio da cama dele com as pernas cruzadas e vestindo uma camisa dele, eu não acredito que realmente fiz isso e continuo aqui. Droga! Eu tinha vindo até aqui para prestar um atendimento, e agora estou na cama do Eduardo pós-sexo, não sei controlar os meus impulsos e quando percebo, já fiz a primeira coisa que se passou na minha mente.

Mas era isso que eu queria desde o segundo que coloquei meus olhos nele, não posso agir como se não tivesse sido sincera com os meus sentimentos e pensamentos. Não estou nada arrependida de ter transado com ele, mas não sei se deveria continuar aqui.

E sei que não conseguiria sair daqui escondida. De qualquer forma, eu precisaria mesmo fugir dele assim?

Quase rio. E mesmo que eu não assuma em voz alta, estar com ele me afeta de um jeito bom, não vou negar.

— Voltei — Escuto ele dizendo e o vejo entrando no quarto.

— Precisa de ajuda? — Pergunto, ao ver ele carregando duas sacolas, dois copos com gelo e uma caixa de pizza.

— Pega um lençol dentro do armário e forra na cama por cima de tudo, não quero minha cama cheia de coisa e óleo depois — Ele pede e eu assisto.

Ao contrário do que ele pediu, eu forro o chão e me sento. Ele arqueia uma sobrancelha, mas não contesta e se senta depois de colocar a pizza e os copos no chão ao lado. Fico em silêncio o vendo organizando tudo e fico surpresa ao ver que ele conseguiu até uma torta de morango.

É a minha favorita. Até sinto um sorriso involuntário se formando.

— Depois que a gente jantar, a gente conversa — Ele diz e eu deixo escapar uma única risada soprada — Não adianta agir assim, mesmo que você negue, eu te conheço.

— Eu não tenho nada a falar com você — Minto, tentando soar indiferente.

— Tem certeza disso? — Ele pergunta sorrindo, com certeza está achando divertido.

— Absoluta — Declaro dando de ombros e ele sorri, mas não diz nada.

Eu o ignoro. Eduardo está agindo como se ainda fôssemos aqueles adolescentes, mas eu nem posso julgar, fui eu quem começou vindo até aqui para transar. Parece que sou uma adolescente com os hormônios à flor da pele.

Olho para o Eduardo e ele está me encarando, parecendo muito pensativo enquanto come.

Eu sinto que vou me arrepender, mas ainda assim, pergunto.

— No que você tanto pensa? — Indago curiosa e mordo um pedaço da minha pizza.

— Você podia me mandar um nudes, sabe, para ficar de lembrança já que você disse que isso não vai se repetir — Ele diz com tanta naturalidade que eu quase engasgo surpresa.

— O quê? — Questiono desacreditada.

— É sério, só uma fotinha — Ele reforça e eu rio totalmente incrédula — Só para eu poder te admirar e umas coisinhas a mais.

— Você vai bater uma olhando a minha foto? Eduardo?!

— Qual é? Não se nega uma foto das tetas para ninguém — Ele se defende em um tom divertido.

Eu rio, porque só pode ser piada, não acredito que ele esteja mesmo querendo um nudes. Não!

— Eu não vou te mandar um nudes, sossega! — Eu exclamo e o vejo bufar baixo — Tá parecendo adolescente.

— E eu não sabia que você poderia ser tão mesquinha — Ele rebate — Uma fotinha só pra eu admirar quando der saudade desse corpo gostoso que você tem.

— Eduardo — Eu falo bem séria e ele me olha com cara de cachorro que caiu da mudança — Vai se foder, não vou te mandar nudes.

— Ranzinza, não sabe o prazer de um sexo virtual — Ele reclama revirando os olhos.

— Sexo virtual? Você só estava pedindo uma foto seu filho da puta — Xingo e ele sorri sacana para mim, ele vai aprontar, eu sinto dentro do meu peito.

— E que momento melhor do que durante um sexo virtual? Você ia gostar, meu bem — Ele fala em um tom malicioso — Mas tudo bem, eu aceito só a foto.

— Cala a boca — Eu falo rindo — Não vai ter porra de foto nenhuma.

— Tentei — Ele dá de ombros e volta a comer.

— E se eu te mandar uma foto, você for preso, e todo o quartel me ver pelada? — Pergunto arqueando a sobrancelha.

— É isso que te impede? — Ele pergunta rindo — Eu não vou ser preso.

— Nunca se sabe, você é bem do tipo que a polícia procura — Eu devolvo arqueando a sobrancelha.

— Mas eles não acham não, pode ficar tranquila — Ele diz sorrindo — Quando eu vou receber a minha fotinha?

— Nunca — Respondo sorrindo e ele suspira dramaticamente.

— Isso é tão triste. — Ele suspira dramaticamente.

— Cala a boca e come — Eu digo rindo — Ao invés de pedir foto, deveria pedir para que eu voltasse mais vezes.

— Verdade, se a foto for de nós dois, é bem melhor — Ele fala como se estivesse constatando algo muito sério.

— Inacreditável — Eu falo rindo.

Ele manda um beijo no ar e eu finjo ignorar, mas acabo sorrindo. Não sei se ele realmente queria uma foto, mas pelo menos o clima ficou muito mais divertido e leve. Eu nem sinto como se quisesse ir embora agora, eu quero ficar aqui e ficar nos braços dele mais um pouco.

— Você vai dormir comigo hoje? — Ele pergunta em um tom calmo.

— Vou, amanhã eu volto ao normal e volto a lembrar de tudo o que aconteceu antes — Respondo simples.

— Então melhor eu aproveitar bastante — Ele responde e eu apenas sorrio.

Vou me apegar ainda mais passando a noite com ele, mas não pensarei muito sobre isso, vou apenas aproveitar. Ele comprou até a torta de morangos que eu gosto.

— Você ainda lembra da minha favorita — Falo pegando a torta.

— Eu lembro de muita coisa sobre você, quase posso dizer que tudo — Ele responde me olhando de um jeito intenso, quase me faz perder a fala.

— Obrigada pela torta — Falo, tentando fingir que ele não disse nada. Que não fui profundamente afetada.

A gente logo termina de comer e eu o ajudo a arrumar a bagunça, mesmo com as piadinhas sobre eu estar arrumando algo. Ele realmente acha que eu sou uma patricinha incapaz de arrumar uma baguncinha? Reviro os olhos, mas sei que é só brincadeira.

Me deito com ele quando está tudo arrumado, e estamos prontos para dormir. Ele me abraça e eu me aninho no peito dele. Eu sei que vou me fuder ainda mais, e nem é do jeito prazeroso.

Mas eu disse que não ia pensar sobre isso hoje, e eu não vou.



Não queria acordar agora, queria me manter nos braços dele sem sentir culpa misturada a alegria de o ter para mim, mas eu não posso me apegar a ele, por mais que de alguma forma já esteja apegada.

Eu dormi aqui com ele quando eu claramente deveria ter voltado para casa, não foi assim que programei as coisas. E segundo, preciso voltar ao trabalho, tenho que terminar a minha residência, tenho horas e responsabilidades para cumprir.

Mas está realmente muito bom aqui com ele.

Tento me levantar devagar para não o acordar, mas percebo que fracassei quando sinto o aperto dele em volta do meu corpo, me mantendo no lugar e colando ainda mais seu corpo no meu.

— Vai tentar sair escondido de novo? — Ele pergunta baixo, com a voz rouca de sono.

— Não era escondida, mas preciso ir — Respondo baixo, colocando a minha mão em cima

da sua — E bom dia.

— Bom dia, por que você precisa ir agora? — Ele pergunta e eu suspiro.

Porque eu não posso me apegar mais.

— Eu preciso ir trabalhar, tenho responsabilidade para cumprir — Eu respondo e tiro a mão dele de mim, dessa vez ele deixa eu me afastar — Era pra ser só uma noite, lembra?

— Mas agora é dia — Ele responde me encarando e eu respiro fundo para não rir.

— Eduardo, por favor, não torna as coisas difíceis — peço me levantando, realmente preciso me afastar desse homem, ele está me intoxicando com seu carinho.

— A gente pode levantar agora, buscar o Luquinha, tomamos um café da manhã juntos — Ele sugere enquanto se levanta — O que acha?

Eu olho para em silêncio, sinto que não deveria fazer isso, mas é uma droga, porque eu quero muito. Eu já passei a noite com ele, o quê que tem ficar mais um pouco? Eu só não posso me atrasar muito para ir para o hospital, mas eu já posso ir e levar o Luquinha para um check-up completo.

Ele precisa dessa bateria de exames para verificar se está tudo correndo corretamente em seu tratamento.

— Então, o que acha? — Ele pergunta novamente, parando na minha frente.

— Só o café da manhã, porque depois eu já levo o Luquinha para o hospital, eu volto a trabalhar hoje — Respondo me afastando.

— Você leva e quem vai trazer ele de volta? — Ele pergunta e eu sinto que o tom dele mudou um pouco, quase sutil, mas acho muito fofo todo o cuidado dele com o filho.

— Eu vou levar a Dulce junto, e eu sei cuidar de uma criança — Respondo calma.

— Não é uma criança, é meu filho, eu sei que você sabe, mas você vai estar trabalhando e ele tem três anos, precisa de atenção o tempo todo para não se machucar, e você vai estar muito ocupada — Ele fala sério e eu sorrio pequeno, mas não deixo ele ver porque fico de costas indo para o banheiro — Mas como a Dulce vai junto, está tudo bem.

— Eu vou tomar um banho para irmos — Eu aviso.

— Dentro da segunda gaveta do armário do banheiro tem escova de dente nova, pode pegar lá, você está precisando — Ele diz em um tom divertido e eu semicerro os olhos ao me virar para ele.

— Está dizendo que estou com mau hálito na minha cara? — Pergunto fingindo estar brava e ele ri acenando — Matou o romantismo, não me beijaria pela manhã igual nos filmes?

— Você está querendo que eu seja romântico? — Ele pergunta arqueando a sobrancelha e sorri de lado — Tudo bem, eu posso fazer isso por você.

— Não, sai de perto, você tá com mau hálito também — Eu falo rápido e entro no banheiro fechando a porta na cara dele e ainda escuto sua risada.



Coloco a mesma roupa que estava ontem, levemente contrariada de ter colocado uma cueca do Eduardo, que ele me garantiu ser nova porque simplesmente não dava para vestir a mesma calcinha, e também não dava para colocar a calça jeans sem, mas agora eu não acho a minha blusa. Respiro fundo contando até dez, eu deveria ter ido para casa.

— O que você precisa agora? — Ele pergunta e eu olho para ele, notando que ele já está pronto.

— Eu não estou achando a minha blusa — Eu falo um pouco emburrada.

— Usa uma camiseta minha — Ele sugere e eu olho para ele fazendo bico — Você já está usando uma cueca minha, qual o problema da camiseta?

— Todo mundo vai saber! — Eu exclamo e ele ri.

— E qual o problema? Você entrou aqui no fim da tarde e está saindo de manhã, acho que todo mundo já sabe — Ele fala em um tom divertido e eu arregalo os olhos, não tinha pensado nisso — Estou curioso em saber porque isso te incomoda.

— Vou ficar conhecida como mais uma na sua cama, prefiro a minha fama de ‘dutora — Falo abrindo o guarda-roupa dele para procurar algo, tá no inferno, abraça o capeta.

— Você pode ser primeira-dama do morro, se quiser, sabe disso — Ele fala, mas eu não tenho coragem de olhar para ele — Gabriela, você não é mais uma na minha cama, nem na minha vida — Eu o sinto se aproximando à medida que está falando, mas ainda não o olho — Apesar de tudo o que aconteceu, e da forma como aconteceu, você sempre será a única mulher que eu vou amar.

Eu o sinto parado logo atrás de mim e isso faz meu coração bater ainda mais forte, sinceramente, não estava esperando por uma declaração. Me concentro em escolher uma camiseta para mim, porque não consigo e não quero responder nada agora, mas ele abraça por trás e beija meu ombro com carinho, e eu acho que meu coração erra algumas batidas.

— Não precisa dizer nada agora, Gabi, eu sei que você ainda se sente confusa por tudo — Ele me abraça por um instante e se afasta — Vou te esperar lá embaixo.

Escuto os passos dele saindo do quarto e respiro fundo, não foi isso que programei. Por que eu estou me sentindo tão bagunçada? Que droga! Eu não quero estar com todos esses sintomas de quem está se apaixonando, mesmo que eu esteja.

Talvez esteja até algo mais.

Fecho meus olhos por um momento, colocando todos os meus pensamentos no lugar, e suspiro. Eu não posso ficar aqui tendo uma crise. Escolho uma camisa branca e coloco ela, amarrando na cintura para não ficar tão grande e dobro as mangas.

Está ótimo para tomar café da manhã com o Eduardo e o filho dele... Meu Deus, a gente

vai parecer uma família feliz saindo assim. Definitivamente, não foi o que eu programei.
Mas meu coração fica estranhamente aquecido ao imaginar a cena.



Eduardo Vasconcelos

Vejo a Gabriela se aproximando e sorrio para ela e a puxo para um beijo leve e sutil, antes de termos que sair. Eu me sinto empolgado e feliz como não estava há muito tempo.

— Você prefere ir para fora do morro ou aqui mesmo? — Pergunto enquanto seguro na sua mão para sairmos de casa.

— Pode ser aqui mesmo, mais perto — Ela responde distraída, olhando para as nossas mãos juntas.

Eu sorrio de lado e começo a guiá-la para fora. Não vou dar tempo para a Gabriela pensar sobre a nossa relação, só vou deixá-la tão envolvida que quando perceber, não vai mais querer sair da minha vida. Porque sei que ela me quer, tanto quanto quero ela.

Sei que errei no passado, mas isso não acontecerá duas vezes, não sou mais um adolescente assustado e aprendendo, da pior maneira, sobre o mundo.

— Nós vamos andando? — Ela pergunta atraindo minha atenção, acho que realmente divaguei.

— Prefere que a gente vá de carro?

— É longe? — ela pergunta com os olhos semicerrados.

— Não, — sorrio divertido — e não sabia que você era tão sedentária.

— Não sou sedentária, só gosto de poupar as minhas energias — Ela dá de ombros e eu sorrio de lado.

— Realmente, ontem você parecia bem descansada — Comento em um tom malicioso e recebo um tapa no braço.

— Você sabe como ser um idiota — Ela reclama e eu a abraço enquanto andamos.

— Eu sei que você gosta — Respondo e a vejo bufar baixo, enquanto tenta esconder o sorriso,

Estamos indo até a casa da Dulce, já que o Lucas dormiu lá. Geralmente, ele fica em casa comigo, mas eu não podia buscá-lo ontem e transar tranquilamente com a Gabriela no quarto ao lado. Lucas é uma criança curiosa e eu não quero de forma alguma desrespeitar o meu filho ou o colocar em uma situação desconfortável.

Se posso o preservar, é isso que farei.

Eu errei muito quando ele se machucou e nunca mais vou repetir um erro desse, tenho sorte se ter a Dulce que me ajuda a cuidar dele aqui, porque se fosse pela minha mãe, Lucas

estaria agora com ela na Inglaterra.

Chegamos na casa da Dulce e eu bato na porta e entro, mal piso na sala e já vejo o Lucas correndo na minha direção e gritando “Papai” e eu solto a mão da Gabi para pegá-lo no colo.

— Bom dia, meu campeão — eu falo e beijo o cabelo dele, enquanto o ajeito no meu colo para não machucar o braço — Dormiu bem?

— Bom dia — Ele responde me abraçando e eu vejo a Dulce se aproximando — não veio buscar eu, papai.

— Ontem o papai ficou ocupado, mas agora eu vim te buscar pra gente comer — Falo, fazendo uma brincadeira boba para que ele ria.

— Bom dia — A Gabriela cumprimenta e o Lucas finalmente a nota do meu lado. O rosto dele se ilumina e ele quase se joga para o meu colo, mas ela o pega rápido e ri — você não pode fazer umas traquinagens dessa mocinho.

— Eu tava com saudade — Ele responde ela fazendo bico e ela o arruma no colo com cuidado.

— Então vamos ter que resolver isso, mocinho — Ela brinca enquanto faz um pouco de cosquinhas nele.

Eu sinto um formigamento no peito olhando a cena. Gabriela gosta do meu filho e o trata com carinho, e eu sei que não é só na minha frente porque ele gosta muito dela. E ter os dois juntos assim faz com que eu sinta que mais nada no mundo importa.

Nunca confessaria isso alto, mas Lucas virou meu parceiro em conversas noturnas para falar sobre a Gabriela.

— Bom dia — A Dulce nos cumprimenta, ela tem um sorriso pequeno nos lábios. — Tem outra pessoa querendo te ver, Gabriela.

— Quem? — Eu pergunto com o tom mais seco do que deveria e eu a vejo revirar os olhos.

— É o Dionísio? — Ela pergunta e eu lembro do acidente dele, porra! Esqueci completamente disso.

— Sim — A Dulce confirma.

— Posso falar com ele agora — Gabriela se dispôs, começando a entrar mais na casa.

— Pode ir para a saída de vocês, depois você fala com ele, Dionísio ainda está dormindo — Dulce avisa enquanto abana as mãos para sairmos logo.

— Depois do café da manhã, nós vamos ao hospital depois que eu ver como o Dionísio está — Gabriela disse — Preciso que a senhora acompanhe o Luquinha.

— Estarei pronta e com as coisas dele pronta quando voltarem — Dulce garantiu.

— Certo, até depois — falo e seguro na mão da Gabriela novamente.

Começo a andar nas ruas de mãos dadas com a Gabriela, ela sequer presta atenção em mim enquanto conversa com o Lucas sobre um desenho que eu nunca ouvi falar, é fofo.

Mas, o que realmente me agrada nesse cenário, é que eu só consigo ver como se eu estivesse passeando com a minha família completa. Gabriela me enche de bons sentimentos, como lar e laços.

— Todo mundo por quem passamos nos encarou — Ela comenda quando chegamos na padaria — Inclusive agora.

— Isso te incomoda? Posso tentar dar um jeito — Eu falo sério, pronto para ameaçar qualquer um.

— Está tudo bem, eu sabia que isso aconteceria — Ela responde e sorri para o Lucas — Nós vamos nos sentar, você escolhe e eu não quero nada doce.

— Certo — respondo e vejo ela ir para uma mesa com o Luquinha.

Vou até o balcão e faço os pedidos, o atendente avisa que irá servir e eu vou para a mesa e me sento com eles, é maravilhoso ver a Gabriela com o Lucas. O café da manhã tem tudo para ser calmo e divertido.

Essa é a minha família!



Capítulo 20

Gabriela Baltazar

O café da manhã foi mais calmo do que eu esperava, na minha mente, a qualquer momento alguém ia aparecer gritando e falando, mas parando para pensar, quem faria isso com o Eduardo?

Ouvindo um comentário e outro dele desde que comecei a vir aqui, sei que ele não é tão paciente e muito menos releva as coisas. Não porque ele me trata bem quando eu brigo, que ele faz isso com todo mundo.

Verifiquei como o Dionísio estava, e apesar de estar bem e de acordo com ele, sem dor, o achei muito quieto, se eu estivesse com mais tempo tentaria conversar com ele.

Termino de arrumar o Luquinha na cadeira que o Eduardo me emprestou para que eu possa levá-lo para o hospital. Me sinto bem em ver o pequeno se recuperando tão bem, meu coração fica até mais calmo.

— Já peguei tudo, estou pronta — Dulce avisa parando perto do carro.

— Então podemos ir — Respondo com um sorriso simpático — Lucas já está arrumado na cadeirinha.

A Dulce entra no banco do passageiro, mas no momento em que eu vou entrar no carro também, o Eduardo me puxa e me beija, eu fico surpresa, mas retribuo.

Eu sempre fico rendida nos braços dele.

— Dirija com cuidado — Ele fala se afastando — E cuida bem do meu filho.

— Não precisa me pedir o óbvio — Reviro os olhos e sorrio — Tchau, Eduardo.

Eu me afasto de vez das mãos dele e entro no carro, e só então cai a ficha de que o bebê e a Dulce estavam me encarando, mas se eles não falarem nada, eu não vou falar.

Começo a dirigir concentrada, vou direto para o hospital, lá eu vou ter que vestir meu mesmo, então não faz tanta diferença assim.

— Vocês estão evoluindo bem — A Dulce comenta e eu suspiro, não consegui escapar. — Não precisamos falar sobre isso, pode ficar tranquila.

— Dulce...

— Mas é bom ver ele se apaixonando por alguém, na verdade, parece que ele já está completamente apaixonado e você também, eu já entendi que vocês tem um passado — Ela se apressa em dizer antes que eu tente interromper novamente — Mas o que eu vou te pedir, não é só por ele — Ela fala em tom de aviso — Não deixa as feridas do passado te tirem de uma

felicidade presente e futura, se resolva com você mesma, só não desiste do que faz seu coração bater mais forte.

Eu fico em silêncio, não quero falar sobre os meus sentimentos agora, não quero pensar sobre isso. Declaro que estou entrando em estado completo de negação e ninguém vai conseguir me tirar dele.



Estaciono o carro na vaga para funcionários e desço, enquanto eu pego o Lucas, ela segura a bolsa com as coisas dele.

— Vamos entrar pela porta dos funcionários, não quero ter que lidar com paciente com raiva porque vocês serão passados na frente dos outros — Eu aviso e ela me olha arqueando as sobrancelhas — não comenta, só aproveita a vantagem

— Isso não vai te prejudicar? — Ela pergunta preocupada.

— Não, pode ficar tranquila — Acalmo-a — Vamos?

Ela concorda e eu a guio, acredito muito mais que eu vá levar uma bronca por me atrasar do que realmente por estar levando o Lucas para fazer os exames na frente dos outros.

Mal entramos e eu dou de cara com a minha supervisora, o que é bom de certa forma, mas preocupante de outra, não precisava me flagrar atrasada tão rápido.

— Você está atrasada! — Ela acusa e eu sorrio amarelo e logo ela me olha séria — quem é essa criança?

— Esse é o Lucas Vasconcelos, eu preciso que ele faça alguns exames, ele estava com uma bala alojada e foi feita a cirurgia, a recuperação dele foi estável, mas eu gostaria de mais porque só faz algumas semanas — Eu explico e ela me olha desconfiada — e essa é a Dulce, acompanhante dele.

— Você tem acompanhado o quadro? — Ela questiona e eu aceno concordando. — Leva ele para a enfermeira colher o sangue, e depois ir no raio-x, enquanto isso se troca porque você tem que trabalhar.

— Sim, senhora! — Eu exclamo e sorrio — obrigada Dalila.

— Só vai logo — Ela manda e eu aceno.

Eu guio a Dulce até ver a Mia, uma enfermeira incrível e muito paciente e por isso a escolhi. Explico a situação e ela concorda em me ajudar, eu coloco o Luquinha no chão e a Dulce segura a mão dele e eles saem acompanhando a Mia.

Eu me apresso em ir me trocar, sei que vou ficar afogada de coisas para fazer hoje, mas tudo bem, nem mesmo me importo se eu tiver que fazer hora para repor, vou ter certeza do estado do Lucas e ter outra coisa para ocupar minha mente nesse tempo.

— Quem é aquela criança? — Escuto a voz da Isadora e quando me viro, ela está parada

na porta com uma expressão séria.

— O filho de um amigo — respondo simples.

— Estou falando sério. — reforça se aproximando.

— Eu também — Respondo semicerrando os olhos — o que você está pensando?

— Eu não estou pensando em nada, estou começando a ter certeza — Ela fala muito séria, quase irritada — É a criança que você foi sequestrada para cuidar? Eu ouvi aquela senhora dizendo que era da favela. O que você está pensando? Enlouqueceu?

— Eu não gostei nada do tom que usou para falar “favela”, não vai por esse caminho, Isadora — Eu digo muito irritada — E quer saber? É, sim, estou cuidando dele com o melhor que posso, qual o problema?

— Deve ser o filho de um criminoso, vai se envolver com esse tipo? Vai ser chaveirinho de marginal?

— Eu não vou te responder, porque você é minha amiga — Eu respiro fundo controlando a raiva que estou sentindo — Eu vou te dar a oportunidade de pensar bem no que está fazendo, pensar bem no que está falando, e depois, você vem falar comigo.

— Você que precisa repensar nas suas atitudes — Ela diz apontando o dedo para mim, mas eu abaixo a mão dela no mesmo instante.

— Você está com raiva porque eu salvei uma criança? Você teria deixado ela morrer por puro preconceito? Não fode, Isadora — eu a empurro para o lado e começo a sair, mas paro para olhar para ela — ainda bem que eu fui no seu lugar aquele dia, porque senão agora estariam você e ele mortos.

Eu saio do vestiário antes que ela me responda. Não consigo acreditar que uma das minhas melhores amigas tenha um pensamento tão estúpido como esse, vou ter que chamar a Larissa para fazermos uma intervenção nela.

Respiro balançando a cabeça para tirar isso da cabeça, depois eu resolvo.

Entro na sala que a Dulce deve estar com o Luquinha, mas eu travo no instante que chego na porta.

O que esse homem está fazendo aqui?



Capítulo 21

Gabriela Baltazar

Mesmo inspirando profundamente, é como se o ar não estivesse chegando aos meus pulmões, não é como se fosse realmente uma surpresa ver um médico em um hospital, mas ver o Alonso na mesma sala de atendimento que o Lucas está é algo extremamente ruim.

Meu corpo se arrepia com um mau pressentimento ao vê-lo sorrir para mim. O que o Alonso está fazendo aqui? Ele não trabalha em hospital público.

E eu não quero acreditar que ele esteja aqui para me atormentar, não pode ser isso.

Quase imploro aos céus que não seja isso.

— Olha quem voltou, estávamos te esperando — Ele diz com um sorrisinho perverso.

No canto da sala vejo a Mia me olhando com pesar. Acho que qualquer mulher no meio hospitalar conhece a fama do Alonso.

— O que está fazendo aqui? — Faço a pergunta em voz alta, meu tom de voz saí duro e eu não disfarço a expressão.

— Eu vou trabalhar aqui durante as férias de um colega, não é fabuloso? — Ele pergunta com um sorriso debochado. — Minha primeira avaliação vai ser do Luquinha, né, garotão?

Ele diz se virando para o Lucas e o meu coração se aperta, não o quero perto do Luquinha, não quero mesmo, ele já me ajudou no que tinha que me ajudar nesse caso, mas eu sei que o Alonso tem um caráter extremamente duvidoso e sei o que ele faz com as mulheres. Eu não confio nele.

— Eu posso cuidar do caso do Lucas, ele está só para uma avaliação e alguns exames, a Mia já está me auxiliando — Eu falo rápido, me aproximando do Lucas apressadamente.

— Sim, eu já estou me preparando para tirar o sangue e já foram agendadas as outras avaliações — Mia fala, me ajudando, e o Alonso sorri de lado claramente maldoso.

— Eu sou o médico e a última palavra é minha — Ele diz firme e eu travo a mandíbula com raiva.

— Eu acho melhor eu levar o Lucas para casa e depois volto com ele — A Dulce se pronuncia, já pegando o Lucas no colo. E parte o coração vê-lo com uma expressão assustada no rosto.

— Eu acho melhor a senhora deixar que ele faça o que ele veio fazer aqui, afinal, não vai querer ficar furando fila e usando privilégios a hora que quiser, né? — Alonso questionou em um tom maldoso e se virou para mim — Você, me acompanha.

— Para onde?

— É melhor estar atrás de mim quando eu me virar — Ele fala ameaçador e começa a sair do quarto e eu respiro fundo, é uma merda toda essa situação.

E eu sinto que vai piorar ainda mais.

Respiro fundo para me acalmar, e sigo o Alonso, apesar a Dulce e a Mia me olharem negando, mas eu não quero ter problemas diretos com o Alonso, porque eu sei que se ele fizer alguma coisa, vai destruir a minha carreira, e nem o dinheiro do meu pai vai ser o suficiente para me ajudar. E, minha carreira é o que menos me preocupa sobre ele.

Alonso me leva até uma sala vazia e encostou a porta. Engulo seco olhando para o velho asqueroso diante de mim, até sinto raiva de mim mesma por ter recorrido a ele naquele momento, mas eu estava completamente desesperada e cega.

Eu sabia que estava arrumando problema com um demônio e que o preço que ele cobrou seria só o começo do meu inferno.

— É melhor que você pare de me desafiar, Gabriela, não estou gostando desse pequeno confronto — Ele fala sério se aproximando, e eu dou um passo para trás — Você acha que tem força para discutir comigo? Quer mesmo me enfrentar?

— Eu preferia não te encontrar de novo, dirá te enfrentar — desdenho, tentando soar indiferente — Só quero ficar longe de você.

— Mas isso não vai ser possível, porque eu decidi vir para cá para ficar mais perto da aluna que mais escapou de mim durante a faculdade, mas agora está nas minhas mãos.

— Eu não estou nas suas mãos — Eu nego, tentando parecer firme.

— Está, e você sabe que está — Ele se aproxima e segura no meu rosto, apertando minhas bochechas com força — Acha que eu deixei alguma coisa naquele hospital que me envolvesse com uma criança baleada e sem registro hospitalar? Claro que não, e antes que pense no dinheiro que eu recebi, não foi para a minha conta, não tem nada contra mim, mas eu tenho bastante coisa contra você.

— Você sabe de quem o menino é filho, por que estava lá com ele? — Pergunto com a voz abafada pela mão dele, me sentindo nervosa.

— Acha que eu tenho interesse na criança? Eu tenho princípios, me respeite! — Ele desce mais a mão e aperta o meu pescoço com força, me sufocando. — Eu vim atrás de você. Eu sempre quis ter você, a filha do grande Baltazar, sempre andando pelos corredores da faculdade como se fosse dona do mundo e exibindo o corpo perfeito que você tem — Ele sorri de uma forma que me dá nojo e desespero — Eu tive muito tempo para pensar em cada coisa que eu queria fazer com você.

Ele me encara em silêncio com um sorriso debochado no rosto e se aproxima mais de mim, mas eu o empurro, o mantendo o mais longe que consigo, mas ele aperta ainda mais o meu pescoço.

A falta do ar começa a deixar a minha visão embaçada e uma fraqueza invade o meu corpo, mas um barulho no corredor o faz me soltar e eu vou direto ao chão.

— O recado está dado, é melhor que você fique mais quietinha ou eu vou destruir sua vida, não vai só perder a carreira, como vai ser presa também — Ele avisa e sai, me deixando no chão.

Mas ainda é melhor estar nesse chão, com certeza contaminado, do que estar na companhia daquele verme.

Puxo o ar com força, tentando me recuperar. Preciso voltar ao trabalho, preciso colocar meus pensamentos no lugar para chegar em uma solução, não posso deixar que ele faça o que quer dessa forma.

Limpo o meu rosto das lágrimas que estão escorrendo, não vou deixar que essa situação se estenda dessa forma, não mesmo.

Nem que eu tenha que apelar para quem tem mais recursos e meios do que eu para se livrar de uma pessoa.



Capítulo 22

Eduardo Vasconcelos

Desço preocupado para a casa da Dulce, o que será que aconteceu no hospital? Será que o Lucas está mal? Será que tem algo grave acontecendo?

Vou falar com ela e já levá-lo para casa, mas qualquer coisa, vou falar com a Gabriela também, porque vou precisar que ela fiscalize qualquer tratamento que o meu filho necessite.

Confio plenamente nela.

Não quero ficar longe do Lucas, mas se for necessário, mando ele para morar com a minha mãe na Suíça. Lá fora deve ter mais recursos e eu não tenho problema nenhum em gastar com a saúde dele.

Chego na casa da Dulce e bato na porta uma vez e entro, encontro-a sentada no sofá com uma expressão séria, no outro sofá está o Dionísio com uma tipoia no braço, ele passa mais tempo aqui do que na casa dele, mas me chama a atenção como ele parece agitado, e eu não gosto desse clima que está instalado aqui.

— Ainda bem que você veio logo — Dulce diz ficando de pé — Acho melhor você se sentar.

— Aconteceu alguma coisa com o Lucas? — Pergunto preocupado.

— Não, ele está muito bem, logo ele tem que começar a fisioterapia e estará completamente bem, ele está até dormindo agora. — Dulce responde e eu fico confuso.

— Se ele está bem, por que me chamou aqui com urgência?

— É melhor falar de uma vez — Dionísio diz receoso e eu olho sério para ela.

— Que caralhos está acontecendo? — Pergunto impaciente — Odeio esse mistério, tão achando que tão em uma cena de suspense? Fala, porra!

— Aconteceu uma coisa muito estranha no hospital hoje...

— Vai direto ao ponto logo — Interrompo impaciente.

— ... aquele médico apareceu lá, ficou fazendo umas perguntas e quando a Gabriela apareceu para continuar o atendimento, ele a arrastou para outro lugar e eu os segui, eu não consegui ouvir e nem ver tudo o que aconteceu, porque eles entraram em uma sala, mas eu tenho certeza que ele estava chantageando ou ameaçando a Gabriela — Ela explica e eu sinto o ódio tomando conta de todo o meu corpo, quem esse filha da puta pensa que é? — Eu tenho certeza que alguma coisa aconteceu, porque quando ela apareceu novamente seus olhos estavam vermelhos e seu rosto inchado de choro e havia uma marca estranha em seu pescoço.

— Quem é esse médico? — Questiono entre dentes, apertando as minhas mãos em punhos, e sentindo os meus ombros tensionarem.

Eu tenho certeza que seria capaz de matar alguém com as minhas próprias mãos nesse momento.

— O médico para quem ela ligou quando precisou fazer a cirurgia do Lucas, o que você pagou — Ela esclarece e eu fico em silêncio.

Tenho certeza que lembro das expressões da Gabriela falando com ele, e sei que ele é um escroto, mas eu não acho que saiba exatamente o quanto, preciso entender o que aconteceu para tomar uma atitude, porque não vou deixar ninguém fazendo nada com a minha mulher.

Ele a fez chorar, e eu vou garantir que ele não tenha mais olhos. Cruzou o caminho da pessoa errada.

— Eu não sei se deveria ter te contado, por isso talvez seja melhor esperar a Gabriela dizer alguma coisa — Dulce fala receosa e eu rio soprado com escárnio.

— Só pode estar louca se acha que vou fazer isso — Desdenho — Ela vai ter que me falar exatamente sobre esse desgraçado, ou eu vou tomar medidas por mim mesmo, com o que tenho de informação já é o suficiente para matar ele.

— Ele parece ser um médico muito importante — Dulce argumenta, mas eu dou de ombros.

— E ainda é gente, foda-se o título e o dinheiro dele, se morre com uma bala no peito, não vai ser difícil para mim — Rebato com um sorriso maldoso e irritado — Mas seria interessante saber o que ele está fazendo, talvez um tiro seja pouco para o que ele merece.

— O chefe está certo — Dionísio fala com a expressão séria — A gente não pode ficar vacilando enquanto esse carinha aí, tá fazendo mal para a *doutorinha*.

— É óbvio que vocês estão certos — Dulce suspira — mas eu me preocupo com vocês também.

— A gente sabe se cuidar, e não vai ser a morte de panaca qualquer que vai ser um problema nas nossas vidas, não é como se alguém fosse fazer alguma coisa que já não faça — Dou de ombros — Não colocaram as mãos em mim até hoje e não vai ser agora.

— Vai ficar tudo bem, Dulcinha — Dionísio fala com um sorriso pequeno — bem com a gente.

— Eu vou falar com a Gabriela ainda hoje e depois vou pensar em uma forma de resolver isso com menos sujeira possível — Falo tentando soar mais calmo, mas não é bem como me sinto.

Não quero preocupar a Dulce, sei que ela já vive preocupada, mas pelo menos já está acostumada, meu pai vivia assim e logo depois dele, eu assumi tudo, até tentei que ela fosse embora com a minha mãe.

Ela também é sangue do meu sangue e eu cuido dos meus. Mas Dulce preferiu ficar, meu lado egoísta agradece, já que eu sei que posso confiar nela.

— Faça o que tiver de fazer com cuidado — Ela diz séria e eu sorrio frio.

— Eu sempre tomo cuidado — respondo e caminho até ela, e beijo sua testa — Já disse para não se preocupar comigo, tia.

— Seu pai me falava o mesmo — Ela responde me abraçando — Você e o Luquinha são a única família que eu tenho — Quando ela termina de dizer, escutamos o Dionísio fazendo som de quem tá limpando a garganta e eu acabo rindo — Certo, vocês e o agregado do Dionísio.

— Poxa, Dulcinha, eu sei que a senhora gosta de mim sim — Ele brinca e ela revira os olhos.

— Você que não sai da minha casa — Ela reclama e ele dá de ombros.

— Eu preciso ir — Aviso me afastando da Dulce e olho para o Dionísio — Quando melhorar esse braço, vai voltar a ativa.

— É claro chefe — Ele responde no mesmo instante e eu aceno.

Me despeço da Dulce e saio da casa dela, mais tarde eu volto para pegar meu filho, agora eu vou resolver com o Corvo qual a melhor forma de matar um médico filho da puta, porque é isso que eu vou fazer.



Capítulo 23

Gabriela Baltazar

Os dias têm sido infernais e eu não sei por quanto tempo continuarei aguentando isso.

Me jogo no sofá, estar em casa onde posso me sentir completamente segura me enche de paz, e tudo o que quero no momento é paz, esquecer aquele nojento e comer alguma coisa antes de dormir.

Pego o meu celular e começo a procurar onde vou pedir comida e o que vou pedir, mas me assusto quando a campainha toca e resmungo no instante que o celular bate contra o meu rosto.

— No próximo susto desse eu morro do coração — Reclamo sozinha enquanto me levanto para abrir a porta, eu definitivamente não estou esperando ninguém, só quero descanso.

No momento que giro a maçaneta e puxo a porta, vejo a Isadora e a Larissa, e antes que eu fale alguma coisa, a Isa puxa a Lari pelo pulso para dentro do meu apartamento, me deixando bem confusa sobre o que está acontecendo e por que estão aqui.

— Antes de tudo, quero começar me defendendo. Eu não sei o que está acontecendo, Isadora passou na minha casa e me disse que a gente tinha que vir aqui urgente fazer uma intervenção, então eu só vim — Larissa diz e se joga no meu sofá — Tem comida aí?

— Eu estava prestes a pedir, então, não — Respondo e direciono meu olhar para a Isa — Que intervenção é essa?

— Você sabe do que se trata — Ela responde como se fosse óbvio e eu preciso respirar fundo, isso é inacreditável.

— Eu não sei do que se trata — Larissa comenta tranquilamente e eu sorrio de lado olhando para a Isadora.

— Vai Isa, fala para ela sobre o que é essa intervenção — Deixo o deboche transparecer no meu tom de voz enquanto falo e arqueio a sobrancelha, porque tenho certeza que a Larissa não vai ficar do lado dela.

— Gabriela está querendo virar marmitta de bandido, correndo de um lado para outro por causa dessa gente, apareceu com uma favelada no hospital esses dias — Isadora exprime e eu vejo a expressão tranquila da Larissa sumir no mesmo instante.

E eu entendo completamente a cara de incredulidade e raiva dela, porque também estou tendo que respirar fundo para não surtar. Que caralho de preconceito é esse, viu.

— Tá doida, Isadora? — Larissa pergunta ficando de pé — Que jeito preconceituoso é esse de falar? Pior, olha a forma como tá falando da nossa amiga?

— Eu te pedi para vir falar comigo só quando tivesse pensado direito no que estava

falando, mas você veio até o meu apartamento depois de mais de doze horas de trabalho para me encher o saco, inacreditável — Eu falo e vejo ela bufar.

— Estou tentando colocar um pouco de juízo na sua cabeça, mas você não tá escutando — Ela reclama e olha para a Larissa — E agora ela agindo assim também.

— Agindo como uma pessoa normal? — Larissa pergunta irritada.

— Como uma irresponsável! — Devolve, seu rosto já ficando avermelhado.

— Eu não sei por que você está surtando dessa forma, de verdade — Eu falo e dou de ombros — Você já me chamou de chaveirinho de bandido, marmita, acabou o seu respeito por mim? E outra coisa, você me viu no hospital com uma senhora e uma criança, que comportamento é esse?

— Eu sei que eram uma criança e uma senhora, mas quem te sequestrou foi um bandido que deve ser algo deles — Ela responde cruzando os braços — no fim, todo mundo meio marginal.

— Eu não estou escutando o que tô escutando, né? Fui tirada de casa para isso? — Larissa reclama e respira fundo — Foda-se, Isadora, larga de ser limitada dessa forma.

— Não estou sendo limitada, vocês que parecem que não veem as notícias — Ela bufou — caramba, acabou de sair uma matéria que no Rio a filha de um policial foi sequestrada por um bandido do morro, a própria Gabi foi e vocês agindo como se estivesse tudo legal e tudo certo.

A Larissa me olha e eu respiro fundo, sinceramente, não quero brigar com a Isa porque ela é uma pessoa que eu realmente gosto e que é minha amiga, mas caramba, custa ela entender as coisas? Custa ela tirar esse preconceito todo?

— Isa, você não está do criticando quem é bandido, você falou coisas como “no fim, todo mundo é meio marginal” — Repito com desgosto de ter que falar, mas preciso que ela entenda as coisas de verdade — Tem gente boa e gente ruim em todo lugar, você ficou atacada dessa forma por causa de uma senhora e uma criança, respira e pensa antes de falar.

— E você não sabe nem a metade das coisas que tem acontecido, e eu acho que nem deveria saber só por causa desse comportamento torpe — Larissa fala irritada.

Isadora cruza os braços em silêncio enquanto bate o pé no chão repetidamente. Suspiro, sei que ela foi criada assim, sei que tem muita gente que pensa assim no nosso meio, mas não vou ficar quieta, não vou deixar minha amiga com esse tipo de pensamento.

Porque a verdade é simples, ou a Isa muda, ou não vai ter como continuar sendo amiga dela.

— Não entendo como alguém que escolheu ser médica e salvar vidas, independentemente de quais, pode estar agindo assim — Larissa diz quebrando o silêncio, seu tom de voz é quase cansado.

— Eu vou repetir o que eu já te disse, quando você estiver pronta para repensar esses seus conceitos...

— Preconceitos — A Larissa interrompe.

— ... a gente pode conversar, nós somos pessoas adultas, não somos adolescentes ou crianças incapazes de compreender as coisas...

— Até criança entende melhor — a Larissa interrompe novamente.

— Larissa, por favor — Eu peço e ela dá de ombros.

— Eu já entendi, não vou discutir mais — A Isadora fala e respira fundo — Estou indo para casa.

— Amiga, por favor, pensa um pouco mais nesse seu posicionamento — Eu insisto, mas só recebo um olhar duro.

— Nos vemos no hospital, até mais — Ela começa a sair sem esperar que a gente responda.

— Eu te acompanho — Falo indo atrás dela.

— Eu sei o caminho — Ela diz mais ríspida do que eu esperava, o que me faz parar no lugar e observar ela saindo.

— Esquece isso — A Larissa fala atraindo a minha atenção, e quando me viro, ela está sentada no sofá mexendo no celular — O que aconteceu e quem estava no hospital? Quando?

— Não dá só para esquecer isso, ela é nossa amiga — Eu falo voltando para a sala.

— Ela está agindo como uma vadia, e nem é no bom sentido — Ela rebate — Deixa ela pensar direito e me responde. Quem estava no hospital?

— O filho do Eduardo precisava de uma avaliação mais completa do que a assistência que eu consigo dar, então busquei o Lucas e a Dulce para irem ao hospital, mas já tem uns dias — Eu explico sentando no sofá junto com ela — O que está fazendo?

— Pedindo comida — ela explica sem me olhar — Quando vai até lá?

— Provavelmente amanhã — Respondo tentando ver o que ela está escolhendo para a gente jantar — peguei escala de 12x36.

— Vou dormir aqui e vou com você — Ela avisa e eu rio — Quero ver meu gato.

— Seu gato está com a pata deslocada — Eu falo e ela me encara espantada — Relaxa, já coloquei no lugar.

— Aquele puto se machucou e não me falou nada? Deixa ele comigo — Ela fala brava saindo do app de comida.

— E a comida?

— Depois — ela fala bufando — Vou brigar com o Dionísio agora.

— Interessante é que eu nem sabia que vocês tinham trocado telefones — comento pegando meu próprio celular.

— Trocamos, depois de trocarmos saliva — Ela dá de ombros e eu rio — Ele vai ligar, já volto.

— Ele é mais novo que você, papa anjo — eu a provoco enquanto se levanta.

— Primeiro que de anjo ele não tem nada, segundo que ele já passou dos dezoito, com licença — Ela responde e me joga uma almofada enquanto sai.

Seria tão mais fácil se a Isa fosse assim também. Quero dizer, não precisava ser tão assim, mas só um pouquinho mais mente aberta.

Suspiro, a Larissa tem razão, melhor deixar isso para lá. Vou pedir o nosso jantar e descansar, é isso que eu preciso.



Capítulo 24

Gabriela Baltazar

Depois de tomar o café da manhã com a Larissa, arrumo minha mochila para levar, Dulce me mandou mensagem pedindo que eu olhasse algumas pessoas.

Ela não especificou nada, então acho melhor eu garantir, por isso pego um pouco de cada coisa que tenho em casa, não é muita coisa porque não posso ficar andando com material hospitalar por aí, só estou com o básico.

Isso me faz pensar que talvez, só talvez, eu devesse aceitar a proposta do Corvo, mesmo que não fosse uma clínica de atendimento diário, talvez fosse uma boa ideia.

Algo com profissionais capacitados e podemos criar ciclos para o atendimento ao longo da semana ou das semanas, mas é melhor pensar nos detalhes com calma.

— Você está muito pensativa — Larissa comenta ao sentar na minha cama.

— Estou arrumando as coisas que a Dulce pediu — Explico, mas paro para olhar pra ela — Você acha que seria loucura aceitar a proposta do Corvo?

— Amiga, só você pode decidir isso, mas olha para você e seja bem sincera, porque nesse momento você já está arrumando tudo o que pode para atender lá, mal sabe quem vai ter que atender. — Ela fala e eu suspiro, porque ela tá certa e eu confusa — Se for uma criança ou um traficante machucado, você vai fazer o atendimento da mesma forma, com a clínica você pelo menos teria mais apoio nem que fosse dos equipamentos.

— Acho que você está certa — Concordo, preciso pensar bem antes, mas vou fazer isso sozinha. Me viro para pegar a mochila — Vamos?

— Vamos, e no seu carro porque eu vim com a Isa ontem — Ela avisa e eu aceno concordando.



Estaciono o carro, mas antes de descer sinto a mão da Larissa no meu braço e olho confusa para ela que está com uma expressão séria.

— Você está bem? — Ela pergunta firme enquanto me encara.

— Estou, por que isso de repente? — Pergunto confusa.

— Eu não tinha reparado antes, mas você está inquieta e agitada, bateu os dedos no volante o tempo todo, mexeu no cabelo o quanto pôde e a cada cinco minutos respirou fundo — Ela fala e eu suspiro com um pouco constrangida, realmente estou me sentindo um pouco ansiosa — Eu não vou te julgar, só quero entender o que está acontecendo.

— Eu também não sei o que pode ser, só estou me sentindo estranhamente ansiosa e não estou sabendo lidar bem — Tento explicar — Como uma premonição, sabe?

— Só espero que não seja como nos filmes, tô muito nova para morrer — Ela brinca e eu acabo rindo.

— Por favor, Larissa, olha as coisas que você pensa — Respondo rindo e ela dá de ombros.

— Nunca se sabe, minha amiga, nunca se sabe. — ela diz divertida, mas logo muda a expressão ao segurar a minha mão — Eu não sei o que te deixou assim, mas saiba que pode contar comigo para resolver qualquer b.o.

— Eu conto mesmo, você é a minha advogada — Respondo e é a minha vez de quebrar o clima com alguma piadinha, e funciona, porque ela ri — vamos?

— Vamos.

Saímos do carro e eu a guio para irmos direto para a casa da Dulce. Caminho esse que eu já conheço de cor. Já conheço alguns rostos de vista, e algumas pessoas pelos nomes, vir cuidar do Lucas quase todos os dias no início do acompanhamento dele virou uma rotina e me fez conhecer bem aqui.

Vejo a Dulce parada em frente a casa dela e o Luquinha corre na minha direção quando me vê e eu me abaixo para pegá-lo no colo.

— Tiaaaaa! — Ele exclama e eu sorrio — Sabia que eu gosto quando você vem?!

— Eu também gosto de vir — Respondo me levantando com ele nos braços e ele me abraça.

— Meu Deus! Que cena mais fofa foi essa que eu presenciei agora — Larissa fala como se estivesse chocada e eu reviro os olhos.

— Luquinha, essa é a minha amiga, Larissa — apresento e ele olha para ela desconfiado e eu sorrio achando divertido — Ela também é amiga do seu pai.

— Igual você? — Ele pergunta com os olhos arregalados e a Larissa ri alto.

— Não, não — Ela nega e eu semicerro os olhos — a amizade da sua tia Gabi e do seu pai é muito especial.

— Larissa... — Eu falo em tom de aviso e ela dá de ombros rindo.

— Oi, bom dia — A Dulce nos cumprimenta e respondemos no mesmo tom gentil, mas eu noto o olhar dela preocupado — Obrigada por ter vindo.

— O que aconteceu? É alguma urgência? — Pergunto preocupada.

— Talvez um pouco? — Ela diz, mas ficou parecendo uma dúvida e isso me deixa ainda mais preocupada — Sabe como é? Eles não têm um pinga de juízo e nem de autopreservação, tem mais um dos garotos machucados.

— Ok, onde ele está? Eu preciso ver para saber como proceder — falo séria.

— Lá dentro de casa, ele tá com um corte nas costas, tá muito feio. — Ela explica e começa a nos guiar, mas para na porta — O Davi tá na sala e tá uma bagunça, não quero que o Luquinha veja, estou aqui fora esperando a Emília.

— Eu posso ficar com ele, se ele quiser — A Larissa se oferece e eu já consigo ouvir alguns resmungos vindo da casa.

— Bebê, você pode ficar aqui com a minha amiga, enquanto eu cuido de uma pessoa que tá dentro da casa da Dulce? — Pergunto para o Lucas que está com a cabeça no meu ombro.

— Mas depois vai *cuida* de mim? — Ele pergunta levantando a cabeça para me olhar.

— Com certeza, já disse que você é o meu paciente favorito — Respondo e ele sorri concordando.

— Então, eu fico — Ele responde e pula para o colo da Larissa, que o pega com cuidado, por causa da tipoia. Dulce ainda entrega uma mochilinha para ela que a coloca nas costas.

— O Dionísio tá aí? — Pergunto para a Dulce que acena concordando e eu olho para a Lari — Eu já mando ele vir ficar contigo, vai que alguém acha que você tá é sequestrando o filho do chefe.

Eu provoco e a Larissa arregala o olho se dando conta de que ninguém conhece ela e que podem mesmo pensar isso. A Dulce me olha feio e eu rio entrando na casa, sem escutar o que ela fala para a Larissa, mas meu sorriso morre no mesmo instante que vejo a cena na sala.

Tem um homem no chão com um corte aberto nas costas de pelo menos vinte centímetros, não tenho ideia da profundidade, mas tem muito sangue no chão.

— Dulce te chamou mesmo, ainda bem — o Dionísio fala como se estivesse aliviado, e eu noto que na sala, além do ferido e do Dionísio, tem mais dois homens.

— Deveria ter me chamado com mais urgência — eu falo já prendendo o cabelo mais firme — Além dele no chão, mais alguém ferido?

— Não — Um deles fala e depois olha para o Dionísio — O Dionísio.

— Não, eu tô bem para...

— Dionísio, você vai lá para fora e fala para a Dulce vir — Eu falo firme e olho para os outros dois — Vou ter que lavar essa ferida e dar ponto, vou precisar que segurem ele.

— Não tem anestesia, doutora? — O cara machucado pergunta com a voz quebrada de dor.

— Só uma pomada, mas não vai ser o suficiente para isso — Eu respondo — Mas você aguenta, agora vamos agir logo.

— Por que eu tenho que ir? — Dionísio pergunta me encarando.

— Você não vai fazer nada para ferir esse braço de novo e tem gente te esperando lá fora — Explico e ele arqueia a sobrancelha — Vai logo.

Coloco minha mochila no sofá para tirar as coisas que vou precisar, grata por ter trazido um pouco de cada coisa, e definitivamente preciso conseguir anestesia mais forte um pouco.

Coloco minhas luvas e é hora de focar toda a minha atenção no paciente.



Felizmente o corte só era comprido e não fundo, ou teria sido ainda mais difícil. Me roí de curiosidade, mas definitivamente prefiro não saber como ele conseguiu isso.

Me sento no chão da cozinha da Dulce, os amigos do Davi já o levaram embora, a Dulce está limpando a sala e eu não tenho ideia de onde está a Larissa, o Dionísio e o Lucas. Sinto que eu deveria ajudar a Dulce, mas estou me sentindo cansada e preciso de um momento para me recuperar.

— Você está bem? — Escuto uma voz que eu conheço bem, levanto o olhar e não digo nada, não tenho certeza se quero falar com o Eduardo agora — Gabi?

Abraço as minhas pernas escondendo o meu rosto e não respondo nada, mas o escuto sentando ao meu lado e ao contrário do que eu acho que ele faria, ele também fica em silêncio.

Eu sei que estava na cama dele na última vez que nos vimos, mas eu também disse que queria esquecer ele. Odeio essa confusão.

Odeio me sentir cansada assim



Capítulo 25

Eduardo Vasconcelos

Gabriela está sentada no chão, completamente encolhida, e eu me sento ao seu lado.

Minha vontade é de abraçá-la, mas sei que ela vai me recusar, já que sequer me respondeu. Fico apenas esperando ela falar alguma coisa, mas sentindo uma angústia crescendo dentro de mim. Será que é minha culpa?

Escuto um choro baixo, e esse é o meu limite. Puxo a Gabriela para os meus braços e ela agarra a minha camiseta e seu choro se torna mais forte. O que está acontecendo?

Hoje foi um dia horrível, mesmo que ainda não seja nem uma hora da tarde. Mas já tive problema com a polícia, tive que dar um jeito de calar umas pessoas e ainda teve o Davi ferido. Mas na real, ver a Gabriela assim é a pior coisa de todas.

— Gabi, me conta qual o problema, vamos conversar — Peço ainda fazendo carinho nela.

— Não tem o que conversar — Ela fala se desvencilhando das minhas mãos — Sou uma idiota!

— Não, você não é — Nego, mas antes que eu consiga me aproximar, ela já se afasta novamente.

— Claro que sou, estou confusa por sua causa e é nos seus braços que eu choro? — Ela limpa os olhos enquanto me encara.

— Achei que a gente estivesse bem — Eu argumento confuso.

— Pra você está tudo ótimo mesmo — Ela ironiza enquanto se levanta — Vou embora.

— Espera, a gente tem que conversar agora — Insisto, mantendo o máximo de calma que consigo. Seria mais fácil se ela apenas falasse, acredito que isso não seja realmente sobre nós.

— Você sempre fala que a gente tem que conversar, mas no fim, nunca diz nada — Ela faz uma pausa respirando fundo e me olha seriamente — Você quer falar sobre o quê?

Olho para a Gabriela tentando compreender o que está acontecendo, mas logo a compreensão chega a minha mente e eu a puxo para um abraço. A envolvo bem, mantendo ela presa contra mim.

— Eu sei o que está acontecendo e, porque você está tão nervosa, achei que tínhamos que falar sobre isso, mas vendo como você está, claramente não tem o que ser falado — Eu falo baixo — Sei que temos nossos problemas, mas não ao ponto de você reagir assim.

— Eu não sei o que... é... — Ela suspira parecendo confusa — Do que você está falando?

— Estou falando que vou cuidar de você e vou te provar que estou aqui por você — Falo

calmamente olhando nos olhos dela — Eu vou fazer tudo por você.

Ela se afasta um pouco de mim e eu deixo, ela parece confusa e nervosa, até que me olha como se tivesse compreendido algo.

— Dulce contou — Ela afirma e eu apenas aceno — Você não pode fazer nada.

— Claro que posso — Dou de ombros — Gabi, nada que te atinja deve continuar existindo. Qual é a graça de ter alguém que pode fazer o trabalho sujo e não recorrer a isso quando necessário?

— Eduardo... — Ela tenta me repreender, mas acaba deixando um sorrisinho escapar.

— E você também tem que me falar o que estiver te incomodando sobre nós, eu já deixei claro que quero você — Reclamo e a vejo suspirar.

— É fácil para você me cobrar qualquer coisa, quando sou eu que tenho que fazer tudo — Ela fala em um tom cansado.

— Como assim? — Pergunto confuso.

— Eu vim até aqui, e eu que continuo voltando, sou eu quem te procura, até quando a gente foi transar, eu quem tomou a iniciativa — Ela apontou em um tom de voz baixo — Quando vai ser você que vem até mim?

— Gabriela...

— Eu não quero que você me responda, quero que você pense e faça alguma coisa, porque eu também quero você, Eduardo, mas não quero ser a única pessoa construindo alguma coisa aqui — Ela diz firme — Se quer construir também, melhor começar a tomar alguma atitude, ou vai ser eu quem vai sumir no mapa e você não terá nem chance de ter uma notícia minha.

Ela fala com seriedade e começa a se afastar para sair da cozinha, mas eu a seguro pelo braço e encaro nos olhos.

— Eu não vou deixar, você não vai sair da minha vida e eu não vou sair da sua outra vez — Eu falo sério — Entendeu?

— Não tem como eu sair da sua vida outra vez, já que foi você quem saiu da minha — Ela responde puxando o braço — E ao invés de fazer essa cara de bravo, e falar como se estivesse me... ameaçando?! Faça alguma coisa, porque eu não tenho medo de você.

— Eu não quero você tenha medo, quero que fique ciente — Respondo, eu realmente me sinto irritado.

— Então fique ciente de que você não me tem, e não vai ter se continuar assim — ela começa a se afastar — tenho mais o que fazer, tenha uma boa tarde.

— Gabriela... — Eu a chamo mesmo que eu esteja irritado, e com vontade de socar alguma coisa, a gente ainda tem uma coisa para resolver — Qual o nome do médico?

— Alonso Borba — Ela responde entre dentes.

— Eu vou resolver esse problema e vou te provar que quero você — Falo firme.

— É o que espero que você faça — Ela diz seca e sai da cozinha.

Respiro fundo para me acalmar, Gabriela me tira do sério, mas brigar é pior. Passo a mão pelo rosto, nervoso. E saio da cozinha também.

Dulce está na sala e me olha séria, mas continua lavando o chão e não fala nada.

— O que foi? — Pergunto irritado.

— Não, não vem descontar seu estresse em mim — Ela me repreende e eu arqueio a sobrancelha — Escutei parte da discussão de vocês, e eu não tenho culpa de você estar perdendo ela.

— Não te ensinaram que é feio ouvir atrás da porta?

— Tu é igualzinho seu pai, e vai perder a mulher que ama igualzinho ele, bunda mole — Ela diz me ignorando e eu bufo ofendido — E a mulher do Davi tá lá fora te procurando.

— Você abusa do fato de ser minha tia — Reclamo saindo da casa, mas ainda vejo ela dando de ombros.

Reviro os olhos e mal piso do lado de fora e já escuto uma gritaria, só com muita paciência para lidar com tudo isso. Foda é que eu não tenho nenhuma.



Capítulo 26

Gabriela Baltazar

Saio da cozinha me sentindo irritada, nervosa, magoada.

Eduardo me afeta de todas as maneiras possíveis. Na sala me deparo com a Dulce ainda lavando o chão, espero que ela não tenha ouvido muita coisa, porque com o tamanho da casa é impossível que não escute.

Tenho que aprender a lidar com as coisas que sinto.

Preciso espairecer um pouco antes de fazer a lista de medicamentos para o Davi e conferir se vou precisar atender mais alguém. Eu ainda tenho que falar com o Corvo, o que me causa gastura.

Que vontade de gritar, minha mente parece tão bagunçada agora.

— Ei! Você! — Escuto alguém gritando no momento que chego na rua e olho para conferir se é comigo, vejo uma mulher branca com o cabelo loiro, usando um cropped e um short jeans me olhando de cima a baixo — Você que é a médica que atendeu o Davi?

— Sou — Respondo entre desconfiada e assustada, ela tem uma expressão muito fechada no rosto — No que posso ajudar?

— Eu sou a mulher dele, quero que me passe tudinho que precisa pra cuidar dele — Ela pede exigente.

— Claro, só que eu não estou com papel e caneta, a senhora tem como anotar?

— Na hora — Ela responde tirando o celular do bolso — Pode falar.

— Que cê tá fazendo aqui, sua puta? — Uma outra mulher, negra da pele mais clara, e o cabelo cacheado e vermelho, chega perguntando e eu olho assustada.

— Puta é você, sua vadia do caralho — A primeira responde e eu dou um passinho para trás.

— Você é a *doutorinha*, né? — a segunda mulher pergunta e eu só aceno — O que aconteceu com meu marido? Davi.

— Seu marido, o caralho, aquele homem é meu! — A primeira grita empurrando a outra.

Eu me afasto mais. De jeito nenhum que eu me meto no meio delas, não vou apanhar de graça desse jeito.

Elas começam a gritar e se grudam uma na outra, brigando e trocando ofensas e agressões. Até me assusto quando sinto o Eduardo me puxando para que eu fique um pouco atrás dele.

Silenciosamente agradeço por ele ter aparecido.

— Que porra é essa? Tão doida suas fodida? — Ele pergunta muito irritado e chama alguém para separar as duas — É melhor vocês cooperarem ou eu vou separar vocês na bala.

— Essa puta quem começou! — A segunda esperneia gritando.

— Que se foda, Rayssa, não quero barraco na minha porta — Eduardo falou ríspido.

— Você nem mora aqui — Ela se defende resignada.

— Eu tava aqui de boa, de boa e ela veio atrapalhar a doutorinha a me passar as coisas de como cuidar do Davi — A primeira, que eu ainda não sei o nome, se justifica se soltando do carinha que estava segurando ela.

— Some as duas daqui, não vou resolver problema do Davi não, quem vai pegar qualquer coisa vai ser a mãe dele, não as putas dele — Eduardo declara e eu olho para ele arqueando a sobancelha.

— Olha Loki...

— Olhar o quê? — Ele pergunta interrompendo enquanto cruza os braços.

— Tô vazando — A Rayssa fala e olha para a outra — Você escapou, mas na próxima vou te deixar careca.

— Você que teve sorte, puta — a outra debocha.

— Eu não quero ter que falar de novo — Eduardo diz sério.

Elas se encaram mais um tempinho, mas antes que façam algo, são puxadas pelos dois homens que as separaram, cada uma para um lado diferente. E só então noto que a rua está cheia de gente olhando a confusão.

— Você está bem? — Ele pergunta virando de frente para mim.

— Muita emoção para um dia só — Eu falo respirando fundo para me acalmar. — Preciso espairar, preciso de espaço.

— Eu vou dar o espaço que você quer agora, mas saiba que vou estar de olho em você ainda — Ele diz e beija minha testa e depois me dá um selinho. Fico surpresa e ele me olha com um sorrisinho de lado — Quero que todo mundo saiba que você é minha.

— Eduardo....

— Não, eu sei bem o que você vai falar — Ele me interrompe olhando nos meus olhos, e estamos muito próximos — Quero que todo mundo saiba que você é a minha mulher, não importa que você esteja meio chateada, isso a gente resolve entre nós, mas os outros têm que saber de quem você é.

— Eu não vou discutir porque tem muita gente nos olhando, mas saiba que eu não aprovo esse comportamento — Eu reclamo. Mas estamos falando muito baixo um com outro, duvido que outra pessoa esteja escutando.

— Depois a gente vai se resolver — Ele fala com um sorriso de lado segurando a minha cintura — Você quer provas do que eu quero com você, eu vou te dar tudo o que você quiser, e aí, a gente vai recomeçar de verdade, do jeito certo.

— Se a gente vai recomeçar ainda, não tem que marcar território — Eu provoco.

— Você sempre foi minha, mas agora que voltou para o meu alcance, todo mundo vai saber disso — Ele fala baixo, perto demais, bagunçando os meus pensamentos.

— Eduardo, não faça isso comigo, que droga! — Eu reclamo e ele ri.

— Estou indo agora — Ele me beija mais uma vez e se afasta. — Até depois, meu amor.

Eu respiro fundo, não era pra isso ter acontecido. Ele me balançou logo depois de eu ter brigado com ele, inferno de homem que sempre vira o jogo.

Fico vendo ele se afastando, tentando organizar os meus pensamentos. Eu preciso pensar no que eu realmente quero, não posso ficar nesse jogo sem sentido. Ou eu o aceito de verdade na minha vida, ou desisto disso de uma vez.

O Luquinha já está bem, não tem mais motivo para eu ficar voltando aqui.

Preciso pensar no que eu quero para minha vida, pensar bem. Eu não sei o que ele pretende fazer para me provar alguma coisa, mas sei que nada vai resolver se eu não tiver escolhido também. Um relacionamento só funciona quando os dois querem de verdade.

— Gabriela... — Eu me assusto ao ouvir o meu nome e sentir uma mão no meu braço — Sou só eu, amiga, Larissa.

— Porra! Como você chega sorradeira assim? — Pergunto com a mão sobre o peito, enquanto tento me recuperar do susto.

— Você que tá em outro mundo — Ela dá de ombros — mas foco aqui, a gente precisa ir embora.

— Por quê?

— Precisamos conversar sobre o que eu descobri, não estou sabendo o que fazer com essa informação — Ela fala nervosa e eu fico preocupada.

— O quê? — Pergunto, mas eu não sei se aguento mais comoção hoje.

— Eu acho que o Dio é irmão da Isa — Ela fala baixo e eu arregalo os olhos, chocada.

Eu sei que não deveria olhar para a minha amiga como se ela estivesse louca, mas no momento não vou conseguir disfarçar o que estou pensando.

Que história maluca é essa?

— Gabi, vamos? — Ela chama balançando a mão na minha frente.

— Tudo bem, eu só preciso pegar as minhas coisas — Falo, indicando a casa da Dulce — Você tem certeza?

— É óbvio que não, por isso preciso da sua cabecinha linda para avaliar a situação comigo — Ela diz como se fosse óbvio.

Como se houvesse alguma obviedade nessa loucura toda. Isso não faz qualquer sentido. De que forma isso teria acontecido? Larissa não está bem.

— Ok, já volto — Peço, já me virando para voltar para a casa da Dulce.

— Vai logo — Ela diz me apressando.

Caminho de volta para dentro da casa da Dulce, quase rio ao perceber que já me sinto tão “em casa” na casa da Dulce, que já entro e saio naturalmente. Escuto barulho vindo da cozinha e vou até lá.

— Dulce, tinha mais algum atendimento de emergência? — Pergunto vendo ela começando a separar alguns alimentos.

— Não, de emergência não — Ela responde me olhando — Por quê?

— Eu vou precisar ir embora, hum... aconteceu uma coisa urgente — Explico e ela assente.

— Achei que vocês iriam almoçar aqui — Ela comenta, parando para me olhar.

— Eu juro que na próxima, mas é que a gente realmente tem que ir — me explico e ela sorri compreensiva — Vê quem precisa de algum atendimento, que não seja de urgência e que o postinho da região não esteja dando assistência e me fala, assim eu já venho preparada na próxima folga. Pode ser?

— Confiro isso, pode deixar — Ela diz e sorri pequeno — Obrigada, Gabriela.

— Não tem que me agradecer, mas agora eu já vou mesmo — Eu dou um tchau com a mão e ela corresponde.

Passo pela sala e pego minha mochila, e lembro que no fim não deixei as recomendações para ninguém por causa da briga, mas depois mando mensagem para o Eduardo e ele explica para quem tiver de explicar. Finalmente saio da casa e vejo a Larissa andando de um lado para o outro.

— Vamos? — Chamo e ela assente.

Nós vamos para o meu carro e eu começo a dirigir. Já estou me sentindo agitada do tanto que a Larissa está agitada, isso já está me enlouquecendo.

— Pelo amor de Deus, me fala logo, porque você tá me deixando nervosa — Eu peço exasperada.

— Vou te contextualizar...

— Obrigada — Eu a interrompo.

— ... àquela hora que eu fiquei com o bebê, o Dio apareceu e a gente ficou conversando tranquilo, e ele me chamou para irmos à padaria comer alguma coisa, e nós três fomos e tava tudo bem, tranquilo, mas a irmã dele apareceu.

— Mas a Emília é uma fofa — Eu comento e olho para ela de canto rapidamente — Não gostou da sua cunhadinha?

— Ela é mesmo e eu adorei conhecer ela, ficamos um tempão conversando — Ela responde — Mas aí que entra a questão, de repente estávamos falando da vida e eu falei sobre o meu pai e ela disse que só tinha uma foto do pai, mais nada, mas não sabia nem o nome dele porque a mãe se recusa a falar.

— E como isso chega na Isadora? — Pergunto confusa e estaciono em um restaurante — Vamos comer enquanto falamos.

— Certo, mas continuando, ela me mostrou a tal foto e eu tenho certeza que é o pai da Isadora — Ela diz séria.

— Existem muitas explicações para isso, sem necessariamente eles serem irmãos — Eu falo um pouco receosa.

— É por isso que eu quis conversar com você, para podermos discutir as possibilidades — Ela diz como se fosse óbvio. Como se fosse possível ter algo óbvio em toda essa história.

— Eu preciso comer — Eu declaro saindo do carro e ela saí em seguida.

Entramos no restaurante e escolhemos uma mesa, rapidamente somos atendidas e eu respiro fundo, olhando para a Larissa. Esse assunto todo é muito doido, e principalmente, tem cara de problema.

— Você está me olhando como se estivesse me julgando — Ela reclama e eu rio — Pode parar.

— Não estou te julgando, só que todo esse assunto... sabe? É muita loucura — Eu me justifico.

— Podemos falar sobre as possibilidades agora? Eu estou ansiosa aqui — Ela resmunga. Balançando as mãos como se estivesse abanando.

— O que mais a Emília falou sobre o pai? — Pergunto, melhor juntar o máximo de informações antes de opinar seriamente sobre isso.

— Ela não sabe muita coisa, mas a foto, eu tenho certeza, é ele.

— Você tem a foto? — Eu pergunto e ela assente e pega o celular e logo me mostra a foto — Puta merda, é o pai da Isa.

— Eu estou te falando! — Ela exclama e eu fico mais chocada ainda.

— Tá, mas e se a mãe dela tiver tirado essa foto da internet? Só para o pai ter um rosto? — Indago — É uma possibilidade.

— Você realmente acredita nisso? — Ela pergunta arqueando a sobrancelha.

— Eu não acredito em nada, só que não temos nada no que embasar além da foto — Eu tento justificar — É que parece um pouco fora de rota.

— Existem muitas possibilidades para ser real, e a gente tem como descobrir — Ela fala séria e eu fico confusa, e levemente assustada, Larissa nunca vai com calma na hora de bolar algum plano.

A própria encarnação do Cebolinha bolando algum plano infalível.

— O que você está pensando? — Pergunto, mas não sei se eu realmente quero saber. — Porque não podemos só aparecer para a Isadora ou o pai dela falando que a queremos que ele faça um teste de DNA, a gente nem sabe o que a Emília ou Dionísio querem, e a mãe deles — Respiro fundo — É muita gente envolvida, muitos sentimentos, não dá para só jogar a bomba e pronto, e se der negativo?

— Calma, Gabriela, eu tive uma ideia muito boa — Ela afirma com veemência, mas ainda não confio tanto.

— Fala logo, por favor.

— A gente vai fazer um exame de DNA escondido — Ela diz e eu levo um segundo para processar o que ela falou e começo a rir — Estou falando sério, você é médica, consegue fazer isso.

— Você não pode estar falando sério. — digo desacreditada.

— Claro que eu estou! — Ela exclama e respira fundo — Você vai pegar uma amostra da Isa, e uma da Emília e do Dio, e fazer o teste. Você é médica, facinho consegue as amostras e sabe algum lugar de confiança para fazer o teste.

— E se eu for presa? Enlouqueceu? — Questiono e ela suspira — Por que você quer tanto

isso?

— Não é que eu queira tanto, não me afeta diretamente, mas pensa na Emília, no Dionísio — Ela suspira novamente — A Emília quer fazer faculdade, tem sonhos, o Dionísio não precisaria estar no crime, eles têm outros sonhos, sabe? E eles podem ter um pai podre de rico, que de um jeito ou de outro, pode financiar isso.

— Você conhece o mesmo pai da Isadora que eu? — Pergunto arqueando a sobrancelha.

— Não me importo que ele é um babaca, eu entro como advogada dos dois e consigo tudo que eles têm direito, mas se eles têm uma chance, por que não? — Ela questiona e é a minha vez de suspirar.

— Tudo bem, mas é segredo de Estado, não pode falar sobre isso com mais ninguém — Eu aviso e ela assente rapidamente.

— Se der negativo, acabou a história e se der positivo, sabe que é só o começo, né? — Ela pergunta em busca de uma confirmação.

— É sempre bom um pouco de drama para agitar a vida — Eu brinco, mas respiro fundo.

— Relaxa, você não será presa e qualquer coisa, eu sou sua advogada — Ela fala divertida e eu rio

É muita loucura, mas ela está certa, se ele for realmente o pai dos dois, eles merecem ter parte do luxo que lhes cabe. Isadora sempre teve tudo, a Emília também merece, assim como o Dionísio. Mas, se isso for verdade, tem outro ponto. Por que a mãe deles, sabendo que o pai deles é um milionário, nunca falou nada?

Meu Deus! Onde a gente está se metendo?



Capítulo 27

Gabriela Baltazar

Entro em um corredor completamente aleatório para esquivar do Alonso. Tenho contado os minutos para o final das férias do médico efetivo para que esse demônio saia logo daqui. Todos esses dias tenho tentado evitá-lo, até mudei a minha escala. Está sendo difícil não surtar com essa situação.

Já é hora do almoço e eu sei que não conseguirei escapar dele até o final do meu turno.

Ele não me toca, mas não posso arriscar, porque sei que é o que ele quer fazer. E ouvir as coisas nojentas que saem daquela boca podre já é o suficiente para me deixar mal e completamente enojada.

Parte de mim implora para o Eduardo fazer alguma coisa mesmo, mas o que ele poderia fazer contra um médico importante como o Alonso?

Respiro fundo e volto a caminhar, tenho coisas para fazer, não posso ficar escondida aqui.

— Gabriela? — Me viro ao escutar o meu nome — O que você está fazendo desse lado?

— Estava te procurando — Respondo olhando para a Isadora, que me olha arqueando a sobrancelha.

— Achei que estivesse brava comigo — Ela comenta e eu respiro fundo. Com toda certeza do mundo, eu preferia estar em casa nessa hora — o que quer comigo?

— Te chamar para almoçarmos juntas e conversarmos um pouco — Explico. É uma mentira, mas não quero deixar tão evidente, eu estou mesmo chateada com ela ainda, mesmo que nossa discussão tenha sido há dias.

— Falta uma hora para o almoço — Ela me olha parecendo preocupada — Você está bem?

— Claro, por que não estaria? — Pergunto, começando a me sentir nervosa.

— Eu não sei, mas você claramente está nervosa — Ela diz e eu nego em um aceno — Tudo bem, se não quer me contar, conversamos no almoço, pode ser?

— É o melhor, até daqui a pouco — Sorrio para a Isa e me viro, e no mesmo instante sinto vontade de correr, porque o primeiro rosto que vejo é do Alonso vindo em nossa direção com um sorriso de lado.

— Finalmente, já estava achando que a minha interna não tinha vindo hoje — Ele diz de um jeito simpático, mas eu só sinto nojo.

— Preferia não estar aqui — Murmuro e sinto a mão da Isa no meu braço.

— Ela estava me ajudando, doutor, quero dizer, ainda está — Isadora fala com um sorriso educado, e eu fico internamente grata — Se importa se eu continuar ocupando ela? É que a Gabriela sempre foi a melhor aluna.

— Eu posso te ajudar também — Ele se oferece, gentil demais, como eu odeio esse homem.

— É um caso bobo demais para atenção de um médico como o senhor, não se preocupe, logo eu devolvo ela — Isadora fala já me puxando para nos afastarmos — Até depois, Doutor Alonso.

— Obrigada — Eu sussurro enquanto ela me puxa rapidamente pelos corredores e eu agradeço ao universo por esse lugar ser tão grande.

Entramos na maternidade, mesmo que nenhuma de nós trabalhe aqui, acho que ela só seguiu o primeiro caminho para longe, não que eu me importe, era exatamente o que queria. Paramos em frente ao berçário e eu respiro fundo, me acalmando.

— Você estava fugindo dele — Ela fala baixo, não tem nada de acusação em sua voz, apenas compreensão — O que está acontecendo?

— Eu não quero falar sobre isso — Eu falo sentindo o nó na minha garganta se formando lentamente.

— Gabi, eu sei que não sou sua melhor amiga, mas sei que somos amigas o suficiente para você contar comigo em qualquer que seja a situação — Ela se vira para me olhar — Ele te...

— Não, mas... quero dizer... — Respiro fundo, me sentindo um pouco confusa e assustada.

— Calma, no seu tempo — Ela fala baixo e compreensiva — Eu não vou te deixar sozinha hoje, e depois vemos o que podemos fazer, falamos com a nossa supervisora, não sei.

— Obrigada — eu digo sincera.

Ela me abraça apertado e eu retribuo, me sentindo melhor do que passei a manhã inteira, enquanto estava em fuga.

— Eu sei que a gente discorda de muitas coisas, mas todo mundo sabe quem é o Alonso, e eu nunca te deixaria sozinha com ele — Ela diz ainda me abraçando — Nós somos amigas, Gabi, eu amo você.

— Eu também te amo, Isa — Falo sincera e ela se afasta e me olha com um sorriso pequeno — Acho que temos que voltar.

— Sim, mas não vou ficar longe de você — Ela diz firme e eu aceno — E quando se sentir pronta, estarei aqui para ouvir tudo.

Eu sorrio, mas não quero falar sobre a agressão que sofri do Alonso outro dia, não quero, ainda não. Porque se eu penso muito, ainda sinto as mãos dele na minha garganta e a forma nojenta com a qual ele falou comigo, e eu não quero pensar nisso.

— Vamos trabalhar — É tudo que eu posso dizer agora.



Prendo meu cabelo em um coque, finalmente estou indo para casa, odeio os plantões de 24 horas. Será que sou uma médica preguiçosa? Mas eu não estava esperando que fossem dobrar minha carga horária agora, eu só fiz um semestre de residência, mas tudo bem, pelo menos eu terei um bom descanso.

Mas estou com tanto sono que estou ponderando deixar o meu carro aqui e ir em um carro de aplicativo.

— Gabi, quer que eu te acompanhe até o seu carro? — Isa pergunta me olhando, ela também já está pronta para ir embora e com cara de cansada.

Ela cumpriu sua palavra de que não me deixaria sozinha. E eu me sinto muito grata por isso.

— Está tudo bem, ele já deve ter ido embora esse horário — Respondo com um sorriso pequeno — Muito obrigada.

— Quando precisar, estou aqui — Ela diz e me abraça — Bom descanso, nos falamos depois.

Eu me despeço e ela sai em seguida. Suspiro, pensando no que a Larissa falou, Isadora vai ter um ataque se tudo for verdade, não sei por que ela odeia tanto a favela, mas... não vou pensar nisso e nem em nenhum exame de sangue agora, estou exausta.

Pego a minha mochila e coloco nas costas e saio do vestiário, mas no mesmo instante sinto alguém puxando o meu braço e seguro o grito na garganta ao ver o Alonso.

— Você tentou bastante fugir de mim, mas não vai conseguir mais — Ele fala entredentes e eu começo a ser consumida pelo pânico.

— Me solta Alonso, me solta — Eu peço puxando o meu braço.

— Não, você ainda não me deu o que eu quero — Ele fala em um tom malicioso e eu sinto meu estômago embrulhar — É ótimo que já esteja pronta para ir embora, porque vai comigo. Preciso de tempo para tudo o que eu quero fazer com você.

— Você... não, não vai me tocar! — Exclamo e piso no pé dele com muita força e no instante que ele me solta, eu começo a correr.

Assim que os corredores ficam mais cheios, diminuo o passo, mas ainda ando muito apressada, principalmente por ver que ele está vindo atrás de mim. Passo pela saída dos funcionários como um foguete, quero só chegar no meu carro e dirigir até chegar a algum lugar que me sinta segura. Como a minha casa.

Mas esbarro em alguém que segura o meu corpo para que eu não caia no chão, quando olho para cima vejo que é o Eduardo, e eu não tenho ideia do que ele está fazendo nesse lado da garagem para funcionários, mas eu o abraço apertado, grata por essa aparição.

— Me tira daqui — Peço e o sinto me embalando com os braços.

— Eu vim para cuidar de você — Ele diz carinhoso e beija meu cabelo — Vou te levar para casa.

— Obrigada — Eu sussurro.

Me afasto dele para podermos ir até o meu carro e me viro e vejo o Alonso nos olhando de longe, parado, mas se o Eduardo não estivesse aqui, ele ainda estaria atrás de mim.

Quando olho para o Eduardo vejo que seus olhos não estão em mim, mas sim no Alonso e eu lembro que ele disse que resolveria esse problema. Ainda bem.



Capítulo 28

Eduardo Vasconcelos

Estalo pescoço estressado, não me agrada saber que a Gabriela está no hospital com aquele homem lá, não vou demorar para resolver isso.

Recebo a mensagem que estava esperando, e rio com o recado final.

Larissa

A escala dela é 24hrs

Vai sair amanhã às sete da manhã, tem que esperar ela na garagem dos funcionários.

Sei que você consegue entrar. (21:49)

Ps: Se você magoar a minha amiga de novo, eu te denuncio para a polícia seu vagabundo. (21:50)

Você

Já tinha esquecido como você é delicada. (21:51)

Larissa

Delicada e perigosa

E tô de olho.(21:52)

Rio da mensagem dela, primeiro que eu sei que a ameaça dela não é real, e segundo que eu sei que a Larissa não é perigosa, não assim. No máximo, ela apareceria aqui para me xingar, ou tentar me dar um tiro. Lembro que na época da escola, ela e mais outra amiga, bateram em uma garota que ofendeu a Gabriela, e ainda cortou o cabelo dela.

Finalmente o Corvo entra na sala com a expressão séria e senta na poltrona me encarando e respira fundo.

— Qual o b.o? — Ele pergunta sendo direto — O Pipa me atrapalhou com a mina que eu tava.

— O moleque foi rápido, vou até dar mais cinquenta para ele depois — Comento e o Corvo semicerra os olhos para mim — Preciso matar uma pessoa.

— A mãe dele vai ficar brava de novo, aquela mulher é uma escandalosa, ele só tem treze anos — Ele comenta e eu dou de ombros, não é como se eu mandasse o pirralho carregar alguma

merda, só mando ele procurar quem eu preciso e ele me conta o que o povo tá falando, nunca vi criança para conversar tanto — E desde quando matar alguém é tratado como um problema dessa forma?

— Não é qualquer pessoa, é um médico que tá incomodando a Gabriela — Explico e ele me olha arqueando a sobrancelha.

— Me explica isso melhor — Ele pede mudando a postura.

— Eu só preciso que você arrume quem vai fazer isso, faça o contato — Explico — Eu quero o velho morto amanhã mesmo, quero que ele desapareça do caminho da Gabriela.

— Eu vou providenciar isso, não vou garantir para amanhã, mas o mais rápido possível, a gente precisa saber pelo menos a rotina dele antes de fazer algo — ele responde pensativo — latrocínio?

— Eu preferia uma parada mais grave, tipo queimado vivo, mas poder ser — Dou de ombros — Só quero aquele desgraçado morto o quanto antes.

— Pode considerar feito — Ele responde sério e vejo ele estalar a língua, como se estivesse ponderando o que dizer.

— Pergunta logo o que você quer saber, Corvo.

— Está agilizando sua saída do morro, tem alguma coisa acontecendo que diz respeito aos negócios ou é apenas para ficar logo com a doutorinha? — Ele pergunta cruzando os braços — Eu sou seu braço direito e amigo, acho que tenho o direito de saber o que tá rolando, exatamente.

— Agora que eu sou chefe da facção, não é bom que eu fique em um lugar que eu posso ser tão facilmente pego, e assim que eu for embora, você passa a ser o chefe do morro aqui, você é quem eu confio, já que de todo o complexo, esse é o maior — Eu esclareço e ele assente — Eu já ia embora de qualquer forma, meu apartamento já estava comprado, sabe disso, mas admito que a Gabriela faz com que eu queira agilizar isso.

— Imaginei — Ele concorda — E também acho que é mais seguro, quanto antes você ir, melhor.

— Assim que tudo estiver certo — Reforço — Mas uma coisa de cada vez, não esqueça de fazer o que eu mandei, quero o homem morto.

— Ele vai estar — Ele garante e eu sei que posso confiar no trabalho dele.

Por isso, passo os detalhes que já sei sobre o Alonso. Esse verme precisa morrer o quanto antes, não quero nem imaginar ele perto da Gabriela, ou eu mesmo terei que ir até ele e o matar com as minhas mãos, não que seja uma opção ruim, mas não quero me expor enquanto me mudo.

— E antes de você ir, preciso que me faça um favor — Peço e ele me olha arqueando a sobrancelha.

— Você está pedindo um favor e não dando uma ordem? — Ele indaga em um tom divertido — fiquei até curioso.

— O aniversário da Gabriela está chegando e eu quero que organize uma festa no morro para comemorar — explico e ele assente.

— Isso é fácil.

— Quero que seja igual uma festa junina, com comidas, danças, brincadeiras, músicas — a cada palavra que eu falo, mais os olhos dele arregalam.

— Estamos entrando em setembro, Eduardo, sabe porque se chama festa junina? Porque acontece em junho! — Ele exclama indignado e eu rio da reação.

— Vai fazer ou não? — Pergunto e ele respira fundo, passando a mão no cabelo.

— Conheço quem pode fazer tudo isso a tempo — ele bufa — qual o dia?

— Dia 18 de setembro.



Entro no meu carro, e o Dionísio entra no banco de passageiro e eu sinto vontade de rir dele, e de toda a sua inquietação. Animado porque depois que chegarmos no hospital, ele que vai levar o meu carro de volta para a garagem.

— Soube que você está se envolvendo com a Larissa — Comento enquanto dirijo e ele me olha espantado — Eu sempre sei de tudo e com detalhes.

— Eu tô sim, chefe, Lari é uma mina de boa demais, queria tá mais no nível dela, mas isso não me deixa inseguro — Ele diz sorrindo pequeno — Não sei o que ela viu em mim, mas não vou deixar ela desver.

— Ela é mais velha que você — Comento novamente e vejo ele dar de ombros — E o que seria estar no nível dela?

— A gente se viu pouco, mas conversa muito pelo celular — Ele começa a explicar — Ela é formada, advogada, rica, mora numa casa chique. Eu sei que sou daora, mas eu e ela somos bem diferentes.

— Larissa é doida, mas bem decidida, se ela está com você, é só você que está se importando com essas diferenças — Explico, me baseando apenas no que conheci da Larissa há muitos anos, mas ela não parece ter mudado tanto — Tenha mais segurança em quem você é.

— Ah chefe, é fácil falar isso sendo o chefe, rico e bonito — Ele diz e eu rio — Eu sou só eu, ninguém em lugar nenhum.

— Dionísio...

— Tá de boa, chefe, eu gosto do meu trabalho, dá para cuidar da minha mãe e minha irmã e sobra bacana para as minhas coisas — Ele dá de ombros e eu decido não falar mais nada.

Chego no hospital e com um suborno consigo entrar na garagem para funcionários, foi fácil até demais. Dionísio vai embora com o meu carro, e eu olho no relógio, pelo horário, e se a Larissa estiver certa, Gabriela deve estar saindo agora.

Caminho pelo estacionamento e começo a ouvir passos ecoando pelo lugar, claramente alguém correndo, e sigo o som, até que vejo a Gabriela parecendo estar fugindo de alguém, vou de encontro a ela, e seu corpo se choca ao meu e eu posso ver do que ela fugia.

Quero dizer, de quem, e bom, o fim do Alonso fica a cada segundo mais próximo.

Eu sinto o olhar dela pesando sobre mim enquanto dirijo, mas ela não diz nenhuma palavra. Não sei dizer o que pode estar passando na cabeça dela, mas de qualquer forma, acho que é melhor que a gente espere chegar em casa para podermos conversar melhor, acho que tenho que começar a explicar mais sobre a minha vida, já que eu quero que ela fique comigo.

— Esse não é o caminho para a minha casa — Ela comenta um pouco confusa — Para onde você está me levando?

— Para a minha casa — Respondo simples e escuto ela suspirando.

— Eu quero ir para casa, estou muito cansada, minha cabeça está doendo — Ela suspira mais uma vez — Eu só preciso descansar, sou grata por você ter aparecido, mas preciso dormir.

— Você vai dormir — confirmo — na minha casa, porque depois, nós vamos conversar.

Ela não responde, o que eu levo como uma confirmação. Ela realmente deve estar exausta se nem mesmo tem forças para discutir e impor qualquer outra coisa. E acaba dormindo encostada na porta.

Eu erreí muito com a Gabriela no passado, mas eu era um adolescente imaturo, não vai se repetir, nunca mais, ela vai ser muito bem cuidada e protegida por mim de agora em diante, nenhum filho da puta vai ameaçá-la ou a colocar em perigo e vai ficar por isso mesmo, ela vai ter a vida que merece e como merece. Sempre.

Estaciono o carro na garagem e saio do carro e a pego no colo. Gabriela resmunga um pouco, mas ainda assim não acorda. Dentro do elevador, digito a senha para irmos direto para o meu andar, mas quando entro em casa, ela remexe no meu colo, despertando.

— Onde eu estou? — Ela pergunta assustada.

— Estamos na minha casa — esclareço, a colocando no sofá — Você quer tomar um banho e comer alguma coisa antes de dormir?

— Eu achei que estávamos indo para o morro — Ela fala olhando ao redor.

Talvez eu devesse ter falado para ela que a minha casa no morro é só uma das minhas casas, que eu tenho dinheiro para caralho, e por isso que eu ter um apartamento de luxo em bairro nobre não é uma coisa pela qual ela deveria ficar surpreendida. Ainda mais que não é o único.

Principalmente porque quero que ela frequente muito aqui a partir do momento em que eu me mudar para cá.

— Eu te disse que agora tinha dinheiro para te dar o padrão de vida que merece e que eu tinha a intenção de te procurar — relembro, me sentando ao lado dela.

Ela respira fundo enquanto revira os olhos, e me olha como se estivesse entediada. Não consigo decifrar se ela está irritada ou se é por causa do cansaço.

— Me pergunto se você é idiota assim desde sempre ou mudou com tempo — Ela fala ficando de pé. Definitivamente, está irritada — Mas eu não vou discutir isso agora — e cansada — mas saiba que eu sempre tive dinheiro para me dar o padrão de vida que eu quisesse ter.

— Eu sei, mas eu ainda queria me sentir digno para estar ao seu lado — Retruco.

— Eu preciso descansar — Ela diz em meio a um suspiro — me mostra um quarto que eu possa banhar e deitar, depois a gente conversa.

— Por aqui... — Falo ficando de pé para guiá-la pelo apartamento.

Até tento entrar no banho com ela, mas sou expulso e mandado direto para a sala. Eu nem estava pensando em nada além de passar um tempo a mais juntos.

Me jogo no sofá com o meu celular em mãos, preciso confirmar com o Corvo se está tudo pronto para hoje, porque eu definitivamente não tenho a menor intenção de estender o assunto.



Fico trabalhando pelo celular na sala de casa, até entrei no quarto duas vezes, mas Gabriela dormia tão tranquila que não quis incomodar. Passar vinte e quatro horas acordado é realmente foda. Acabei almoçando sozinho, porque também não tive coragem de acordar ela para comer, acho que sou um pouco mole quando se trata dela.

— Oi — Escuto sua voz rouca de sono e abro os braços e ela se acomoda no meu colo — Bom dia?

— Boa tarde — Respondo divertido, aliviado, por ver seu humor melhor após ter descansado — Está mais calma?

— Estou, eu fico irritada com sono — Ela boceja — E com fome também.

— Algumas coisas nunca mudam — eu rio e a abraço, sentindo o cheiro do meu xampu em seu cabelo — Vou pedir comida para você, e depois temos que conversar.

— Tudo bem — Ela diz saindo do meu colo, mas eu a puxo de volta.

— Fica aqui — Eu falo firme e beijo seus lábios com carinho — Me deixa aproveitar esse momento em que você não está querendo me matar.

Ela ri, mas não responde, apenas se aninha mais nos meus braços enquanto eu peço a comida que ela escolhe pelo aplicativo.

Vou fazer o que dá para fazer agora, aproveitar o momento.



Me sento ao lado da Gabriela no carpete no chão do meu quarto, já que ela decidiu vir para cá depois de almoçar. Seria mais fácil se a gente não tivesse que conversar e estabelecer alguns detalhes, seria mais fácil se eu só pudesse ignorar a minha profissão, mas não é assim que funciona, ela precisa estar ciente sobre exatamente quem sou, e o que ela passará ficando na minha vida.

— Precisamos ter uma conversa séria, agora — Aviso, e ela me olha colocando o celular no chão ao seu lado — Preciso que você me escute.

— Estou aqui, pode falar — Ela responde e eu suspiro, beijando ela de leve — Vai conversar ou me beijar?

— Eu preferia te beijar, definitivamente — Respondo divertido e a vejo sorrindo — mas vamos conversar.

— Certo, pode começar.

— Eu sou chefe de facção — Falo e ela me olha um pouco confusa — Mando nos chefes de cada favela, controlo todo o complexo, isso me coloca numa posição de poder bem grande no tráfico, mas também significa que muita gente me odeia...

— Por que você está me falando sobre isso? — Ela pergunta com os olhos arregalados.

Eu seguro em seu queixo, fazendo ela olhar diretamente nos meus olhos, preciso que ela compreenda muito bem a situação.

— Porque você é a minha mulher, Gabriela — digo firme — E você tem que entender como o meu mundo funciona, porque você é parte dele. Uma parte muito importante.

Ela fica me olhando em silêncio, e eu respiro fundo e beijo sua testa e solto o seu rosto para continuar a explicação.

— Eu não vou ter nunca uma estabilidade de endereço, não uso redes sociais, não apareço em fotos, não posso ficar andando por aí, nem só por causa da polícia, como também por causa de alguns inimigos — Explico e ela parece bastante concentrada — E você vai ter que se cuidar também, por isso logo vai passar a andar com segurança.

— Primeiro, eu não vou andar com segurança por aí, mas podemos discutir esse tópico depois — Ela fala e eu já sei que isso é quase como agendar uma discussão — Segundo, qual a graça? Você não pode nada, e ainda pode acabar morrendo a qualquer segundo.

— Tem muitas vantagens, poder, dinheiro, mulheres...

— “Mulheres”, Eduardo, “mulheres”? Você tem certeza? — Ela pergunta com um brilho no olhar diferente e empurra o meu peito, me fazendo cair para trás pela surpresa, mas ainda consigo me apoiar nos cotovelos antes de atingir o chão — Saiba que você não é o único possessivo por aqui, se eu sou sua mulher, saiba que você é meu, e eu não aceito traição.

— Você está uma delícia possessiva assim — respondo sorrindo — Eu sempre soube que você era perfeita para mim.

Me sento novamente e seguro no seu rosto e pescoço com possessividade e a beijo, eu preciso tê-la agora, por isso que sem me separar dela, começo a deitar seu corpo no chão ficando por cima e aumentando a intensidade do beijo.

Gabriela é minha e sempre será.



Capítulo 29

Gabriela Baltazar

Eduardo me deita no chão ainda me beijando com intensidade, sua mão invade a camisa que estou usando, suas digitais quentes em contato com a minha pele me fazem arrepiar por inteiro.

— Você é a mulher mais linda do mundo — Ele diz ao se afastar milimetricamente de mim — Eu sou um homem muito sortudo.

— Eu vou ter que concordar com você — Digo em um tom divertido — Você tem muita sorte por eu nunca ter deixado de te amar.

Sinto meu coração bater ainda mais forte com a minha confissão, não sei se esse era o momento, mas existe momento? Não importa mais, porque eu já disse.

— Eu te amo — Ele responde e acaricia o meu rosto — Você é a única mulher que eu amei um dia, e que continuo amando — Ele me beija suavemente — eu só deixo de te amar quando estiver morto.

— Então me mostra o seu amor — Eu peço colocando a mão no rosto dele e sem tirar os meus olhos dos dele.

— Sempre.

Ele me beija. Seus lábios são exigentes e sua língua domina a minha, e gosto doce da sua boca que se espalha por tudo me entorpece. Eu me sinto prestes a explodir com tantas emoções ao mesmo tempo.

Eduardo me pega no colo e me carrega direto para a cama, e ainda fica sobre mim.

Ele começa a tirar a minha camisa e beija a minha barriga subindo em direção aos meus seios, deixando um rastro quente por cada lugar que sua boca me toca. Sua mão alcança o meu seio e começa a apertá-lo enquanto a sua língua começa a lamber a aréola.

Minha mão vai direto em seu cabelo e eu gemo baixo quando sinto os seus dentes arranhando a minha pele. Meu corpo inteiro parece estar pegando fogo, mas eu sei que estamos só no começo.

Ele me beija novamente, é um beijo mais intenso e exigente, sua mão desce em direção a minha calça e eu ofego quando sinto seus dedos entrando sob o tecido. Me sinto completamente envolvida por seus toques e carícias, estou completamente entregue.

Ele se afasta para tirar o resto da minha roupa, me deixando completamente nua na cama dele, e então

tira a própria camisa. Eu sorrio maliciosa observando-o.

— Eu acho que você já devia tirar tudo — Falo sorrindo de canto.

— Seu desejo é uma ordem — Ele diz e eu me arrumo na cama para apreciar a cena.

Eduardo é muito bonito. Alto, com os músculos bem definidos, a pele tatuada, tudo nele me deixa efervescente. Ele tira a parte de baixo da roupa e segura o membro duro na mão, se masturbando lentamente enquanto me olha com um sorriso malicioso.

— Está gostando do que está vendo? — Ele questiona com a voz rouca e eu me arrepio inteira.

— Muito, mas tenho certeza que vou gostar muito mais quando eu estiver sentindo — Respondo, chamando ele com a mão.

Ele deita sobre mim, ficando entre as minhas pernas, sua mão aperta a minha bunda e eu sinto seu pau se encaixando no meu corpo e gemo baixo, ele ainda brinca um pouco com a minha sanidade, deslizando o pau pela minha vulva antes de me penetrar de uma vez. E eu gemo alto quando acontece.

Eduardo começa a se mover devagar, e eu sinto o meu corpo inteiro se arrepiando com o prazer, sua boca cola na minha novamente e minhas mãos vão direto para as costas dele, arranhando a sua pele.

Ele segura na minha cintura e me vira, me deixando por cima dele e eu sorrio maliciosa. Encaixo o pau dele na minha boceta e sento devagar, espalmo as mãos no peito dele para me apoiar e começo a subir e descer lentamente, em uma tortura deliciosa de prazer.

— Você é tão, tão gostosa — Ele geme e eu sorrio ofegante — Mas eu preciso de mais.

Ele coloca a mão no meu quadril e bunda, me mantendo no lugar e começa a se mover mais rápido e mais intensamente, e eu jogo a minha cabeça para trás, gemendo alto.

Eu fecho os olhos me sentindo ser dominada pelo prazer, é como se o Eduardo conhecesse cada parte de mim e soubesse exatamente como me dar prazer.

Ele me vira novamente na cama, me colocando de lado e mantendo uma perna erguida, e me penetra novamente, sua boca alcança meu pescoço e ele beija e morde a região enquanto me fode de ladinho.

Eu gemo alto, me sentindo muito estimulada. Ele vai me levar à loucura. É como se eu estivesse em um mar de prazer e estivesse me afogando, e querendo me afogar ainda mais, nessa sensação gostosa e insana que está me consumindo.

— Eu vou gozar!! — Grito e ele continua estocando, mas ainda mais rápido.

— Goza para mim, meu amor, goza no meu pau — Ele fala ofegante no meu ouvido e eu sinto meu corpo relaxando enquanto atinjo o orgasmo.

Eduardo sai de dentro de mim e fica sobre o meu corpo e retira a camisinha, gozando por toda a minha barriga e se deita na cama ao meu lado.

— Eu te amo — Ele sussurra me abraçando — Você é a única mulher que tem o meu amor.

— Eu te amo — Respondo me aconchegando nos braços dele.

Eu sinto que estou me jogando dentro de um vulcão ativo. É completamente insano. Estou fazendo questão de me queimar.



Acordo sentindo os braços do Eduardo ao meu redor e me aconchego ainda mais nele. Eu não me sinto culpada por estar com ele, e nem me sinto uma idiota por estar deixando tudo para trás, acho que a gente merece uma chance de recomeçar. Não somos mais os adolescentes de antes, não vamos repetir os mesmos erros.

Dessa vez, eu não vou ficar sozinha, chorando, sem saber o que aconteceu. Se o Eduardo inventar de sumir do nada, não vai ser com polícia ou inimigo do tráfico que ele vai ter ficar preocupado.

Respiro fundo para espantar esses pensamentos, não é saudável pensar assim.

— Bom dia — Eduardo diz com a voz rouca e beija o meu pescoço, enquanto eu o respondo com a voz um pouco baixa — dormiu bem?

— Muito bem — Falo ainda sonolenta.

Ele me abraça mais apertado e beija o meu ombro, e eu sinto sua respiração contra a minha pele ficando cada vez mais regular, acho que ele voltou a dormir.

Coloco a minha mão sobre a dele que está envolvendo a minha cintura e suspiro. Sei que fiz uma escolha, e não me sinto nada arrependida sobre ela.

Amo o Eduardo, e ficar com ele significa aceitar quem ele é e o mundo dele.

É óbvio que nada disso me agrada, eu preferia sim que ele tivesse uma profissão legalizada, mas não posso pedir para ele largar o mundo dele por mim. Seria justo? Não sei, e não vou ficar pensando nisso.

Me desvencilho com cuidado dos braços dele para me levantar sem acordá-lo, mas ele segura o meu corpo no lugar quando me afasto um pouco.

— Onde você tá indo? — Ele pergunta rouco de sono.

— Eu preciso levantar, tomar um banho e me vestir — respondo e rio quando ele me puxa para perto dele de novo.

— Eu gosto de você sem roupa assim — Ele retruca e sorri abrindo os olhos.

— Vai gostar se eu sair de casa assim? — Pergunto em um tom divertido e ele fecha a expressão.

— Vai logo para o seu banho — Ele responde me soltando e rio alto.

— Vou pegar outra roupa sua quando for me vestir — Aviso ficando de pé.

Vou direto para o banheiro no quarto dele, preciso mesmo de um banho para ficar completamente acordada, e depois sair para resolver as minhas coisas, já passei um dia todo com ele e amanhã eu preciso trabalhar.



Eduardo entra no banheiro quando estou saindo, o que é ótimo porque tenho certeza que se tivéssemos entrado juntos iríamos enrolar muito lá dentro, não que isso seja uma coisa ruim, mas não quero ficar enrolando, tenho coisas da faculdade para fazer hoje.

Visto uma calça de moletom dele e uma camisa, fica tudo um pouco largo, mas vai ter que servir porque não tenho uma peça de roupa aqui, e nem teria como ter já que não havia posto os meus pés aqui ainda. E pego o celular na mesa de cabeceira.

Saio do quarto para fazer uma tour pelo apartamento enquanto espero o Eduardo, até pediria o café da manhã, mas eu não tenho ideia do endereço daqui.

Abro uma porta e o primeiro cômodo parece um escritório, é um ambiente espaçoso, moderno, uma parede repleta de livros, eu nem sabia que ele gostava de ler! Dou de ombros e vou para o cômodo seguinte.

Um quarto sem nenhuma decoração, muito sem graça, e abro a outra porta, um quarto para criança. Luquinha realmente gostará desse quarto, mesmo que a decoração pareça confusa com esse tema universo e dinossauros, mas são duas coisas que ele gosta muito.

— Gostou do quarto do Lucas? — Eduardo pergunta e eu coloco a mão no coração por causa do meu pequeno susto.

— Sim — Respondo depois de me recuperar — Acredito que ele vai gostar daqui.

— Quero que ele cresça perto de mim, mas sem se influenciar tanto — Ele diz me abraçando pela cintura e colocando o queixo no meu ombro — Parte de mim sabe que seria muito melhor para ele ficar com a minha mãe, seria mais seguro e ele estaria estudando em uma escola gringa de qualidade, mas não quero passar a vida longe do meu moleque.

— Você parece ser um bom pai, e não se preocupa, todos os pais erram em algumas coisas, mas pelo menos você tá pensando em melhorar — Falo suavemente colocando minhas mãos sobre as dele — Trazer ele para cá e expandir o mundo dele já é algo muito bom.

— Obrigado — ele agradece depois de um pequeno silêncio e me vira, para ficarmos frente a frente — sabe que me aceitar na sua vida, significa que ele tá no pacote, certo?

— E você acha que eu aceitei ficar com você, por sua causa? — Falo divertida e ele revira os olhos — Luquinha é a criança mais fofa do mundo!

— Agora vou ter que competir com minha cria pela minha mulher? — Ele pergunta rindo enquanto arqueia a sobrancelha.

— Não existe competição para você, Luquinha já ganhou — Respondo rindo.

Ele ri enquanto revira os olhos e me puxa para mais perto, me dando um beijo de leve, mas eu me afasto ao ouvir o meu celular tocando.

— Você é estranha por não ter um celular no silencioso — Ele comenta rindo e eu dou de

ombros.

— Vai que algo importante acontece e eu perco a chamada? — Pergunto enquanto tiro o celular do bolso — É a Isadora.

Ele resmunga algo sobre a Isa ser uma “empata”, e me abraça. E eu atendo a chamada segurando o riso.

— Onde você está? — Isadora pergunta assim que eu atendo a chamada.

— Oi, bom dia amiga, como você está nessa linda manhã? — Pergunta em um tom debochado e a escuto bufar.

— É sério o assunto, caramba! — Ela reclama — Onde você está?

— O que aconteceu? — Questiono ficando preocupada, Isadora não é de agir assim, quero dizer, um pouco talvez, mas ela realmente está muito séria agora — Você me deixou preocupada.

— Liga a televisão agora, vai — Ela manda e eu reviro os olhos — E coloca no jornal.

— O que tá acontecendo? Se você explicasse seria muito mais fácil — Eu reclamo já me afastando do Eduardo.

— Só faz o que eu tô pedindo — Ela insiste e eu suspiro começando a sair do quarto.

— O que houve? — Ele pergunta confuso, e me segue pela casa.

— Vou descobrir agora — respondo chegando na sala.

Alcanço o controle remoto e ligo a televisão, e procuro o jornal e aumento o volume, prestando atenção no que a jornalista está falando.

— ... aconteceu durante a noite, a polícia ainda não sabe se foi acidente ou assassinato, a família do médico Alonso Borba não quis falar nada sobre o assunto — A jornalista diz em um tom neutro e eu fico estarrecida — Nós lamentamos a morte de um médico tão brilhante, e desejamos força nesse momento para a família.

Me viro para o Eduardo que parece bem tranquilo, eu facilmente poderia dizer até satisfeito, enquanto eu preciso de uns minutos para processar o que está acontecendo.

Respiro fundo algumas vezes, para me acalmar e absorver a notícia, não é como se eu estivesse triste, muito pelo contrário, é, na verdade, um alívio saber que não vou ter que ver o Alonso nunca mais, e que hora dessa, aquele monstro está queimando no inferno.

Mas, por outro lado, me aterroriza pensar que a causa da morte dele fui eu, e que de alguma forma eu tenha algum tipo de envolvimento. Não sei como pensar.

— Gabriela?! — A voz da Isadora no telefone me tira do meu pequeno devaneio — Você ainda está me escutando?

— Eu não posso falar agora — Eu falo ao telefone — nos falamos depois.

— Espera, me escuta...

— Depois Isadora, depois — Eu a interrompo e desligo a chamada, sem escutar mais nenhuma palavra do que ela estava dizendo.

Me viro para o Eduardo, que está se aproximando de mim novamente, mas dou um passo para trás, não quero que ele me abrace, nós temos que conversar.

— Foi você quem fez isso? — Pergunto séria.

— Claro que não, eu passei a noite com você, não tem como eu ter feito alguma coisa — Ele responde com um sorriso de lado, e eu preciso respirar fundo.

— Eduardo, eu estou falando sério!

— Eu também — Ele responde dando de ombros — Te incomoda que ele esteja morto?

— Não! — Eu respondo rápido — Mas não gosto de pensar que eu tenho culpa pela morte de alguém, e você disse que daria um jeito, mas eu... eu deveria ter pensado melhor sobre isso.

— Você não tem culpa de nada, foi vítima daquele verme, o único culpado pela morte dele, é ele mesmo — Ele me puxa pela cintura — Você achou que “dar um jeito”, seria o quê? Conversar em um jantar? Não é assim que eu resolvo as coisas.

Eu fico em silêncio um pouco e ele me abraça. Sei que ele está certo sobre tudo, mas estou me sentindo um pouco... eu não sei, chocada. Mas sendo honesta, a morte dele é um problema a menos para mim e para muitas outras mulheres, e eu queria que ele fizesse algo que parasse o Alonso, e a gente sabe que esse é o único caminho para “homens” como ele.

— Obrigada — Eu digo me afastando para olhar no rosto dele — Eu me sinto aliviada de não ter que lidar mais com aquele homem.

— Eu sempre vou fazer de tudo para te proteger — O Eduardo responde sério, me olhando nos olhos — Não importa o que eu tenha que fazer.

Ele me beija de leve, puxando o meu corpo para mais perto dele, uma mão aperta a minha cintura enquanto a outra segura no meu cabelo, e eu me deixo envolver pelo toque dele. Passo os braços ao redor do pescoço dele, sua língua desliza na minha e eu sinto como se estivesse derretendo em suas mãos.

Mas algo vem à minha mente, e eu me afasto dele de uma vez, ignorando a sua expressão confusa e sua tentativa de me manter no lugar.

— Você mentiu para mim, na minha cara! — Eu acuso e ele arqueia a sobrancelha.

— Do que você está falando?

— Você disse que passou a noite inteira comigo, mas não é verdade, eu acordei no meio da noite e você não estava no quarto, nem em casa, porque eu te procurei — Eu falo e vejo ele sorrindo de lado — Cínico!

— Eu tive que sair um pouco — Ele dá de ombros.

— Você foi lá, você matou ele pessoalmente — Eu falo baixo, não é uma pergunta, é a constatação de um fato.

— Sim, eu fiz isso, com ajuda, mas fiz — Ele acaricia o meu rosto — Ele te machucou, te perseguiu, eu não poderia deixar que isso passasse em branco, seria muito fácil se ele fosse apenas morto, ele precisava sentir um pouco de dor.

Eu respiro fundo olhando para o Eduardo. Realmente faz diferença ele ter feito com as próprias mãos? Não é como se eu fosse inocente de acreditar que ele nunca matou ninguém. Porra! Ele é chefe do tráfico em um complexo inteiro, todo mundo sabe o que isso significa.

— Gabriela?! — Ele me chama, atraindo a minha atenção.

— Não mente olhando na minha cara, mas não vou discutir isso porque eu estou grata pelo que você fez — Eu sorrio me aproximando dele — Quando eu chegar da faculdade, vou dar a recompensa que você merece.

— Vai deixar eu comer seu cu? — Ele pergunta animado, mudando completamente de postura e eu rio alto.

— Eduardo!!!

— Foi você quem disse que ia dar uma recompensa, eu acho que mereço essa — Ele dá de ombros e me abraça.

— Eu não vou nem te responder sobre isso — Digo rindo.

— Significa que você vai pensar sobre o assunto — Ele fala e eu reviro os olhos rindo — Tudo bem, pelo menos eu tentei.

Eu me encolho nos braços dele, ainda rindo. Me sinto muito protegida estando com ele. Sinto que dessa vez a nossa história vai dar certo, e é isso que eu quero.

— Vem, vou pedir o café da manhã para a gente — Ele diz começando a se afastar, mas eu seguro ele no lugar. — Está tudo bem?

— Eu te amo, muito — Eu falo olhando nos olhos dele e vejo seu sorriso se abrindo.

— Eu te amo — Ele responde e beija a minha testa com carinho — Você é a minha garota, a primeira e única a morar no meu coração.

Ele me beija suavemente e eu sorrio entre o beijo. Meu coração está disparado, meu sangue corre rápido em minhas veias. Amar o Eduardo significa aceitar tudo o que ele é, e eu aceito isso, porque o quero por toda a minha vida.



Eduardo Vasconcelos

Beijo no ombro da Gabriela e me levanto da cama, a ideia era que o Corvo arrumasse alguém para eliminar aquele verme, mas não deixarei essa situação ser resolvida dessa forma. É bastante pessoal para mim.

Quero que ele sofra bastante antes de morrer, e providenciarei isso.

Me visto rápido e silenciosamente, fico feliz dela estar dormindo tão intensamente, afinal, assim ela não vai perceber que eu estou saindo. E foi ótimo ajudar ela a gastar ainda mais energia.

Entro no carro que está me esperando na esquina do meu prédio, e depois de um percurso, faço uma troca de carro, e agora, sim, vou direto para a casa daquele filho da puta. Estou bastante ansioso para colocar as minhas mãos nele, e matá-lo.

— Você sabe que não precisava ter vindo — O Corvo fala atraindo a minha atenção.

— É claro que eu sei, mas eu realmente quero fazer isso — Falo com um sorriso maldoso — Quero ver bem a cara dele quando entender o porquê de estar morrendo.

— Está se colocando em risco — Ele bufa, indignado.

— Você preparou tudo como eu mandei? — Pergunto e ele assente — Então vai dar tudo certo, e eu vou poder matar aquele desgraçado com as minhas mãos.

— Você é muito cabeça dura — Ele diz e eu dou de ombros.

O carro estaciona e eu coloco minha jaqueta, um boné e uma máscara no rosto, mesmo que a gente tenha organizado um esquema para desligar as câmeras de segurança, é sempre bom se prevenir. Entramos pelo fundo, vai ser divertida a noite.

A casa está silenciosa, mas não esperava nada diferente as duas da manhã, começo a subir as escadas e abro porta por porta até chegar no quarto dele. Eu mandei que garantissem que ele estivesse sozinho em casa, ninguém além dele é responsável pelos crimes que ele cometeu.

E para o azar dele, eu fui o juiz e o júri, e agora estou sendo o executor.

Finalmente acho o quarto dele e entro. Um sorriso maldoso surge em meu rosto, qual seria a melhor forma de acordar ele? Água? Pauladas? Um susto? Na verdade, acredito que ele se assustaria em qualquer situação, mas não tenho a intenção de matar ele com um infarto.

Chuto a cama algumas vezes, e ele acorda atordoado, olhando ao redor, e nesse momento, Corvo acende a luz do quarto. O velho arregala os olhos, assustado, afinal, são quatro homens em seu quarto, armados e com muito ódio.

— Qu-Quem são vocês? — Ele gagueja de medo ao falar e isso faz meu sorriso maldoso aumentar.

— Isso não importa para um futuro defunto — respondo com um sorriso de lado —, mas é interessante que você saiba o porquê.

— Se for por dinheiro, eu posso pagar — ele fala desesperado, já se levantando — tenho muito dinheiro, é só falar quanto.

— Você vai pagar o que me deve com sangue — digo me aproximando dele e soco seu nariz.

Alonso cai para trás, em cima da mesa de cabeceira e coloca uma mão no rosto e começa a procurar o celular dele, mas eu o puxo para trás e o Corvo pega o aparelho, o quebrando em seguida. Eu jogo o verme no meio do quarto e chuto sua barriga com força.

— Acha que vai escapar? — rio debochado — Estamos apenas começando.

— Por quê? — Ele pergunta cuspidando sangue no chão — Eu não te conhe... Gabriela! Eu te vi com ela...

— Olha só como é esperto — Debocho e o chuto mais uma vez — E você se lembra que colocou essas mãos imundas nela? Porque eu lembro.

Piso na perna dele com muita força e escuto um pequeno estalo e em seguida o grito escandaloso dele, não deve nem ter quebrado, ainda, só saído do lugar.

— Eu pago! Eu faço qualquer coisa para me deixarem em paz! — Ele implora e eu sorrio, fazendo sinal para dois segurarem ele.

— Não tem nada que você possa fazer para te salvar da morte, você mexeu com a minha mulher e sabia quem era ela, e agora vai ter que aguentar as consequências disso — Eu falo frio me abaixando — Eu não vou só te matar, primeiro você vai sofrer lentamente.

— Eu vou embora, não chego perto dela mais, ninguém me verá novamente — Ele implora.

— Tarde demais.

Seguro na mão nele e começo a quebrar cada um dos dedos dele, mesmo tentando se debater para se soltar, não consegue porque está sendo segurado ao chão. Ao terminar com os dedos, quebro a mão dele e repito o processo na outra mão.

— Segurem esse verme mais firme, quero arrancar os olhos, para quando ele estiver no inferno, se lembrar que não deveria ter cobiçado a minha mulher — mando e sou obedecido imediatamente.

Pego uma faca pequena que trouxe e seguro em seu rosto com força, prendendo o rosto velho e enrugado e então começo um processo lento de retirar seus olhos, é um pouco asqueroso, mas ele merece esse sofrimento.

Quando ele cai no chão, se contorcendo, pego uma barra de ferro que trouxemos e atinjo o corpo dele várias vezes, em pontos diferentes, ele grita e se contorce de dor e é exatamente isso que eu quero, que ele sofra muito.

— Vai atirar nele para acabar com isso e garantir que ele fique morto? — Corvo pergunta, olhando indiferente para o Alonso sangrando e berrando de dor.

— Não, vamos colocar fogo nele e depois na casa — Esclareço, satisfeito com o resultado.

— Ótimo, assim diminuem as evidências — Ele concorda e começa a revirar a própria mochila e tira de lá duas garrafas de álcool e espalha pelo corpo do Alonso.

— Quando estiver queimando aqui e no inferno, se lembre de que se não fosse um abusador de merda e se não tivesse tentado mexer com a minha mulher, você estaria vivo — Eu falo com desdém — mas o mundo fica melhor sem vermes como você.

Eu me afasto e vejo o Corvo colocar fogo nele. Esse será o fim de qualquer um que tente ferir a Gabriela.

Não terei problemas em destruir lentamente cada pessoa que queira se aproximar da minha família.



Capítulo 31

Gabriela Baltazar

Eduardo me puxa mais uma vez para beijá-lo, me impedindo de sair do carro e acabo rindo entre o beijo. Ele se afasta um pouco, deixando os nossos rostos bem próximos, e eu consigo olhar dentro dos seus olhos, o que me faz sorrir um pouco.

Com certeza, sou uma mulher muito apaixonada.

— Preciso ir trabalhar — falo baixo e ele me dá um selinho — Estou falando sério, você também deve ter muita coisa para fazer.

— Eu troco o que tenho para fazer para passar o dia com você — Ele responde com um sorriso de lado e eu reviro os olhos.

— Mas eu não sou chefe, sou só uma estudante que precisa cumprir a residência, e trabalhar fazendo o que eu gosto — Falo e beijo ele de leve e começo a me afastar — Passamos o tempo todo juntos desde que você me buscou no último plantão

— Isso é uma reclamação? — Ele pergunta em um tom divertido e eu rio revirando os olhos.

— Tchau, Eduardo — despeço rindo, enquanto saio do carro.

— Venho te buscar amanhã no final do seu plantão — ele avisa — mas qualquer coisa, me liga.

— O único problema que eu poderia ter, já foi resolvido — eu o lembro e ele sorri orgulhoso — Até depois.

Me despeço dele e me afasto logo, antes que ele arrume mais um motivo para tentar me enrolar. Foi muito bom ter decidido vir um pouco mais cedo, além do trânsito, ainda tive que lidar com o grude do Eduardo, mas isso definitivamente não é uma reclamação.

Entro no hospital e vou direto para o vestiário, preciso me preparar para começar o meu plantão. E eu estou me sentindo muito melhor agora que sei que o Alonso não vai aparecer aqui, me conforta saber que ele está morto e não vai ser mais um problema para mim e nem para ninguém.

Só espero que também não se torne um problema para o Eduardo, mas é tão bom saber que vou poder trabalhar em paz e sem medo o tempo todo, sem ter que ficar correndo e me esgueirando pelos corredores, não mais entrando em salas erradas.

Eu não sei se deveria me sentir mal pela morte de alguém, mas no caso do Alonso, é muito melhor assim, definitivamente não sinto culpa alguma.

Tudo o que eu passei foram só ameaças, mesmo que ele tivesse a intenção de concretizá-

las, não consegui. Espero que as outras mulheres que passaram por situações piores com ele também estejam sentindo o alívio que eu sinto nesse momento.

— Bom dia — Escuto a voz da Isadora atrás de mim — Eu estava mesmo querendo falar com você.

— Bom dia, Isa — Respondo calmamente — Se for sobre o... você sabe, não vou falar sobre isso.

— Eu não vou falar sobre isso, mesmo tendo certeza que... como eu posso falar? — Ela se aproxima abaixando o tom de voz — o seu namorado tem alguma coisa a ver, mas convenhamos, o Alonso era um lixo de homem e um perigo, então eu não me importo — Ela dá de ombros — Não é sobre isso.

— Então é sobre o quê? — Pergunto em um misto de alívio e desconfiança.

— Sobre o projeto que você apresentou para um ambulatório na favela — Ela diz séria.

— Não, Isadora, não começa, ainda são sete horas da manhã e eu não quero me estressar com você — corto o assunto já pegando o meu estetoscópio — Me deixa quieta.

— Você está fazendo isso para atender bandido, não é? Quem é esse patrocinador? Com certeza é algum daqueles marginais — Ela acusa parando na minha frente — Você só vai parar de se envolver com bandido quando estiver morta? Porra, Gabriela, você não vê um jornal?

— Entendo a sua preocupação, mas sou uma mulher adulta e eu posso me cuidar — declaro com seriedade — Com licença.

— Você não vai mesmo parar com essa loucura? Vai continuar mesmo se envolvendo com eles? — Ela pergunta arqueando a sobrancelha, como se estivesse me desafiando.

— Isa, eu tenho mãe e não é você — Falo revirando os olhos e desvio dela, para continuar saindo do vestiário.

— Eu vou falar com seus pais, sabe muito bem que meu pai conhece o seu e tenho certeza que eles vão desaprovar esse comportamento — Ela responde em um tom quase de deboche e eu preciso respirar fundo para não gritar com ela.

— Isadora, presta bem atenção no que eu vou falar — Digo me virando para ela — Para de se meter na minha vida, eu não tô pedindo muito, e vai falar com seu pai para conseguir contato com o meu? Como se seu pai tivesse alguma moral.

— Não fala da minha família! — Ela diz entredentes, ficando vermelha.

— Basta você não envolver a minha família, eu já cansei de falar, que saco! — Passo a mão no cabelo, exasperada — Você não se escuta? Qual o problema da droga do ambulatório? Qual o problema com o meu relacionamento? Para, Isadora, só para — Eu respiro fundo me acalmando — Eu não quero que algo tão... tão tosco acabe com nossa amizade, mas você tá cega, caralho.

— Eu não estou cega, só que a gente cresce ouvindo sobre esses lugares e sobre essa gente...

— Você escolheu ser médica e age assim? Sério? — Eu pergunto desacreditada.

— Meu pai...

— Foda-se seu pai, Isadora — Eu a interrompo novamente — Seu pai é um idiota que nem assume o que faz, então não tente usá-lo como exemplo.

— Do que você está falando? — Ela pergunta confusa, mas um pouco agressiva.

— Nada, não estou falando de nada — Respondo me virando, a Larissa me mata se eu espalhar isso — temos que trabalhar.

— Você não falaria isso sem motivos — Ela diz segurando o meu braço — do que está falando?

— Eu e a Larissa achamos que seu pai tem dois filhos não assumidos — falo de uma vez — Ele odeia a favela, mas na hora de se envolver com alguém de lá não tem problema, não até ela ter filhos, muito hipócrita.

— Isso não é verdade! — ela praticamente grita.

— Você está agindo como uma mimada insuportável, por favor, repense esse comportamento ou realmente não vai dar para continuar andando com você — aviso séria e quando me viro para passar pela porta, dou de cara com a supervisora.

— O que está acontecendo aqui? — Ela pergunta séria e eu engulo seco.

— Nada, nós só nos desentendemos um pouco — Respondo e respiro fundo — estou indo para os meus atendimentos.

— Ótimo — Ela fala séria e olha para a Isadora — Você também tem trabalho para fazer.

— Estou indo — Isadora afirma e sai, passando por mim sem falar nada.

— Você não deveria ficar arrumando problemas — A supervisora me alerta e eu suspiro.

— Vou trabalhar — me afasto indo para a minha ala.

A Larissa vai me matar por causa disso, eu tenho certeza, mas a Isadora estava me irritando de mais, e de onde ela tirou que poderia conversar com alguém da minha família? Já estou cansada e o plantão só começou.



Capítulo 32

Gabriela Baltazar

Estou adaptada a essa rotina com o Eduardo, e quanto mais o tempo passa, mais gosto de como estamos alinhados. Ele me leva e me busca quase todos os plantões, às vezes sozinho, às vezes com o Lucas.

Hoje ele veio sozinho porque não pode ficar na minha casa comigo. Por alguns momentos esqueço que ele tem que voltar para a comunidade, e quero que ele fique aqui comigo o tempo todo. Meu coração fica completo quando estamos juntos.

— Você tem certeza que não pode ficar comigo? — Pergunto fazendo bico enquanto olho para o Eduardo.

— Eu gostaria muito de ficar com você, meu amor, mas preciso resolver algumas coisas — Ele responde carinhoso e me dá um selinho.

Estamos dentro do carro dele, mas em frente o prédio que eu moro, e mesmo morrendo de cansada estou tentando convencer ele a ficar comigo. Acho que me tornei uma pessoa muito carente. Carente dele. Talvez seja o medo dele sumir do nada que ainda exista no fundo da minha mente, mas eu gostaria de ficar agarradinha com ele.

— Volto a noite — ele garante fazendo carinho no meu rosto — E já trago o jantar.

— Vou te esperar — Aviso e o vejo sorrir.

— Já disse que você vai me ter na sua vida para sempre — ele sorri e me beija mais uma vez.

É um beijo calmo, carinhoso. Nossos lábios se encaixam, nossas línguas se movem juntas, meu coração bate mais rápido.

— Até mais tarde — falo quando nos afastamos.

— Até mais tarde — Ele responde e me dá um selinho.

Saio do carro e vou direto para o elevador, mal vejo a hora de me jogar na cama e dormir tudo o que tenho direito. Realmente amo minha profissão, mas não nego o quanto ela é puxada.



Acordo assustada com a companhia sendo tocada incessantemente. Me sento, me sentindo atordoada e respiro fundo algumas vezes. Não tenho ideia de quem pode ser, até percebo que estou levemente irritada com o barulho. Definitivamente, odeio ser acordada dessa forma.

Saio da cama indo em direção à porta para saber quem foi o abençoado que resolveu me acordar depois do meu plantão.

— Isadora? — Era para ser uma afirmação, mas a surpresa fez com que minha entonação fizesse parecer que era uma pergunta — O que está fazendo aqui?

— Eu não consegui dormir...

— Eu consegui — a interrompo, mas ela ignora.

— E tudo aquilo que você me disse está dentro da minha cabeça até agora — Ela fala e faz uma pausa para respirar fundo — Eu quero entender direitinho o que você falou sobre o meu pai.

— É só uma suspeita, a gente nem tem certeza — Eu tento desconversar.

— Eu falei com o meu pai — Ela diz firme — A gente brigou e ele disse que eu não deveria ficar procurando o que não perdi — Ela revira os olhos e respira fundo — mas quero saber a verdade sobre mim.

Fico em silêncio olhando para ela. Minha mente ainda está meio lenta e eu me sinto um pouco nervosa. Ela está certa de que isso é um pouco sobre ela, sobre seus possíveis irmãos, sobre seu pai... mas já que comecei a falar, melhor dizer tudo logo.

— Gabi, se eles forem meus irmãos, você não acha que seria melhor saber? Você não acha que eles merecem ter o mesmo conforto que eu? — Ela questiona arqueando a sobrancelha.

— Você está certa — Eu suspiro — A gente ia fazer o exame de DNA escondido e depois falar.

— E isso é permitido? — Ela pergunta e eu dou de ombros — Não precisa fazer escondido, estou disposta a saber.

— Mas será que eles estão?

— Vamos até lá descobrir — Ela diz já indo em direção à porta.

— Não, não — Eu nego no mesmo instante — amanhã a gente vai lá, você precisa dormir. Eu preciso dormir.

— Eu não vou conseguir, preciso de respostas — Ela insiste, exasperada.

— Você precisa se preparar, e para isso precisa estar descansada — insisto calmamente — Pode dormir aqui se quiser, mas ciente que mais tarde o Eduardo vai estar aqui e eu não quero briga.

Ela fica em silêncio e bufa baixo, como se estivesse em algum dilema interno, e eu

aproveito para olhar as horas, vendo que já passam das duas da tarde. Preferia estar dormindo, mas agora estou preocupada com a Isadora, já são mais de 24 horas acordada, ela vai colapsar.

— Eu vou para casa, mas amanhã às 8 horas vou estar na sua porta, e já vou deixar uma clínica marcada — Ela avisa séria, mas acaba suspirando — É estranho, quase aterrador, pensar que talvez eu tenha irmãos que vivem tudo aquilo que meu pai me ensinou que era errado.

— Depois que você dormir, tira um tempo para rever seus conceitos — Aconselho em um tom suave — Você vai precisar.

— Certo, mas amanhã a gente resolve isso — Ela diz determinada e eu concordo.

Ela respira fundo e eu a acompanho até a porta. No fundo, eu acredito que independente do resultado, vai ficar tudo bem. Isadora é uma boa pessoa e uma boa amiga, apesar dos maus momentos, então eu realmente acredito que ela vai esfriar a cabeça e agir de uma maneira correta.

Mesmo que lá no fundinho eu ache que ela vai surtar quando descobrir sobre a profissão do Dionísio.

No momento em que abro a porta, nos damos de cara com o Eduardo, que estava prestes a colocar a mão na maçaneta. Ele sorri para mim e eu retribuo o gesto, feliz que ele tenha chegado cedo, mas logo olho para a Isadora, preocupada.

— Tenham uma boa tarde — Isadora diz calma, mas está parecendo muito mais controlada — nos falamos amanhã, Gabi.

Ela desvia do Eduardo e vai em direção ao elevador sem esperar uma resposta. Um amor de pessoa, mas tão difícil quando quer.

— Está tudo bem? — Eduardo pergunta preocupado e eu sorrio, virando meu olhar para ele.

— Sim — Respondo sorrindo e dou um selinho nele.

Eduardo me pega no colo e fecha a porta, me levando para o sofá com ele e se senta, me deixando no seu colo.

— Pedi comida para você, deve estar chegando — Ele diz fazendo carinho no meu rosto — Passei só para te ver e dar um beijo.

— Vai comer comigo? — Pergunto me aninhando em seu peito.

— Não, estou resolvendo algumas burocracias e quis te ver para melhorar o meu humor — Ele confidencia e me beija de leve.

— Só por isso está aqui? — Pergunto rindo.

— Te ver nunca é “só” — Ele diz indignado e eu rio mais.

Ele me vira no sofá, ficando sobre o meu corpo, e ataca a minha boca, me beijando com desejo e eu me rendo, ficando completamente entregue.

Mas nosso clima é interrompido pelo toque do interfone. A comida deve ter chegado.

Eduardo sai de cima de mim e atende. E eu fico deitada no sofá esperando ele voltar, até que um pensamento me atinge e eu vou precisar tirar satisfação com ele.

— Voltei! — Ele avisa entrando na sala e eu olho para ele com a sobancelha arqueada.

— Eu não te dei cópias das minhas chaves — Eu falo e ele sorri de canto — E como subi

sem o porteiro interfonar?

— Não se apegue a detalhes, meu amor — Ele diz e me dá um selinho — Vem comer.

— Eduardo! — Eu exclamo e ele ri.

— Comprei sushi para você — Ele diz ignorando completamente o assunto.

Eu suspiro e me sento ao lado dele. Foi invasivo? Sim, mas depois eu penso sobre isso, agora vou apenas aproveitar a companhia dele.

— E você precisa desmarcar seus compromissos de amanhã. — Ele avisa, colocando a comida na mesa de centro.

— Por quê? — Pergunto confusa.

— Marquei um compromisso para nós dois — Ele diz sorrindo.

— E você não vai me contar o que é? — Questiono sentindo a curiosidade me consumir devagar.

— Será surpresa — Ele avisa e eu suspiro, não acredito que ele vai fazer isso comigo.

Arqueio a sobrancelha e ele sorri, só me dando um beijo leve sobre os lábios. Agora serei obrigada a esperar até amanhã para que ele me mostre que compromisso é esse.



Capítulo 33

Gabriela Baltazar

Eduardo me dá um selinho no momento em que entro na cozinha, a mesa do café da manhã está posta e sorrio ao ver que o Lucas está sentadinho comendo.

— Bom dia, que horas o Lucas chegou? — Pergunto encarando o Eduardo que tem os braços ao redor do meu corpo.

— Bom dia — ele me dá outro selinho — Tem uns trinta minutos, ele vai passar o dia com a gente.

— E você vai me contar o que vamos fazer hoje? — Pergunto sentindo um sorriso se formar em meus lábios.

— Temos uma longa lista de coisas para fazer, a primeira é te alimentar — Ele diz me puxando para perto da mesa e depois puxa a cadeira para mim.

— Tia Gabi, você não foi mais visitar eu na minha casa — Luquinha fala com a voz triste e eu me sinto culpada — Por isso eu vim te ver, papai disse que hoje é seu *nivesário*.

— Quê?! — Meu tom sai em um misto de surpresa e choque.

— Não é seu *nivesário*? — Ele pergunta quase chateado e eu olho para Eduardo que tem um sorriso divertido no rosto.

— É o aniversário dela, sim, filho — Ele afirma e eu pego meu celular.

18 de setembro de 2023, meu aniversário de 26 anos e eu simplesmente esqueci. Como isso pode ter acontecido? Minha rotina está caótica mesmo.

— Eu tinha esquecido — Falo incrédula e o Lucas ri colocando a mãozinha na boca.

— A tia tá tão velhinha que tá esquecidaaaa — Ele brinca rindo.

— Lucas! — Exclamo, mas rindo também. Acho que ele está certo. — Não ri, Eduardo, você ainda é dois anos mais velho que eu.

— Mas pelo menos não sou esquecido — Ele dá de ombros e eu semicerro os olhos para ele.

— Vamos canta *palabéns*? — O Lucas pergunta já batendo palmas.

No mesmo instante, Eduardo e eu começamos a cantar e bater palmas, rindo e brincando, enquanto cantamos parabéns para mim. Eu não imaginava que poderia sentir meu coração se encher tanto de alegria.

Foi até mais divertido lembrar que estou ficando mais velha assim, com quem eu amo ao meu lado.



Eduardo me entrega uma camisa de manga cumprida xadrez vermelha com preto, enquanto coloca uma igual, mas de manga curta e depois veste uma idêntica no Lucas.

Se estivéssemos em junho ou julho, até acharíamos que estávamos indo para uma festa de São João.

— Achei que íamos sair para jantar, onde vamos combinados assim? — Pergunto confusa.

— Nós estamos indo fazer exatamente isso — Eduardo responde e eu arqueio a sobrancelha — Pode confiar em mim.

— Não, porque se eu tivesse escolhido, estaríamos com outro tipo de roupa — reclamo, mas ele apenas ri e beija a minha bochecha.

— Vamos, ou chegaremos atrasados — Ele diz, ignorando minha birra.

Suspiro vencida e coloco a camisa sobre o meu vestido branco que vai até o meio das coxas, sendo um pouco justo em cima e soltinho na parte de baixo.

— Tia, você está linda — Lucas fala me encarando e eu sorrio pegando ele no colo.

— Muito obrigada, meu príncipe — Agradeço deixando um beijo na bochecha dele. — E você também está lindo.

— Igual ao pai dele — Eduardo diz inflando o peito e eu rio.

— Lucas está mais bonito — Falo o provocando ele.

— É verdade, sou mais bonito — Lucas concorda comigo e o Eduardo ri.

— Claro, fui eu que fiz — Ele dá de ombros e eu reviro os olhos para ele.

— Não íamos atrasar? — Pergunto e ele pega o Lucas do meu colo.

— Vamos logo — Ele segura a minha mão e me guia para fora do apartamento.

Sorrio acompanhando-o. Meu coração está repleto de alegria e felicidade. O dia todo foi tão bom! Eduardo me deu tanta atenção e me mimou o tempo inteiro. Rimos e comemos coisas que eu gosto.

Acho que a palavra que se encaixa é perfeição.

— Para onde estamos indo? — Pergunto ao perceber o trajeto que ele está fazendo.

— Para a sua festa de aniversário — ele explica, sorrindo — estamos chegando.

— O que você aprontou, Eduardo?

Ele só fica com um sorriso de lado, mas não responde. Ele estaciona o carro e eu escuto uma música alta, mas definitivamente não é a habitual de quando tem baile. Saio do carro e o Eduardo pega o Luquinha no colo.

Ele segura a minha e começa a caminhar me guiando, mas aos poucos percebo uma

decoração pelas ruas que não estava aqui da última vez que vim. As bandeiras coloridas cortadas de maneira triangular, a música parece uma mistura de forró com funk, e eu arqueio a sobancelha olhando para o Eduardo.

De repente entramos na rua na qual o baile está acontecendo, mas sou atingida pela constatação de que não é um baile, é uma festa temática de São João. Tem barracas com jogos típicos e comidas, as pessoas estão vestidas a caráter.

— Estamos em setembro, como? Por quê? — Pergunto chocada e ele me olha sorrindo.

— Porque é sua festa favorita, porque é seu aniversário, porque eu te amo — Ele responde me olhando nos olhos e beija a minha testa.

— Eu te amo — Respondo, sentindo o meu corpo ser dominado por uma alegria única.

— Papai, eu quero aquilo — Lucas diz, atraindo nossa atenção e o vemos apontando para uma maçã do amor.

— Eu também quero! — Digo e o Eduardo sorri, concordando.

— Me espere aqui — Ele pede e eu assinto.

Eduardo se afasta com o Lucas no colo. E de repente sinto o meu corpo ser envolvido em um abraço e levo um segundo para perceber que se trata da Larissa.

— FELIZ ANIVERSÁRIO! — Ela grita animada, me apertando em seu abraço.

— OBRIGADAAA! — Grito em resposta, me sentindo feliz.

— Você está linda! Percebeu quando como seria sua festa? — Ela indaga me soltando, e logo seu corpo é envolvido pelos braços do Dionísio.

— Só quando já estava aqui — Respondo rindo — Era impossível imaginar isso aqui.

— É verdade, mas achei tão fofo quando o Dio me contou sobre a festa, até tentei trazer a Isa, mas você sabe com ela é — ela dá de ombros — o que importa é que vamos nos divertir.

— Você tem razão — sorrio concordando e sinto o Eduardo tocando o meu braço.

Ele me entrega a maçã e Lucas está ao seu lado, comendo a dele, com o rostinho já sujo. Me sinto animada e feliz, essa com certeza vai ser a melhor festa de aniversário da minha vida.

— Chefe, já pode liberar? — Dionísio pergunta, atraindo a minha atenção.

— Liberar o quê?

— Pode sim — Eduardo responde o Dionísio e me olha sorrindo — Você vai ver.

— Muito mistério, por isso prefiro o Lucas — Resmungo fazendo bico, mas me divertindo.

O ignoro para ficar brincando com o Luquinha, mas ele está mais preocupado em comer sua maçã do amor. Dionísio se afasta puxando a Larissa com cuidado, eles ficam realmente bonitos juntos, e é bom ver minha amiga se envolvendo com alguém de verdade.

O Dj anuncia que é para todos abrirem espaço porque a quadrilha começará, olho curiosa e animada. Eduardo nos guia para ficar em um lugar com visão privilegiada, e nenhuma das pessoas reclamam disso. Pelo não reclamam para nós.

Um grupo pequeno de homens e mulheres se organizam no espaço que foi aberto, vestido com roupas características e a música inicia e a apresentação junto. Meu corpo inteiro vibra de

animação. Eduardo organizou tudo, cada detalhe da festa. Me sinto em completo êxtase.

A sensação de saber que ele faz qualquer coisa para me deixar feliz faz tudo em mim se aquecer. Posso viver para sempre mergulhada nessa sensação de felicidade, de amor, de completude. Reencontrar o Eduardo foi uma obra perfeita do destino.

— O que você achou? — Eduardo pergunta quando a apresentação encerra.

— Foi incrível — respondo sincera — obrigada.

— Você merece o mundo — Ele me dá um selinho e pega o Lucas no colo — Vou levar esse rapazinho para a casa da Dulce, e volto para ficar com você.

— Eu vou com você — Falo e ele nega com um aceno, ao mesmo tempo que me derrete com o Lucas deitando a cabeça no ombro dele — Por que não?

— Vai ser rápido, não se preocupa — Ele beija minha testa e se afasta.

Reviro os olhos e decido ir comprar alguma coisa para comer, ainda sem acreditar que ele conseguiu organizar isso. Quanto tempo será que levou? Onde ele arrumou um grupo para se apresentar? São tantos questionamentos.

E a única afirmativa possível é como tudo isso está lindo, esse é com certeza meu melhor aniversário em toda a minha vida.

Vejo a Larissa se aproximando enquanto como um bolo de milho, tenho que aproveitar o momento. Ela tem um sorriso animado no rosto, acho que está se divertindo tanto quanto eu. Olho ao redor procurando o Eduardo, me dando conta que ele está demorando muito.

— Amiga, eu preciso que você venha comigo — Ele diz já me segurando pelo pulso.

— Pra onde? Estou esperando o Eduardo — respondo, mas a deixo me guiar.

— Amei o tema da sua festa, e estou me divertindo tanto com essas músicas — Ela fala alto, para que eu possa ouvir apesar da música, enquanto andamos.

— Está tudo tão bom, sério! Cada detalhe foi pensado tão bem — Suspiro apaixonada — Vou até agradecer ao Eduardo mais tarde.

— Ele, com certeza, vai gostar — Ela fala rindo e para no caminho — Amiga, te amo sabe disso né?

— Sei, também te amo — Respondo confusa e rio quando ela me abraça rapidamente. — O que...

Minha fala é interrompida ao sentir meu corpo ser puxado, mas é com cuidado, não me machucam ou me apertam, apenas seguram cada um em um braço. Fico confusa e sem entender o que está acontecendo, mas a Larissa está sorrindo tanto que o rosto dela parece estar dividindo.

— Pra onde estão me levando? — Pergunto confusa e vejo que quem está me puxando é o Igor e o Tiago.

— Chefia, desculpa não poder explicar muito, mas você está em cana — Tiago diz e eu fico confusa por um segundo, até ser colocada em uma cadeia do amor.

— EU QUERO UM ADVOGADO! — Eu grito rindo e sinto uma mão envolvendo minha cintura e me viro de uma vez, mas relaxo ao ver o Eduardo.

— Eu posso ser o seu advogado — Ele diz e beija o meu ombro.

— Não tenho certeza que você pode executar essa função — respondo rindo, sentindo a

minha pele arrepiar.

— Você está enganada, meu amor, eu sou formado e tenho até OAB — Ele me dá um selinho — Então, quer ajuda para sair daqui?

— De você eu quero tudo — Respondo e ele me beija.

Nossas bocas se encaixam com precisão, suas mãos puxam o meu corpo para mais perto e eu me sinto imersa no mar de sensações que é ter os lábios dele nos meus, sua língua deslizando pela minha e como a explosão de sentimentos me faz sentir tanto, o gosto de amor, de nostalgia, de entrega explode como estrelas nos céus das nossas bocas.

Nosso elo é algo maior, e sinto isso em cada centímetro do meu ser.



Mal fechamos a porta do apartamento do Eduardo e ele já me puxa os seus braços, me envolvendo em um beijo quente, intenso, e eu me entrego sem qualquer resistência.

Quero me derreter em suas mãos.

Ele se afasta o suficiente para conseguir se livrar das minhas roupas e quando fico apenas de calcinha, ele me deita no sofá, me olhando como se fosse uma refeição que ele está prestes a devorar, faminto.

Estremeço apenas com a sentimento de antecipação que toma conta de mim.

— Você é a mulher mais linda do mundo, mais preciosa — Ele diz com a voz rouca e sorri malicioso — mas também é uma safada, e eu vou dar o que você está querendo.

— E o que eu estou querendo? — Pergunto baixo, deslizando minha mão lentamente sobre o meu corpo, sem tirar meus olhos dele.

— Meu pau indo fundo e forte dentro de você — Ele responde, enquanto se despe.

Lambo os lábios observando-o, seu corpo é forte e definido, algumas tatuagens se espalham pela pele branca, seus olhos azuis brilham intensos, repletos de desejo, e eu estou completamente a sua mercê.

Eduardo fica nu, seu pau está duro e apontado para cima, ele começa a beijar a minha perna, passando pela minha coxa, e depois por cima da minha calcinha sobre a minha boceta. Deixo um gemido baixo escapar dos meus lábios.

Ele retira o pequeno tecido do meu corpo, sua boca toma a minha boceta, sua língua brinca com o meu clitóris, deslizando pela vulva. Suas mãos apertam as minhas coxas e eu gemo alto, enlouquecida. Meu corpo inteiro vibra ao ser tomado pelo prazer.

Mas no segundo seguinte, meu corpo é puxado e eu sou colocada sobre seu colo, uma perna de cada lado, sinto seu pau duro na minha boceta e rebolo devagar, friccionando nossos corpos.

— Esse é o melhor aniversário do mundo — Gemo, encarando-o.

— O primeiro de muitos que prepararei para você — Ele garante e segura na minha bunda, arqueando o meu corpo —, mas agora, preciso sentir sua boceta quente apertando meu pau.

— Então me fode, sem dó — Peço e ele sorri de lado.

— Você que está no controle, meu amor — Ele responde encaixando sua rola na entrada da minha boceta.

Eu sento devagar, sentindo toda a extensão dele me invadindo, gemendo com a sensação inebriante que vem junto. Era o que eu precisava para finalizar a noite.

Passo uma mão por seu ombro, segurando em seu pescoço. Nossos olhos se encontram e tudo se inflama, como se tivessem jogado pólvora sobre nós. Movimento meu corpo para cima e para baixo, e acabo jogando a cabeça para trás, queimando de prazer.

A mão do Eduardo está na minha bunda, apertando-a, mas logo ele segura no meu quadril e começa a se mover contra mim, indo mais fundo, sendo ainda mais selvagem. E eu gosto disso.

Ele geme alto e sua boca alcança meu seio, e ele morde e chupa a pele como se estivesse faminto. Me sinto uma presa em suas mãos.

Ele me coloca sobre sofá, com a bunda empinada para ele e eu sinto um tapa ardendo na minha bunda e grito alto de prazer, querendo mais.

— Eu gosto quando você grita assim — Ele diz enquanto seu pau me invade outra vez.

Ele enrola a mão nos meus fios e seu corpo se choca no meu com movimentos intensos de vai e vem. Até que sinto uma onda de sensações me afogando, e eu gozo, gemendo despidamente.

E quase no mesmo instante escuto os gemidos do Eduardo, e sinto sua porra quente me atingindo.

E essa será apenas a primeira rodada da noite.



Capítulo 34

Gabriela Baltazar

Um sorriso surge nos meus lábios enquanto acordo. Ontem foi simplesmente inacreditável.

Eduardo realmente fez uma festa de aniversário para mim. Não uma qualquer, a minha favorita no meio de setembro. Ele está se esforçando por mim, por nós. Isso me deixa tão feliz, é como estar andando tranquilamente nas nuvens.

Acho que somos almas gêmeas destinadas a ficar juntas.

Mas me viro na cama, sentindo falta do seu corpo contra o meu e me deparo com uma cama vazia. Suspiro preguiçosamente e me levanto para ir ao banheiro começar o dia.

Quando coloco os pés para fora do banheiro, escuto uma voz alterada e o que parece um grito e me assusto.

Que porra está acontecendo na minha casa?

Me apresso para fora do quarto, mas quanto mais chego perto da sala, mais reconheço as vozes presentes na discussão.

— O que está acontecendo aqui? — Pergunto encarando os três.

— Eu avisei que iam acordar ela, caralho! — Eduardo exclama irritado e se vira, vindo na minha direção.

— Foi a Isadora quem se exaltou! — Larissa se defende, parecendo revoltada.

— Amo como vocês sempre gostam de me colocar como se eu fosse a errada sempre — Ela bufa.

Respiro fundo, contando até dez mentalmente, não posso me irritar. Não sem antes entender o que está acontecendo aqui. Achei que eu teria um dia tranquilo pós-aniversário, cheio de calma e descanso.

— O que vocês duas estão fazendo aqui? — Pergunto massageando as têmporas.

— Nós temos que ir fazer aquilo, já adiamos um dia e eu a chamei — Isadora indica a Larissa — Porque ela já conhece o morro e sabe do que eu tô falando.

— Eu não acredito que você contou para ela — Larissa reclama, cruzando os braços.

— Elas começaram a discutir, mas eu não entendi o que tá rolando — Eduardo fala enquanto me abraça por trás, envolvendo minha cintura e prendendo meu corpo contra o dele — Você deveria ser mais cuidadosa com quem tem acesso tão fácil a seu apartamento.

— Irônico logo você dizer isso — Respondo revirando os olhos, vendo a Larissa começar a brigar com a Isa novamente.

— Gabriela, eu vou bater nela — Lari fala muito irritada.

— Eu que tinha que te bater para ver se entra algo nessa cabeça dura — Isadora rebate e eu suspiro.

— Chega, gente, chega! — peço exasperada — Lari, liga para o Dionísio e Isadora, ninguém tem culpa do seu pai ser um vagabundo, para!

— Por que vão chamar o Dionísio? — Eduardo pergunta me olhando desconfiado.

— A gente acha que a Isadora possa ser irmã do Dio — Eu explico e ele me olha surpreso e depois olha para a Isadora — A Isa quer que a Lari chame o Dionísio, assim fazem um teste de DNA logo e acaba esse suspense, a Lari acha que não tem que falar com ele sobre isso e sim roubarmos o DNA dele para o teste.

— Vou mandar ele vir aqui — Eduardo diz sentando no sofá — Quero ver a cara dele quando descobrir quem é o pai dele.

Ele tem um sorriso divertido no rosto, quase maldoso, e a Larissa bufa, isso não vai dar muito certo.

— Vou ligar para a clínica vir coletar material — Isa informa, pegando o celular.

— Meu Deus, eu acabei de acordar — Suspiro me sentando junto do Eduardo. — Também acabei de ficar mais velha, não deveria estar passando tanto estresse.

— Vou ligar para a padaria mandar o café da manhã nós — Ele avisa sorrindo.

— Primeiro que você só fez vinte e seis anos, e segundo, sério? Vai ser isso mesmo? — A Larissa questiona e eu dou de ombros — Dionísio vai surtar.

— Essa é a parte divertida — Eduardo responde — Ele está vindo.

Respiro profundamente, deixando o oxigênio percorrer por cada parte de mim. Não foi assim que eu imaginei que começaria o dia, mas tudo bem. Melhor resolvermos isso logo.



A companhia toca e eu sei que é o Dionísio, nem me mexo para abrir a porta, sei que a Larissa irá fazer isso. E só estava faltando ele chegar.

O café da manhã já chegou, a funcionária da clínica já chegou. O que me faz torcer para que não tenha barraco enquanto essa mulher estiver aqui. Sei que tô pedindo muito, dada a situação, mas acho que não é crime ter esperanças.

— PAPAI!! — O grito me pega de surpresa e eu volto dos meus pensamentos quando vejo o Luquinha correndo para o colo do Eduardo que o pega e joga para cima, fazendo ele rir.

— Já trouxe a criança, agora tô indo — Dionísio diz e eu olho para ele confusa.

— Você não contou para ele? — A Larissa pergunta indignada e eu olho para o Eduardo também.

— Achei que seria mais divertido se vocês contassem — Ele fala sorrindo de lado.

— O que? — O Dionísio pergunta confuso.

— Gente, lembra que somos todos adultos. — Eu peço indo até o Eduardo para brincar com o Lucas.

— Eu explico! — Larissa exclama no mesmo instante que a Isa abre a boca.

A Larissa começa a explicar cautelosamente a situação para o Dionísio, e eu só consigo pensar na fofoca que isso vai render. Mas logo me distraio brincando com o Luquinha, o braço dele já está bom e ele está muito ativo. É bom ver isso.

— Não quero! — A exclamação alta do Dionísio atrai a minha atenção — Não vou fazer isso!

— Eu tenho direito de saber a verdade — A Isadora rebate e eu suspiro.

— Dio, pensa em tudo que sua irmã pode ter se for verdade, vai ser bom para ela — Eu falo tentando acalmar a situação — Você me disse que acharia maneiro ter um carro como o meu, que sua irmã gostaria de fazer uma faculdade bacana. Se for verdade...

— Se for verdade, vou garantir que tenham tudo que eu tenho — A Isa fala decidida.

Dionísio fecha a expressão, claramente em dúvida sobre o que fazer, mas sinceramente, é compreensível o lado dele. O pai nunca apareceu, e claramente se dependesse dele não apareceria, mas sabe que fazer esse exame pode dar mais chances para a irmã.

Acho que por isso todo mundo espera um pouco para que ele possa decidir.

— Pensa bem, se souber quem é ele, é mais fácil de socar a cara dele — Eduardo fala com um sorriso divertido e eu olho feio para ele.

— Não fala em socar os outros perto do Lucas, por favor — Eu chamo a atenção dele que sorri amarelo para mim.

— Tudo bem, eu faço — Ele concorda a contragosto, mas a Isadora sorri grande.

Finalmente vão fazer o exame e eu vou poder expulsar todos, menos o Eduardo e o Lucas, para poder ter meu dia de folga em paz.



Depois de finalmente conseguir que todo mundo fosse embora, eu tive paz e silêncio. E um delicioso café da manhã.

Não foi todo mundo embora realmente, Eduardo e Lucas ficaram, e eu amei ter a companhia deles.

— Eu não vou fazer comida — Eu aviso o Eduardo ao me sentar ao lado dele no sofá — Pede algo saudável, o Luquinha não pode ficar comendo besteira.

— Ele não vai ficar comendo besteira por comer algo diferente... — Eu olho para ele

arqueando a sobrancelha — Tudo bem, eu vou pedir um jantar completo, com saladas e tudo.

— Ótimo, muito obrigada — dou um selinho nele e me ajeito no sofá, olhando para o Luquinha no carpete, concentrado no desenho que está na tv.

A gente até está parecendo uma família. É estranho que eu me sinta tão confortável com essa situação? É muito cedo? Respiro fundo, puxando o ar lentamente para dentro de mim, eu realmente espero que a resposta seja não, porque estou me sentindo feliz assim.

Isso me faz pensar que não vai demorar a chegar o momento em que eu vou ter que falar com os meus pais sobre o Eduardo. Será que eles ainda se lembram dele? Será bem mais fácil se eles se lembrarem.

— No que está pensando tanto? — Ele pergunta me abraçando.

— Eu tenho que falar com os meus pais sobre você — Respondo e suspiro — Será que eles ainda lembram?

— Sua mãe, eu não sei — Ele dá de ombros — Mas seu pai sim.

— Como você sabe? — Pergunto surpresa.

— A gente já se esbarrou por aí algumas vezes — Ele explica, mas eu fico muito desconfiada — Não é nada.

— Como nada? Meu pai está envolvido com o crime? — Pergunto com os olhos arregalados e ele ri.

— Amor, tem coisa que você não precisa realmente saber — Ele responde sorrindo e me beija de leve, mas eu me afasto.

— Isso foi um sim — Constato, chocada — Está brincando comigo?

Ele me olha sério nos olhos, e me sinto tensa. Será que é verdade? Mas seria hipocrisia ficar brava, acho que é só surpresa. Mas então o Eduardo começa a rir e eu semicerro os olhos para ele.

— Estou apenas brincando com você — Ele diz em um tom divertido, mas agora já estou desconfiada.

— Não tenho certeza se acredito — Nego e ele ri mais.

De repente eu sinto o Luquinha pulando em cima da gente e rio, o abraçando. O bebê o salvou do meu interrogatório, mas depois eu vou perguntar sobre isso a sério.

No momento, só quero aproveitar. Eu realmente estou me sentindo feliz com eles, e em saber que somos praticamente uma família. Está tudo bem, eu posso lidar com qualquer consequência que vier.



O Eduardo entra no quarto no mesmo momento em que estou me deitando. Ele colocou o

Luquinha para dormir no outro quarto, apesar de ele ter ficado na minha cama até dormir. Eu achei o momento muito fofo.

— Você acha que o tal exame de DNA vai dar positivo? — Ele pergunta enquanto se deita ao meu lado.

— Não tenho ideia — Respondo dando de ombros — Por quê?

— Enquanto eu colocava o Lucas na cama, estava pensando sobre isso — Ele diz sério — Se for, vou tirar o garoto do crime.

— Por que tomou essa decisão? — Pergunto surpresa e curiosa.

— Dionísio tem dezenove anos, entrou no crime para ajudar a colocar comida na mesa e acabou ficando. E ele ainda não tem passagem na polícia — Ele explica e eu assinto, acho que estou entendendo o ponto dele — Ele vai poder seguir uma vida limpa, e tranquila.

— Acho isso bom — Eu concordo abraçando ele — Tem uma coisa que eu quero saber.

— O quê? — Ele pergunta e beija o meu rosto quando eu olho para ele — Sobre seu pai?

— Exatamente — Concordo no mesmo instante.

— Seu pai não é envolvido com o tráfico, mas... como eu posso te contar isso? — Ele fica em silêncio, pensativo por um momento — Amor, seu pai é um empresário milionário no Brasil, coligado a partido e anda com políticos, não tinha como você esperar honestidade dali.

— Eduardo?!

— Tô sendo sincero — Ele dá de ombros — E, seu pai, às vezes está envolvido em algumas importações e exportações para mim.

— Eu to sem reação — Falo respirando fundo.

— O que vai fazer com essa informação? — Ele pergunta curioso.

Eu fico em silêncio, pensativa. Não é como se eu pudesse ir confrontar meu pai, estou na cama com um traficante, que moral eu tenho para julgar a postura de alguém? Quase rio pensando que, nesse ponto, puxei a minha mãe, já que ela também se envolveu com um criminoso. Respiro fundo mais uma vez, olhando para o Eduardo.

— Nada, só estou surpresa — Dou de ombros — E pensando como será divertido o jantar em família nas festas comemorativas.

— Isso com certeza — Ele ri alto me abraçando.

Fico aconchegada nos braços dele, pensativa. Se eu for olhar o lado positivo disso, é que o meu pai não poderá me julgar por estar com ele.

E isso me faz pensar que tenho que marcar logo o jantar de oficialização de relacionamento e falar com meus pais sobre nós.

Mas, se eu pensar bem, tudo bem enrolar esse encontro mais um pouco.



Capítulo 35

Gabriela Baltazar

Fazer residência não é só o tempo no hospital, eu também preciso cumprir horas de aula teórica, por isso continuo tendo aulas na faculdade. Porém, já me sinto muito mais habituada à rotina hospitalar.

E amo estudar, mas foi tão difícil me levantar da cama. Estou realmente me acostumando a dormir abraçada com o Eduardo.

Entro na minha sala de aula e cumprimento alguns colegas. A Isadora chega quase junto comigo e se senta ao meu lado.

— Bom dia — Ela me cumprimenta — Quero te pedir um favor.

— Bom dia — Eu sorrio divertida — Mas não são nem oito da manhã e você já quer me pedir as coisas?

— Gabriela, é sério — ela revira os olhos —, falei com meu pai ontem, a gente brigou.

— Você contou sobre o teste? — Pergunto assustada, quase deixando a voz alta demais.

— Fala baixo! — Ela reclama e eu assinto — Óbvio que não, o teste ainda pode dar negativo e ser tudo loucura da Larissa.

— Olha só?! Parece que você consegue ser sensata — Eu debocho e ela revira os olhos de novo — O que aconteceu para brigarem, então?

— Eu disse que ia fazer parte de um projeto social na favela e ele surtou, falando que eu não deveria me misturar com esse tipo de gente, que eu tinha que ir para hospital particular, que já estava providenciando minha vaga no Einstein...

— Parece com você — debocho e ela semicerrar os olhos para mim — quero dizer, você parece com ele.

— Você tá difícil hoje — ela reclama.

— Tô mentindo? — Pergunto e ela bufa — Lembra como você agiu comigo? Porque eu não esqueci.

— Eu tenho pensado muito sobre isso esses dias...

— Finalmente os refrescos.

— ... percebi que agi errado, ok? Mas ainda é muito confuso para mim. — Ela continua falando, ignorando minha provocação — Para mim, o natural é agir como o meu pai, não é a coisa mais tranquila do mundo enxergar para além da nossa bolha. E eu quero mudar.

— Isso me surpreendeu — Comento um pouco mais séria — E se der negativo?

— Não posso fazer nada sobre isso — Ela dá de ombros — mesmo que dê negativo, essa história já foi o suficiente para me dar um chá de realidade.

— Eu estou impressionada — Comento e olho para a Isa — E com dúvidas.

— O quê? Que dúvida?

— Primeiro, qual era o favor? E segundo, que projeto social? — Pergunto e vejo ela sorrir sem graça.

— Queria que você me levasse para conhecer o lugar onde meus quase irmãos vivem — Ela explica e eu arqueio a sobancelha — E o projeto é a clínica que você disse que ia abrir no morro.

— Acho que não escutei direito — Falo estarecida.

— Gabriela, Isadora, a conversa está boa, né? — A professora, que eu nem tinha notado direito, chama a nossa atenção — Será que se eu pedir para vi explicar o assunto, vão falar tanto assim?

— Desculpe professora — Eu peço e ela nos olha séria e volta a explicar o conteúdo. Respiro fundo e abaixo o tom de voz ainda mais e me viro para a Isadora — Depois da aula eu te levo lá.

— Obrigada — Ela sussurra.



Achei que não conseguiria me concentrar na aula, mas até que foi tranquilo. Simplesmente ignorei dentro da minha mente todos os problemas que eu tenho para resolver, e prestei atenção na aula.

Mas agora que o sinal tocou, sei que tenho que voltar a prestar atenção nas coisas que tenho que fazer.

— Veio de carro? — Pergunto para a Isadora quando termino de guardar os meus materiais.

— Vim, mas estava pensando em ir de táxi — Ela responde e eu olho confusa para ela — E se assaltarem meu carro?

— Isadora!

— O que? — Ela bufa — Mas você tem que ser sensata também, é um carro caríssimo indo para uma região violenta.

— Você não me ajuda a te ajudar — Eu reclamo — E fica tranquila, ninguém vai te assaltar.

— Como você pode ter certeza disso?

— Você está comigo, e sabem quem sou eu, ok? — Tento tranquilizar ela — Para de ser

maluca.

— Bem que eu gostaria — Ela resmunga e eu reviro os olhos rindo.

Sei que a Isadora é uma pessoa difícil, mas eu também sei que ela é incrível e que quando perceber o quão errado são certos pensamentos, vai melhorar. Sendo justa, ela já está tentando ser melhor de maneira verossímil.

Nós vamos para o carro e eu coloco o endereço no gps dela. A Isadora parece apreensiva, mas inegável que ela está tentando. É possível ver em sua expressão que ela quer passar por todos os preconceitos que geram esses conflitos dentro dela.

Mano uma mensagem para o Eduardo avisando que estou indo para lá, e o que estou indo fazer e ele responde apenas um “ok”.

Ensino o caminho que sempre faço para ela, e a Isa estaciona assim que chegamos. Vejo ela respirar fundo e me seguro para não rir dela.

— Sério amiga, eu não sei se me preocupo com esse comportamento ou se rio — Ela me olha arqueando as sobrancelhas — São pessoas como eu e você, não tem nada demais aqui para você ficar assim. Infelizmente a desigualdade social existe, mas não nos torna superiores a ninguém.

— Eu sei! — Ela respira fundo — Para de me dar sermão, vamos logo.

Ela sai do carro e eu saio em seguida. A Isa até começa a dar a volta no carro para chegar até mim, mas para no meio do caminho com os olhos arregalados e eu me viro para ver o que ela está olhando.

— E aí doutora! — Tiago me cumprimenta, tranquilo, enquanto caminha na nossa direção com uma arma enorme pendurada no corpo — Chefia mandou acompanhar a senhora e sua amiga.

— Oi Tiago, como você está? — pergunto educada — Está acontecendo algo aqui?

— Tô nos *trincs*, aquele remédio para dor é excelente — Ele responde sorrindo e dá de ombros — rolou umas operações no Rio, mas acho que tá de boa aqui.

— Espero que sim — Falo com um sorriso pequeno, depois vou conversar com Eduardo sobre isso — Tiago, essa é a minha amiga, Isadora.

— E aí gatinha — Ele cumprimenta e semicerra os olhos para ela — tá de boa?

Isadora apenas assente, mas não diz nada. Eu respiro fundo revirando os olhos, mesmo que a compreenda parcialmente.

— Ela nunca viu alguém armado — Eu explico para o Tiago que exclama um “aaaah” surpreso — Eu queria falar com o Corvo, por favor.

— Eu levo vocês lá — Ele diz, mas olha de canto para a Isa mais uma vez, antes de indicar o caminho.

Eu vou até a Isadora e seguro o braço dela, puxando-a para a gente andar. Vou aproveitar que estou aqui para resolver com o Corvo sobre a clínica. E quem sabe engajar a Isa na ideia de verdade.

Eu realmente acredito que ela consiga se desprender de todos os preconceitos com os quais foi criada.

Vai dar tudo certo.



Capítulo 36

Gabriela Baltazar

Isadora gruda no meu braço assim que a gente começa a se afastar do carro, seguindo o Tiago para irmos até o Corvo. Precisamos conversar sobre o projeto da clínica, preciso ter certeza que é uma ideia que será feita mesmo para não gastar meu tempo elaborando um projeto que não vai existir.

Tiago faz algumas piadas pelo caminho, mas a Isadora não esboça nenhuma reação. Parte de mim está orgulhosa por ela está aqui, outra parte quer estapear ela por estar com essa cara.

Ela jura que ninguém vai perceber?

— *Dotora*, espera aqui fora, sei que a senhora é mulher do chefe, mas não posso deixar você entrar lá dentro assim não — Tiago avisa quando a gente para em frente uma casa que eles usam para trabalhar.

— Fica tranquilo, pode ir lá — Eu respondo e sorrio divertida — Desde que o Loki não esteja com ninguém aí dentro...

— Que isso *dotora*?! Chefia nunca faria uma coisa dessas — Ele defende o Eduardo e eu rio.

— Fala isso porque trabalha para ele — Eu respondo rindo e ele nega — Chama logo o Corvo lá que o sol está quente, por favor.

— Agora mesmo! — Ele responde e vai para dentro da casa.

— Isso não te assusta nenhum pouco? — Isadora pergunta com os olhos arregalados e eu suspiro.

— A gente acaba acostumando, e como eu acabei meio que cumprindo um “papel social” aqui, eles me tratam bem — Explico e ele levanta uma sobrancelha.

— E o fato de você dar para o chefe deles não conta em nada?

— Claro que conta, mas essa é uma vantagem que só eu tenho — Dou de ombros e escuto ela rir — O que foi?

— Todo mundo fala que bandido tem logo cinco mulheres, e que nenhuma pode ter outra pessoa, só eles podem fazer o que quiser — Ela responde.

— Se ele me trair, mato ele no meio da noite enquanto está dormindo — Falo tranquila, com um sorriso pequeno e calmo no rosto, bem quando o Eduardo e o Corvo estão saindo da casa.

— Por que eu estou sendo ameaçado? — Eduardo pergunta em um tom divertido.

— Só leve como uma ameaça se você estiver me traindo — Respondo com um sorriso e ele ri mais.

— Essa garota tá passando tempo de mais com o Loki, quando chegou aqui, não era assim — O Corvo brinca.

Eu dou de ombros, rindo, e dou um passo indo em direção ao Eduardo, mas a Isadora me puxa para trás, apertando o meu braço, e quando me viro, ela está com uma expressão de medo, quase como se estivesse prestes a correr.

— Isa, você está bem? — Pergunto preocupada.

— Ele... ele... foi ele quem... — Ela respira fundo e eu entendo o que está acontecendo. Foi o Corvo que me sequestrou e que queria matar ela, me esqueci completamente disso.

— Calma, respira fundo e olha para mim — Falo ficando de frente para ela — Está tudo bem, agora.

— Ele ia... ia... me matar! — Ela exclama, apavorada.

— Respira fundo, inspira devagar e solta o ar pela boca — Eu instruo com calma, antes que ela tenha uma crise aqui. Escuto o Corvo começando a falar algo, mas apenas levanto a mão pedindo para ele esperar — Mantém os olhos em mim.

A Isadora assente e repete várias vezes o processo de inspirar e expirar. Deveria ter preparado ela para isso, mas acabei me esquecendo sobre o sequestro.

Gosto de apagar esse momento da minha memória, mesmo que hoje em dia eu entenda por uma perspectiva diferente tudo, ainda foi um péssimo momento da minha vida. E na vida dela.

E, o Corvo não foi a pessoa mais de boa. Eu também precisei de um tempo para me adaptar a ver ele sem achar que ele me mataria em algum momento.

— Como se sente? — Pergunto preocupada.

— A gente pode ir para longe dele? — Ela pergunta e eu assinto concordando.

— A gente se fala depois — Eu aviso, me virando para o Eduardo e o Corvo, e noto que o Tiago também está por ali.

— Vai para casa? — O Eduardo pergunta se aproximando de mim.

— Não, ainda não — Respondo e correspondo o beijo leve que ele me dá — Eu aviso antes de ir embora.

— Até depois — Ele me beija rápido e se afasta e olha para a Isadora — Não se preocupa, ninguém vai fazer mal para vocês aqui.

Ela respira fundo e assente, sem dizer nada. O Corvo me olha com a expressão séria, e é a minha vez de respirar fundo.

— A gente ia falar sobre a clínica — Eu explico e ele assente — Deixa para depois.

— Certo, depois então — Ele responde e entra na casa de novo.

O Eduardo me puxa pela cintura e me beija mais uma vez e entra na casa novamente. Olho para a Isa e ela está de costas, tudo para evitar ver o Corvo. Isso será bem difícil, mas não posso julgar, é um trauma e não é uma coisa fácil de lidar.

— O que quer fazer agora? — Pergunto, colocando a mão sutilmente no braço da Isa.

— A gente pode andar um pouco, só para me acalmar, enquanto isso, você me explica como vou lidar com isso — Ela sugere e eu suspiro.

— Eu não posso fazer nada sobre o que aconteceu, sei que foi muito mais difícil para você do que para mim, em certos pontos, mas mesmo que seja pedir muito, eu quero que você consiga lidar com isso pela clínica. — Falo e ela me olha de canto enquanto a gente anda.

— O patrocinador secreto é o tráfico — Ela aponta.

— É, mas melhor eles que ninguém — Dou de ombros.

— E qual o custo disso? — Ela questiona e abaixa o tom de voz — Vamos ter que tratar eles também?

— Vamos, sim — Eu respondo e ela me olha com os olhos arregalados — mas pensa em todas as pessoas que têm um acesso precário à saúde e poderão ter acesso também?

— Isso tudo é uma grande loucura — Ela reclama — Eu vou ter que repensar sobre isso.

— Tudo bem...

— GABRIELAAA... — olho em volta vendo quem me gritou, e vejo a Emília correndo na nossa direção — Nem acredito que você está aqui hoje.

— Aconteceu alguma coisa? — Pergunto preocupada.

— Não... — Ela faz uma pausa para respirar fundo recuperando o fôlego depois de ter corrido — Eu quero te pedir um favor, só que... — Ela para de falar quando nota a Isa do meu lado.

— Ah, pera, Emília, essa é a minha amiga, Isadora, ela é médica também — Eu falo e a Emília sorri para a Isa — E Isa, essa é a Emília, irmã do Dionísio.

— Ela conhece meu irmão? — Emília pergunta surpresa — Esse puto conhece todo mundo, impressionante.

— É um prazer te conhecer — A Isadora fala sorrindo para a Emília.

— Você pega meu irmão também? — A Emília pergunta tranquila e eu começo a rir da careta que a Isadora faz — Meu irmão é muito bonito, precisa fazer essa cara de desdém não. Eu hein!

— Não, não é isso, é só... é só que ele fica com a Larissa e ela é minha amiga — Isadora se justifica rápido e a expressão da Emília se alivia.

— Faz sentido — Ela concorda e se vira para mim de novo — quase que eu esqueci, você pode?

— Posso o quê? — Pergunto confusa — Você não terminou de explicar.

— Verdade — ela ri. — Está tendo um evento gratuito, mas é em um bairro chique e bem longe, a gente tava querendo ir, mas de ônibus vai ser uma vida até chegar lá. Sem contar que se a gente chegar no seu carro... — a voz dela vai sumindo, mas eu entendo o que ela quer dizer, chegar em um carro caro, acha que irá diminuir o preconceito por ser em um bairro “nobre” — Dionísio disse para eu não te incomodar, mas eu queria tanto ir.

— Eu entendo, mas não dá moral para o que o Dionísio fala — eu digo divertida e ela ri — mas tem um problema, não vim de carro hoje, foi a Isadora que me trouxe.

— Ah, tudo bem, obrigada de qualquer jeito — Ela fala com o brilho sumindo.

— Eu levo vocês, fico durante o evento e trago vocês de volta — a Isadora se oferece e o rosto da Emília se ilumina no mesmo instante.

— Sério? Vai mesmo fazer isso?

— Sim, eu ainda posso levar vocês no shopping antes, para comer e comprar algumas coisas — A Isadora oferece.

— Ah, não, a gente não tem dinheiro para isso, não — Emília nega sem graça.

— Relaxa, meu pai tem mais dinheiro do que a gente poderia pensar, e por isso eu tenho um cartão sem limites — A Isa fala e a Emília sorri grande.

— O pai que eu queria ter — Ela ri, e eu abri um sorriso pequeno, ela não sabe o quanto pode ter esse pai — Vou chamar minhas duas amigas. Muito obrigada

— A gente vai esperar na sorveteria — Eu aviso quando a Emília começa a sair. Ela só faz um “joia” com os dedos e sai correndo novamente.

— Ela tem muita energia, mesmo sendo adolescente — A Isa comenta e eu olho para ela com a sobancelha arqueada — O que foi?

— Eu que tenho que perguntar o que foi — Eu rio — O que aconteceu aqui?

— Ela é minha possível irmã — Ela sussurra — Sei que ainda pode dar negativo, mas e se for positivo? Eu vou ter negado a chance de dar um momento bom para a minha irmã caçula? E se der negativo, fiz três adolescentes felizes.

— Você me surpreende às vezes — Eu a provoco — Deveria usar a sensatez mais vezes.

— Vai se ferrar, Gabriela!

— Amo como você não aguenta a verdade — Eu rio e ela revira os olhos — Vem, vamos comprar um sorvete, porque eu não vou ao shopping, fazer compras e comer.

— Chatíssima — Ela resmunga, mas entra comigo na sorveteria.

Eu acredito que sair com a Emília vai ser bom para a Isa, só espero, do fundo do meu coração, que ela mesma não cometa alguma gafe. E, espero que o Dionísio não surte muito quando descobrir que as duas saíram juntas.

Que belo dia hoje.



Capítulo 37

Gabriela Baltazar

Amo os dias de folga!

Me levanto devagar depois de perceber que o Eduardo não está na cama. Eu tenho amado o fato de estarmos dormindo juntos todas as noites, mas isso é porque eu o amo.

Vou até o banheiro e lavo o rosto e tomo um banho rápido. Decido vestir uma roupa bem confortável para ficar em casa, hoje ninguém me tira do meu canto.

Ou talvez meu sossego não seja tão sossegado. Mal chego na sala e já estou escutando vozes pelo apartamento, acho que vou surtar.

Eu só queria um pouco de paz.

— Oi, meu amor, bom dia — Minha mãe diz e eu paraliso no lugar. Não que eu não esteja feliz em vê-la, é só que... eu não estou feliz.

— Bom dia — Respondo atordoada, procurando o Eduardo com o olhar — A senhora não disse que viria.

— E eu preciso avisar? — Ela questiona arqueando a sobrancelha enquanto se aproxima.

— É educado avisar que vai na casa de alguém — revido e ela ri ao me envolver em seus braços.

— Está com medo que eu saiba sobre o Eduardo? — Ela pergunta em um tom divertido e eu arregalo os olhos — ou sobre o filhinho dele que praticamente mora aqui?

— Mãe...

— Quando nós...

— Nós?

— Eu e seu pai, você está bem, meu amor? — Lucia pergunta me olhando preocupada e eu assinto — ótimo, quando chegamos, Eduardo abriu a porta e ele estava com o Luquinha, que criança adorável.

— E cadê eles? — Pergunto, deixando-a me puxar para o sofá.

— Foram os três comprar o café da manhã, tenho certeza que era porque seu pai queria falar a sós com ele — Ela explica, minha mãe parece tranquila demais. Todos os seus jeitos e movimentos estão calmos, mais do que eu esperava.

— A senhora não está brava? — Pergunto tentando notar se não deixei nada passar batido. Uma mini expressão que fosse.

— Estou um pouco chateada por ficar sabendo dessa forma, achei que me contasse mais as coisas, mas o Eduardo é um bom rapaz — Ela comenta e eu fico ainda mais confusa.

— Acho que eu não entendi, como assim “Ele é um bom rapaz”? — Pergunto um pouco agitada.

— Ele já fechou alguns negócios com seu pai, não sei muito sobre os detalhes, sabe que eu não entendo nada disso, mas já o vi e falei com ele algumas vezes — Ela esclarece, e eu me afasto incrédula e vejo um vinco se formando por causa da minha reação.

— Ele é o mesmo Eduardo que eu namorei na adolescência, a senhora percebeu isso, certo? — Pergunto irritada, em um tom de acusação.

— Como eu ia saber disso? Eu nem imaginava — Ela se defende e eu semicerro os olhos para ela, completamente desconfiada. — eu realmente não lembrava disso — Ela diz se aproximando novamente — está feliz de estar com ele?

— Eu não acredito que a senhora conhece ele! — Exclamo um pouco revoltada, mas me sinto no direito de me sentir assim, só eu não sabia o que tinha acontecido com ele? Só eu não sabia?

— Meu amor, o tempo passou, ele mudou muito e não é como se eu tivesse convivido com ele, apenas o vi algumas vezes — Ela justifica e eu respiro fundo — Se acalme para que a gente possa conversar.

— Tudo bem, é só que a senhora sabe o quanto eu fiquei mal... poxa, mãe.

— Eu sei, mas eu realmente não sabia que se tratava da mesma pessoa — Ela responde e eu bufo baixo — Mas responde a minha pergunta. Você está feliz? Ele tem um filho, não é uma coisa fácil de lidar.

Eu respiro fundo, sentindo meu nervosismo sumir aos poucos. A surpresa que me atingiu nem deveria ter acontecido, porque pensando bem, o Eduardo já tinha me avisado que trabalhava algumas vezes com o meu pai. Mas o meu pai nunca deu importância para o meu namoro na adolescência, já minha mãe o conhecia.

— Gabriela?

— Estou feliz, eu amo o Eduardo, amo o filho dele, é uma criança incrível, inteligente, esperta. Realmente estou muito bem como estou — Respondo e ela sorri satisfeita por um segundo, logo sua expressão fica séria novamente.

— O que aconteceu com a mãe do Lucas? — Ela pergunta parecendo preocupada.

— Eu não sei ao certo, nunca cheguei a conhecer, nunca a vi para ser mais clara — Explico e ela assente.

— Vou ter que conversar com ele sobre isso, não quero que ela seja um problema na vida de vocês no futuro — Ela diz tão séria que me faz rir — Estou falando sério.

— Por isso é engraçado — Rebato — É sério, não vai falar nada. E se um dia ele quiser conhecer a mãe dele? E se um dia ela quiser ver o filho? Não podemos impedir isso.

— Claro que podemos — Ela dá de ombros — E tem mais, logo aquele menino vai estar te chamando de mãe se a relação de vocês for realmente séria.

— Eu não vou discutir isso — me levanto do sofá, começando a me sentir angustiada — O que a senhora e o meu pai vieram fazer aqui?

— Nós temos que conversar, mas vou esperar seu pai chegar — Ela responde e eu suspiro.

— Era óbvio que não era só uma visita — falo e ela revira os olhos.

— Não nos vemos com frequência porque temos vidas corridas, muito trabalho, você tá sempre enfiada em um hospital ou na faculdade — Ela dá de ombros, mas antes que eu possa responder, a porta é aberta.

Eduardo entra primeiro segurando o Lucas no colo com um braço e no outro algumas sacolas, junto dele está o Roberto, meu pai, também com algumas sacolas na mão.

De repente me sinto muito mais apreensiva. Mesmo que eles de alguma forma já se conheçam, e que eu e o Eduardo tenhamos uma história, não muda o fato de que são os meus pais conhecendo o meu namorado.

— Bom dia — Roberto diz vindo na minha direção e eu sorrio para ele.

— Bom dia, pai — Respondo e o abraço rapidamente e me viro para o Eduardo — bom dia.

— Bom dia — Ele responde ao colocar o Lucas no chão, que correu em direção a minha mãe e em seguida, sinto o braço do Eduardo me envolvendo, e escuto sua voz sussurrada no meu ouvido — Vai ficar tudo bem, não se preocupe.



Não teve como não me preocupar.

Mesmo que a conversa durante o café da manhã tenha sido calma, sobre assuntos aleatórios, tem alguma coisa acontecendo que eu não estou identificando. Será que é mais alguma coisa da qual eu serei a última a ficar sabendo?

— Vou colocar o Lucas para assistir um desenho e já volto — Eduardo avisa enquanto se levanta e beija meu cabelo antes de sair.

— O que está acontecendo? — Pergunto séria, não estou gostando de ser enrolada dessa forma.

— Não tem nada acontecendo, nada grave — Lucia responde e eu olho para ela séria — Vamos te explicar o motivo da visita.

— Estamos nos mudando para os Estados Unidos, não temos previsão de voltar ao Brasil — Roberto responde e eu fico surpresa, sem reação.

— O quê?

— Minha filial está tendo alguns problemas lá, então pretendo eu mesmo cuidar disso, é uma filial muito importante, pois é a sede para todas as filiais internacionais — Ele explica.

— Quando vão? — Pergunto um pouco chocada. E chateada de só estar sabendo sobre isso agora.

— Hoje, em algumas horas — Minha mãe responde e eu assinto devagar, assimilando.

— Não é como se fosse fazer muita diferença, nos vemos pouco, e você sempre pode ir até lá, quando quiser — Meu pai fala como se não fosse nada — Até acho que você precisa de um descanso, essa faculdade está te deixando com uma cara péssima.

— Medicina é puxado — Resmungo e ele arqueia a sobrancelha — Meu curso não é o ponto, o ponto é que deveriam ter me falado antes, eu teria ido ficar uns dias com vocês.

— Com qual tempo, Gabriela? — Minha mãe pergunta e eu mordo a bochecha por dentro, não tenho uma resposta para isso — Foi o que pensei.

Me sinto um pouco confusa, um pouco chateada, mas eles estão certos em vários pontos. E até que foi bom eles terem vindo assim, conhecido o Eduardo como meu namorado. Está tudo bem, não vou surtar.

— Está tudo certo por aqui? — Eduardo pergunta colocando uma cadeira do meu lado e passando o braço pelos meus ombros.

— Está, sim, só meus pais acabaram de me contar que estão indo para o exterior sem data para voltar — explico tentando parecer o mais tranquila possível.

— Não se preocupem, eu vou cuidar muito bem da filha de vocês — Eduardo diz calmamente.

— Isso é ótimo, ou você teria problemas comigo — Meu pai responde e eu reviro os olhos discretamente — É até bom aproveitarmos esse momento para conversar sobre o futuro de vocês.

— É sério isso? — Pergunto incrédula.

— Claro que sim — Meu pai dá de ombros e encara o Eduardo — E então, quais são as suas intenções com a minha filha?

— Eu amo sua filha, e vou cuidar dela muito bem, vou dar tudo o que ela quiser e precisar para viver bem e feliz — Eduardo diz firme e eu sinto vontade de me afundar em um buraco.

— Essa conversa não é necessária, sinceramente, não estamos no século passado — Eu reclamo.

— Em breve vamos nos mudar para o outro apartamento, e oficializar nossa relação, seus pais não estarão aqui, quero que eles fiquem tranquilos sobre você, sobre nós — Eduardo diz firme, mas gentil comigo.

— Gabriela está acostumada a ter tudo o que quer, quando quer e do jeito que quer, e do melhor e mais caro, espero que possa manter o estilo de vida dela sem mudar nada — Meu pai pontua e eu suspiro, e olho para a minha mãe pedindo ajuda, mas ela apenas dá de ombros.

— Eu posso fazer isso, ela vai ter tudo o que quiser, não importa o que for necessário — Eduardo responde com um sorriso enigmático — O senhor sabe que posso ter tudo.

— Isso é ótimo — Meu pai responde sorrindo — Eu aprovo a relação dos dois.

— Se fizer festa de casamento ou algo assim, quero fotos de tudo — Minha mãe pede sorrindo.

— Ok — Respondo meio incerta — Quando acontecer, faço isso.

— Não irá demorar — Eduardo avisa e beija o meu rosto.

Apesar de ter sido uma manhã estranha e cheia de emoções demais, é bom estar com meus

pais. E me alivia o coração saber que eles aprovam a minha relação com o Eduardo. Mesmo que eu saiba que meu pai é complacente dessa forma porque o Eduardo está em um patamar alto no tráfico e muito, muito rico. Porém, vou fingir que não estou vendo nada disso e curtir o momento.

Assim que os meus pais saem para irem embora, pego o meu celular e vejo a mensagem da Isadora, e lá se vai o meu dia de paz completamente.

Isadora Fontelle

Amiga, o teste de DNA está pronto

passo na sua casa no meio da tarde

para nós buscarmos.

Estou muito ansiosa!!!!



Capítulo 38

Gabriela Baltazar

Eu realmente pensei que teria um dia quietinha em casa, assistiria desenho com o Luquinha e pediria uma pizza. Mas a mudança de planos não parou nem por um segundo. Olho para a clínica esperando a Isadora voltar com o resultado, já que decidi esperar ela no carro e então confiro o Lucas que está na cadeirinha no banco de trás.

Eu sorrio para ele e no mesmo momento ele devolve o sorriso para mim. Ele é muito fofo e já ocupa um pedaço do meu coração.

— Tia, eu tava pensando — Ele começa a falar e para pensativo.

— O que você está pensando? — Pergunto para ele continuar.

— Se você está com o meu papai, o que você é minha? — Ele pergunta e eu fico surpresa por um segundo, não estava esperando por uma pergunta assim.

— Bom... eu sou sua madrastra, mas você pode continuar me chamando de tia ou pelo meu nome — Respondo naturalmente e ele sorri aberto.

— Madasta igual das pincetas? — Ele pergunta com os olhos arregalados.

— Lucas! — Eu exclamo rindo, o que faz ele rir também — Eu sou boazinha!!

— Siiim, você cuida de eu, me dá sovete e assiste comigo — Ele enumera e eu sorrio.

— E vou te levar em um parque no próximo mês — Prometo ele sorri animado, até faz uma dancinha agitado comemorando e eu ri.

Isadora abre a porta com a expressão séria e eu até tinha me esquecido dela enquanto conversava com o Luquinha. Será que estou me transformando em uma mãe? Não vou pensar muito nisso, mas de qualquer forma, é melhor do que estar me transformando em uma bruxa má

— Abriu o exame? — Pergunto, preocupada com a expressão dela.

— Não tive coragem, quero que você faça isso por mim — Ela diz chorosa e eu suspiro.

— Não tem como abrir nada com você nesse estado, precisa se acalmar — eu digo preocupada — Respira fundo e devagar, o resultado já está aqui e você já sabe o que fazer independente do resultado.

— Eu estava pensando, se der positivo significa que o meu pai traiu a minha mãe, Dionísio e a Emília são mais novos do que eu — Ela aponta, dividida entre falar sobre e fazer a técnica de respiração.

— Vamos abrir o exame, e por favor, cuidado com as suas reações, não estamos sozinhas — Eu aviso e ela assente me estendendo o envelope — Você que tem que fazer isso, Isa, é sobre

você e sua história.

— Não sei se consigo — Ela suspira olhando o envelope estendido.

— Consegue, sim, o resultado não vai mudar porque foi você quem abriu ele — Eu respiro fundo e coloco a mão no ombro dela tentando lhe passar algum conforto — Eu estou aqui com você.

— Tô aqui também — O Lucas fala e eu sorrio para ele, torcendo para essa tensão da Isa não afetar ele.

— Obrigada, eu consigo, vai ficar tudo bem — Ela diz mais para ela mesma do que para mim.

Isadora respira fundo algumas vezes, mas ao rasgar o envelope, eu vejo que ela prende a respiração sem nem perceber. Suas mãos tremem um pouco, é muita pressão para ela. Isa enxerga isso como uma mudança brusca na vida dela, mas não seria se ela não estivesse mudando junto.

E, eu me sinto muito feliz por vê-la mudando para melhor assim, mesmo que seja um processo, mesmo que vez e outra ela ainda acabe pisando na bola. Ela tá se esforçando nesse processo e isso é muito bom.

— Deu positivo — ela fala um pouco sem reação, mas pelo menos voltou a respirar.

— Conta até dez devagar, respirando fundo — Instruo suavemente e ela faz, tentando ficar calma — E agora, o que quer fazer?

— Quero ir até lá e conversar com eles, não é o momento para confrontar meu pai, porque eu preciso saber sobre eles primeiro — Ela diz, ainda respirando fundo — Eu tenho irmãos!

— Você tem irmãos — Eu rio um pouco mais calma — Aquele dia você conheceu a Emília, o que achou dela?

— Ela é uma adolescente incrível — Ela elogia enquanto começo a dirigir — No começo ela ficou um pouco receosa de gastar no meu cartão, mas depois, elas fizeram festa, foi divertido.

— Emília é única — comento sorrindo.

— Sim, mesmo que a gente tenha o mesmo sangue, somos completamente diferentes, eu não era daquele jeito quando era adolescente — Ela pontua sorrindo — mas isso é bom.

— Fico muito feliz que vocês se deram bem.

— Será que ela vai ficar com raiva? Será que ela vai me odiar? — Isadora pergunta preocupada e eu suspiro — É sério, o Dionísio... Esse é o nome dele?

— É vulgo, você sabe que ele trabalha para o Eduardo, certo? E sabe que no morro tem que chamar o Eduardo de Loki, né? — Eu a lembro, e ela fecha o rosto com bico, parecendo pensativa.

— Eu vou precisar fazer alguma coisa.

— Do que está falando? — Pergunto preocupada.

— Eu não vou deixar meu irmão nessa vida de... você sabe — Ela fala séria e eu entendo o que ela está falando do crime, e só interrompeu a frase por causa do Lucas.

— Amiga, vai com calma, você não pode chegar achando que vai mudar a vida deles do nada e levar eles para o Alphaville, você precisa conhecer eles, e saber o que eles querem —

Falo e a escuto bufar — Não se impõe, eles têm a vida deles.

— É crime eu me preocupar?

— Não, mas você não quer ser um incômodo, certo? — pergunto e ela assente contrariada.

Ela fica olhando pela janela em silêncio, tomara que acalme e ela perceba que ser impulsiva é uma péssima ideia e não vai ajudá-la em nada. Começo a dirigir um pouco mais devagar quando entro na comunidade, como já conhecem o meu carro, não me param mais.

— Vamos deixar o Lucas com a Dulce e vamos até lá, ok? — Pergunto atraindo a atenção dela.

— Sim, tudo bem — Ela diz distraída.

Eu vou até a casa da Dulce e saio do carro com o Luquinha, e já entro na casa, porque já tínhamos conversado por mensagem. A casa está um pouco diferente, Dulce vai se mudar para o mesmo prédio que o Eduardo e está arrumando as poucas coisas que decidiu levar. Pelo Eduardo ela não levaria nada, mas é apegada demais.

— Vocês demoraram — Ela fala pegando o Lucas no colo — Oi, meu bebê.

— O trânsito de São Paulo não ajuda a gente em nada — Respondo e ela ri concordando — Volto mais tarde para buscar ele.

— Não se preocupa, agora que você fica com ele sempre, quase não vejo meu bebê — Ela diz fazendo cosquinha no Lucas que ri abraçando-a.

— Obrigada, até depois — respondo e beijo a bochecha do Lucas e saio da casa da Dulce.

Isadora está me esperando do lado de fora do carro, andando de um lado para o outro, parece nervosa, tensa. Acho que me sentiria exatamente assim se descobrisse que tenho irmãos perdidos.

— Vamos? — Chamo, atraindo a atenção dela.

— Vamos andando, preciso me acalmar — ela avisa e eu assinto — É longe?

— O suficiente para você ficar bem até lá — Respondo e ela acena um sim com a cabeça.

Enquanto a gente caminha, eu mando uma mensagem para o Dionísio nos encontrar na casa dele, porque o resultado do DNA saiu. Ele não responde, mas vê a mensagem. Espero que as coisas não fiquem muito caóticas.



Quando chegamos em frente a casa do Dionísio já nos deparamos com ele encostado na parede, com os braços cruzados sobre o peito e com a expressão fechada. Eu deveria saber que tudo será tão caótico quanto puder ser.

— Qual foi o resultado? — Ele pergunta sério, já se aproximando.

— Positivo — Isadora responde sem rodeios, apesar do nervosismo — Somos irmãos por

parte de pai.

— Eu tenho pensado nisso desde aquele dia lá que tirou meu sangue, e não quero saber mais disso — Ele fala muito sério, acho que nunca tinha o visto assim — Não vai contar para a minha irmã e nem para a minha mãe.

— Como assim? É óbvio que vou falar! — Isadora responde ficando irritada.

— Não, não vai! — Ele exclama contendo o tom de voz, mas isso é porque ele com certeza não quer ser escutado por alguém que esteja na casa dele — E também não quero você rondando a minha irmã de novo.

— Ela também é minha irmã! — Isadora quase grita, seu rosto começando a ficar vermelho.

— Você não existia na nossa vida até um dia desses, não vai fazer diferença agora — Ele desdenha e coloca a mão no quadril — É melhor você vazar antes que eu perca de vez a paciência.

— Opa, opa! Bora baixando a bolinha, Dionísio — Eu falo ficando em frente a Isadora que estava em um misto de medo e raiva por ter sido ameaçada — A gente não quer tornar isso algo maior do que precisa ser, certo? Pode ir largado essa arma.

— É melhor você levar essa vagabunda daqui, Gabriela, eu já sei que nem do morro ela gosta — Ele fala me encarando, e eu xingo a Larissa mentalmente por ser muito boca aberta.

— Você me respeita que eu sou sua irmã mais velha — Isadora fala apontando o dedo para ele, por trás de mim, e o Dionísio ri alto — Você não vai me impedir.

— O que está acontecendo aqui na minha porta? — Uma mulher que deve estar na faixa dos quarenta anos, pele preta e os cabelos cacheados aparece, me dando um leve susto por causa do seu tom repreensivo — Guarda essa arma pirralho, ta querendo atirar na mulher do Loki? Tá doido?

Ela me conhece? Deve ser a mãe dele. Agora ou a confusão acaba, ou fica ainda maior. Não sei se estou preparada.

— Nela não, mas na pessoa atrás dela, sim! — Ele exclama dando um passo na nossa direção e eu vou um para trás levando a Isa comigo.

— Eu só quero conversar! — Isa reclama brava.

— E quem é você? Achei que a namoradinha dele fosse aquela outra — A Mulher diz e se vira para o Dionísio — Tá traindo a Larissa?

— Não! Mãe, eu resolvo isso aqui — Ele diz em tom de chateação.

— A Larissa é minha amiga, eu não faria isso com ela, até porque o Dionísio é...

— Calada! — Ele grita irritado — Cala a porra da sua boca.

Eles se encaram irritados, a primeira briga de irmãos, acho que eles nunca vão esquecer. Mas quando o Dionísio vem para cima dela, é segurado pelo Tiago que eu nem tinha notado que estava ali.

— Tá doido, caralho? Para chegar nela, vai passar pela chefia, quer mesmo perder a cabeça, porra?! — Ele grita segurando o Dionísio.

— Quem é você? — A mãe do Dionísio pergunta novamente, encarando a Isadora com os

olhos semicerrados — Estou começando a te achar familiar.

— Meu nome é Isadora Fontelle, meu pai é o Jorge Fontelle — Ela diz devagar, deixando que o reconhecimento chegue até a mulher — E estou aqui porque eu já sei a verdade.



Capítulo 39

Gabriela Baltazar

A mulher arregala os olhos e perde a fala por um segundo, e o Tiago grita de novo com o Dionísio. O morro inteiro vai ter assunto para falar por pelo menos um mês com todo esse caos acontecendo no meio da rua.

— A gente pode conversar em um lugar mais privado? — pergunto ficando preocupada com a situação.

— Cla-claro — A mulher responde, e eu percebo que até agora não sei o nome dela.

— Não deixa ela entrar na nossa casa! — Dionísio fala irritado, mas a mãe dele ignora nos guiando para dentro.

A sala é simples, um jogo de sofá pequeno, um raque cheio de enfeite e com uma televisão, mas tudo bem organizado. Ela indica o sofá para que a gente se sente, e senta no outro, fitando a Isa.

— Olhando bem, você se parece com ele — Ela diz um pouco mais calma do que eu esperava.

— Desculpa, parece meio tarde, mas como é o nome da senhora? — Pergunto e ela sorri um pouco.

— Suzana. E você é a Gabriela, mulher do Loki e a médica que cuidou do Dionísio — assinto e ela sorri. — Obrigada por isso — Ela vira o olhar para a Isa que está apreensiva do meu lado, principalmente porque dá para ouvir o Dionísio brigando com o Tiago — Ignore eles, vamos conversar, como você descobriu?

— A Larissa viu uma foto do pai da Emília e reconheceu, falou para a Gabriela, que me falou e eu fui atrás de fazer o exame de DNA, o Dionísio até cooperou nessa parte — Ela explica e suspira — Eu nunca imaginei que poderia ter irmãos, nunca pensei que meu pai deixaria algum filho sem assistência.

— Talvez você não conheça o seu pai direito — Suzana faz uma pausa e respira fundo — Ele sempre soube dos filhos...

A fala dela é interrompida quando o Dionísio entra na sala com a cara fechada e eu fico um pouco à frente da Isadora de novo, com medo de que ele faça algo.

— Chega de escândalo, Dionísio, a garota não tem culpa de nada! — Suzana o repreende séria e irritada, ficando de pé — ou fica quieto, ou vai dar uma volta para relaxar.

— Eu vou ficar — Ele responde com a expressão fechada, se encostando na parede da sala e eu vejo o Tiago na porta, quieto. Acho que ele vai ficar de guarda enquanto eu estiver aqui.

— Acho melhor deixar vocês conversando a sós, com mais privacidade — sugiro, mas a Isadora segura o meu braço antes de eu me levantar, com os olhos no Dionísio.

— Tá com medo da gente? — Dionísio desdenha irritado.

— De vocês não, só de você — Isadora pontua — Você pegou uma arma para mim.

— Amor de irmãos — Comento em deboche e os dois me olham feio.

— Eu vou ignorar isso — Ela bufa e olha para a senhora na sala — Como assim “ele sempre soube”?

— Você tem quantos anos?

— Vinte e quatro — A Isa responde um pouco confusa. — O que isso tem a ver?

— Eu trabalhava na casa de vocês de doméstica, te vi bebê, até fui sua babá, comecei lá muito nova, e era muito burra — Suzana respira fundo antes de continuar — Acabei tendo um caso com o Jorge, e fiquei grávida, continuei trabalhando lá, mas quando a segunda gravidez veio, ele me mandou embora. Ele não quis assumir nem o primeiro filho, queria que abortasse na segunda. Foi horrível. Disse que se eu procurasse os meus direitos e dos meus filhos, minha vida seria um inferno. Eu sou uma mulher preta, nascida e criada na favela, estava sozinha e com dois filhos pequenos, não seria inteligente brigar com um homem branco e milionário.

— Eu vou matar esse desgraçado — Dionísio diz com raiva.

— Você não vai matar ninguém, já mandei você sossegar — Suzana briga com o filho que bufa audivelmente.

— Eu sinto muito que você tenha passado por tudo isso, Suzana, de verdade. Sei que ele não é um anjo, mas não pensei que ele poderia ser tão baixo — Isadora diz calma, mas eu sei o quanto cada palavra é dolorosa, sei como ela admira o pai — Sinto muito que nada tenha sido feito antes, e eu acabei literalmente de descobrir — a Isa balança o envelope do teste e suspira — Mas, agora, se você quiser lutar pelos direitos deles, vou estar ao seu lado.

— Eu não quero mexer no passado dessa forma, sequer entendo por que você parece tão determinada — Suzana confessa um pouco confusa.

— Porque eles são meus irmãos, eu sei que não é só o sangue que faz família, mas eu nem tive a chance de conhecer eles, se meu pai tivesse sido honesto, talvez pudéssemos ser amigos — Isa fala um pouco complacente — e eu acho que eles merecem viver com o mesmo padrão de vida que eu.

— Jorge nunca vai aceitar isso — Suzana contesta um pouco alarmada.

— Vai, sim, eu sei conversar com ele — Isadora diz determinada — Para mim ainda é um choque, mas quero o que é certo, e quero estar presente no que me deixarem estar. Dionísio me odeia, e tudo bem, desde que não queira me matar de novo — ela fala e ele revira os olhos — Mas e a Emília? E você? Se importam com a minha presença?

A Suzana fica em silêncio encarando a Isadora. E eu preciso admitir para mim mesma, realmente não estava esperando toda essa maturidade vinda dela. E nem que ela gostaria tanto de ter irmãos. No fim, a gente sempre se surpreende com quem a gente conhece.

— A Emília gostaria de saber disso — Suzana concorda — Ela deve estar chegando da aula.

— Tem muitas coisas na minha cabeça, mas eu vou ficar do lado de vocês e se você

quiser, a gente cobra tudo que ela merece do Jorge — Isa fala determinada.

— Você ainda está impactada, e nós também, e ainda precisam a falar com a Emília — Suzana pontua calmamente — É melhor respirarmos um pouco e absorvermos essa situação com calma, é bom saber que você cresceu e se tornou uma mulher tão consciente.

— Me contar o quê? — Emília pergunta da porta, nem vimos ela chegar.

É estranho como estou me sentindo uma telespectadora de uma história que não é minha. Por isso me levanto no momento que ela entra na sala.

— É minha deixa — Falo me esquivando da Isadora e viro para o Dionísio — Deixa elas conversarem, e vem comigo.

Ele bufa irritado e me encara por alguns segundos, e por fim, sai na minha frente. Suzana tem razão quando diz que eles precisam de um tempo.

— Boa conversa para vocês — Eu me despeço, saindo de dentro da casa.

— Achei que está merda daria negativo — Dionísio reclama irritado bagunçando o cabelo — Isso só vai deixar elas mal.

— E não é culpa da Isa — defendo minha amiga — Ela está tentando fazer o certo, não acha que a Emília merece os luxos do qual tem direito?

— Claro que sim, porra! — Ele exclama irritado passando a mão no cabelo.

— Eu não sei o que está sentindo agora, meu pai não é exemplo de pai presente, mas sempre soube quem era e onde estava. Mas imagino que esteja sendo difícil para você — Falo compreensiva e ele me encara confuso — você só está sabendo agora quem é, muito mais consciente da dor do abandono, e deve ser horrível saber que a pessoa na sala teve tudo o que vocês mereciam ter tido também, mas ela não está pedindo que você o perdoe, só que se abra um pouquinho para ela — Ele bufa se afastando — Dionísio...

— Você não entende, Gabi, eu lidar com os meus problemas, está tudo bem, eu aguento qualquer bagulho, mas mexer com a minha irmã e a minha mãe é foda — Ele reclama, exasperado.

— A Isadora não quer machucar ninguém, não é essa a intenção dela — defendo e ele arqueia a sobrancelha.

— E ódio dela por pobres e favelados? Sumiu do nada? — Ele indaga cruzando os braços sobre o peito, me encarando.

— Ela tá tentando se corrigir — cruzo os braços também, ele não vai me afrontar assim.

— Preciso andar um pouco — Ele resmunga irritadiço — Melhor essa dondoca não fazer nada de errado, ou nem você vai proteger ela.

— Não seja cabeça dura! — Eu exclamo, mas me ele ignora indo embora.

Eu respiro fundo para ficar calma, não vou me exaltar mais do que isso, eu já tenho minha vida para cuidar, não posso ficar cuidando dos outros.

— Chefia, o Loki tá tentando falar com a senhora — O Tiago avisa e eu assinto, depois de um pequeno susto. Eu sempre esqueço que ele fica me vigiando — foi mal.

— Tudo bem — Eu falo abanando a mão como se não tivesse importância e tiro meu celular da bolsa, e vejo que tem chamadas e mensagens perdidas dele.

O que esse homem quer?

Retorno a chamada para o número do Eduardo, preocupada, deve existir uma razão para ele estar tentando falar comigo tão urgentemente. E ele atende muito rápido.

— Onde você está? — Ele pergunta em um tom sério, quase ríspido.

— Eu te disse onde estaria, tenho certeza absoluta que você tem minha localização exata — Respondo em um tom seco.

— Vai para casa, agora! — Ele fala autoritário e eu arqueio as sobrancelhas surpresa.

— Edu... Loki, que porra é essa? Tá achando que isso é jeito de falar comigo? — Questiono ficando irritada.

— Por favor, Gabriela, vai para casa — Ele pede parecendo impaciente pelo tom de voz — Eu já falei com a Dulce, ela está esperando você para irem, eu juro que quando eu chegar em casa, te explico tudo.

— Vai mesmo ter que me explicar tudo — Reforço — Vou para casa, mas a noite é melhor que você seja bem claro.

— Amor, você precisa confiar em mim — Ele pede e eu respiro fundo para ficar calma.

— Tchau, Loki — Digo friamente e desligo a chamada.

Ele não me ligaria assim se não estivesse tendo um problema de verdade, certo? Eu gosto muito de manter minha integridade física intacta, então vou fazer o que ele pediu. Porém não gostei nenhum pouco da forma com a qual ele falou comigo.

— Tiago — Mal começo a falar e ele já se aproxima — Vou chamar a Isadora lá dentro, e nós já vamos.

— Beleza chefia, Loki já me passou a visão que é para tirar você daqui — Ele diz e eu semicerro os olhos.

— Você sabe o que está acontecendo?

— Sei de nada, não, meu trabalho é só garantir sua segurança enquanto tá aqui no morro — Ele diz e eu assinto. Quem tem que me dar explicações é o Loki.

Caminho de volta para dentro da casa, em passos rápidos. Mas quanto mais me aproximo, mais escuto vozes embaralhadas e choro. Me sinto péssima por estragar esse momento.

— Isa, a gente precisa ir — Eu a chamo da porta, aproveitando o breve momento de silêncio.

— Não posso ir agora — Ela responde me olhando rapidamente e eu suspiro.

— Amiga, eu preciso ir embora, você vai ficar bem? — Pergunto e ela fica me encarando em silêncio alguns segundos.

— Acho que sim — Ela responde por fim.

— Aconteceu alguma coisa no morro? — Suzana pergunta como se estivesse entendendo a minha pressa.

— Eu não sei, Loki pediu para que eu fosse para casa agora, mas não disse nada — Respondo sincera.

— Se quiser ir...

— A gente ainda tem muita coisa para conversar — A Isadora interrompe.

— Ela vai ficar bem — Suzana garante, mas ainda fico dividida.

Eu fico quieta alguns segundos só as observando, Emília tem os olhos inchados e está sendo abraçada pela Suzana, do outro lado, Isadora também de olhos vermelhos tenta se manter intacta.

Por fim, ela acena para mim, certa de que quer ficar aqui. Isadora sabe o que é melhor para ela. Suspiro e me despeço.



Entro no carro com a Dulce e o Lucas, no banco de trás, e dois homens que eu ainda não tinha visto vão no banco da frente, armados. Olho para a Dulce e ela me pede calma sem falar alto.

Calma? Sinceramente, estou prestes a ter um colapso nervoso. Que merda está acontecendo?

Até o Lucas está quieto, ele é esperto e com certeza está vendo que tem algo de errado acontecendo aqui. Sei que quanto mais eu ficar agitada, pior será. Mas tudo bem, tento ter calma, à noite terei a explicação que preciso.

O trajeto até a minha casa parece mais longo do que o normal, o trânsito parece mais pesado. Ou talvez seja eu.

— Chegamos, seu carro vai ser levado para outro lugar, mas ficará seguro — O motorista avisa.

— Tudo bem — Concordo um pouco insegura — Não vai cometer nenhum crime com ele, né?

— Não, senhora — O que está no banco dos passageiros responde depois de dar uma risadinha.

— Bom — Respondo e pego a minha bolsa para sair do carro, a Dulce já me espera do lado de fora com o Lucas no colo — Está acontecendo alguma coisa no morro?

— A gente não tem permissão para falar nada — O motorista responde rápido e eu bufo baixo.

— Cuidado com o meu carro — É tudo que eu digo antes de sair e guiar a Dulce para a entrada do meu apartamento.

Vou contando até dez mentalmente várias vezes. Eu sei que disse que ia esperar, mas porra, tô ansiosa aqui. Foi uma puta falta de consideração do Eduardo. Eu não queria estar pensando coisas ruins, mas se fosse bom a gente não precisaria de “segurança” e escolta para vir para casa.

— Tenho certeza que ele vai te explicar tudo depois — Dulce diz enquanto entramos em

casa — Ele está completamente comprometido com você.

— É melhor mesmo que ele faça isso ou eu vou atropelar ele com um tanque — Eu falo irritada e semicerro os olhos para a Dulce quando ela ri.

— Você o ama demais para machucar ele — Ela responde e eu bufo. É um saco que ela esteja certa, porque nesse momento, eu queria dar uns tapas nele.

— Nunca disse isso — Resmungo enquanto ela ri e a deixo sozinha na sala e vou em direção à cozinha. Eu preciso de um copo de água.

Deixo o líquido gelado descer pela minha garganta, mas não sei se isso é o suficiente, melhor eu encontrar algo para me ocupar, porque tenho certeza que o dia vai ser longo.

Meu celular vibra sobre a mesa e eu o alcanço, vendo que é uma mensagem do Eduardo.

Eduardo Amor

Amor, vou ficar incomunicável.

Vou para casa assim que possível.

Cuida do Luquinhas, eu só confio em você e na minha tia.

Eu amo vocês.

Fico estática olhando o celular, sentindo como se meu coração estivesse prestes a sair pela boca. Ele estava se despedindo? Eu mato o Eduardo se ele morrer.

Você

Eduardo? O que está acontecendo?

Me dá alguma explicação por favor

As minhas mensagens sequer aparecem como recebidas e preciso puxar o ar devagar para não entrar em pânico.

Você

Amor, por favor, fica bem

Eu amo você.

Eu não sei o que pensar, ou como reagir. Ele está em perigo? Que tipo de problemas ele está tendo? O que eu devo fazer agora?

— Gabriela... Gabriela? — Escuto uma voz distante me chamando repetidas vezes até que fica muito mais alta — Gabriela!!

Olho em direção a porta e vejo a Dulce, seus olhos estão levemente arregalados, sua pele pálida e não há vestígios de calma ou bom humor, apenas uma preocupação latente.

— O morro foi invadido, parece que vão tentando tomar o poder — Ela diz e sinto minha respiração parar.

O dia será interminável. Não terei paz até ter o Eduardo comigo.



Eduardo Vasconcelos

Desligo o celular depois de passar quase uma hora em chamada com o Elfo, a situação não está muito boa para ele no Rio de Janeiro, mas sei que ele dará um jeito, e se precisar, estarei à disposição para ajudar o meu amigo. E sei que uma onda de problemas pode começar por aqui também.

Os problemas sempre vêm com um efeito cascata.

— Parece preocupado — Corvo fala entrando na sala — Aconteceu alguma coisa?

— Aqui, não, mas no Rio, sim, as coisas estão meio caóticas entre o Elfo e o Drogo, espero que ele acabe logo com esse verme e resolva esse problema, e ainda expanda seu território — Comento, mas sem olhar mesmo para o Corvo, continuo mexendo no celular. Ainda não falei com a Gabriela desde que saí de casa.

— Ele vai conseguir se virar bem — Corvo responde e eu escuto seu celular tocar — É o Tempestade.

Ele atende a chamada com a expressão e aos poucos vai ficando com a expressão séria. Com certeza são problemas chegando. Tempestade controla uma das favelas do complexo, se ele está ligando é para reportar algum problema grave, ou ele mesmo lidaria com isso.

— Espera um pouco — Ele fala e se aproxima, colocando o celular no viva-voz — Explica a situação.

— Então chefia, tá rolando um movimento no Rio, e os cara tão achando que pode repetir aqui também, aqui na minha favela, o pessoal já está se armando. — Tempestade diz, e eu fico sério — Vão tentar entrar.

— Como ficou sabendo disso? — Questiono.

— Tenho alguns infiltrados lá, Cilindro tem atrapalhado meus negócios, e eu já estava de olho para acabar com ele, mas agora sei que ele está vindo — Ele avisa.

— Manda o pessoal se preparar, esses filha da puta serão recebidos como merecem, com bastante chumbo — mando.

— Agora mesmo, Chefia — Tempestade responde e desliga.

— Prepare tudo para receber eles, vamos acabar com isso hoje — mando e o Corvo assente — Toque de recolher.

— Certo, vou preparar tudo — Ele responde e me olha sério — E você não vai se meter na troca de tiro, entendeu? Você é o cabeça de tudo.

— Farei o meu melhor — Respondo revirando os olhos. E de repente percebo algo que estou deixando passar — Porra!!

— O que foi? — Ele questiona preocupado.

— Gabriela está aqui no morro, preciso mandar ela para casa — digo já pegando o celular.

— Loki, você está saindo do morro, não pode deixar que ela continue com a ideia da clínica aqui — Corvo diz sério — Sabe muito que ela pode acabar se tornando um alvo de quem quer acabar com você, sei que eu que dei a ideia, mas era quando você ainda não tinha mudado seus planos.

— Tenho pensado muito sobre isso — Respondo assentindo — Eu ficaria louco se algo acontecesse com a Gabriela.

— Melhor conversar com ela então — Corvo diz — você sabe como é a vida aqui.

— Vai ao trabalho — Mando e pego o meu celular para falar com a Gabriela.

Vai ser perigoso para qualquer um no complexo até tudo ser resolvido e eu não vou correr o risco dela ficar na mira. Sequer sei a hora que vou voltar para casa.



Apesar de já ter tomado um banho, sinto que ainda preciso de outro, assim como preciso deitar na cama e dormir por algumas horas. Estou exausto. Foram quase vinte quatro horas acordado sob uma pressão enorme, mas terminou como tinha de terminar. Matei todos que entraram no meu caminho.

Abro a porta do apartamento da Gabriela e me surpreendo ao encontrar ela ali me esperando. Os braços cruzados, os olhos avermelhados, a expressão de alívio ao me ver.

— Eu estou bem, e estou em casa — Digo em um tom baixo e ela vem em minha direção e eu apresso os passos para receber ela em meus braços.

Aperto seu peito contra o meu, aprecio seu calor da mesma forma que aspiro seu perfume. Gabriela é meu lar, me sinto completo desde que reencontrei com ela.

— Você é um idiota! — Ela exclama e bate no meu peito — Eu estava morrendo de preocupação com você, eu tive tanto medo de te perder.

— Você não vai me perder — Falo segurando os pulsos dela com cuidado — Nunca mais eu vou sair do seu lado.

Seus olhos estão arregalados e lágrimas teimosas escorrem pelo seu rosto, nunca imaginei que veria ela assim. Puxo ela para perto novamente, abraçando-a.

— Não faz mais isso comigo, por favor — Ela pede com a voz fraca — Não me deixa no escuro dessa forma novamente.

— Não posso prometer que não vou correr perigo novamente, mas te prometo que você

ficará sempre segura, você, e o Lucas são a minha família — Digo sério olhando nos olhos dela — Eu amo vocês — Dou um selinho nos lábios dela — Sei que tenho outras pessoas importantes, mas é por vocês que meu coração pulsa, nunca se esqueça disso.

— Você também está no meu coração, por isso não ouse correr perigo e se machucar ou... ou... você sabe, porque você estaria me machucando e você prometeu nunca me machucar — Ela diz com a voz embargada.

— Farei o meu melhor — Garanto.

Eu a beijo novamente e a abraço, como se estivéssemos dentro de uma bolha, e era realmente disse que eu precisava. Estar em casa.



— Eu preciso tomar um banho, me espera no quarto — Digo tentando afastar a Gabriela sutilmente, mas ela se aperta ainda mais contra o meu corpo.

— Não, eu preciso ficar colada em você mais um pouco — A voz dela ainda está fragilizada, por isso acaricio o seu cabelo sem tentar me afastar novamente — As últimas mensagens que você mandou, parecia que estava se despedindo.

— E estava — Confesso e sinto o corpo dela ficando tenso — Mas não precisamos pensar nisso, porque eu estou aqui agora.

— Você ainda precisa me explicar o que aconteceu — Ela diz em meio a um suspiro pesado.

— Podemos fazer isso depois — Desconverso — Você pode vir para o banho comigo.

— Tudo bem — Ela concorda se afastando de mim.

Seguro na mão dela e a começo guiar pelo apartamento. Mas antes de irmos para o quarto dela, passo no quarto do Lucas e sorrio aliviado ao ver meu filho dormindo tão tranquilo. Tão seguro. Gabriela aperta um pouco a minha mão e sorri para mim. Eu amo a minha família.

Saímos do quarto silenciosamente e seguimos para o nosso, não o oficial e já sinto pressa de mudarmos para o apartamento que escolhi. Vamos direto para o banheiro, deixando as portas bem fechadas e trancadas.

— Eu amo você — falo suavemente e vejo ela sorrir para mim.

— Eu amo você — Ela repete sincera e começa a se despir vagarosamente com os olhos em mim.

Gabriela é a mulher mais linda do mundo, tudo nela é perfeito, cada detalhe seu parece ter sido minuciosamente desenhado. E ela é minha. Não deixarei que ela fique distante de mim novamente, nunca mais.

Tiro as minhas roupas e me aproximo dela. Fito seus olhos enquanto acaricio o seu rosto delicadamente. Eu amo essa mulher para um caralho.

Colo seus lábios nos meus, beijando-a com muito sentimento e calma. Sentindo o gosto doce do seu beijo, o sabor do amor que sentimos se espalha pela nossa língua. A gente se encaixa como peças de um quebra cabeça.

Guio ela para baixo do chuveiro e deixo a água mor a cair sobre nós, mas não nos separamos, como se estivéssemos sentindo uma necessidade absurda um pelo outro.

— Você é a mulher da minha vida — Falo baixinho enquanto deixo minha mão deslizar pelo seu corpo — Eu preciso de você agora.

— Eu estou aqui — Ela responde no mesmo momento — Sou sua.

Beijo suavemente sua boca e desço os beijos pelo seu pescoço, meus dedos alcançam sua boceta e a acaricio, ouvindo-a suspirar e gemer baixo. Meu pau já pulsa ansioso para estar dentro dela. Beijo sua boca mais uma vez enquanto a pego no colo.

Suas unhas arranham as minhas costas e eu começo a penetrá-la lentamente e ela geme. Prendo seu corpo contra a parede enquanto começo a entrar e sair de dentro dela. Gabriela é quente e me aperta, sinto o prazer percorrendo cada mínima parte de mim.

Não podemos ser barulhentos, mas aproveitamos o momento como uma forma nossa de nos conectar.

Gabriela estremece de prazer nos meus braços, e sua boceta aperta o meu pau. Gememos juntos, enquanto atingimos o prazer máximo.

Ela se agarra ao meu corpo enquanto relaxamos, e cada segundo com ela me faz ter a certeza de que não quero uma vida diferente, ou vida longe.

Gabriela é o meu mundo.



Capítulo 41

Gabriela Baltazar

Acordo envolvida pelos braços do Eduardo e me encolho ainda mais contra ele. Não tenho ideia de que horas são, nem sei se me importo com isso no momento. Vou só continuar ignorando todas as minhas responsabilidades para ficar aqui com ele.

— Bom dia — Ele diz com a voz rouca enquanto me envolve com o braço — Dormiu bem?

— Bom dia, apesar de achar que já é de tarde — Respondo e ele dá de ombros — dormi maravilhosamente bem e você?

— Muito bem — Ele responde fazendo cafuné no meu cabelo.

A gente se olha por um momento, observo cada detalhe dele, seus olhos claros, sua barba por fazer, seu cabelo ondulado caindo na testa, mostrando que já está na hora de cortar, mas se depender de mim, não acontecerá tão cedo. Mas além desses detalhes que moldam a beleza de seu rosto, eu consigo enxergar o rosto do homem que amo, a pessoa com quem quero dividir a minha vida.

— Eu te amo — Digo baixinho e ele sorri para mim — mas a gente tem que conversar sobre o que aconteceu ontem.

— Eu te amo — Ele responde e me abraça, colocando o rosto no meu pescoço — E acho que deveríamos nos levantar primeiro, tomar um banho juntinhos, relaxar — ele diz beijando a minha pele e deslizando a mão em direção a minha bunda — o que acha?

— Eu acho que você não vai conseguir me enrolar — Respondo me afastando dele — tudo bem nos levantarmos antes, mas não mais do que isso.

— Depois diz que me ama — Ele resmunga e eu reviro os olhos rindo.



Cruzo os braços me encostando na porta e encarando o Eduardo, sinto que ele está enrolando, isso significa que a conversa não vai ser fácil. Eu terminei de me arrumar primeiro que ele, falei com a Dulce, que preferiu descer para o pátio do prédio para levar o Lucas para

brincar do que ficar no apartamento com a gente.

— Pronto, agora a gente vai conversar — Declaro firme e ele assente.

— Uma facção não é regional, quero dizer, até existem algumas pequenas que ficam apenas dentro de um estado, mas a que faço parte, é muito grande e está espalhada por todo o país, e algumas vezes quando acontece alguma coisa em um estado acaba afetando os outros — Ele explica e eu assinto, prestando atenção — No Rio de Janeiro está acontecendo um conflito entre a nossa facção e uma inimiga, saíram algumas matérias no jornal, como a filha do policial sequestrada, operação da polícia no morro e conflito entre facções, e isso está respingando aqui.

— Eu vi sobre a filha do policial, mas não soube muito, não tive tempo de acompanhar as notícias — comento distraidamente — mas por que está respingando aqui?

— Porque nossos inimigos acharam que seria um bom momento, que estamos enfraquecidos, mas sei que logo o Elfo vai resolver essa questão no Rio, e aqui vai ficar tranquilo — Ele esclarece — Ontem o complexo foi invadido, e nós precisamos resolver a situação, mas agora já está tudo sob controle. Não tem que se preocupar com isso.

— Eu sinto que tem um “mas” aí, o que está faltando me falar?

— Você não vai poder continuar o projeto da clínica... — Ele fala e eu abro a boca para interromper, mas ele nega e continua — Eu sou o chefe, e você minha mulher, o que te coloca com um alvo nas costas. Se nem eu vou ficar lá, por que você iria?

— Mas...

— Não é discutível, Gabriela, você não vai ficar na mira de ninguém — Ele nega veementemente. — Não quero que você se sinta frustrada, mas quero que entenda, você continuar indo lá com frequência é muito perigoso. — Ele suspira quando eu não falo nada — O complexo é controlado por vários chefes, cada um em sua favela, e eu mando em todo mundo, mas acima de mim tem mais pessoas. Eu sou chefe da facção em uma determinada região, não é chamado de crime organizado à toa. E a posição que estou, me dá poder, dinheiro, mas ainda é arriscada. Eu posso ser preso, morto, atacado a qualquer momento. Sei que só de estar com você te coloco em risco também, mas sou egoísta o suficiente para te manter por perto, mas não burro o suficiente para te deixar ir para lugares que você ficará insegura.

Mordo a parte interna da minha bochecha enquanto absorvo as coisas que ele disse. Compreendo o ponto dele, definitivamente não quero me colocar em risco, porque gosto muito da minha vida, mas me deixa realmente frustrada por não poder dar continuidade no projeto.

— Eu entendo — respiro fundo —, mas não deixo de ficar chateada.

— Esse sentimento vai passar — Ele garante se aproximando — Garanto que estarei aqui para cuidar de você.

— Espera! — Exclamo assustada, só agora percebendo uma coisa que deixei passar — Você disse que lá foi invadido, então significa que teve troca de tiro e essas coisas.

— Isso — Ele confirma meio confuso.

— Puta merda! — Exclamo indo atrás do meu celular.

— Ei, o que foi? — Ele pergunta preocupado.

— A Isadora estava lá resolvendo a situação dela com os irmãos — Explico e sinto os braços dele ao meu redor — Eduardo!

— Fica calma, eu falei com o Corvo depois que você dormir, ele falou com a Isadora e ela está bem, inclusive está ajudando no atendimento de quem se feriu e ainda levou uma menina para o hospital — Ele explica me acalmando e eu fico estática.

— O Corvo falou com a Isadora? — Ele assente — E ela está ajudando todo mundo? Tipo todo mundo?

— Se você está falando dos meninos do corre que não podem ir no hospital, a resposta é sim também — Ele responde em um tom quase divertido, deve ser a minha expressão de choque.

— Ela deve ter batido a cabeça ou estar sendo ameaçada — Constatado e ele ri alto.

— Sua amiga está bem — Ele diz ainda rindo — Agora você pode se concentrar em mim, um minuto.

— Posso — Afirmando um pouco atordoada.

— Gabriela — Ele começa a falar sério e segura no meu queixo com cuidado com uma mão, me fazendo olhar nos olhos dele, enquanto tira algo do bolso do moletom — Quer casar comigo?

Arregalo os olhos, surpresa. Sinto meu coração batendo mais rápido, até o sangue correndo em minhas veias, é como se de repente eu tivesse ficado hiper consciente de tudo ao meu redor, de tudo dentro de mim. Até de cada sentimento pulsando dentro de mim.

Eu não esperava por isso, mas acho que isso só deixa tudo ainda melhor.

— Amor? — Ele me chama e eu rio nervosa, mas o abraço.

— Sim!! — Exclamo, sentindo-o me envolver em seus braços — Eu quero, é claro que eu quero.

Eduardo me beija com calma, seus lábios se encaixam no meu e eu me sinto inundada de tantas emoções. Ele sempre foi o amor da minha vida, não tem como negar isso. Sua língua se move contra a minha e eu me perco cada vez mais em suas mãos. Tudo que eu quero é a vida ao lado dele.

Eu não me importo com o que ele já fez ou com o que ele ainda fará, nem me lembro mais sobre quando ele me deixou uma vez. O que importa é que a vida nos colocou juntos no momento que daria certo de verdade.

— Nós vamos nos casar — Eu sussurro sorrindo que ele se afasta um pouco para colocar o anel no meu dedo.

— Vamos — Ele beija a minha mão sobre o anel — A gente não pode ter uma festa enorme, nem chamar muita atenção, mas farei de tudo para que seja perfeito.

— Vai ser perfeito porque o meu noivo é você. — Respondo e ele me beija rapidamente.

— Eu te amo — Ele diz contra os meus lábios. E eu me sinto aquecida de um jeito bom.

— Te amo — Digo em resposta e me deixo ser envolvida pelo seu abraço, aproveitando da bolha que nos envolve nesse momento.

Mas todo o momento romântico é findado quando minha barriga faz barulho e eu rio alto. Eduardo me dá um selinho e segura a minha mão para sairmos do quarto.

— Vamos preparar algo para comer, antes que esse dragão na sua barriga te devore — Ele brinca.

— Eduardo! — Exclamo rindo e ele dá de ombros.

— Onde está a Dulce e o meu filho? — Eduardo pergunta quando entramos na cozinha, porque ainda não comemos nada e eu sinto que se não comer vou desfalecer logo.

— Estão passeando pelo pátio do prédio — Respondo enquanto separo alguns ingredientes para um lanche rápido — Vamos contar para o Lucas hoje que nós dois vamos ficar definitivamente juntos, e que isso significa que nós três seremos uma família?

— Quando eles voltarem, a gente conversa com ele — Ele responde e beija a minha bochecha.



Estamos na sala, abraçados e assistindo quando a Dulce entra segurando a mão do Lucas que está coberto de lama, mas com um sorriso enorme no rosto.

— O que aconteceu? — Pergunto ficando de pé e vejo a Dulce suspirar.

— Eu *binquei* na *aguinha* — O Lucas responde rindo.

— Eu vou dar um banho nele — Eduardo fala ficando de pé e pegando o filho no colo — vamos lá filhão!

— VAMOOOO — Lucas grita animado e eu sorrio observando os dois.

Meu coração se aquece e eu sei que estou trilhando a minha felicidade. Sempre foi o Eduardo, nenhuma outra pessoa seria capaz de ocupar o espaço dele no meu coração. E é o amor da minha vida.

— Então você disse sim — Dulce fala tocando a minha mão direita, onde está o anel de noivado — Eu fico muito feliz por vocês.

— Obrigada — Respondo sincera, enquanto me viro para ela. — Eu me sinto muito feliz.

— Isso é bom — Ela sorri para mim — Eu tenho acompanhado vocês dois desde que... humm...

— Eu fui sequestrada — completo rindo — Devo admitir que nunca imaginei que reencontraria o Eduardo nessa situação.

— O Eduardo é muito parecido com o pai, dois teimosos — Ela suspira, mas segura minhas mãos — Mas estou feliz de ser com você que ele está construindo uma família, e de você ter o aceite apesar de tudo.

— Eu nunca estaria em outro lugar que não com ele, amo o seu sobrinho e quero passar a vida ao lado dele — Afirmo sincera e ela me abraça.

— Deus vai abençoar vocês sempre, tenho fé — Ela diz sincera e se afasta um pouco, o suficiente para eu ver seus olhos marejados — Vou fazer um jantar maravilhoso para comemorarmos.

Ela se afasta de vez indo em direção à cozinha, sem me dar tempo para responder realmente e eu suspiro com um pequeno sorriso enfeitando meus lábios. Reencontrar o Eduardo e ter uma família me faz feliz.

Caminho até o quarto onde estão as coisas do Lucas e separo as roupas para ele vestir, e não demora o Eduardo aparecer com ele, e com as roupas molhadas.

— Parece que duas crianças que foram para o banheiro — Brinco e o Eduardo dá de ombros rindo com o Lucas no colo, enrolado na toalha.

— Teve uma criancinha que não queria entrar na água — O Eduardo fala fazendo cosquinhas na barriga do Lucas.

— Pala, pala — Ele pede rindo e tentando afastar a mão do pai.

Eu sorrio observando a cena. Minha família.

Eduardo coloca o Lucas sentado na cama, ele está com um roupão que fica enorme em seu corpo, e nos olha um pouco confuso quando ficamos apenas encarando ele. Então me abaixo, para ficar mais ou menos na altura dele e Eduardo faz o mesmo.

— Nós temos que conversar com você, meu filhote — Eduardo diz e o Lucas assente com um olhar desconfiado.

— Eu e a Tia Gabi vamos nos casar — Eduardo fala devagar, e eu fico olhando para o pequeno, ansiosa, esperando por sua aprovação — E isso significa que vamos morar juntos, nós três.

Ele fica em silêncio, pensativo, mas ainda não diz nada. Isso me deixa apreensiva. Eu sei que ele é só uma criança, mas eu que estou invadindo a vida dele, ele tem direito de expressar como se sente.

— Você tem gostado de como tem sido os últimos dias? — Pergunto suavemente e ele assente devagar — Não vai mudar muito e...

— Você vai ser minha mamãe? — Ele pergunta me interrompendo, seu tom de voz é inocente e curioso. E me pega completamente desprevenida.

— Você quer que eu seja sua mamãe? — Pergunto e percebo que a minha voz está embargada. Eduardo segura a minha mão, me passando confiança e segurança.

— Quelo! — Ele exclama sorrindo e levantando as mãos, como em uma comemoração.

— Eu também quero ser sua mamãe — Respondo sorrindo e o abraço. Eduardo então nos envolve em seus braços.

Eu não me importo com a roupa molhada, não me importo com as lágrimas bobas que descem pelo meu rosto. Tudo o que me importa nesse momento é a felicidade que estou sentindo. E eu estou muito feliz.

Eu encontrei meu lar.



Capítulo 42

Gabriela Baltazar

A festa seria no meu apartamento, mas depois de conversarmos um pouco, Eduardo e eu decidimos que era melhor alugarmos um lugar longe para podermos aproveitar melhor e sem preocupações. Não poderia ser no apartamento que ele comprou, porque não podemos passar esse endereço deliberadamente.

Não é um casamento tradicional, na verdade, não é uma festa de casamento, já que tivemos que evitar algumas coisas como um juiz de paz aqui. Mas ainda é um casamento, é a nossa festa e vamos estar junto de amigos que gostamos e confiamos para celebrar esse momento da nossa vida.

Caminho entre os convidados, minhas melhores amigas estão aqui, Larissa e a Isadora, infelizmente minha mãe não pode vir para a pequena comemoração. Dionísio e a Emília estão aqui, ela parece realmente empolgada. Alguns amigos do Eduardo também vieram.

Tenho certeza que a polícia adoraria passar aqui.

— Do que você está rindo? — Eduardo pergunta ao me abraçar.

— Só um pensamento bobo que veio na minha mente — Respondo me encolhendo em seu abraço.

— Dulce decidiu ir mais cedo com o Lucas, e eu decidi parar de beber — Ele diz beijando o meu rosto.

— Achei que você ia comemorar assim — Falo arqueando a sobrancelha.

— Eu tenho outros planos para comemorar depois. — Ele diz baixo no meu ouvido e me beija suavemente.

— Estou ansiosa por isso — Sussurro contra os lábios dele.

Eduardo me beija mais uma vez, é um beijo calmo e suave. Nem mesmo me importo de estarmos no meio dos convidados, estamos comemorando essa mudança na minha vida. Não escuto a música no fundo. No momento, sou toda sentimento e por isso só sinto.

Sinto os lábios dele nos meus, sua mão apertando a minha cintura e o calor do seu corpo aquecendo o meu.

— A gente devia colocar todo mundo para fora e aproveitar — Eu sugiro e ele ri.

— Eu tenho uma ideia melhor, mas para mais tarde — Ele responde e eu sorrio para ele.

Mas algo chama a minha atenção e eu me viro para olhar melhor. Corvo e a Isadora estão discutindo, ela parece visivelmente nervosa, mas quando dou um passo para ir até lá, vejo ela se

afastando dele e a Emília indo atrás dela. Faz uns dois meses desde que houve a invasão no morro, e os dois foram obrigados pela situação a conversar, mas até hoje o clima é péssimo entre eles.

— Esses dois vão acabar na cama — Eduardo comenta, observando-os também.

— Eu duvido, a Isadora quase teve uma síncope quando soube que eu e a Larissa estávamos nos envolvendo com bandido, ela não faria isso — Nego completamente incrédula.

— Aposto com você que esses dois vão acabar juntos — Ele me olha me desafiando.

— É muito errado apostar sobre a vida alheia — Eu falo, mas ele me olha arqueando a sobrancelha — Eu aposto que ela não vai pegar ele.

— Essa foi a aposta mais fácil da minha vida — Ele se vangloria e eu rio.

— É o que veremos!



Eduardo me abraça por trás, seus braços ficam ao redor da minha cintura e ele beija minha bochecha, depois o meu pescoço, me fazendo arrepiar um pouco.

— Vamos, a gente deixa todo mundo aqui e curte nossa noite a sós agora — Ele sussurra.

— Estou completamente de acordo, já falei com todo mundo mesmo — Concordo de imediato. — A gente vai se despedir dos convidados?

— Pra quê? — Ele pergunta rindo — Só vem.

Ele segura a minha mão e eu sorrio involuntariamente ao ver nossas mãos juntas e ele me guia. Não tem muitas pessoas, mas tem o suficiente para termos que cumprimentar algumas enquanto escapamos para fora da festa que nós mesmos organizamos, mas eu só quero ir para qualquer lugar que eu possa aproveitar sozinha com ele.

Do lado de fora tem um carro esperando. Eduardo me abraça no banco de trás sem falar para onde estamos indo, mas logo percebi que é para o apartamento dele, nossa primeira noite como casados aqui. A primeira de muitas.

Ele segura a minha mão novamente quando saímos do carro e me guia para dentro do apartamento, e eu me sinto cada vez mais ansiosa para aproveitar com ele. Mas fico completamente surpresa quando a porta é aberta, porque realmente não esperava por isso.

O chão está repleto de pétalas brancas, rosas e vermelhas, algumas pequenas lâmpadas imitando velas estão espalhadas pelo ambiente deixando tudo muito romântico, e quando chegamos ao nosso quarto, vejo que tem champanhe, morangos e chocolates nos esperando.

— Você é a mulher da minha vida, o amor da minha vida — Eduardo começa a falar segurando a minha mão — Sei que não sou a pessoa mais correta do mundo, e que estou bem longe disso, mas quando digo que te amo, estou sendo sincero. Faria qualquer coisa por você e para você, nunca duvide disso. — Ele acaricia o meu rosto e seus olhos estão olhando

diretamente nos meus — hoje é só o primeiro dia, ainda temos todos os outros até o resto de nossas vidas.

— E ainda será pouco — Eu completo sorrindo, mas sentindo os meus olhos se encherem de lágrimas de felicidade — Eu te amo, verdadeiramente, te amo. E eu não seria capaz de escolher nada que me levasse para longe de você. A gente já viveu separado o suficiente, não quero que aconteça novamente — Eu fico na ponta dos pés e beijo ele — Você é o amor da minha vida, único e insubstituível.

Eduardo me beija, sua boca é quente e exigente, como se ele estivesse com fome de mim. Mas eu também não estou muito diferente. Eu quero ele, quero sentir seu gosto, seus toques, quero me afogar no mar de sentimentos que estar com ele me proporciona.

Sinto o meu corpo sendo levantado e prendo as minhas pernas na sua cintura, ele me prende contra a parede e seus toques ficam mais intensos. Eduardo coloca as mãos dentro do meu vestido e aperta a minha bunda e eu suspiro no meio do beijo, ansiando por mais.

— Eu preciso de você — Digo baixo quando ele começa a beijar e morder meu pescoço.

— Estou aqui e sou seu — Ele diz com a voz rouca no meu ouvido.

Ele deita o meu corpo na cama e tira a camisa e depois me ajuda a me livrar do meu vestido branco, e eu fico só de calcinha. Eduardo deita sobre mim, me beijando, sua mão deslizando lentamente pelo meu corpo até chegar ao meu seio e eu gemo extasiada.

Coloco minhas mãos em suas costas puxando mais seu corpo, necessitada da maior quantidade de contato que for possível. Eduardo me beija com desejo e eu fico completamente entregue a ele. Sua boca desliza da minha beijando cada centímetro da minha pele até chegar nos meus seios, onde ele chupa e lambe, me fazendo gemer, então continua descendo os beijos por minha barriga até chegar na barra da minha calcinha, onde ele sopra me fazendo arrepiar inteira.

Ele retira a última peça de roupa que cobre o meu corpo e segura as minhas pernas, abrindo-as, e depois me devora e eu grito, gemendo. Sua língua lambe toda a minha vulva, ele brinca com o meu clitóris, e eu estremeço, gemendo e pedindo por mais. E ele continua empenhado no que está fazendo.

O prazer percorre o meu corpo como uma eletricidade que me deixa ávida por mais e mais. Eduardo sabe exatamente como me tocar para me dar prazer, e não demora até que eu tenha o primeiro orgasmo da noite.

Enquanto respiro fundo para me recuperar, observo-o retirar o restante de peças que continua vestindo, e eu aprecio maravilhada a cena. Eduardo é lindo e meu.

— Você é linda — Ele diz vindo em direção a cama — E estou ansioso para sentir o seu calor, mas quero aproveitar bem esse momento.

— Eu sou toda sua, cada parte de mim e do meu amor — Respondo ofegante e ele me beija, deitando sobre mim.

Eduardo me penetra devagar, e eu sinto cada centímetro dele me invadindo. Eu gemo e me prendo mais e mais em seu corpo. Seus movimentos são lentos e eu me sinto ofegante, como se estivesse queimando lentamente.

Não estamos fodendo, estamos fazendo amor. E seremos amor por toda a nossa vida.

Meu corpo vibra com cada investida dele, e a cada novo beijo, cada toque, cada olhar que trocamos, sinto que estamos nos tornando um. E atingimos o orgasmo juntos, chamando um pelo

outro.

Ele abraça o meu corpo quando me sento em sua frente com uma taça de champanhe na mão, depois de banharmos, estamos apenas aproveitando o momento, curtindo a nossa companhia.

— Eu te amo, muito — Ele beija o meu ombro.

— Eu te amo — Respondo sincera.

Ele me vira para que eu fique de frente para ele e acaricia o meu rosto, e a gente se olha com amor, desejo, respeito. A verdade que olhar nos olhos do Eduardo é contemplar meu próprio futuro, nossa vida.

— Agora seremos uma família, para sempre — Ele diz e eu sorrio.

— Para sempre. E espero que isso se repita por todas as vidas que tivermos.

FIM



Epilogo

Diversas coisas se passam na minha mente neste exato segundo, mas a maior de todas é que nada poderia me deixar mais feliz. Estou grávida.

Minha vida segue um fluxo perfeito, Eduardo cumpre todos os dias sua promessa de me fazer feliz, e eu acho que só isso importa mesmo. Conseguimos conciliar a minha carreira com a dele, e quanto mais ele subiu nos negócios dele, mais invisível ficamos aos olhos da justiça.

Dinheiro compra tudo.

Ele não usa mais o vulgo Loki, e depois de uma longa conversa com o meu pai, pensou seriamente em entrar na política, mas isso foi demais para mim. Uma visibilidade que eu não quero nas nossas vidas. Lucas acabou de completar oito anos, quero que ele, e agora o pequeno bebê que tem em meu ventre, cresçam livres, sem pressão externa sobre eles.

Olho mais uma vez para o teste na minha mão, leio o resultado outra vez, o positivo me faz rir e chorar lágrimas de alegria. Minha família aumentará.

— E então? Qual foi o resultado? — Ela nota a minha expressão e sorri — Positivo?

— Sim! Eu vou ser mãe mais uma vez! — Exclamo animada e ela me abraça no mesmo instante.

— Parabéns, você merece toda felicidade do mundo — Ela diz sorrindo e se afasta um pouco — como vai contar para ele?

— Vou aproveitar que sábado é aniversário dele para fazer uma surpresa — Sorrio animada.

— Se precisar, pode deixar o Lucas comigo e o Dionísio — Ela avisa e eu assinto grata — ou está planejando algo mais família?

— Vou pensar nos detalhes e te aviso — respondo, ainda indecisa. — Obrigada.

— Pode contar comigo sempre — Ela responde sincera. Sei que é verdade porque a Larissa sempre esteve comigo, em cada momento da minha vida, definitivamente a melhor amiga que eu poderia ter.



Dedilho os dedos sobre a mesa, ansiosa pela chegada do Eduardo. Ele decidiu que começaria a trabalhar como advogado empresarial, até como uma forma de manter sua imagem, foi a segunda opção depois da política.

Estou ansiosa para contar sobre o bebê, que peguei férias estendidas para passar a gestação inteira apenas cuidando de mim e do meu bebê, se tenho privilégios, por que não usar?

— Boa noite, meu amor — Escuto a voz dele e me levanto no mesmo instante, mantendo a expressão séria — tudo bem?

— Preciso te mostrar uma coisa — Falo séria e ele arqueia as sobrancelhas.

— O quê? — Ele questiona e eu suspiro, dramaticamente.

— Primeiro quero que você tome um banho, e depois venha até aqui — Explico, seu olhar fica confuso, mas assente, concordando.

— Tudo bem, volto rápido — Ele beija meus lábios com carinho — mas está tudo bem?

— Vai logo, por favor — Insisto.

Existe um vinco na sua testa, mas ele segue o rumo do quarto. Pego a caixinha e coloco sobre a mesa de centro e aguardo. Meu coração está disparado, me sinto muito ansiosa para poder contar logo tudo para ele.

Sei que sua reação será boa, Eduardo é um pai excelente. E durante todos esses anos, percebi que ser mãe me enche de uma satisfação que antes não achava que seria possível. É um amor puro, verdadeiro, único.

Tive muita sorte na vida, sorte na profissão, sorte no amor.

— Voltei — Ele avisa, me tirando dos meus devaneios.

— Feliz aniversário, meu amor — Sorrio e o vejo relaxando um pouco quando o abraço — te amo muito.

— Eu te amo, imensamente e intensamente — Ele responde e beija a minha testa.

— Tenho um presente para você — aviso, me desvencilhando de seus braços e indico a caixa sobre a mesa.

— O que é? — Ele pergunta, mas eu não respondo, quero que ele veja, quero ver sua reação quando a compreensão chegar aos seus olhos e coração.

Ele caminha até o meio da sala, a caixa é branca e sem qualquer detalhe por fora, ele me olha confuso, mas sorri e então a abre. Ele tira um macacãozinho e me olha confuso, depois uma camisa escrita “Papai, estou a caminho” e por fim o exame com o positivo.

Seus olhos azuis já brilhavam desde o primeiro item retirado, mas enquanto lia o teste, pude ver como se encheu de lágrimas. Eduardo também está feliz.

— Vamos ter outro bebê? — Ele pergunta com a voz embargada.

— Vamos, quem sabe agora não venha nossa menininha? — Questiono e ele sorri, me envolvendo em um abraço quente e acolhedor.

— O importante é que tenha saúde, e que nossa família está aumentando — Ele responde e coloca a mão sobre a minha barriga — Você me faz tão feliz.

— Ainda bem que a recíproca é verdadeira.

Ele me encara por um segundo e me beija, nossas bocas já se conhecem tão bem, mas sempre meu coração acelera e meu interior se revira, só mais uma das inúmeras provas de que tudo o que vivemos juntos, é amor.

E essa alegria que eu quero levar por toda a nossa vida.

— Sempre seremos felizes, mesmo quando houver dias ruins e tempestades, mesmo que tudo pareça perdido, estarei com vocês para construir tudo novamente. Vocês são as razões da minha vida, da minha felicidade, da minha existência — Ele diz com seriedade, olhando em meus olhos — Eu te amo, amo o bebê na sua barriga e amo o Lucas, minha família.

— Eu te amo, nós te amamos, e estaremos sempre juntos, como uma família deve ser. —

Garanto.

Ele me abraça novamente e eu sinto meu coração se enchendo ainda mais de amor, mesmo não sabendo como isso é possível, o importante é que sempre estaremos unidos.

Somos uma família. Sempre teremos nosso lugar.

**Para conhecer os próximos lançamentos, e
ver as ilustrações +18 do livro, segue a autora no
Instagram e no X (twitter)**

Instagram:

**[https://www.instagram.com/thainarro?
igsh=djcxYW9yeHlwbmN1&utm_source=qr](https://www.instagram.com/thainarro?igsh=djcxYW9yeHlwbmN1&utm_source=qr)**

X: <https://x.com/thainarro?s=21>

Obrigada por chegar até aqui!